

I CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SUL DA BAHIA

II Seminário Regional de Discussão Curricular da Rede Estadual

III Semana de Educação Física da UESC





16 a 18 de Novembro de 2011

I CONEFS – CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO SUL DA BAHIA. A educação física escolar e os desafios das inovações pedagógicas na formação e atuação de professores. **Anais...** 16 a 18 de Novembro de 2011. Ilhéus, BA: UESC, 2011. 247p.

16 a 18 de Novembro de 2011

Realização



GPEFE

GRUPO DE PESQUISA DE PRÁTICA PEDAGÓGICA
EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTE

Apoio





16 a 18 de Novembro de 2011

Apresentação

O Colegiado do curso de Licenciatura em Educação Física da UESC, juntamente com o Grupo de Pesquisa de Prática Pedagógica em Educação Física Escolar e Esporte – GPEFE/UESC e o Centro Acadêmico de Educação Física – CAEF/UESC, em parceria com a Secretaria de Educação do Estado da Bahia, a DIREC 6 (Ilhéus) e a DIREC 7 (Itabuna), realizarão, neste ano de 2011, o **I Congresso de Educação Física do Sul da Bahia, II Seminário Regional de Discussão Curricular da Rede Estadual e III Semana de Educação Física da UESC.**

Elucidando as práticas pedagógicas emergentes na Educação Física escolar, diante da discussão acerca das inovações pedagógicas, suas possibilidades, entraves e desafios, bem como, a finalidade de fomentar e ampliar a discussão referente à formação de uma diretriz curricular mínima para a Educação Física escolar, a presente temática possibilita focalizar a produção, a análise e a transformação de propostas pedagógicas as quais estão sendo (ou serão) realizadas pela e na Educação Física da Bahia.

Público-Alvo

Pesquisadores e estudantes em nível de graduação e pós-graduação, professores e profissionais da área educacional e correlatas.



16 a 18 de Novembro de 2011

COMISSÃO ORGANIZADORA

Comissão Geral

Presidente: Prof. Msc. Tiago Nicola Lavoura

Vice-Presidente: Prof. Msc. Cristiano de Sant'anna Bahia

Comissão de Secretaria Geral

Coordenação: Prof^a Esp^a Anne Aparecida Almeida

Prof^a Msc. Nayara Alves Severo

Membros

Aline Santos Pereira

Fernando Barreto

Isabela Bennevides

Jemima Mota

Mara Aparecida Gomes Silva de Góes

Priscila Fonseca Piloto

Tattiane Cortes Farias de Mendonça

Comissão Científica

Coordenação: Prof. Msc. Alexsander Klein Tahara

Prof. Msc. Junior Vagner Pereira da Silva

Prof. Msc. Marcial Cotes

Avaliadores

Prof. Esp. Cácio Costa da Silva

Prof. Msc. Cristiano de Sant'Anna Bahia

Prof. Msc. Dácio Maurino Júnior

Prof^a Msc. Márcia Morel

Prof^a Dr^a Joslei Viana de Souza

Prof. Dr. Marco Aurélio Ávila

Prof. Msc. Marcos Rodrigo Trindade Pinheiro Menuchi

Prof^a Msc. Nayara Alves Severo

Prof^a Esp^a Rosilene Vila Nova Cavalcante

Prof. Msc. Tiago Nicola Lavoura

Comissão de Cerimonial

Coordenação: Prof. Dr. Marco Aurélio Ávila



16 a 18 de Novembro de 2011

Membros

Nayala Carvalho Freitas

Comissão de Oficinas Pedagógicas

Coordenação: Prof. Msc. Samuel Macedo Guimarães

Membros

Tiago Paschoal dos Santos

Letícia Leal

Comissão de divulgação

Coordenação: Prof^a Msc. Márcia Morel

Membros

Danielle Soares Freitas

Jorge Luiz da Silva Santos

Lucimary Antônia Monteiro Veloso Guimarães

Milena Riane de Oliveira Carvalho

Stheffanie Matias Cabral

Vinícius Moura Eça Santos

Comissão de Recursos Tecnológicos

Coordenação: Prof^a Esp^a Rosilene Vila Nova Cavalcante

Membros

Jacqueline Santos de Oliveira

Comissão de Transportes

Coordenação: Prof^a Esp^a Claudia Ribeiro

Comissão Cultural

Coordenação: Ana Catarina

Membros

Carla Alves dos Santos

Thiago Dantas

Comissão de Avaliação

Coordenação: Prof^a Msc. Ana Maria Alvarenga



16 a 18 de Novembro de 2011

Membros

Clebson Nascimento da Silva
Débora Garcia Arantes
Larissa Góes Souza
Pâmela Lorena Vieira do Carmo

Comissão de Alojamento

Jamylle Nogueira de Souza
Marina Catargena

Editoração

Prof. Msc. Junior Vagner Pereira da Silva



16 a 18 de Novembro de 2011

PROGRAMAÇÃO

16 DE NOVEMBRO - QUARTA-FEIRA

7:00 às 9:00 hs (Saguão do Auditório Paulo Souto)

Credenciamento

9:00 às 9:40 hs (Auditório Paulo Souto)

Solenidade de abertura

Convidados:

Reitor e Vice-Reitora (UESC)

Diretor Depto.de Ciências da Saúde (UESC)

Coord. Col. de Educação Física (UESC)

Diretores da DIREC 6 e DIREC 7

Sec. SEDUC

Presid. CAEF

10:00 às 12:00 hs (Auditório Paulo Souto)

Conferência de abertura

Tema: Desafios da Educação Física escolar frente às Inovações Pedagógicas

Conferencista: Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP-Bauro)

Mediador: Prof. Dr. Marco Aurélio Ávila (UESC)

12:00 às 13:00 hs

Almoço

13:00 às 14:00 hs (Saguão Auditório Paulo Souto)

Apresentação de Pôsteres



16 a 18 de Novembro de 2011

14:00 às 18:00 hs

II Seminário Regional de Discussão Curricular da Rede Estadual

3º Fórum dos Representantes da Educação Física Escolar da Rede Estadual da Bahia

Palestrante: Prof^a Esp^a Kelly C. Ferreira (SEC/BA; DIREC 06 e DIREC 07)

Mediador: Prof. Msc. Cristiano Sant'Ana Bahia (UESC)

17 DE NOVEMBRO - QUARTA-FEIRA

8:00 às 10:00 hs (Auditório Paulo Souto)

Mesa redonda 1

Tema: Escola, Mídia e Megaeventos Esportivos

Palestrantes: Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP-Bauru)

Prof. Dr. Augusto Cesar Rios Leiro (UFBA)

Mediador: Prof. Msc. Márcia Morel (UESC)

10:00 às 10:15 hs (Saguão Auditório Paulo Souto)

Coffe Break

10:15 às 11:30 hs

Mesa redonda 2

Tema: Formação de Professores, Consciência Política e Prática Pedagógica

Palestrante: Prof^a. Dr^a. Celi Neuza Zulke Taffarel (UFBA)

Mediador: Prof^a Esp^a. Rosilene Vila Nova Cavalcanti (UESC)

11:30 às 13:00 hs

Almoço

14:00 às 16:00 hs (Parque Desportivo da Educação Física)

Apresentação de Trabalhos Orais



16 a 18 de Novembro de 2011

16:00 às 20:00 hs

Oficinas Pedagógicas

Oficina 1 - Mídia-Educação Física como proposta no ambiente escolar

Prof^a Msc. Marcia Morel (UESC)

Oficina 2 - A dança na escola e a indústria cultural da mídia (UESC)

Prof^a Msc. Nayara Alves Severo

Oficina 3 - Jogos e brincadeiras em âmbito escolar

Prof. Msc. Alexsander Klein Tahara (UESC)

Oficina 4 - As Abordagens Corporais Terapêuticas e o currículo da Educação Física escolar

Prof. Msc. Samuel Macedo Guimarães (UESC)

Oficina 5 - Capoeira na Educação Física escolar

Prof. Msc. Roberto França (UESC)

Oficina 6 - Atividades motoras na educação infantil: desafios e perspectivas

Prof^a Carol Farias Silva

Oficina 7 - O futebol na Educação Física escolar: possibilidades metodológicas

Prof. Msc. Junior Vagner Pereira da Silva (UESC)

18 DE NOVEMBRO - QUARTA-FEIRA

8:00 às 10:00 hs (Auditório Paulo Souto)

Mesa redonda 3

Tema: Escola, Esporte e Diversidade

Palestrantes: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (UFMG)



16 a 18 de Novembro de 2011

Prof. Dr. Sávio Assis de Oliveira (FASNE)

Mediador: Prof. Msc. Junior Vagner Pereira da Silva (UESC)

10:00 às 10:15 hs (Saguão Auditório Paulo Souto)

Coofe Break

10:15 às 12:00 hs (Parque Desportivo da Educação Física)

Apresentações de Temas Orais

12:00 às 13:00 hs

Almoço

14:00 às 16:00 hs (Auditório Paulo Souto)

Conferência de Encerramento

Tema: Repensando as Inovações Pedagógicas para a Educação Física escolar

Conferencista: Prof. Dr. Sávio Assis de Oliveira (FASNE)

Mediador: Prof. Msc. Tiago Nicola Lavoura

16:00 às 17:00 hs (Auditório Paulo Souto)

Avaliação do evento



16 a 18 de Novembro de 2011

SEÇÃO CIENTÍFICA

Programação das apresentações



16 a 18 de Novembro de 2011

SEÇÃO DE APRESENTAÇÕES ORAIS

DATA: 17/11/2011 **LOCAL:** Parque Desportivo **HORÁRIO:** 14:00 às 16:00 hs

Tema 1: Educação Física Escolar

Local: Sala 1 do Parque Desportivo

1. A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO EUSÍNIO LAVIGNE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA

Josenilton dos Anjos Santos e Márcia Morel

2. OS CURRÍCULOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NAS IES PÚBLICAS E PRIVADAS DO SUL DA BAHIA: O LUGAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carol Farias Silva e Márcia Morel

3. EDUCAÇÃO FÍSICA E A INCLUSÃO - PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO SOBRE A SUA FORMAÇÃO DOCENTE

Nailine Barbosa de Souza, Christane Freitas e Luna Tássia Pereira Alves

4. ESTEREOTIPIA DE CORPOS E DESENHO ANIMADO

Carla Borges de Andrade Juliano dos Santos

Tema 2: Educação Física

Local: Sala 2 do Parque Desportivo

1. CORPO, TERRITÓRIO E (DES)TERRITORIALIDADES.

Emilson Batista da Silva e Adriana V. Cardoso Lopes

2. EDUCAÇÃO FÍSICA PRESENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EXPRESSÃO E SABERES CORPORAIS

Alda de Jesus Sousa Nascimento, Leiliane Felício da Silveira, Régila da Silva Coelho e João Danilo Batista de Oliveira

3. OS CONTEÚDOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ELEMENTOS QUE JUSTIFICAM A SUA ESCOLHA: REFLETINDO A PARTIR DO DISCURSO DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DA BAHIA

Patrícia Schettine Paiva Rocha

4. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JOGO DE REGRAS ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DA BAHIA

Alan de Aquino Rocha

Tema 3: Educação Física Escolar

Local: Sala 3 do Parque Desportivo

1. ESCOLA PÚBLICA E CULTURA POPULAR: ENTRELACES E ENTRAVES DE SABERES A PARTIR DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Ubiratan Azevedo de Menezes

2. O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO COMPONENTE CURRICULAR “AS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO LAZER” NO CURSO DA UNEB/JACOBINA-BA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fábio Santana Nunes

3. O PROJETO DE EXTENSÃO *CONSTRUINDO PELO ESPORTE* NA VISÃO DOS PAIS

Kleibson Pereira de Souza, Jilvania S. dos Santos, Anderson da Cunha Baía e José Arlen B. de Matos

4. ESPAÇOS E MATERIAIS DISPONÍVEIS PARA A REALIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE AMARGOSA/BA

José Arlen B. de Matos, David Romão, Maílson K. S. dos Santos e Thiago A. Felix Munekata

Tema 4: Educação Física Escolar

Local: Sala 4 do Parque Desportivo

1. GESTÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE DO INTERIOR DA BAHIA

Érica Estevam de Santana e Maria Luiza Souza dos Santos

2. JOGOS ESTUDANTIS DA REDE PÚBLICA DA BAHIA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Evódio Mauricio Oliveira e Denize Pereira de Azevedo Freitas

3. EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CURRÍCULO: UM ESTUDO SOBRE AS INTERFERÊNCIAS A PARTIR DO LAZER – EDUCAÇÃO

Luciene Ferreira da Silva e José Carlos de Almeida Moreno

DATA: 18/11/2011 **LOCAL:** Parque Desportivo **HORÁRIO:** 10:15 às 12:00 hs

Tema 5: Educação Física, Esportes e Corpo

Local: Sala 1 do Parque Desportivo

16 a 18 de Novembro de 2011

1. GINÁSTICA NA ESCOLA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

David Romão Teixeira, Priscila Gomes Dornelles, Juliana Brito dos Santos, Andréa T. S. dos Santos e Letícia Araújo de Oliveira

2. QUANDO A SEXUALIDADE É TEMA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: NOTAS SOBRE O VALE DO JQUIRIÇÁ-BA

Priscila Gomes Dornelles, Fernanda A. Ferreira e Juliana Brito dos Santos

3. OS JOGOS OLÍMPICOS EM REVISTA

Ana Gabriela A. Medeiros e Doiara Silva dos Santos

Tema 6: Educação Física, Mídia e Corpo

Local: Sala 2 do Parque Desportivo

1. A COPA DO MUNDO É NOSSA, NÃO DELES! A CULTURA CORPORAL EM MOVIMENTO

Jaderson Silva Barbosa Denize P. de A. Freitas Michael Daian Pacheco

2. CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DA MÍDIA

Ariadne C. Domingos Lopes, Marcos Vinicius F. Arraes, Micheli Venturini e Nadine das N. Lourenço

3. CORPO E RELIGIÃO: ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Miraíra Noal Manfroi e Marcelo Victor da Rosa

Tema 7: Educação Física e Lutas

Local: Sala 3 do Parque Desportivo

1. GINGA E JOGO NA ESCOLA UMA RASTEIRA NO TRADICIONAL: A INICIAÇÃO COM “PEQUENOS” CAPOEIRAS

Jaderson Silva Barbosa; Denize P. de A. Freitas e Jordão dos Santos Vieira

2. CAPOEIRAGEM NO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DA UFBA: A CAPOEIRA COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA NA UNIVERSIDADE

Ábia Lima de França

3. FÁBULAS E ARTES MARCIAIS: INTERVENÇÃO NO ENSINO DO JUDÔ

Cássia dos Santos Joaquim, Leopoldo Katsuki Hiramã, Daniel Giordani Vasques e Adriana dos Santos

4. O ELOGIO NAS AULAS DE JUDÔ DE UM PROJETO DE EXTENSÃO EM UMA COMUNIDADE RURAL NA BAHIA

Maycon Brandão dos Santos Daniel Giordani Vasques Leopoldo Katsuki Hiramã Kleibson Pereira de Souza



16 a 18 de Novembro de 2011

Tema 7: Educação Física e Prática Pedagógica

Local: Sala 4 do Parque Desportivo

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS INOVADORAS

Cristiano de Sant`anna Bahia e Mayllena Joanne Fernandes de Carvalho

ESPAÇOS FÍSICOS E RECURSOS PEDAGÓGIAS ÀS AULAS DE EDUCAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPO GRANDE – MS

Kelly U. D. Dagostin, Milena dos S. Vasconcelo e Junior Vagner Pereira da Silva

O VESTIBULAR NA EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS RELAÇÕES

Luiza Lana Gonçalves, Ana Cristina P. de Abreu, Juliana Costa Miranda e Paulo H. da Silva Coelho

SEÇÃO DE APRESENTAÇÕES DE PÔSTERES

DATA: 16/11/2011 **LOCAL:** Auditório Paulo Souto **HORÁRIO:** 13:00 às 14:00 hs

A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS – BA

Dayane Ramos Dórea; Alani Santos de Oliveira; Cíntia Guimarães Rosário; Daiara Nascimento Almeida; Diego Queiroz de Oliveira

Pôster: 1

A CONSCIÊNCIA CORPORAL EM PRATICANTES DE LAMBADA ZOUK

Ana Catarina Dantas Moreira; Samuel Macêdo Guimarães

Pôster: 2

A EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE À VESTIBULARIZAÇÃO DA ESCOLA

Maílson Kleber Silva dos Santos; José Arlen Beltrão de Matos

Pôster: 3

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA É MINHA HISTÓRIA / MINHA HISTÓRIA É A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Andrea Cunha Meireles

Pôster: 4

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL DA MÍDIA RADIOFÔNICA

Dayane Ramos Dórea; Alani Santos de Oliveira; Cíntia Guimarães Rosário; Daiara Nascimento Almeida; Diego Queiroz de Oliveira

Pôster: 5

A INFLUÊNCIA DO APRENDIZADO DE JUDÔ NA DIMENSÃO ATITUDINAL DE CRIANÇAS

16 a 18 de Novembro de 2011

Adriana dos Santos; Leopoldo Katsuki Hiramã; Kleibson Pereira de Souza; Jilvania Santana dos Santos; Maycon Brandão dos Santos

Pôster: 6

A PRÁTICA DE LAZER NO RIO DE PEDRAS / CONDE – BA

Gilmário Souza do Santos; Gleisiane de Souza Almeida Silva; Ildima Isa Santana Leal; Jutbergue Martins dos Santos; Nívia de Moraes Bispo; Uanderson Ferreira

Pôster: 7

ANÁLISE CINEMÁTICA DOS PADRÕES DE COORDENAÇÃO INTERPESSOAL: UM ESTUDO PILOTO

Felipe Ribeiro Brito; Marcos Rodrigo Trindade Pinheiro Menuchi

Pôster: 8

ANÁLISE DAS BARREIRAS DOS EQUIPAMENTOS DE LAZER NA CIDADE DE ITABUNA-BAHIA SOB A ÓTICA DO IDOSO

Stheffanie Matias Cabral

Pôster: 9

ATLETISMO NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ildima Isa Santana Leal; Jutbergue Martins dos Santos; Laís Borges Araújo; Nívia de Moraes Bispo

Pôster: 10

A IMPLANTAÇÃO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS NA CIDADE DE ILHÉUS/BAHIA ATRAVÉS DO SUBPROJETO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UESC

Tattiana Côrtes Farias de Mendonça; Aline Santos Pereira; Márcia Morel; Josenilton dos Anjos Santos

Pôster: 11

CAPOEIRAGEM NA UFBA: UM DIÁLOGO PEDAGÓGICO INTER(NACIONAL)

Ábia Lima de França; Augusto Cesar Leiro

Pôster: 12

CONSCIÊNCIA CORPORAL E OS ALUNOS DA UATI - UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE/ UNEB, CAMPUS II – ALAGOINHAS/ BA - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Priscila Nascimento dos Santos

Pôster: 13

ESPORTE E LAZER NO TERRITÓRIO 18: UMA ANÁLISE DOS PROJETOS E PROGRAMAS

Vanessa Araújo Severo; Natasha Norena Trabuco Mendes de Jesus; Augusto Cesar Rios Leiro

Pôster: 14

ATLETISMO TAMBÉM SE APRENDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

16 a 18 de Novembro de 2011

Joice Souza de Jesus; Alexsandro Silva de Jesus; Antonio Leal Neto; Cintia Souza de Castro; Daniela Elias Alvim; Rafael do Eirado Sena Galvão

Pôster: 15

CAPOEIRA NA ESCOLA: Relato de experiência sobre a capoeira na aula de Educação Física Escolar

Edvaldo Santiago Santana; Erisson dos Santos Serafim; Leonardo Barros Paranhos; Márcio dos Santos Pereira

Pôster: 16

GINÁSTICA CIRCENSE: UMA ALTERNATIVA MOTIVADORA E LÚDICA NA ESCOLA

Joice Souza de Jesus; Alexsandro Silva de Jesus; Antonio Leal Neto; Cintia Souza de Castro; Daniela Elias Alvim; Rafael do Eirado Sena Galvão

Pôster: 17

GRUPOS DE MOVIMENTO E ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tiago Pascoal dos Santos; Samuel Macêdo Guimarães

Pôster: 18

ESTÁGIO SUPERVISIONADO (ES) NA EDUCAÇÃO INFANTIL (EI): CONFLITO E DESAFIO

Andrea Cunha Meireles

Pôster: 19

LAZER COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DO INDIVÍDUO IDOSO

Lucimary Antônia Monteiro Veloso Guimarães

Pôster: 20

LESÕES MÚSCULO-TENDÍNEAS ACOMETIDAS EM ATLETAS DE ALTO NÍVEL DA NATAÇÃO: REVISÃO DE LITERATURA

Martha Cerqueira Reis; Elizane Coelho da Silva; Letícia Cardoso Santos; Vilmory Novais

Pôster: 21

MUDANÇAS NA PERCEÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DURANTE O PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO

Alexsandro Rabaioli Nunes Ribeiro; Eunice Santos da Cruz; Alex Pinheiro Gordia; Teresa Maria Bianchini de Quadros

Pôster: 22

NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E SONOLÊNCIA DIURNA EXCESSIVA EM UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE ACOMPANHAMENTO DURANTE O PRIMEIRO ANO DE ENSINO SUPERIOR

Ellen Galvão Pereira, Alex Pinheiro Gordia, Teresa Maria Bianchini de Quadros

Pôster: 23

NOTAS SOBRE A SEPARAÇÃO DE MENINOS E MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO VALE DO JIQUIRIÇÁ-BA

Priscila Gomes Dornelles; Fernanda Almeida Ferreira; Juliana Britto dos Santos

Pôster: 24

O JOGO COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NA CIDADE DE ALAGOINHAS - BA.

Márcio dos Santos Pereira

Pôster: 25

O PERFIL PSICOMOTOR DE CRIANÇAS QUE PARTICIPAM DO PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL (PETI) EM JEQUIÉ-BA

Temistocles Damasceno Silva; Luan Gomes Conceição; Geisa Magalhães Silva; Tailane Alves Lima Maia

Pôster: 26

O RIO INHAMBUPE: UM ESPAÇO DE LAZER?

Andressa Nunes Costa; Érica Estevam de Santana; Ísis Santos Moreira; Maria Luiza Santos de Souza

Pôster: 27

ORIENTAÇÃO À PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO EM ILHEUS (OPEFI)

Carla Alves dos Santos; Hueine Oliveira Sousa do Nascimento; Regiane Cristina Duarte

Pôster: 28

PROJETO DE EXTENSÃO “ATIVIDADES RECREATIVAS PARA CRIANÇAS”

Alexander Klein Tahara; Danielle Soares Freitas; Lucimary A. M. V. Guimarães; Sthefanie Matias Cabral

Pôster: 29

RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE GRANDE PORTE DO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BA

Ramon Missias Moreira, César Pimentel Figueredo Primo, Christiane Freitas Luna, Adrielle Lopes de Souza, Lívia Érica Barbosa Brito e Carla Elane Silva dos Santos

Pôster: 30

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Juliana Correia dos Santos; Milena da Silva Carneiro

Pôster: 31

RELATO DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL JORNALISTA FERNANDO BARRETO



16 a 18 de Novembro de 2011

Nailine Barbosa de Souza; Lilian Sobral Santos Santana

Pôster: 32

**SEMINÁRIO “LAZER E ESPORTES RADICAIS: CAMINHOS A PERCORRER PELA EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO E FORA DA ESCOLA”:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Fábio Santana Nunes; Antonio Tínel; Ariane Matano; Dyego Costa; Igor Pinho; Luan Quéssio; Marluce Barros; Nathanna Salles

Pôster: 33

**UM OLHAR DOS DISCENTES DA UESB SOBRE A DISCIPLINA
METODOLOGIA DO BASQUETE**

Adrielle Lopes de Souza; Jaila Brito Silva; Carla Elane Silva dos Santos; Lívia Érica Barbosa de Brito; Ramon Missias Moreira; Temistócles Damasceno Silva

Pôster: 34

VIDA ATIVA NA MELHOR IDADE

Claudionor Nunes Cavalheiro; Andréia Nunes de Castro

Pôster: 35

**CORRELAÇÃO ENTRE OS INDICADORES DE ANSIEDADE
COMPETITIVA**

Milena Riane de Oliveira Carvalho e Thiago Ferreira de Sousa

Pôster: 36

FATORES ASSOCIADOS À ANSIEDADE COMPETITIVA EM ATLETAS

Milena Riane de Oliveira Carvalho e Thiago Ferreira de Sousa

Pôster: 37

**A EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO
O TRABALHO PARA A SAÚDE EM BUSCA DA INTEGRALIDADE NA
ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Martha Cerqueira Reis, Leonardo Mendes Menezes, Lélia Lessa Teixeira Pinto e Zulmerinda Meira Oliveira

Pôster: 38

Artigos



16 a 18 de Novembro de 2011

A COPA DO MUNDO É NOSSA, NÃO DELES! A CULTURA CORPORAL EM MOVIMENTO

Jaderson Silva Barbosa; UEFS - jsbesportes@bol.com.br

Denize P. de A. Freitas; UEFS - denizefreitas0505@gmail.com

Michael Daian Pacheco; Colégio Asas - michaeluefs@yahoo.com.br

RESUMO: Esta produção, compreendendo a pluralidade das discussões que envolvem a temática Futebol e Copa do Mundo, busca identificar as contribuições da pedagogia histórico-crítica para o fazer pedagógico da Educação Física articulado com o ensino do esporte na escola. Relata uma proposta de aprendizado significativo construído através da pesquisa-ação, norteadas a partir da pedagogia crítico-superadora, no âmbito de uma instituição particular de ensino no município de Feira de Santana-Bahia. Conclui-se que o trato pedagógico com o esporte nas aulas de Educação Física necessita estar embasado por uma teoria que dê conta de responder as contradições existentes na realidade.

Palavras-chave: Futebol; Educação Física; Pedagogia Histórico-Crítica

Introdução

“Futebol é o ópio do Povo”; “O Futebol é a grande manifestação da cultura popular brasileira”; “o futebol já está no sangue do brasileiro”; “O Brasil é a pátria de chuteiras”; “A copa do mundo é o maior evento do planeta”. Sobre futebol brasileiro e copa do mundo já é comum ouvirmos ou lermos as frases mencionadas acima, sejam por personagens da sociedade científica ou profissionais de mídia, sejam por anônimos em rodas de conversas, após o popular “baba” ou “pelada” do fim de semana.

No caso do espaço escolar, é notório que os esportes, e em específico o futebol, ganham notório privilégio nos corredores, becos, cantinhos, sala, quadra, pátio das escolas.

A escola é, reconhecidamente, um espaço com uma função social importante e não deve estar alheia as temáticas que emergem de produções humanas. A copa do mundo é um grande exemplo disto. Caberá, contudo, aos professores de Educação Física utilizarem as riquezas das discussões e análises de diversas conjunturas que emergem diante do tema, para instrumentalizar os educandos, ao mediar o conhecimento sobre o assunto, tornando-os indivíduo reflexivos, críticos a partir de uma práxis pedagógica formadora e como, consequência, transformadora.

Através desta produção, compreendendo a pluralidade das discussões que envolvem a temática Futebol e Copa do Mundo, numa perspectiva crítica, objetivamos

relatar um fazer pedagógico da Educação Física articulado com o ensino do esporte, sob uma perspectiva crítica de ensino, no âmbito de uma escola particular no município de Feira de Santana, Bahia. No sentido de tornar público e mostrar ser possível um aprendizado prazeroso e significativo a partir da pedagogia crítico-superadora, contribuindo com esta área de conhecimento no sentido desta legitimar-se no espaço escolar.

Contribuições sobre o fazer pedagógico da educação física: a pedagogia histórico-crítica

Sabe-se que, o ser humano necessita produzir sua própria existência, diferentemente dos animais que se adaptam à realidade natural, tendo sua existência naturalmente garantida. Este processo de transformação é “mediado” pelo trabalho, isto é, o trabalho é o elemento central que diferencia o homem dos outros animais.

Nesse sentido, “dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 1997, p. 15).

Neste contexto, entendemos que o papel da escola consiste na socialização do saber sistematizado. Significa dizer que, não se trata de qualquer tipo de saber, diz respeito ao conhecimento elaborado/metódico e não ao conhecimento espontâneo, a cultura erudita e não a cultura popular. “É a exigência de apropriação do conhecimento sistematizado por parte das novas gerações que torna necessária a existência da escola” (SAVIANI, 1997, p. 19). E, nesta escola, que tem como fim a transmissão-assimilação do saber sistematizado, temos o “saber escolar” que é o saber dosado e seqüenciado para o processo de transmissão e assimilação no espaço e tempo.

Optamos, em nossa fundamentação, pela Pedagogia Histórico-crítica, pois ela ajuda a compreender a relação entre sociedade e educação, visto que uma interfere na construção e desconstrução da outra. Mostrando que os determinantes sociais da educação e a compreensão das contradições da sociedade moderna refletem na educação e na posição adotada diante destas contradições, a fim de imprimir um direcionamento crítico à questão educacional.

O trato com o conteúdo esporte no âmbito escola: para além da dimensão técnica e tática

Sabemos da importância do esporte na escola, e considerando-o um dos conteúdos da Educação Física, e, ao mesmo tempo, um elemento da cultura que precisa ser socializado; percebemos, entretanto, que são os sentidos e significados do esporte de rendimento que têm assumido o ambiente escolar. Dessa forma, deve-se pensar em estabelecer novas relações entre o professor e o aluno, que superem a visão do professor/treinador e aluno/atleta.

A organização das aulas no ensino do esporte tem objetivado o desenvolvimento da aptidão física, através da repetição do modelo de esporte no alto rendimento, contribuindo assim para a manutenção do modelo social vigente. Dessa forma, podemos perceber que a prática pedagógica do professor objetivada pelo desenvolvimento da aptidão física, auxilia na formação de um corpo dócil, apolítico, acrítico e alienado.

Então, podemos fazer os seguintes questionamentos: O esporte na escola pode servir para a emancipação dos sujeitos? Podemos enxergar possibilidades no ensino do esporte que levem os alunos a uma formação integral, onde os mesmo se reconheçam enquanto produtores de cultura? Quais os caminhos para viabilizar as possibilidades de resistência e mudanças?

Esses e outros questionamentos têm sido foco de estudos que procuram dar um novo sentido ao esporte na escola, que procuram significá-lo com base em novos princípios, onde a solidariedade se sobreponha à competição, onde o coletivo se sobreponha ao individualismo.

No sentido de responder a essas questões, Freitas (1995) advoga com o rompimento da aula que se configura no distanciamento da prática social concreta. Assim, temos que a organização adequada coloca o trabalho como mediador da relação professor/aluno e saber.

Outra organização do trabalho pedagógico faz-se necessário, e nesse sentido temos que reordenar os objetivos da escola e da aula, que será articulado com o trato com o conhecimento. Portanto, percebemos as possibilidades concretas no campo específico da Educação Física, através da abordagem Crítico-superadora para organização do trabalho pedagógico.

Por conseguinte, podemos notar que esta abordagem consegue dar conta de uma nova organização do trabalho pedagógico, seja no âmbito da organização didática em sala de aula, seja no âmbito do trabalho pedagógico da escola, articulado com os objetivos/avaliação, conteúdo/método e o Projeto Político Pedagógico.

No tocante a temática do esporte, esta abordagem, segundo Oliveira (2001), aponta para elementos como uma leitura crítica do mesmo enquanto produção histórico-cultural, além de que, na escola, é preciso resgatar os valores que verdadeiramente socializam, e garantam a solidariedade e o respeito humano e levem à compreensão de que o jogo se faz com o outro e não contra o outro.

Por conseguinte, iremos relatar um fazer pedagógico da Educação Física articulado com o ensino do esporte, sob uma perspectiva crítica de ensino, no âmbito de uma escola particular no município de Feira de Santana, Bahia. Relato este que vem contribuir com a necessidade do “movimentar-se” da Educação Física escolar. Este movimento surge no sentido de tornar público e mostrar ser possível um aprendizado prazeroso e significativo a partir da pedagogia crítico-superadora, compreendendo especialmente que: “a ação pedagógica a que se propõe a Educação Física estará sempre impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se” (BRACHT, 1999, p. 49).

Relato de experiência: a copa do mundo é nossa não deles!

Um dos exemplos de como tratar pedagogicamente e de maneira crítica o fenômeno esporte na escola, em especial o futebol, está em um projeto desenvolvido em uma instituição de ensino privado, no qual os autores desenvolvem nas aulas de Educação Física com alunos do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. O Projeto intitulado “A Copa do Mundo é nossa, não deles” é um projeto que iniciou em 2006 e atingiu um importante amadurecimento pedagógico em 2010. Abaixo segue um relato de parte das experiências com o projeto. A ação transcrita durou três meses e é fruto das ações de um coletivo de professores de Educação Física do Colégio onde ocorreu o processo de intervenção com todos os alunos, respeitando a necessária gradação dos conteúdos a cada série. As etapas desenvolvidas abaixo ocorreram com os alunos do ensino fundamental anos finais.

Etapa 1 – Os alunos foram convidados a refletir sobre o esporte nas aulas de Educação Física:

Na escola é necessário jogarmos com as regras do esporte já estabelecidas? Podemos modificá-las? Existe esporte de rico? E de Pobre? Existe algum esporte que você gostaria de praticar e não pode, por quê? Existe Esporte só para mulheres? Podemos fazer de tudo para vencermos um jogo? E o Doping, é ético? Existe relação entre a vida cotidiana e o esporte? Por que o futebol é um fenômeno social, especialmente no Brasil? Qual a relação entre futebol e ascensão social? Esporte é saúde? Existe violência no esporte? Qual a influência da Mídia no Esporte? Em 2014 será a vez do Brasil, você concorda? Por quê?

Nesta etapa em ações ocorridas em sala e quadra de aula pelo professor de Educação Física os alunos foram estimulados a pensar sobre o esporte, o futebol e as relações que são estabelecidas quando e onde se joga. Ao refletir sobre as diferenças do esporte no ambiente escolar e suas outras manifestações (profissional, amador, lazer) os estudantes puderam vivenciar esportes que não conheciam, a compreender regras tradicionais e reinventá-las. Os alunos começavam aí a construir o evento: “A copa do Mundo é nossa, não deles!”. Título adaptado da tão famosa música da década de setenta¹: “A taça do mundo é nossa, com brasileiro não há quem possa...” e que surgiu mediante as discussões desenvolvidas em aulas e que se propunha a criticar que no espaço escolar o esporte não deve estar a serviços de valores e códigos do esporte de auto-rendimento, portanto. No sentido de fundamentar as discussões e dar contexto a proposta pedagógica, levamos os alunos a assistirem e refletirem a produção Nacional do Diretor Cao Hamburger: “O ano em que meus pais saíram de férias”, apresentando as relações entre esporte e política que marcaram o Brasil naquela época.

Etapa 2 – Estudo sobre as temáticas contemporâneas relacionadas com o esporte/futebol

Nesta etapa, o professor de educação física dividiu as seguintes temáticas, são elas: violência no esporte, doping no esporte, Copa do mundo do Brasil 2014: pontos positivos e negativos e por fim ética no esporte.

¹ Música de composição de Mageri, Müller, Sobrinho e Dagô e que embalou os jogos do Brasil na Copa do Mundo de 70. Ao mesmo tempo que enaltecia a seleção, era mais um instrumento de vender a ideologia de um país forte e em crescimento, segundo a visão política-ideológica dominante na época.

Cada série ficou com um tema, como exemplo temos os alunos do 6º ano que discutiram sobre questões da violência no esporte, abordando temas sobre: torcida organizada, violência dentro e fora de campo, agressões físicas e verbais. Ao final deste processo os alunos foram convidados a expressar seus aprendizados em uma exposição literária de textos, poemas e poesias. Todo o material foi exposto no “Stand Consciente”, onde alunos, professores, pais e funcionários tiveram acesso aos textos.

A turma do 7º ano refletiu sobre questões ligadas ao doping. Aprendendo sobre: conceitos, causas e conseqüências, as substâncias proibidas, principais caso de doping no Brasil e no mundo. Após este momento os alunos foram direcionados a produzir um seminário para expressar os aprendizados ocorridos a toda comunidade escolar.

O grupo do 8º ano analisou os pontos positivos e negativos da Copa do Mundo no Brasil em 2014. Em sala de aula os alunos formaram dois grandes grupos onde discutiram sobre o assunto, com a mediação do professor. Por fim, sistematizaram um folder colocando as principais idéias elaboradas em aula, sendo socializado com pais, professores, alunos e funcionários da escola nos dias dos jogos esportivos internos do colégio.

E por fim, os alunos do 9º ano refletiram sobre os aspectos éticos envolvidos na prática esportiva. Sendo assim, analisamos “escândalos” éticos no mundo do futebol como a máfia do apito, desrespeito moral e físico com os atletas, torcedores e dirigentes no mundo dos esportes. Ao final, os alunos produziram um seminário que foi apresentado no dia da abertura dos jogos esportivos do colégio.

Etapa 3 – Realização dos jogos e exposição dos materiais produzidos.

Durante a etapa 3, tendo todo conhecimento já adquirido ficou estabelecido pelos próprios alunos durante a construção do evento que, nas vivências práticas dos jogos, a função de atletas, todos os alunos iriam exercer funções como arbitragem, repórter, jornalista, paramédico etc. Oportunizando a todos participarem da ação, independente da afinidade com o futebol e o melhor oportunizando a todos outras reflexões a partir das relações que são estabelecidas para além do jogar.

Neta etapa os alunos realizaram jogos de futebol, mediante as regras criadas ou recriadas de acordo ao interesse do grupo. Várias funções realizadas pelos alunos

transcenderam apenas o jogar propriamente dito, gerando novo eixo de aprendizados e comportamentos.

O Projeto mencionado revela uma das possibilidades de tratar o esporte criticamente, função da Educação Física, sem negar a sua prática no âmbito escolar, ou em outros espaços potenciais de aprendizados.

Caberá o professor de Educação a responsabilidade de utilizar o esporte na escola de maneira a tratar pedagogicamente esta manifestação, sem negá-lo, analisando, porém, criticamente as relações produzidas quando se joga, assiste ou ler sobre o esporte.

Considerações provisórias

Não temos a intenção de findar a discussão sobre o objeto de estudo deste artigo, visto que entendemos que o conhecimento é provisório, ou seja, ele é produzido historicamente pelo homem. Sendo assim, chegamos às seguintes conclusões:

1) O trato pedagógico com o esporte nas aulas de Educação Física necessita estar embasado por uma teoria que dê conta de responder as contradições existentes na realidade. Ou seja, que dê conta de compreender a relação, por exemplo: entre o esporte e a mídia, que propaga conceitos e padrões estereotipados de corpo e saúde.

2) Outro ponto essencial, quando se pensa na organização do trabalho pedagógico do esporte, se refere à opção teórico-metodológica da Educação Física. Sendo assim, entendemos que abordagem crítico-superadora, dá conta de responder e intervir na realidade a favor da população.

No entanto, entendemos que a abordagem crítico-emancipatória, também traz elementos fundamentais no trato pedagógico com esporte que auxilia em uma maior compreensão do fenômeno esportivo.

3) Outro ponto importante refere-se à primazia e hierarquia. Ou seja, devemos, sim, tratar o conteúdo esporte na escola, pois acreditamos nas suas potencialidades educacionais, porém ele não deve ser o centro e a referência da Educação Física na escola.

4) Consideramos também que o ensino da técnica/tática e regras, torna-se fundamental no processo de ensino e aprendizagem no esporte. Porém, a técnica deve ser compreendida e ensinada na dinâmica do jogo e não como algo a parte, que

posteriormente seria incluída no jogo. Já a tática deve ser compreendida enquanto situações em que o grupo ou o aluno individualmente, necessite utilizar de ações para resolver problemas do próprio jogo.

5) Por fim, consideramos que existe a necessidade de ampliar a discussão sobre temas relacionados com os Jogos Esportivos e o treinamento desportivo na escola, ficando a necessidade de estudos posteriores e pesquisas sobre o trato com o conhecimento esporte relacionado com essas temáticas.

Referências

BETTI, Mauro. **Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

BRACHT, Valter. **A prática pedagógica da Educação Física: conhecimento e especificidade**. In _____. *Educação Física & Ciência: cenas de um casamento (in) feliz*. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999. p. 41-54.

FREITAS, Luis Carlos. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. 6ª ed. São Paulo: Papirus, 2003. (coleção magistério formação e trabalho pedagógico).

OLIVEIRA, Sávio Assis de. **A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica**. Campinas, SP: Autores Associados, chancela editorial CBCE, 2001. (coleção educação física e esportes).

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 6 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997. (coleção polêmicas do nosso tempo; v.40)

SOARES, Carmen Lúcia. Et al. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. 6ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

VAGO, Tarcísio Mauro. **O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente, um diálogo com Valter Bracht**. Movimento, Porto Alegre, ano III, n. 5, PP. 4-17, 2 de set, 1996.



16 a 18 de Novembro de 2011

A INCLUSÃO DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO EUSÍNIO LAVIGNE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA DE INICIAÇÃO A DOCÊNCIA

Josenilton dos Anjos Santos; PIBID/SEDUC – nilton.anjos@hotmail.com

Marcia Morel – PIBID/UESC

RESUMO: O trabalho relata a experiência das aulas de Educação Física na ótica da inclusão escolar, utilizando o ensino colaborativo o qual faz parte de um projeto maior que é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência em parceria com a Universidade Estadual de Santa Cruz e a CAPES. O objetivo geral do presente estudo foi desenvolver o ensino colaborativo a fim de efetivar a participação de alunos com deficiência, nas aulas de Educação Física de uma escola da rede municipal de Ilhéus/BA, e a partir dessa proposta possibilitar que professores e estudantes vivenciem experiência na ótica da inclusão escolar.

Palavras-chave: Inclusão; Pessoas com Deficiência; Ensino Colaborativo.

Introdução

O presente trabalho tem por base a Educação Física na ótica da inclusão escolar, o qual faz parte de um projeto maior que é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em parceria com a Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e a CAPES². A instituição municipal contemplada pelo subprojeto de Educação Física foi o Instituto Municipal de Ensino Eusinio Lavigne (IME), localizada no centro da cidade de Ilhéus/BA, tendo suas ações voltadas no turno vespertino com cinco turmas de alunos do ensino Fundamental II, especificamente 5^a a 8^a séries, com alunos na faixa etária entre 10 a 18 anos. As turmas observadas possuíam seis alunos com deficiência auditiva, além de 04 (quatro) alunos com dificuldades de aprendizagem (transtorno de comportamento) sem diagnóstico/laudo médico ou psicopedagógico.

Para a implantação do subprojeto no IME foram selecionados dez bolsistas do curso de Educação Física com o objetivo de interagir com todas as ações dentro do contexto e da dinâmica escolar, tais como: planejamento das aulas; conselho de classe; conselho da escola; reuniões com os pais; reuniões pedagógicas; e outros momentos que surgiram ao longo do trabalho.

² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

É sabido que a inclusão acontece pelo envolvimento de todos no ambiente educacional, tendo a união da comunidade escolar como fator preponderante de tal processo. Ao utilizar estratégias, o professor tem controle da turma e possibilita novas vivências para os alunos buscando ganhos no desenvolvimento motor e cognitivo da pessoa com deficiência durante as aulas de Educação Física. A cooperação durante as atividades propostas reflete o nível de inclusão nas atividades desempenhadas pelos alunos, procurando um maior aproveitamento dos conteúdos inseridos na classe.

Assim como objetivo geral, a presente proposta pretendeu desenvolver o ensino colaborativo para efetivar a participação de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física de escolas da rede pública de Ilhéus/BA, no intuito de possibilitar que professores e estudantes vivenciem experiência na ótica da inclusão escolar.

Procedimentos metodológicos

As atividades no IME tiveram início no mês fevereiro de 2011 com as reuniões pedagógicas e oficinas de capacitação nas quais os bolsistas do PIBID participaram de todo o processo. No primeiro momento foi solicitado às coordenadoras e orientadoras pedagógicas 04 (quatro) turmas de 5^a a 8^a série do Ensino Fundamental II que tivessem alunos com deficiência matriculados no turno vespertino. Devido às dificuldades enfrentadas na matrícula e organização do horário foi acordado que o professor regente (bolsista supervisor)³ teria uma turma de cada seriação, tendo a escola o compromisso de remanejar os alunos com deficiência para essas turmas selecionadas.

O início das intervenções foi adiado por 03 (três) semanas devido à paralisação da rede municipal de ensino que buscava melhorias salariais para professores e funcionários administrativos vinculados à educação. Essa lacuna nas intervenções permitiu aos bolsistas a organização do plano de trabalho de forma mais rebuscada, sendo utilizadas reuniões de apresentações, debates da proposta curricular de Educação Física da Secretaria de Educação de Ilhéus e outros textos que abordaram os conteúdos da Educação Física para o Ensino Fundamental II.

A principal orientação nesse estágio de trabalho pautou-se na valorização dos núcleos temáticos de educação, a saber: (1) construção e estruturação do movimento;

³ O PIBID é articulado por um bolsista coordenador (professor da universidade), bolsista supervisor (professor regente da unidade escolar) e bolsistas de iniciação à docência (graduandos dos cursos de licenciatura).

(2) o movimento nas atividades lúdicas, esportivas e de lutas; (3) o movimento nas atividades rítmicas e expressivas; (4) o movimento e a saúde. A intenção com essa proposta foi oportunizar aos alunos com e sem deficiência, experiências motoras que promovam a vivência da Educação Física como fator de inclusão educacional e social, deixando assim de utilizar somente a concepção de Educação Física Escolar baseada no “quarteto fantástico”⁴ (futebol, handebol, basquetebol e voleibol) e na esportivização do movimento humano.

Ressaltamos que a rede municipal de educação contempla as aulas de Educação Física no mesmo turno, onde o planejamento deve mesclar aulas teóricas e aulas práticas com uma proposta de avaliação pertinente aos conteúdos ministrados. Assim, os bolsistas durante seu período de formulação do plano de trabalho optaram e foram orientados para avaliar os alunos seguindo uma planilha para as aulas práticas que consideram as esferas conceituais, procedimentais e atitudinais, prova teórica do conteúdo da unidade, debates e pesquisas.

Após o fim da paralisação iniciamos as intervenções e para tanto os bolsistas foram divididos em 02 (dois) grupos com dias específicos, tendo como diretriz: a observação sistematizada das aulas de Educação Física durante aproximadamente três semanas iniciais, coparticipação com o professor regente nas aulas a partir da terceira semana e intervenção direta com regência sob supervisão do professor regente nas semanas seguintes.

Em relação ao espaço físico para as aulas de prática de Educação Física encontramos dificuldades na logística para o deslocamento no principal local de vivência durante as aulas de Educação Física. Assim as aulas práticas se concentraram no pátio externo da escola e no auditório que possui espaço amplo para realizar diversas atividades.

Foram necessárias alterações no plano de trabalho, de modo a enxugar os conteúdos e números de aulas devido à paralisação da rede municipal de Ilhéus, paradas

⁴ O quarteto fantástico é uma equipe que se mantém estável em volta dos quatro amigos que ganharam superpoderes ao serem atingidos pelos raios cósmicos. No campo da Educação Física caracterizamos as modalidades futsal, voleibol, handebol e basquete devido a supervalorização destes conteúdos pelos professores nas aulas de Educação Física Escolar.

nacionais e eventos esporádicos da escola que influenciaram na quantidade das aulas bimestrais.

Relato da experiência

O subprojeto de Educação Física pode ser considerado como um importante marco na unidade escolar devido à nova concepção que foi inserida dentro do contexto escolar. A visualização de um grupo de trabalho organizado e com novas concepções em relação à prática da Educação Física estimulou a gestão da escola a prestar mais atenção no que tange tal disciplina dentro do ambiente escolar.

A dinâmica das relações dos bolsistas com os alunos ocorreu depois de um período de observação, no qual foi possível enxergar a rotina de comportamentos das turmas antes do período de intervenção. Este momento acrescentou uma ação estratégica para o desenvolvimento da interação social do binômio aluno-bolsista que precedeu o período de intervenção.

A sistematização dos conteúdos num contexto inclusivo possibilitou aos bolsistas uma visualização dos problemas enfrentados na Educação Física Escolar no mesmo turno, dentre eles a falta de espaço e materiais, sendo traçadas algumas estratégias que possibilitassem a adaptação e superação dos obstáculos presentes na rede municipal de ensino. Além disso, a concepção inclusiva buscou envolver todos os alunos nas aulas, criando-se táticas para que todos os alunos participassem efetivamente das aulas práticas.

A interação com graduandos do curso de Educação Física estimulou o aprofundamento de estudos que subsidiaram a supervisão da prática dos discentes e que permitiam uma troca de conhecimentos vinculados a Educação Física Escolar na ótica da inclusão. Dentro desse contexto podemos ressaltar que a prática docente teve um grande avanço devido ao ensino colaborativo nas aulas que permitiu a otimização de tempo durante a organização das atividades práticas com os alunos.

A experiência de iniciação à docência provocou a ação-reflexão-ação durante o planejamento das aulas Educação Física, criando um ambiente de remodelamento dos conteúdos de acordo com a necessidade de cada turma buscando que o aluno desenvolvesse um senso crítico e participasse com maior frequência das aulas.



16 a 18 de Novembro de 2011

O embasamento teórico das ações foi essencial para que num contexto inclusivo fosse promovido um ambiente participativo e ao mesmo tempo desafiador para os alunos, com atividades que desenvolvessem as competências e habilidades pertinentes a disciplina Educação Física.

No contexto do ensino colaborativo, destaca-se que é necessária para o desenvolvimento de tal estratégia uma parceria com toda a equipe gestora da unidade escolar, de forma a ter mais um aliado na busca da inclusão escolar.

Considerações finais

O processo desencadeado pela iniciação à docência repercute na formação profissional do professor de Educação Física atualizando os conhecimentos relativos à área e permitindo uma aproximação da rede básica de ensino com a universidade pública.

A reflexão realizada baseou-se na exploração das possibilidades de vivências dialogadas tendo por base o ensino colaborativo os pressupostos de Capellani (2004). A referida autora elucida que o ensino colaborativo tem sido utilizado para favorecer a inclusão escolar. O objetivo proposto pauta-se na inclusão escolar e vem sendo alcançado, ressaltando que foram reduzidos os níveis de evasão das aulas de Educação Física, ocorrendo à participação efetiva de todos os alunos com deficiência nas aulas. Foi possível notar que essa foi uma tarefa bastante pertinente para este contexto, permitindo o desenvolvimento balizado na inclusão escolar.

Referências

- CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. **Avaliação das possibilidades do ensino colaborativo no processo de inclusão escolar do aluno com deficiência mental**. 2004. 300 f. Tese (Dissertação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.

CAPOEIRAGEM NO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DA UFBA: A CAPOEIRA COMO POSSIBILIDADE EDUCATIVA NA UNIVERSIDADE

Ábia Lima de França; UFBA - abialimadefranca@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho traz o registro e a análise das atividades desenvolvidas na experiência da iniciação à pesquisa, em cumprimento ao plano de trabalho do Programa Institucional de Iniciação Científica - PIBIC 2010/2011 em que integra a pesquisa “Dança e educação: olhares estéticos de corpos políticos na diversidade humana e cultural na Bahia”, vinculada ao Curso de Educação Física da UFBA e ao Grupo de Pesquisa em História da Cultura Corporal, Educação, Lazer e Sociedade – HCEL. O objetivo é oferecer nas dependências do Centro de Esportes da UFBA, a Oficina de Capoeira, enquanto um laboratório de estudos do corpo, da cultura e da educação. Para tanto, a opção pela abordagem da metodologia da pesquisa-ação, seus procedimentos e técnicas, possibilitaram a partir de ações concretas articularem um diálogo entre teoria e prática. O resultado desta experiência fundamentada na literatura retirou das vivências práticas, novos argumentos de ensino mais interativos, onde ação/ participação são referências. Conclui-se que, são muitos desafios para sua realização como carência de infra-estrutura, todavia, pelos ricos elementos metodológicos da capoeira foi possível destacar novos olhares que se somam às perspectivas atuais da Educação Física e sua inserção social.

Palavras-chave: Capoeira; Metodologia de Ensino; Educação Física

Introdução

“Capoeiragem no Centro de Esportes da Universidade Federal da Bahia (CEFE/UFBA): a capoeira como possibilidade educativa na Universidade” é como se intitula o plano de trabalho desenvolvido por nós, na experiência de iniciação à pesquisa do PIBIC 2010/2011, vinculado ao projeto de investigação “Dança e Educação: olhares estéticos de corpos políticos na diversidade humana e cultural na Bahia”, orientado pela professora doutora Amélia Vitória de Souza Conrado do Departamento de Educação Física da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Explicando hoje, sob um olhar crítico, a “capoeiragem” daquela época, era a presença subversiva da capoeira nas ruas, principalmente, por geração de africanos e seus descendentes, vítimas de três séculos de exploração do seu trabalho em condição escrava, cerceados de todos os seus direitos, restando-lhes, seus corpos que resistiram ao cativo e guardaram uma memória, práticas, costumes, valores e expressões, como a capoeira que, lhes serviam como resistência e defesa pessoal dentro de um sistema marcado por desigualdades e exploração.

Com isso, o objetivo do projeto é oferecer à comunidade universitária e às comunidades próximas ao Centro de Esportes da UFBA, uma experiência de estudo e prática da capoeira, voltada a princípios onde a educação, o corpo, a identidade étnico-cultural, a diversidade e a criatividade sejam bases de conhecimento, consciência e cultura na contemporaneidade. Nesses aportes, os estudos de Conrado (2006); Munanga (2006); Silva (2009) dá subsídios que se articulam com as idéias deste trabalho.

A pesquisa busca ampliar enfoques aos estudos das práticas corporais e linguagem da capoeira na universidade numa proposição de referencial teórico, construído pela experiência concreta. Sendo assim, acreditamos contribuir à valorização da pesquisa articulada a extensão e ao ensino, na medida em que, promovemos atividades fins onde pesquisadores, estudantes, mestres populares da cultura, professores de Capoeira, militantes dos movimentos sociais estejam dialogando.

Procedimentos metodológicos

Orientados pelas bases das abordagens qualitativas (MINAYO, 2007) e inspirados na metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985), seus procedimentos e técnicas, elegemos como campo de estudo, a experiência da Oficina de Capoeira, a convivência, a troca e o diálogo no grupo de estudantes universitários que se constituiu. A participação, a observação e o aprendizado na diversidade, foram imprescindíveis, além disso, utilizamos como instrumentos de registros: anotações, fotografias, filmagens, depoimentos dos integrantes da Oficina.

Nessa direção, destacamos o entendimento de métodos como caminhos para solucionar algumas questões de forma que dá direcionamento para o cumprimento do trabalho. O objetivo da metodologia consiste em analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliarem suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização (THIOLLENT, 1985).

Com isso, todas estas atividades são importantes para os participantes do projeto da UFBA vivenciarem, os espaços onde a *capoeiragem*, significando, o exercício desta linguagem nos seus espaços e cotidiano, se faz presente. Nessa perspectiva, a concepção de pesquisa científica, encontra respostas às questões que ela propõe, porque, põe em exercício direto, método, criatividade, diálogo, enfrentamento, sentidos, lugares, que

permite interação entre observação, ação e participação, inclusive, somando valores que partem tanto dos conhecimentos popular, quanto dos acadêmicos (THIOLLENT, 1985; MINAYO, 2007).

Resultados e discussão

A experiência da Oficina de Capoeira tem atraído estudantes da nossa universidade e estrangeiros que estão desenvolvendo intercâmbio acadêmico na UFBA e buscam práticas de identidade cultural brasileira. Essa participação amplia possibilidades para a convivência com a diferença e diversidade.

A capoeira, enquanto educação não formal baseada na oralidade, na ancestralidade, na tradição e em formas rituais, tem acrescentado no processo de ensino e aprendizagem na educação superior, sobretudo, nas áreas voltadas para estudos da cultura corporal, um ensino diferenciado, criativo, estético, crítico, fundamentado nos conhecimentos da cultura popular (ABIB, 2009).

Como uma estratégia de formação, intervenção e investigação, inspiramo-nos em sentidos e ensinamentos encontrados numa roda de capoeira que tem “a proposta do jogar aprendendo e do aprender jogando funda-se em englobar o dialogo oral com o corporal, permitindo ao sujeito colocar-se no dialogo a partir de suas referências de vida” (CASTRO JÚNIOR; SOBRINHO, 2002, p.7)

O nosso processo de trabalho se desenvolveu, recriando uma metodologia de ensino de capoeira na relação dialógica, participativa e criativa. Esses elementos consubstanciam nosso entendimento de capoeira enquanto uma rica ferramenta pedagógica.

Os resultados indicam a necessidade de permanência desta atividade pela Faculdade de Educação da UFBA, devido à capacidade de integração dos estudantes da UFBA e de universidades estrangeiras, assim como, pessoas fora da universidade que encontram um espaço de liberdade de expressão de idéias e convivência que se diferenciam, geralmente das escolas e academias de Capoeira, com seus métodos, regras e processos.

Considerações finais

Sabemos que ainda faltam estudos, pesquisas, cursos de especialização, aperfeiçoamento para que os professores, graduandos, alunos conheçam as possibilidades educativas intrínsecas à Capoeira, ressaltando que quando é trabalhada dentro de seus princípios e valores fundamentais.

Nessa perspectiva, a “capoeiragem” no projeto da UFBA é movimento político, cultural, criativo, reivindicatório pela melhoria da qualidade de nossa formação, considerando a identidade, o corpo, a cultura e a diversidade. A ampliação deste projeto, a sua capacidade de agregar pessoas, extrair análises para articulação da produção de um pensamento e metodologia, são algumas das contribuições e resultados alcançados.

Referências

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.** Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador; EDUFBA, 2005.

_____. **Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia.** Salvador, BA. EDUFBA, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Método Paulo Freire.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.

CONRADO. Amélia Vitória de Souza. **Capoeira de Angola e Dança Afro: contribuições para uma política de educação multicultural na Bahia.** 2006. 314 f.il. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra. 31a Ed., 2007.

CASTRO JÚNIOR, Luís Vitor; SOBRINHO, José Sant’anna. **O ensino da capoeira: por uma prática nagô.** Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 23,n. 2, p 89-103,jan. 2002

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 25oed. 2007.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006 – (Coleção para entender).

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. **Capoeira, identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Maria Cecília de Paula. **Do Corpo Objeto ao Sujeito Histórico: perspectivas do corpo na História da Educação Brasileira.** Salvador: EDUFBA, 2009.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava: e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).** Campinas, SP: UNICAMP/ Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2001A.



16 a 18 de Novembro de 2011

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez Editora-Autores associados, 1985.

CORPO E RELIGIÃO: ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Miraíra Noal Manfroi; UFMS – mira_nm@hotmail.com

Marcelo Victor da Rosa; UFMS

RESUMO: No Brasil, a opção religiosa é direito constitucional e a diversidade de crenças é o resultado da miscigenação da população. Em cada comunidade escolar a pluralidade religiosa se faz sentir nos estudantes, pois são provenientes de famílias com diferentes culturas e concepções. A Educação Física estuda a cultura corporal e, sendo assim, o professor deve estar sensibilizado para respeitar essa diversidade e, ao mesmo tempo, proporcionar situações de aprendizagens corporais para todos os alunos. Os objetivos são: a) conhecer as restrições impostas pelos dogmas religiosos com relação à participação dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar; b) averiguar o que pensam e como agem os professores em relação à interferência das religiões nas aulas de Educação Física Escolar. A pesquisa tem predominância qualitativa e caráter descritivo, está sendo realizada em duas escolas particulares e uma filantrópica, confessionais, localizadas na cidade de Campo Grande/MS. A coleta de dados foi desenvolvida por meio de: entrevistas semi-estruturadas com os professores para compreender o que pensam e como agem frente a essas situações; entrevistas semi-estruturadas com representantes oficiais de religiões para: conhecer as concepções de corpo e as relações com a espiritualidade; averiguar se há impedimento de determinadas práticas corporais. Os resultados parciais comprovam que as religiões interferem nas aulas de Educação Física Escolar na medida em que se preocupam com as roupas e que proíbem ou evitam determinadas práticas corporais como as danças e as lutas.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar; Corpo; Religião.

Introdução

O artigo pretende apresentar os resultados parciais de uma pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. No ambiente escolar encontra-se presente a diversidade de crenças. Em cada bairro, em cada comunidade escolar a pluralidade se faz sentir nos estudantes, pois os mesmos são provenientes de famílias com diferentes concepções religiosas, não havendo grupos homogêneos. Embora a pesquisa esteja sendo efetivada em escolas confessionais, a opção das famílias, por essas instituições, nem sempre ocorre por opção religiosa, mas pela qualidade do ensino ou por outras questões como a proximidade da residência, entre outras.

Nessa perspectiva, o discente precisa atender aos preceitos da escola, mesmo sem ser adepto daquela religião e, assim, torna-se bastante complexa a atuação do

professor de Educação Física ao atuar com alunos que pertencem a religiões que proíbem determinadas práticas corporais e com outros que não têm essa limitação. Essa atuação ainda se agrava frente às restrições ao uso de determinados tipos de vestimentas que são adequadas para essas aulas como: bermudas, shorts e outros. Sendo assim, o professor de Educação Física deve estar sensibilizado para respeitar essa diversidade e, ao mesmo tempo, proporcionar situações de aprendizagens corporais para todos os alunos.

Como afirma Carvalho (2000, p.15): “Dissertar sobre o corpo é percorrer os caminhos da cultura, tradição, religião, história e arte. É falar sobre um instrumento comum a todos os povos, presente no cotidiano ou em situações especiais”. Mesmo o corpo sendo algo tão comum, pois possuímos um e temos contato com diversos, ao escrever e relatar como esse corpo é visto, interpretado e tratado no âmbito escolar podemos notar que, em relação às questões religiosas e a atuação do docente de Educação Física existem poucas publicações, mas nem sempre relacionando os três elementos (escola, corpo e religião).

A revisão bibliográfica demonstrou que há poucas pesquisas que relacionam religião, escola e docência na Educação Física. Há pesquisas sobre os determinados rituais e as práticas corporais que fazem parte dessas manifestações, porém também não se aproximam dessa pesquisa pelo fato dos estudos não estarem relacionados ao ambiente escolar. Foi possível constatar que a discussão ainda é escassa e, por tratar-se de tema tão delicado como valores e dogmas religiosos, ainda está envolta em cuidados que não têm permitido abordagens mais críticas.

Há quatro artigos que se aproximam do estudo proposto *Práticas Corporais e religiosidade*: discursos de líderes religiosos de Saneto e Anjos (2007); *Educação Física e religião*: a influência da cultura religiosa no aprendizado das técnicas corporais de Rigoni (2005); *Juventude e religião*: cenários no âmbito do lazer de Santos e Mandarinho (2005); *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino*: implicações para a educação física escolar de Rigoni (2008).

Com essas notas é possível constatar a importância desta pesquisa no âmbito acadêmico e as contribuições que poderá trazer aos professores de Educação Física Escolar. Faz parte da atuação desses profissionais a abordagem da cultura do

movimento respeitando a diversidade de sentimentos de cada corpo, seus limites, suas crenças, seus valores culturais e religiosos.

No contexto apresentado sobre o corpo e as religiões na Educação Física Escolar, as perguntas que me inquietaram e que nortearam a pesquisa foram: O que afirmam os diferentes representantes religiosos sobre os dogmas, o corpo e as práticas corporais na Educação Física Escolar? Como é a atuação do professor de Educação Física frente à pluralidade religiosa dos alunos? Cabe ao professor de Educação Física questionar o aluno quando suas crenças o limitam ou impedem de participar das aulas de Educação Física na escola? Quais práticas corporais podem ser desenvolvidas ou proporcionadas dentro da aula de Educação Física visando à participação de todos os alunos?

Na busca de responder às perguntas iniciais, constituem-se como objetivos da pesquisa: a) Conhecer as restrições impostas pelos dogmas religiosos com relação à participação dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar; b) Averiguar o que pensam e como agem os professores em relação à interferência das religiões nas aulas de Educação Física Escolar.

Procedimentos metodológicos

A pesquisa tem predominância qualitativa, sendo de caráter descritivo, que, segundo Negrine (1999, p.61), está apoiada: “[...] na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório procurando entendê-las de forma contextualizada”. Portanto, na pesquisa descritiva há o relato dos fenômenos, sem a preocupação de generalizar os dados e, tampouco, de inserir variáveis no cotidiano investigado.

Thomas e Nelson (2002, p. 253) advertem sobre a possibilidade dos estudos descritivos serem considerados excessivamente simples. No entanto, os mesmos autores afirmam que: “[...] o processo de observar e descrever fielmente, contudo, requer habilidade considerável, e, pode ser bem ou mal realizado. [...] a descrição precisa, feita com discernimento, pode ser extremamente útil e esclarecedora”.

Os mesmos autores afirmam que a metodologia descritiva exige capacidade de pensar racionalmente para retratar a realidade de maneira fidedigna, exigindo cuidados

em relação aos preconceitos internalizados, pelo pesquisador, que podem comprometer a capacidade de coletar e compreender os dados.

De acordo com Triviños (1987, p.128) “A pesquisa qualitativa [...] é essencialmente descritiva. [...] Dessa maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto”.

A pesquisa está sendo realizada com representantes de três religiões que trabalham em escolas confessionais, duas são particulares e possuem tradição no ensino sul-mato-grossense, estão localizadas na região central e funcionam mediante o pagamento de mensalidades. A terceira instituição é filantrópica, estabelecida em um bairro periférico e é mantida por doações e apoio da prefeitura municipal. Essas três escolas têm por característica comum o fato de a religião ser norteadora dos seus princípios educacionais. Foram selecionadas, como já afirmei anteriormente, por serem escolas religiosas, e também pelo fato de se mostrarem disponíveis para a realização da fase de coleta de dados da pesquisa. Os professores de educação física também estão sendo entrevistados.

A definição metodológica deste trabalho é, como qualquer pesquisa com predominância qualitativa, uma metodologia em permanente estado de construção. Como afirma Garcia (2003, p.13) “[...] quando muda o paradigma, há também que mudar a linguagem, que há muito sabemos não ser neutra”.

Sendo assim, foi adotada uma matriz epistemológica que está orientando todas as etapas da pesquisa permitindo o diálogo entre a teoria e a realidade, no exercício constante de tese-antítese-síntese. Construí a metodologia de pesquisa ancorada na afirmação de Garcia (2003, p. 11) “De pouco nos valeria produzir belas explicações teóricas se elas não contribuíssem para a transformação do mundo”. Compreendi, ao pesquisar, que, como afirma Santos (2004, p. 193) “A missão do homem de ciência é arriscada por definição. Nenhum risco, porém, é tão grave quanto o de formular uma verdade científica como uma certeza eterna”.

Inicialmente efetivei uma revisão bibliográfica para conceituar historicamente: o corpo; as religiões; as ações e as influências das religiões e da educação escolar sobre o corpo. Em um segundo momento, estruturei os instrumentos para a coleta dos dados. Em um terceiro busquei o termo de consentimento dos colaboradores da pesquisa para enviar

16 a 18 de Novembro de 2011

o projeto ao Comitê de Ética da UFMS para, na sequência, efetivar a etapa de coleta de dados que está em fase de conclusão. As etapas seguintes, a organização e a interpretação dos dados, estão previstas para serem concluídas até 31 de outubro de 2011.

Estão sendo realizadas entrevistas semi-estruturadas, pois segundo Negrine (1999, p. 75), são adequadas “[...] para dar maior flexibilidade à entrevista, proporcionando mais liberdade para o entrevistado apontar aspectos que, segundo sua ótica, sejam relevantes em se tratando de determinada temática”.

Essas entrevistas serão realizadas com:

a) Os professores de Educação Física das escolas, sendo que o roteiro foi composto, primeiramente, por perguntas de identificação, respondidas opcionalmente pelo professor e por sete perguntas abertas. As entrevistas possibilitarão compreender o que pensam e como agem frente a essas situações, sendo que a última o professor pode falar sobre algo que acredita ter faltado comentar.

b) Os representantes oficiais de religiões que atuam nas escolas, sendo composta primeiramente de perguntas para a identificação, que podem ou não ser respondidas, e 20 perguntas abertas. A décima oitava pergunta foi elaborada com agrupamento de fotos escolhidas com o intuito de possibilitar respostas mais espontâneas, na busca da fidedignidade das respostas. O primeiro agrupamento de fotos refere-se às danças (feitas por meninos e meninas), da qual nem todas as escolas aderem devido às vestimentas e também por ter religiões que não aceitam que seus membros dançam. O grupo de fotos seguinte foi escolhido pela questão da organização das aulas de Educação Física, pela postura dos professores, pela vestimenta utilizada, que em algumas fotos é curta e justa. A terceira foto foi escolhida por conta da vestimenta da natação ser curta e também pelo contato entre meninas que aparece em uma das fotos. A penúltima foto traz dois meninos e duas meninas lutando, sendo que a intenção dessa é suscitar a questão do contato corporal direto, da disputa e da violência e também trazer a capoeira por estar relacionada historicamente com a cultura afrobrasileira e cantos evocativos que se aproximam do candomblé. O último agrupamento traz duas meninas jogando futebol, com o objetivo de perceber se há alguma restrição da prática de alguma atividade física devido ao gênero.

Ainda, nesse roteiro de entrevista, construí um bloco de expressões para que os representantes falassem a primeira palavra que lhes ocorria. Usei dessa estratégia com o intuito de fugir da lógica racional de opiniões classificadas como politicamente corretas.

O objetivo dessa etapa será, portanto, o de possibilitar que opiniões escondidas ou camufladas apareçam. Ao final da entrevista será proporcionado um momento para que o entrevistado acrescente algum aspecto que considere relevante. Esse roteiro tem a finalidade de levantar informações sobre as prescrições de três religiões sobre o corpo e as práticas corporais.

As entrevistas serão gravadas, para assegurar maior fidedignidade, com o auxílio de uma câmara Canon *PowerShot SD630 Digital Elph*, 6.0 mega pixels, e transcritas para o computador.

A análise será efetivada por meio de dois métodos: a Triangulação dos Dados e a Categorização de acordo com Triviños (1987). Essa técnica tem por objetivo a obtenção da máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco do estudo. Também busca contextualizar o sujeito e as interferências as quais está exposto (familiares, políticas, econômicas, religiosas e outras).

De acordo com Triviños (1999, p. 13) a categoria é uma forma de conceito que “[...] refere-se às propriedades essenciais que caracterizam um grupo determinado de fenômenos”. Dessa forma percebemos a realidade por meio dos traços relevantes que tornam cada objeto semelhante ou diferente de outro. O mesmo autor, na mesma obra, ressalta que a capacidade de formular conceitos e compreendê-los “[...] são formas superiores do pensamento. São uma representação abstrata ou geral dos fenômenos da realidade. São os conceitos e as categorias, que passam a representar a realidade concreta, que permitem a comunicação e o avanço da ciência” (p. 14).

Considerações preliminares

A pesquisa ainda está em andamento, na fase final da coleta dos dados. As entrevistas realizadas até o momento demonstram que as religiões têm influência direta nas aulas de Educação Física Escolar. Essa influência se dá nos conteúdos escolhidos, nas metodologias adotadas, nas roupas a serem utilizadas e em outros elementos.

Em uma das escolas particulares não há restrições ao tipo de práticas corporais, mas há o cuidado com as roupas, principalmente com os calções e shorts, que devem estar, no máximo, a dois dedos dos joelhos. Também há preocupação para que não sejam muito justos e acentuem os contornos corporais. Ficou evidente que esse cuidado está mais restrito às meninas, o que indica questões de gênero ainda presentes na escola.

Na outra escola particular há restrição à prática de danças, que são consideradas sensuais e de fórum íntimo. Também há restrição à prática de lutas, pois, segundo os preceitos religiosos, provocam a violência e a reverência a outros mestres, o que desvia, segundo o entrevistado, do culto a Deus.

De maneira geral, foi possível constatar que há diferenças entre o que pensam e afirmam os representantes religiosos e os professores de Educação Física que nem sempre são seguidores da religião oficial da escola. Enquanto os representantes manifestaram preocupações com a mídia e a sensualização das crianças e dos jovens, os professores de Educação Física Escolar não manifestaram essa percepção. Para uma das representantes religiosas o corpo é sagrado e a mídia manipula as pessoas. Nessa perspectiva, passa ser responsabilidade da escola contribuir para o zelo do corpo e, segundo ela, as práticas corporais podem contribuir se foram bem selecionadas.

Essas são as considerações, que ainda não são finais, mas que já indicam a necessidade de mais estudos sobre as relações entre religião, corpo e Educação Física Escolar para que se estabeleça o diálogo que pode ampliar as oportunidades de práticas corporais para todos os alunos e para os professores.

Referências

CARVALHO, Keila Márcia Ferreira de Macedo. **O Corpo como espaço de louvor e adoração mediante a dança.** (Dissertação Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás (UCG)). Goiânia, 2000. Disponível em: http://tede.biblioteca.ucg.br/tde_busca/arquivo.384. Acessado em: 01/04/2011.

DAMIANI, Iara Regina. O Movimento religioso dos surfistas evangélicos de Florianópolis. **Revista virtual Motrivivência.** Florianópolis, aXXI, n.32/33, p.296-331. Jun-Dez./2009.

GARCIA, Regina Leite. (Org.) **Método: pesquisa com o cotidiano.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LARA, Larissa Michelle. **As danças do sagrado no profano: transpondo tempos e espaços em rituais de candomblé.** (Dissertação Mestrado Educação Física, Universidade Estadual de Campinas). Campinas, 1999. Disponível em: http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?listaDetalhes%5B%5D=46&processar=Processar. Acesso em: 01 abr. 2011.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto N. Silva (orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre, RS: Sulina, 1999. p. 61-93.

16 a 18 de Novembro de 2011

RIGONI, Ana Carolina Capellini. A influência das crenças religiosas no aprendizado das técnicas corporais nas aulas de Educação Física. In: **Anais...** XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2005, Porto Alegre. Anais do XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2005.

SANETO, Juliana Guimarães; ANJOS, José Luiz dos. Práticas Corporais e religiosidade: discursos de líderes religiosos. **Anais...** XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Pernambuco, 2007. Disponível em: www.cbce.org.br Acesso em: 24 abr. 2011.

SANTOS, Edmilson Santos dos; MANDARINO, Cláudio Marques. Juventude e religião: cenários no âmbito do lazer. **Revista de Estudos da Religião/PUC** - São Paulo, n. 3, 2005. p. 161-177.

SILVERIO, Katiúscia Rodrigues. Aspectos da imagem corporal dos presbiterianos de Jataí – GO. (Dissertação Mestrado Educação Física, Universidade Estadual de Campinas). Campinas, 2002. Disponível em: culter_unicamp.br Acesso em: 25 abr. 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

_____. Dialética e pesquisa em ciências sociais. In: NETO, Vicente Molina; TRIVIÑOS, Augusto N. Silva (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre, RS: Sulina, 1999. p.11-27.

THOMAS, Jerry R.; NELSON Jack K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO ATRAVÉS DA MÍDIA

Ariadne Conceição Domingos Lopes - Faculdade Social - ariadne_hta@yahoo.com.br

Marcos Vinicius Freire Arraes - Faculdade Social

Micheli Venturini - Faculdade Social

Nadine das Neves Lourenço - Faculdade Social

RESUMO: Este é um relato de experiência na rede municipal de ensino, em aulas regulares de Educação Física, para uma turma de 6º ano de uma escola municipal de Salvador-BA. Este estudo apresenta uma possibilidade de tratar o corpo utilizando as diferentes mídias como instrumento pedagógico. Por muito tempo a Educação Física olhava para o corpo apenas preocupada com a saúde, os hábitos saudáveis de higiene, o condicionamento e a aptidão física. Hoje o nosso olhar deve ver além do biológico, entendendo o corpo como uma construção social. Verificamos que as mídias podem e devem ser utilizadas durante as aulas de Educação Física. Percebemos que por fazer parte do cotidiano dos alunos, a utilização das mídias proporcionou uma aproximação dos alunos com o conteúdo, além de mantê-los mais motivados e atentos às aulas.

Palavras-chave: Corpo; Mídia; Educação Física.

Introdução

O presente artigo trata de uma teorização de uma experiência realizada em aulas regulares de Educação Física, para uma turma de 6º ano, de uma escola municipal da rede de ensino da cidade de Salvador, na Bahia.

O corpo é um tema amplamente discutido por diversas áreas do conhecimento. A partir de nossas leituras, nos sentimos inquietos em pensar como a Educação Física poderia tratar do corpo tendo como instrumento pedagógico às diversas mídias. Com isso, construímos um plano de intervenção que contemplasse o uso das diferentes mídias para tratar do corpo nas aulas de Educação Física, por observar que cada dia mais, a mídia vem explorando a preocupação com imagem do corpo através dos diferentes meios.

Na adolescência, os alunos têm a capacidade de construir formas culturais próprias, e é a partir destas que os grupos são formados seguindo as tendências veiculadas pelos meios de comunicação. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), para o Ensino Fundamental, nos aponta que a cultura dos jovens está diretamente associada aos meios de comunicação, e estes por sua vez se utilizam de

uma linguagem audiovisual que se manifesta na comunicação entre os jovens e na própria linguagem da mídia. Este sentimento de pertencimento é uma demarcação característica da juventude na construção da sua identidade enquanto novo integrante do mundo adulto, da permissividade e de uma certa autoridade para realizar as suas próprias ideias.

É também nesta fase, que os jovens passam por um processo grande de autoafirmação, onde a construção da autoimagem e autoestima tornam-se fatores importantes. Por isso, o cuidado e a necessidade de os professores tratarem questões relacionadas ao corpo, imagem corporal e padrões de beleza, uma vez que, lentamente a mídia vai influenciar a consciência dos indivíduos, que acabam “in(corpo)rando” às mais diferentes informações, tendências e comportamentos *ora propostos/impostos pela mídia, ora pela indústria da beleza (em geral associados), buscando atingir/imprimir a todos os mesmos gostos, hábitos e consumos.* (BENTO; GONÇALVES JUNIOR, 2006, p. 2).

Considerando que não se trata de uma relação unilateral, onde a mídia determina e o jovem absorve inadvertidamente, reconhecemos a capacidade de produção cultural que é própria da natureza humana, o que permite aos jovens realizar críticas sobre a produção midiática e emitir suas próprias repulsas. Mas, também não podemos desconsiderar o potencial influenciador e ideológico que as mídias imprimem sobre a forma de ser e viver neste mundo.

Atualmente, a maioria das escolas públicas da rede de ensino estadual de Salvador-Bahia, possuem a TV Pen Drive, sendo este um recurso de grande auxílio nas aulas de qualquer disciplina. Através dela, podemos apresentar os conteúdos de uma forma mais atrativa para os alunos, com uso de imagens, sons ou vídeos. E é neste cenário que pretendemos intervir, tomando como fundamento base as teorias críticas da Educação Física, entendendo que é necessária uma articulação entre o conhecimento, as vivências corporais e a reflexão.

Com o uso da TV pendrive, as aulas de Educação Física podem ganhar uma nova cara, contribuindo para a formação de sujeitos crítico/reflexivos, sem descaracterizá-la enquanto uma disciplina “prática”, como aponta Betti (2001) sendo este um dos motivos pelos quais muitos profissionais hesitam em adotar as teorias críticas. Mas completa que

16 a 18 de Novembro de 2011

a educação física escolar não deve transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, mas numa ação pedagógica com ela, que estará sempre impregnada da corporeidade do sentir (dimensão biológica-psicológica) e do relacionar-se com o outro (dimensão psico-social), sendo que a dimensão cognitiva (crítico-reflexiva) far-se-á sempre com base nesse substrato corporal (p.127).

A incorporação das mídias às aulas oferece muitas vantagens, pois, ao usarmos vídeos com matérias jornalísticas, videoclipes, músicas e imagens, atraímos os alunos uma vez que estes possuem uma linguagem mais simples e as imagens conseguem atingir os alunos de forma mais rápida do que a leitura de um texto.

A partir desta relação, mídia enquanto ferramenta para a educação, incluímos o elemento corpo pensando o seu lugar na escola, uma vez que os *humanos são seus corpos e [...] usufruem de seus corpos para inventar a vida*, e as ações humanas só são possíveis porque somos corpo (VAGO, 2009, p.30).

As novas tecnologias recriam nossa convivência com o corpo, desde a comunicação, que já não necessita de um contato corporal direto, até as modificações corporais. Isso acontece devido à crescente preocupação com imagem corporal e neste percurso a mídia cria discursos sobre o corpo, ditando padrões de beleza e vendendo produtos, acessórios e tudo o que possa adequar os corpos ao padrão estabelecido.

É bem verdade que Educação Física tem no corpo sua referência específica e através dele tematiza as produções humanas, mas, também o utiliza como conteúdo a ser estudado. O que buscamos foi pensar que o corpo não contém somente um amontoado de órgãos, mas traz consigo marcas da cultura em que está inserido, não se tratando apenas de uma construção individual, mas também social. Procuramos mostrar aos alunos que “nossos” corpos trazem *marcas sociais e históricas, portanto questões culturais, questões de gênero, de pertencimentos sociais podem ser lidas no corpo* (NÓBREGA, 2001, p.610). Portanto, o objetivo da investigação foi identificar de que forma a educação física poderia tratar do corpo através da mídia.

Procedimentos metodológicos

Realizamos uma visita inicial a escola para conhecermos a realidade, identificamos quais mídias a escola possui e se os professores, em especial, o professor de Educação Física, utilizava as mídias em suas aulas.

Após esta primeira etapa, partimos para a seleção dos conteúdos e a elaboração dos planos de aula a serem desenvolvidos com os alunos. Buscamos ajuda em Pertence *et al.* (2009), por entender que a escolha dos conteúdos deve sempre ocorrer em consonância com a realidade sócio-cultural dos alunos. Compreendendo que a todo tempo somos (professores e alunos), bombardeados de várias informações através das diversas mídias, e que em especial os jovens hoje se apropriam rapidamente dessas informações, procuramos fazer uma seleção de conteúdos que estivesse dentro da realidade dos alunos e que chamasse a sua atenção.

Outra orientação que buscamos foi a de que a seleção dos conteúdos deve levar em consideração a sua relevância social, promovendo nos alunos uma reflexão crítica da sociedade como um todo, de modo que eles também não são determinados por hipótese, e nem se configuram como estáticos na realidade dos planejamentos e projetos de ensino.

Os planos de aula foram construídos pensando na realidade dos alunos, nos acontecimentos/assuntos atuais que estavam presentes na mídia, sempre levando em consideração a utilização das mais diversas mídias presentes e que os assuntos fossem abordados de forma a chamar a atenção dos alunos. Procuramos em todas as aulas promover nos alunos uma leitura crítica do que estava sendo apresentado, dando voz aos mesmos para interferirem, questionar sempre que algo os inquietasse, e nós professores, procurávamos questionar e problematizar as questões sociais, culturais e econômicas impostas pela mídia.

As aulas foram organizadas da seguinte maneira: Aula 1 – Apresentação e mímica; Aula 2 – Que corpo é esse? Aula 3 – Body-Modification; Aula 4 – Em busca do corpo ideal; Aula 5 – Além da estética. O detalhamento de cada aula será feito no próximo tópico.

Colocando o pé no chão da escola

Em nosso primeiro contato com a turma, fomos apresentados aos alunos e iniciamos a atividade da mímica, onde conseguimos identificar já nas primeiras mímicas que os alunos representavam as profissões seguindo alguns padrões. Estes padrões eram buscados a todo o momento no intuito de fazer com que os colegas identificassem a profissão o mais rápido possível. Quando a mímica foi referente à

16 a 18 de Novembro de 2011

profissão de advogado, os alunos pediram para uma das meninas soltar os cabelos, cruzar as pernas e ficar sentada numa melhor postura. Por conta das imagens exploradas nas diversas mídias, eles representaram copiando os padrões por elas explorados.

Ao trabalharmos os recortes retirados das revistas poucos alunos se aproximaram da identidade das pessoas das imagens. Grande parte dos alunos relacionou pessoas magras, brancas e altas com profissões de modelo e atriz. Atribuímos a este fato, a forte utilização de pessoas com estas características físicas pelas mídias como afirmam Kusunoki e Aguiar (2008), onde *atualmente existe uma imposição de um padrão corporal pela mídia, um corpo magro, sem gorduras, firme em sua musculatura e de preferência, com a musculatura definida visualmente.*

Abriu-se então uma lacuna, onde começamos a dialogar com os alunos sobre a nossa visão em relação aos resultados das duas aulas. Discutimos sobre o corpo, suas particularidades e sua exposição nas mídias. Enfatizamos, a todo o momento, a aceitação de cada corpo como único, tentando mostrar que cada um traz consigo marcas das experiências vividas e que além de únicas não são menos importantes que às dos outros. *Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social* (GONÇALVEZ, 1994, p. 13).

Com o intuito de utilizar as mais variadas mídias como instrumento pedagógico, montamos uma apresentação em slides com fotos e dois vídeos retirados da internet. Junior (2007) afirma que

[...] o professor deve discutir e dialogar rotineiramente com os educandos, vinculando a utilização de vídeos, documentários, revistas, jornais e entre outras que possibilitem o diálogo com os fundamentos teóricos de uma Educação Física concebida como apropriação e transformação da cultura corporal de movimento.

Trouxemos as diferentes modificações realizadas no corpo por diversos grupos e culturas. Mostramos a cultura das mulheres-girafas⁵ que utilizam aros no pescoço e nos braços, as mulheres dos pés pequenos⁶ na china, os alargadores na África⁷, a cultura da

⁵ Na parte mais baixa das montanhas da Tailândia vivem os Karen. Nessa comunidade há os padong, conhecidos como a tribo das mulheres-girafas, porque tem o pescoço envolto em até vinte e cinco argolas de metal. Já se conheciam mulheres-girafas na África, mas a origem desse hábito na Ásia tem várias interpretações lendárias.

⁶ As mulheres conhecidas como 'pés pequenos' ou 'pés de lírio' quebravam quando jovens os ossos dos pés e os enfaixavam dobrando para dentro os dedos de modo que parassem de crescer. O pé pequeno era sinônimo de graça e beleza nas antigas sociedades chinesas e a cultura foi sendo abandonada apenas após o ocaso da Dinastia Qing, no início do século passado. Tal prática chegou a ser feita por dois bilhões de mulheres chinesas ao longo dos últimos mil anos.

⁷ Os alargadores são usados em diversas tribos na África.

tatuagem, piercing, escarificação⁸, nulificação⁹, branding¹⁰, dentre outras modificações que são utilizadas. Continuamos relacionando os acontecimentos da aula com a nossa forma de pensar o corpo. Nesta aula em específico, tentamos diferenciar como cada pessoa dentro de cada cultura se expressa através do corpo e como isso tem relação com suas experiências e a sociedade em que vive, assim, como o padrão estético é uma construção cultural, social e histórica. Ele muda de tempos em tempos, de sociedade para sociedade, e pode variar também em diferentes grupos sociais, como foi apresentado nas etnias indígenas ou africanas. Compartilhando assim das ideias de Betti (2004) quando diz [...] *o corpo é linguagem, é expressão da natureza, da individualidade e do pertencimento social; é, pois, linguagem da vida e do homem.* O que chamou a atenção principalmente das meninas foi à proporção destas modificações em mulheres.

Utilizou-se também a mídia televisiva, onde apresentamos duas reportagens exibidas em um programa de televisão. Uma falava sobre o uso inadequado de anabolizantes e outra sobre a banalização das cirurgias plásticas. Consideramos importante a utilização de programas exibidos na televisão pelos professores de Educação Física, tendo em vista o grande número de informações sobre a cultura corporal explorada por eles. Além disso, com o auxílio do professor, o aluno pode produzir novos conceitos sobre os programas de TV, bem como refletir melhor sobre questões que se relacionam com a matéria.

Após a apresentação das reportagens, pudemos aprofundar a discussão sobre a influência da mídia sobre o modo como as pessoas enxergam seus corpos e a busca do corpo dito perfeito e suas consequências. Como a reportagem usou exemplos extremos de modificações do corpo, após nossas explicações todos os alunos se colocaram contra o uso de todos aqueles artifícios. Como afirmou Junior (2007) *no caso da televisão, a imagem proporciona um impacto aos educandos e a partir dessa primeira emoção pode-se mediar uma interpretação mais crítica e racional.*

Na última aula, utilizamos a mídia rádio, ao trazer a música Máscara, da cantora baiana Pitty. A escolha da música atendeu a dois aspectos: primeiramente o vínculo do

⁸ A escarificação é uma técnica na qual são feitos cortes de bisturis a fim de formar cicatrizes de acordo com o desenho desejado pela pessoa.

⁹ A remoção voluntária de partes do corpo, como testículos, dedos, e até mesmo de membros inteiros.

¹⁰ O Branding é uma das práticas do Body Modification na qual é feita a aplicação de ferro quente na pele do praticante, depois da queima forma-se uma cicatriz com o desenho escolhido.

conteúdo com a realidade dos alunos, pois, muitos alunos ouviam músicas desta cantora. Sobre a escolha do conteúdo Soares et al. (1992, p. 31) descreve que [...] *a relevância social do conteúdo que implica em compreender o sentido e o significado do mesmo para a reflexão pedagógica escolar.* O segundo é a relação da música com o tema estudado, tendo em vista que na música a cantora busca a todo o momento a aceitação do seu corpo como único, enfatiza que cada corpo tem suas diferenças e que estas devem ser mostradas e não escondidas dentro de uma máscara. Escrevemos a letra no quadro, e ao tocarmos a música, muitos alunos aproveitaram para cantar, tornando a aula bastante dinâmica.

Por conta da escolha da música e como fruto das aulas anteriores, a discussão aconteceu com mais naturalidade, com os alunos falando sobre pontos interessantes como o entendimento de uma aluna sobre a música - *a música diz que temos que nos aceitar da forma que somos e não ser do jeito que os outros querem.*

Dificuldades e possibilidades

As mídias foram utilizadas primariamente como instrumento pedagógico para alcançarmos o objetivo dentro das cinco aulas, procuramos mostrar que a mídia pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica, despertando o interesse dos alunos.

Os professores devem levar para a sala de aula também uma discussão mais aprofundada sobre as influências da mídia, seus efeitos e a toda essa idolatria que vem sendo veiculada à imagem narcisista do corpo. Mas esse não foi o objetivo do trabalho.

Por muito tempo a Educação Física olhava para o corpo apenas preocupada com a saúde, os hábitos saudáveis de higiene, o condicionamento e a aptidão física. Hoje o nosso olhar deve ver além do biológico, entendendo o corpo com algo construído socialmente. Entender que ele é fruto das relações entre os indivíduos e as culturas onde estão inseridos.

Reconhecemos que a dificuldade em se trabalhar o corpo numa perspectiva mais reflexiva se dá ao caráter histórico atribuído à Educação Física, enquanto atividade meramente prática. Por isso, cabe a nós professores e professoras buscar novas inspirações que despertem o interesse em nossos alunos.

Referências

BIANCHI, C. et al. **A imagem corporal em jovens escolares do ensino médio na Educação Física.** 2011. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 15, n. 152, Janeiro de 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd152/a-imagem-corporal-em-jovens-escolares.htm>.

BENTO, Clovis Claudino Bento; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. **O corpo na mídia e a educação física escolar: a percepção dos alunos da quarta série do ensino fundamental acerca das capas da revista Época.** In: IV Congresso Científico Latino-Americano de Educação Física / II Congresso Latinoamericano de Motricidade Humana: Educação física, cultura e sociedade: contribuições teóricas e intervenções da educação física no cotidiano da sociedade brasileira. 2006, Piracicaba. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/epoca.PDF> acesso em 10 de janeiro de 2011.

BETTI, Mauro. **Mídias: Aliadas ou Inimigas da Educação Física Escolar?** Motriz Jul-Dez, 2001, vol. 7, n.2, p. 125-129.

_____. **Corpo, cultura, mídias e educação física: novas relações no mundo contemporâneo.** 2004. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/corpo.htm> Revista Digital. Buenos Aires, Ano 10, n. 79, Dezembro de 2004.

_____. **“Imagens em ação”:** Uma pesquisa-ação sobre o uso de matérias televisivas em programas de educação física do ensino fundamental e médio. Movimento, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 95-120, maio/agosto, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC / SEF, 1998.

FREITAS, Giovanina Gomes de. **O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade.** Ed. Unijuí, 1999. Coleção Educação Física.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir – Corporeidade e educação.** Campinas, SP: Papyrus, 1994.

JUNIOR, Nei Jorge dos Santos. **Educação Física escolar e mídia: contribuições e problematizações na formação do receptor-sujeito.** Revista Digital - Buenos Aires - Ano 12 - n. 112 - Setembro de 2007. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd112/educacao-fisica-escolar-e-midia.htm>

KUSSUNOKI, Sandra Aparecida Queiroz; AGUIAR, Carmem Maria. **A Dança do Ventre e suas relações com o padrão estético corporal.** 2008. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 13, n. 127, Dezembro de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd127/a-danca-do-ventre-e-suas-relacoes-com-o-padrao-estetico-corporal.htm>

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005

PIRES, Giovanni de Lorenzi. **Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.



16 a 18 de Novembro de 2011

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física/ Coletivo de autores**. São Paulo: Ed. Cortez, 1992.

PERTENCE. et al. **Educação Física Escolar: uma nova proposta para seu ensino**. Revista Digital. Buenos Aires, Ano 14 – n. 137 - Outubro de 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd137/educacao-fisica-escolar-proposta-para-seu-ensino.htm>.

CORPO, TERRITÓRIO E (DES)TERRITORIALIDADES

Emilson Batista da Silva; PARFOR/UESC - emilson13@yahoo.com.br

Adriana Vitória Cardoso Lopes – PARFOR/UESC - a.vitoria10@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho foi desenvolvido com o intuito de discutir a construção da concepção de corpo na contemporaneidade a partir dos conceitos de território e de territorialidade no sentido de promover a verticalização de estudos sobre a temática. A partir de uma abordagem bibliográfica, o estudo apresenta as concepções de corpo na história da humanidade e como essas construções perpassam pelo modo de produção, crenças e ideologias de cada sociedade, balizando a concepção social de corpo. Procurou-se refletir o corpo como território onde estão circunscritas as marcas das sociedades, em constante modificação espaço-temporal, e dos conflitos da existência humana em busca da autonomia.

Palavras-chave: Corpo; Território; (Des)territorialidade.

Introdução

A forma como o indivíduo percebe e apreende o mundo é uma característica peculiar que se inscreve em todos os âmbitos do cotidiano, isto é, o ver e compreender o mundo se associa ao tempo e ao lugar onde a história ecoa como construção humana. Nessa ótica, construímos os nossos territórios, onde vivemos vidas diferenciadas, onde representamos o que muitas vezes não somos, mas precisamos ser. Assim também instituímos a nossa territorialidade.

Assim ocorre com o conceito de corpo. O cenário histórico é o responsável por construir a visão social de corpo, sendo, portanto, perfeitamente possível associar cada conjuntura social com um conceito de corpo específico. Da mesma forma que a sociedade constrói e determina o território, também o faz com o a visão de corpo.

Entendemos aqui o território como “a extensão apropriada e usada” (SANTOS; SILVEIRA, 2008, p. 19). Também entendemos que “todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar ‘funções’ quanto para produzir ‘significados’” (HAESBAERT, 2005, p. 6776).

Ainda no pensamento de Santos e Silveira (2008), vislumbramos a territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence e também como

área de vivência e de reprodução. A territorialidade, então, assume uma dimensão simbólica fincada na ideia de pertencimento e enraizamento.

Nessa linha de compreensão, verificamos que o corpo também se insere nesse cenário como um território importante e necessário do ponto de vista dos limites e das fronteiras que estabelecemos para convivermos em sociedade. Para Cavalcanti (2005, p. 53), o corpo “é o espaço físico onde está circunscrito o indivíduo moderno”. Este mesmo corpo, enquanto território constituído, produz espaços que se expressam nos lugares e fora deles.

O território se apresenta para o corpo como uma condição básica, se configurando num cotidiano compartilhado mediante regras que se inscrevem no corpo e dá contornos específicos em sua encenação no palco da vida. Assim, “o território, visto como unidade diversificada é uma questão central da história humana e de cada país e constitui o pano de fundo do estudo das suas diversas etapas e do momento atual” (SANTOS; SILVEIRA, 2008, p. 20)

Abordamos o corpo na ótica de Lorez (1986). Este autor defende a existência de dois corpos: um interior e outro exterior. O primeiro é o corpo vivido, experienciado, que “conhecemos” profunda e internamente. O segundo é que está presente nos livros e que é domínio dos especialistas da história natural. Nesse estudo, o corpo construído pela experiência cotidiana assume centralidade.

Faz-se necessário observar que durante muito tempo a ideia de corpo predominante era dicotômica. Existia a oposição entre o corpo e o espírito. Na antiguidade, representada por Sócrates e Platão e, não menos na modernidade, por Descartes, o corpo era concebido como inferior ao espírito ou às ideias. Sujeito aos ditames mundanos, como a dor, a paixão, a corrupção, a deterioração, era visto como a casa onde a alma habitava. Esta sim, incorruptível, era o meio de alcançar a verdade e a justiça.

A visão aristotélica propunha a razão como responsável pela formulação dos conceitos, mas concedeu grande relevância à experiência e alguns dos sentidos. Já Mauss (1974), no século XX, instituiu o corpo como alvo da problematização sociológica, onde a cultura veio moldurar a dimensão fisiológica do corpo que experimenta e sente o mundo.

Dessa forma, a reflexão sobre o corpo na hodiernidade não mais pressupõe a oposição ao espírito, mas a análise do mesmo em igual patamar hierárquico de valores, numa perspectiva não mais fragmentada, e sim sendo parte de uma totalidade.

É relevante ressaltar a importância dos elementos relacionais e emocionais subjacentes no que tange à construção da imagem do corpo (WALLON, 1963). Igualmente destacável é a abordagem de Lacan (1949), com a teoria do estágio do espelho, que evidencia as dimensões simbólicas e figurativas do corpo, além de fazer da *gestal corporal* um elemento estruturante do *eu*. Cita-se, por outro lado, a psicologia genética piagetiana que defende os aspectos operatórios e os mecanismos reguladores da ação – a gênese do corpo-instrumento.

Nesse sentido, este estudo, mediante uma abordagem bibliográfica, objetivou discutir a construção da concepção de corpo, a partir dos conceitos de território e territorialidade, para fomentar a verticalização de estudos sobre essa temática, enriquecendo o acervo acadêmico e despertando a reflexão no âmbito da conjuntura social.

Território do corpo e suas (des)territorialidades

O cenário atual responde aos ditames do modo de produção capitalista que penetra em todos os campos da sociedade e molda os quereres, os comportamentos, sobrepujando o corpo e mente das pessoas. O consumismo material e simbólico delineados pelo que Harvey (1993) denomina de acumulação flexível ou pós-fordismo, é uma constante. Esse contexto estabelece uma relação dialética com o corpo, na medida em que a concepção de corpo se materializa e se expressa a partir da cultura de uma determinada sociedade.

Essa ótica se justifica na medida em que a concepção de corpo é fertilizada pelo cenário histórico, sendo, dessa forma, o resultado das crenças sociais. Então o corpo é carregado de ideologias espelhadas principalmente na estrutura de poder vigente, que se mostra potencialmente preenchido de intencionalidade, haja vista que sintetiza as relações sociais enraizadas emblematicamente em jogos de interesses calcados na desigualdade e submissão de uns em detrimentos de outros.

Propomos o entendimento de que o corpo é preñado de forças internas e externas que se organizam e se concentram em um campo intrínseco ao indivíduo, impondo ao

mesmo a construção de um território de harmonia forçada, isto é, o campo de forças que se estabelece no âmbito interno do indivíduo, constituído pelas dimensões (biológica, emocional, espiritual) do corpo e suas relações com o outro e com o ambiente, o impele a construir um mundo harmônico para a encenação da vida. Mas, por outro lado, esse corpo se mostra carregado de contradições, inquietudes e insatisfações.

Nesse cenário, o indivíduo, à medida que se apropria do espaço, visto aqui como um campo de construção da história humana a partir de seu trabalho, e dos elementos que o compõe, constrói as suas territorialidades. Isso quer dizer que a construção dos limites – parâmetros rígidos de delimitação – determinada, mas não condiciona no contexto histórico atual, e o estabelecimento de fronteiras – áreas de influência que vão além dos limites ou aquém deles – se efetivam mediante a apropriação por parte do indivíduo dos instrumentos dispostos no espaço. Foucault (1979) avança nessa discussão, quando afirma que o corpo assumiu *status* enquanto objeto científico, a partir das aspirações do capitalismo, que impôs novas formas de nos vermos e vermos os outros.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Verificamos que a ascensão do capitalismo e, junto com ele, a modernidade, determinou uma nova conjuntura sociocultural, alicerçada, como já mencionado, no consumismo e na acumulação de capital. O corpo passa, dessa forma, a ser percebido com uma nova lente, construída por novos valores e, principalmente, por novas ideologias, o que lhe confere a produção de novas (des)territorialidades, na medida que o conceito de corpo se materializa no espaço e ao mesmo tempo manifesta os traços da conjuntura na qual se envolve.

Nessa perspectiva, o corpo abarca aspectos construídos mediante às ideologias impostas pelo sistema e, ao mesmo tempo, é elemento ativo na construção e representação de territorialidades, garantindo a reprodução desse cenário. “A própria sobrevivência do capitalismo está baseada na criação de uma espacialidade cada vez mais abrangente, instrumental, e também socialmente mistificada, escondida da visão crítica sob véus espessos de ilusão e ideologia (LEFEBVRE *apud* SOJA 1993, p. 65)”.

O indivíduo, então, se reconhece nesse processo, como também um produtor efetivo, deixando de perceber os tentáculos que o faz pensar dessa forma, para garantir a continuidade e propagação da ideologia dominante. Pensamos, pois, que no território do corpo, o indivíduo exerce uma espécie de poder aparente, construindo territorialidades fecundas de tendências, em sua maioria, estranhas ao indivíduo.

Dessa forma, o espetáculo se transforma em espetacularização, pois o indivíduo já não determina mais as fronteiras de suas territorialidades, quem as determinam também as impõem.

O espetáculo precisa ser libertado da espetacularização, que o controla e o domina. O espetáculo, que reúne espaço-tempo-ação, constitui-se numa expressão condensada de embates simbólicos que tocam dimensões subjetivas e cognitivas do poder. Neste sentido, a espetacularização pode ser refletida como impedimento do exercício do direito ao espetáculo. Um direito que, para o sujeito, corresponde ao direito de ser visto, lido e conhecido em seus próprios termos e, assim, com a máscara e o roteiro de sua escolha (RIBEIRO, 2010, p. 32).

Verificamos, nessa direção, que o corpo enquanto território possui uma pseudo-autonomia. O poder, que se manifesta como um elemento do território, não está verdadeiramente nas mãos do indivíduo, se desdobrando em territorialidades onde as fronteiras são delimitadas em desalinhamento com as aspirações do indivíduo.

Considerações finais

Pensar o corpo enquanto território pressupõe entendê-lo como uma dimensão política, formada por elementos internos e externos a ele, que estão em constante processo de interação. Assim, os embates entre esses elementos propicia a construção das (des)territorialidades, gerando novos confrontos e uma contínua (des)construção de concepções enraizadas no contexto histórico.

Nessa perspectiva, a conjuntura espaço-temporal pode ser percebida no corpo e no perfil de suas (des)territorialidades. Então, corpo, território, bem como as novas (des)territorialidades construídas pelos indivíduos, são resultado da contínua historicidade humana, onde o trabalho, aliado à técnica, transita como principal ferramenta de mudança.

É importante compreendermos que o sistema de ações corporais que se manifestam no palco histórico é permeado pelos ditames do poder vigente, que se consubstancia em uma espetacularização, onde o corpo perde autonomia, mediante a

instauração de limites inteligentemente diluídos em ideologias fortemente disfarçadas e poderosas.

Podemos, diante do exposto, deixar algumas interrogações importantes e necessárias, pois a mundialização das economias tende a alimentar a segregação e a perda de autonomia nos vários setores. Assim, como possibilitar a construção de fundamentos para a percepção do território do corpo como uma explicitação da autonomia do indivíduo? De que forma desconstruir as territorialidades oriundas da alienação e edificar pilares capazes de transformar os limites em fronteiras, onde a vontade do indivíduo seja o fator determinante?

Referências

CAVALCANTI, Diego Rocha Medeiros. **O surgimento do conceito “corpo”: implicações da modernidade e do individualismo.** CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 9, set./2005, p. 53-60.

FOCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. Universidade de São Paulo. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais.** 20 a 26 de março de 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** 3. Ed. São Paulo: Loyola, 1993.

LACAN, J. (1949). Le stalle du miroir comme formateur de la fonction du Je. **Écrits** (pp. 93-100). Paris: Seuil, 1966.

LORENZ, K. **A demolição do homem. Crítica à falsa religião do progresso.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Dança dos sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, Fabiana Dultra apud JACQUES, Paola Berenstein; BRITTO, Fabiana Dultra (Orgs). **Corpocidade: debates, ações e articulações.** Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** 11. ed. Rio de Janeiro:Record, 2008.

SOJA, Edgard W. **Geografias Pós-modernas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

WALLON, H. (1963). Comment se développe chez l'enfant la notion du corps *propre*. **Enfance**, 1-2, 121-150 [Pub. orig.: 1931].

EDUCAÇÃO FÍSICA E A INCLUSÃO - PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DE GRADUAÇÃO SOBRE A SUA FORMAÇÃO DOCENTE

Nailine Barbosa de Souza; UESB -- naai.souza@hotmail.com

Christiane Freitas Luna; UESB -

Tássia Pereira Alves

RESUMO: Um dos grandes entraves para que a inclusão ocorra de fato são as limitações da formação do corpo docente. A falta de qualificação adequada para atender às necessidades das pessoas com deficiência, de maneira a garantir-lhes o acesso e permanência a uma educação de qualidade sempre foi uma das grandes reivindicações, tanto dos grupos organizados, quanto dos próprios professores que se sentiam acuados diante da nova demanda de alunos. A formação em Educação Física em especial, sempre foi marcada por práticas excludentes, pois buscavam uma performance, aptidão, ou seja, um modelo que passou pelo higienista, eugenista e tecnicista. Diante de tal realidade e com os novos rumos da formação, permeada por política pública de inclusão, o presente estudo objetivou investigar a percepção dos alunos concluintes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia a respeito da formação sobre o universo da educação Inclusiva. A pesquisa é de abordagem qualitativa e utilizamos como instrumento para coleta de dados um questionário semi- estruturado. Foi percebido que eles se sentem razoavelmente preparados para uma experiência docente inclusiva.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Inclusiva; Formação Profissional.

Introdução

A Educação Física ao longo de sua história assumiu diversas funções e significados. De acordo com o Coletivo de autores (1992, pag. 50) ela surge para atender as necessidades sociais a fim de dar um entendimento do que delas se tem conhecimento.

Concebido com a nomenclatura de Ginástica datada no período do final do século XVIII e início do XIX, a Educação Física no berço do capitalismo, se configura a partir da ideia de arquitetar corpos rígidos e incorruptíveis, preparados para o combate, passível de ser adestrado e afeiçoado, excluindo deste quadro, a inabilidade ou despreparos de alguns, (RUSSO, 2008).

A ginástica considerada o conteúdo genuíno desta área do conhecimento era trabalhada nos âmbitos escolares por meio dos métodos ginásticos criado por médicos e fisiologistas europeus. As atividades desenvolvidas nas escolas eram reproduções do método ginástico aplicado nas Forças Armadas e era o conteúdo curricular básico das

escolas do Brasil. Só em 1939, com a criação de uma instituição superior para formar professores de Educação Física, é que se tem o primeiro modelo curricular nacional.

Trata-se de uma Educação Física entendida como atividade prática que, no Brasil, nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcadamente influenciada pelo pensamento médico-higienista, pelos métodos ginásticos europeus e pela instituição de caráter militar, responsável pela formação dos profissionais da área. Esta formação delineou, para a época, um perfil do profissional de Educação Física que o diferenciava dos demais profissionais do magistério.

Outra mudança que mostra uma perspectiva diferente na direção de deixar de ser uma formação eminentemente técnica, tendo uma preocupação com a inserção de conhecimentos discutidos como necessários a qualquer curso de licenciatura, é a inclusão de uma disciplina relativa à educação especial. Diante dos projetos de inclusão das pessoas com deficiência nas escolas regulares, processo intensificado na década de 1990 era preciso que um conhecimento específico pudesse ser tratado no decorrer da formação de professores na tentativa de melhor qualificá-los para o contato com pessoas com necessidades educacionais especiais.

Pensando na dicotomia entre a inclusão e exclusão no que tange a Educação Física no âmbito educacional, é pertinente destacar a importância de uma adequada formação afim de que se estabeleça práticas condizentes com as Diretrizes Curriculares Nacionais, as resoluções CNE/CP 1, de 18 de fevereiro de 2002, e CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002, as quais traz alguns avanços na concepção de um currículo mais flexível e ordenado com as aspirações de uma educação democrática e atenta a diversidade.

Portanto, ter uma formação adequada é saber ampliar o seu conhecimento cada vez mais. Ao pensar na formação do professor, este deve estar ciente da diversidade de pessoas encontradas no ambiente escolar, e a partir daí desenvolver estratégias de ensino diferenciadas, de maneira a garantir o conhecimento e aprendizagem a todos os alunos.

É de fundamental importância a fim de que, elementos como agilidade, velocidade, equilíbrio, ou seja, a busca apenas de um corpo perfeito e adestrado, seja discriminatória tanto pelo aluno quanto pelo professor, porque se mal trabalhados

podem potencializar a exclusão não somente dos indivíduos com deficiência, mas também no que se referem a gênero e raça (KAWASHIMA et al., 2008).

Dessa forma, é necessário avaliar este processo histórico da formação em Educação Física, o qual vem sofrendo modificações e elevando a característica de uma licenciatura atendida com as mudanças e os anseios sociais por um professor capaz de respeitar e saber produzir com as diferenças.

Para tanto, este trabalho busca responder a uma pergunta norteadora, que é: Qual a percepção dos alunos concluintes do curso de Licenciatura em Educação Física da UESB sobre sua capacidade de atuar em turmas inclusivas?

Diante de tal questão, para melhor organizar o trabalho traçamos o objetivo: Investigar a percepção dos alunos concluintes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia a respeito da sua formação sobre o universo da educação Inclusiva.

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa, onde foi possível perceber o sentimento dos sujeitos sobre seu futuro no mundo do trabalho diante de uma realidade possível que são as turmas inclusivas.

Percebemos que o sentimento apontado pelos alunos é de uma preparação ainda inadequada, pois apontam que se sentem razoavelmente preparados para a condução de uma turma inclusiva.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa foi desenvolvida pela linha de Educação Inclusiva do NEPEEL(Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Esporte e Lazer, UESB/ Jequié) tendo como sujeitos da pesquisa 23 discentes formandos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Para avaliar a percepção desses discentes em relação à capacidade de atuarem em turmas inclusivas foi aplicado um questionário contendo 10 questões que abordavam aspectos que fazem parte do processo de formação durante a graduação. Foi solicitado que os discentes não se identificassem, a fim de que as respostas fossem as mais reais possíveis.

Segundo Filho e Gamboa, (2009) a pesquisa desenvolvida em todas as dimensões do campo educacional e os diversos objetos de pesquisa requerem métodos que se adequem à natureza do problema pesquisado. Considerando a especificidade da

problemática apresentada, este trabalho se insere no campo da pesquisa qualitativa, em função da necessidade de discutir e melhor qualificar os elementos que envolvem o objeto de estudo, por já ter comprovada eficácia no tratamento de questões educacionais. A pesquisa qualitativa proporciona ao pesquisador o contato direto com seu objeto de estudo, de maneira que ele possa perceber os diversos aspectos que influenciam os acontecimentos, segundo o ponto de vista da comunidade estudada.

Resultados e discussão

De acordo com a tabulação dos dados foi possível perceber na primeira questão que, no que diz respeito aos conhecimentos aprendidos durante a formação a maioria dos discentes acreditam que o currículo trabalhou com os conteúdos sobre a pessoa com deficiência.

Na segunda questão, a maioria dos discentes afirmou que a disciplina Educação Física para Deficientes foi a que mais trouxe o conhecimento sobre o universo dos deficientes, disseram também que as disciplinas Natação, Handebol e Metodologia da Atividade Física abordaram em algum momento de suas aulas essa temática. Com isto Reis (2008) vem mostrar como é positivo trabalhar com a integração das disciplinas, porque com esse conceito de ensino os alunos são despertados para o conhecimento, porque aumenta a curiosidade, conseqüentemente melhora a atenção, favorecendo um maior aprendizado.

Na terceira questão, os alunos descreveram quais os espaços que participaram a fim de obter o conhecimento além das disciplinas, revelando uma maior participação em seminários, congressos, simpósios, etc. A formação continuada por parte dos professores torna-se relevante para se tenha novas concepções e estratégias de ensino, tecendo assim, um trabalho mais independente

Na quarta questão os graduandos apontam que, os professores abordam às vezes a questão da deficiência em seus temas específicos.

A inclusão dos deficientes é uma temática que tem ganhado maior abrangência atualmente, tanto na escola quanto nos outros espaços da sociedade, porém, muitas pessoas ainda não se atentaram para estas transformações paradigmáticas, as quais objetivam a valorização das diferenças e requerem da sociedade mudanças arquitetônicas e atitudinais.

Contudo, o processo inclusivo tem sido negligenciado por muitos docentes do ensino superior. Não sabendo os reais motivos que os cercam fazendo-os não buscarem o conhecimento a respeito dessa temática no âmbito educacional, esse descuido vem acarretando aos discentes uma formação precária em relação ao trato com os deficientes, no que se refere às práticas pedagógicas inclusivas que visam o ensino-aprendizagem dessas pessoas. Consequentemente, isto tem gerado professores despreparados para atuarem com esse público.

Na quinta questão, em complemento da anterior, os alunos abordam que os professores quando enfocavam essa temática em suas aulas trabalhavam através das vivências nas aulas práticas e nas realizações de visitas feitas às instituições de apoio aos deficientes.

Na sexta questão, no que se refere à experiência dos graduandos em atuar com deficientes a maior parcela teve esta experiência durante a disciplina de Estágio Supervisionado que se realiza na escola.

Na sétima questão nos foi revelado que a maioria dos discentes nunca trabalhou em turmas inclusivas, estabelecendo assim uma contradição, devido ao contato que se fez de maneira não didática.

Na oitava questão foi percebido que os discentes que manteve contato com turmas inclusivas, tiveram dificuldades no lidar com a deficiência, mas acreditando que a experiência foi de grande relevância para o seu processo de formação.

Na penúltima questão, os alunos acreditam que de maneira razoável a formação capacitou-os para atuar com turmas inclusivas.

Na última questão os alunos pontuaram os déficits metodológicos sentidos durante a graduação, sendo que a maioria sentiu falta de ter mais contato com o universo do deficiente, além de perceber que só a disciplina de Educação Física para deficientes não é suficiente para abordar um tema tão amplo.

Como se observa nos dados das questões, a maioria dos discentes se sente razoavelmente preparados para lidar com os alunos deficientes em suas aulas, ou seja, o currículo ainda não tem dado conta das demandas da formação do professor de educação física, mesmo com as discussões apreendidas nas apresentações de seminários, em aulas expositivas de outras disciplinas da grade curricular, bem como na disciplina específica que trata do universo do deficiente.

Considerações finais

As questões que cercam a problemática da Educação Inclusiva é um dos entraves da sociedade pós-moderna, visto que se analisarmos que é necessário oportunizar aos deficientes uma educação digna, sob outra ótica a materialização do conhecimento ainda encontra limitações.

Segundo os PCNs [...] a experiência sucessiva de fracassos e frustrações, acabam por gerar uma sensação de impotência que, no limite extremo, inviabiliza a aprendizagem”(idem, pag.30) é conveniente pensar em tal afirmativa no âmbito da educação inclusiva, uma vez que nem só de uma práxis bem sucedida vivem os educadores e os educandos, porque conviver no espaço escolar é confrontar-se com inúmeras dificuldades, pois lidar com o conhecimento episteme, seja num lugar social de alunos, seja num de professor é tarefa árdua, pois exige dedicação e comprometimento.

Em suma, ter uma grade curricular inter- relacionada se faz necessário, para que possa dar suporte à formação do professor de Educação Física de forma a facilitar a materialização da prática pedagógica nas turmas inclusivas. Juntamente a isto, cabe ao graduando também a mudança de comportamento, atitudes e visões estigmatizadas sobre o universo do deficiente.

O professor de Educação Física deve possibilitar à pessoa com deficiência um resgate da sua auto-estima favorecendo a aprendizagem como um todo, respeitando valores como dignidade, origem, condições de vida, etc.

Dessa forma, a inclusão é um processo que exige transformações, em todos os âmbitos da sociedade. Para tanto, é necessário que para promover a inclusão na escola, os conteúdos da graduação devem ser desenvolvidos de forma clara e responsável porque só assim o professor de Educação Física terá um conforto e segurança, o que possibilitará aos seus alunos com deficiência uma auto-segurança que se fará necessário para exercer a sua prática.

Esse estudo pode nos mostrar que o currículo da UESB, ainda não dá subsídios e estrutura suficiente para a prática do professor de Educação Física em turmas inclusivas, vimos também que somente uma disciplina específica com o tema da inclusão não favorece totalmente a atuação desses profissionais, é necessário que esse tema também seja trabalhado com as outras disciplinas de graduação, não se limitando somente a disciplina Educação Física para deficientes.

De acordo com os relatos apresentados, foi possível identificar que a graduação somente não dá suporte necessário para a intervenção desse profissional, e que a universidade deve repensar seu currículo para que possa atender de forma mais eficaz na formação desses futuros professores repensando sobre as estratégias que estão sendo utilizadas e os procedimentos metodológicos, favorecendo assim a prática desses professores no que se refere à inclusão.

Referências

Brasil. **Estatuto da Pessoa com Deficiência.** Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senadores/Senador/PauloPaim/pages/vida/publicacoes/textos/Estatuto%20da%20Pessoa%20com%20Defici%C3%Aancia%20Novo.pdf> Acesso em 07/07/2011.

BRASIL. **Parâmetros curriculares Nacionais- Educação Física: Ensino de Primeira a quarta série.** Brasília: MEC, 1998

COLETIVOS DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física-** (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor) São Paulo: Cortez, pag.50,1992. -

FILHO, José Camilo dos Santos & GAMBOA, Silvio Sanches (org.). **Pesquisa Educacional: quantidade-qualidade.** Coleção Questões de Nossa Época; v.42. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

KAWASHIMA ET al. **Educação Física escolar: o impacto do processo de inclusão. Revista Digital Efdeportes-** Buenos Aires - Ano 13 - Nº 119 , 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd119/educacao-fisica-escolar-o-impacto-do-processo-de-inclusao.htm> Acesso em 07/07/11.

LUNA, C.F. **EDUCANDO PARA A DIFERENÇA(Análise crítica do conhecimento sobre Pessoas com Necessidades Especiais (Pc/NE) nos currículos dos cursos de Educação Física).** 2005. Dissertação (mestrado em Educação). UFBA, 2005.

RUSSO, R. C.T. **O imaginário dos estudantes de Educação Física sobre pessoas com deficiência.** Campinas: PUC- Campinas, 2008. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2008-03-27T060103Z-1427/Publico/Renata%20Costa%20de%20Toledo%20Russo.pdf Acesso em 06/07/11.

SILVA, Tomás Tadeu. **Documentos de identidade.** Belo Horizonte: Autêntica,1999.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência física: a sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina.** Brasília: Secretaria dos Desportos/PR, 1991.



16 a 18 de Novembro de 2011

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS INOVADORAS

Cristiano de Sant`anna Bahia; UESC – cristianosbahia@ig.com.br

Mayllena Joanne Fernandes de Carvalho; UESC – may.edfisica@gmail.com

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência, cujo objetivo é relatar as possibilidades inovadoras vivenciadas na educação física escolar da Rede Estadual de Itabuna – BA, diante da inexistência do espaço físico pedagógico adequado às práticas corporais. A metodologia utilizada foi tipo indireta documental, por meio da coleta de dados dos relatórios e arquivos pessoais da própria pesquisadora. Os resultados apontam que é possível realizar práticas inovadoras por meio de oficinas pedagógicas interdisciplinares, mesmo diante da inexistência de espaços físicos adequados à educação física escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Espaço Físico; Inovações Pedagógicas.

Introdução

Com a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei n.º 9.394/96 a Educação Física passou a ser componente curricular da Educação Básica. A referida legislação reza em seu art. 26 - § 3.º, que “A educação física integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996).

Com o objetivo de legitimar e garantir que o componente curricular se tornasse obrigatório, em 12 de dezembro de 2001, o art. 26 - § 3.º da LDB foi modificado por meio da Lei 10.328, no qual foi inserindo a palavra “obrigatório” em sua redação. Em 1º de dezembro de 2003, o referido artigo sofreu mais uma alteração com a Lei 10.793 em que a “educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, sendo sua prática facultativa ao aluno, nos casos em que: “cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, maior de trinta anos de idade, estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física, amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969, (VETADO) e que tenha prole.

Embora posteriormente a 2001, a Educação Física tenha sido reconhecida como componente curricular obrigatório, adquirindo assim o status de componente curricular e não mais atividade física, estudos realizados por Damazio e Paiva (2008), tem

evidenciado ainda a inexistência de espaços adequados para a prática pedagógica docente.

Para o Coletivo de Autores (2009), a Educação Física é uma prática pedagógica que aborda formas de atividades expressivas corporais, como jogo, esporte, dança e ginástica, formas estas que representam uma área de conhecimento que chamamos de cultura corporal.

A partir desse contexto a Educação Física reconhece seu objeto de estudo e conhecimento próprios presente na cultura corporal do movimento alicerçando suas bases com características e conteúdos variados no interior da escola.

A exemplo do observado nos estudos de Damazio e Paiva (2008), a baixa disponibilização ou inexistência de espaços apropriados para as aulas de Educação Física, também foi evidenciada em uma escola da Rede Pública Estadual em Itabuna – BA, aonde não dispõe de quadra esportiva ou outro espaço físico destinado para realização de atividades físicas, senão um pátio; espaço insuficiente para o desenvolvimento de qualquer trabalho por interferir diretamente nas aulas de outras disciplinas tirando a atenção dos alunos por ficar próximo às salas de aula, impossibilitando, assim, as vivências corporais contempladas nos programas de Educação Física.

Embora a ausência de espaços apropriados para as aulas de Educação Física atuar como barreiras à prática pedagógica docente, conforme observado nos estudos de Sebastião e Freire (2009), como também vivenciados pela segunda autora deste estudo, pois as queixas dos alunos em relação às suas aulas eram constantes, principalmente devido o caráter eminentemente teórico da matéria e declaravam o seu anseio por aulas mais práticas, vislumbrou-se a necessidade de ações que amenizassem os prejuízos decorrentes da falta de espaços, optando-se pela criação de estratégias inovadoras.

Implementar ações inovadoras implica uma ação planejada com propósito de dotar de capacidade a organização, instituição ou sistema, para satisfazer aos objetivos que motivam a própria inovação. A inovação educacional se concretiza a partir das contribuições para superar os desafios presentes na escola, partindo da análise e reflexão que se faz do contexto sócio-cultural (TEIXEIRA 2010).

Portanto, propomos a seguinte questão para se refletir acerca dessa problemática: Como realizar atividades inovadoras em uma escola com ausência de espaço físico?

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo geral relatar as possibilidades inovadoras vivenciadas na educação física escolar de uma escola estadual de Itabuna – BA, diante da inexistência do espaço físico pedagógico adequado às práticas corporais.

Procedimentos metodológicos

Com o objetivo de conhecer o objeto de estudo foi realizada uma pesquisa documental do tipo indireta, por meio da ficha relatório e arquivos pessoais da própria pesquisadora, professora da instituição em que foi realizada a pesquisa. A ficha relatório é um modelo oferecido pela Secretaria Estadual de Ensino da Bahia com informações acerca dos dados da ação; detalhamento do projeto didático-pedagógico, elencando objetivos, conteúdos, descrição das atividades, recursos, dificuldades, aspectos inovadores, elementos superadores, sugestões e avaliação.

A partir desse contexto, tornou-se imprescindível a criação de novas estratégias de ensino. Partindo do próprio planejamento, foi realizada num primeiro momento, uma sondagem com os alunos dos conteúdos que eles gostariam que fossem trabalhados. Após sondagem, foram trabalhados os assuntos de interesses dos alunos com vistas às dimensões dos conteúdos, buscando desenvolver projetos a fim de conciliar os conhecimentos tratados no decorrer da unidade com o propósito de permitir ao aluno experimentar possibilidades inovadoras.

Os dados foram analisados e apresentados em forma de relato de experiência com a temática “Oficinas de Educação Física na Escola: o binômio Atividade Física e Saúde”, transcrito neste artigo científico.

Atividades realizadas

Historicamente, a professora vem realizando atividades que se destacam na escola pela condição da inexistência de espaço físico para as aulas de Educação Física, com a intenção de possibilitar vivências corporais aos alunos. O conteúdo é transmitido de acordo com o planejamento anual no decorrer de uma unidade, permitindo ao aluno experimentar essas vivências por meio de projetos.

Os conteúdos tratados tiveram como objetivos: conhecer práticas individuais saudáveis; realizar atividades físicas que não ultrapassem os limites das capacidades do corpo; trabalhar a corporeidade e suas contribuições para a formação humana; aplicar o

conteúdo 'lutas' nas aulas de Educação Física Escolar, desmistificando a relação de lutas com a violência;

As temáticas das oficinas contemplaram as dimensões dos conteúdos referentes ao que se deve saber (dimensão conceitual), ao que se deve fazer (dimensão procedimental) e como se deve ser (dimensão atitudinal) (ZABALA, 1998).

Para esta possibilidade pedagógica, intitulada Oficinas de Educação na Escola: o binômio Atividade Física e Saúde foram realizadas cinco oficinas (Ginástica: benefícios e riscos à saúde, Lutas, Corpo e mente, Corpo, Saúde e Beleza e Saúde na Escola), cujas atividades estão relacionadas ao objetivo de por em prática as estratégias metodológicas.

A oficina **Ginástica**: benefícios e riscos à saúde no âmbito escolar vislumbrou a ressignificação e a recontextualização do conteúdo ginástica e suas possibilidades, na dimensão conceitual, permitindo aos alunos compreender a evolução da ginástica, sua história, origem, conceitos e contexto de forma sintetizada, relacionar os conhecimentos de ginástica a outras práticas da cultura corporal; na dimensão procedimental pôde-se vivenciar alguns elementos da ginástica e dimensão atitudinal proporcionou aos alunos a valorização das manifestações corporais presentes na ginástica, bem como o respeito às diferenças entre os limites físicos individuais.

A oficina de **Lutas** objetivou erradicar a idéia da luta como atividade agressiva ou violenta, além de mostrar que é possível trabalhar lutas no ambiente escolar. Na dimensão conceitual propôs refletir sobre sua aprendizagem no âmbito escolar, estabelecer diferenças entre lutas e arte marciais, possibilitar debates sobre a questão da violência, das brigas e os enfrentamentos de torcidas organizadas, a formação de gangues, dentre outros. Na dimensão procedimental, buscou vivenciar diferentes movimentos e ritmos; situações de brincadeiras e jogos e momentos de expressão corporal. A dimensão atitudinal nas lutas visou respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não-violência; reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras.

A oficina **Corpo e Mente**, não tem a intenção de dicotomizar, nem tampouco fragmentar o ser humano; o corpo é único e não menos importante que a mente (DARIDO, 2005). Dessa forma, esta oficina pretendeu ampliar a visão de corpo para o aluno, no sentido de que ele se reconheça como um corpo e não apenas como um ser que possui um corpo. Os alunos devem conhecer técnicas alternativas das práticas

corporais relacionadas à Cultura Corporal do Movimento, dentro da dimensão conceitual. A dimensão procedimental trabalhou as possibilidades e limites do corpo, a exemplo da massagem e a automassagem na perspectiva da descoberta da sensibilidade do próprio corpo e do corpo do outro. Possibilitou também pensar sobre as vivências corporais, vivenciando-as considerando os limites corporais e realizar diferentes movimentos usando as partes do corpo mais adequadas para cada atividade.

A oficina **Corpo, Saúde e Beleza** buscou potencializar uma consciência corporal que fundamente a discussão sobre estereótipos e padrões de beleza corporal, bem como refletir sobre os interesses mercadológicos relacionados a essas questões; conhecer os princípios básicos da alimentação, bem como produtos e práticas alimentares; verificar e analisar como o corpo é representado pelo mercado foram procedimentos utilizados relacionando a influência da mídia na sociedade; refletir quanto ao corpo-objeto como parte integrante de uma qualidade de vida foi uma atitude utilizada dentro das dimensões dos conteúdos.

A oficina **Saúde na Escola** buscou disseminar ações sociais na escola no que se referem a conhecimentos glicêmicos, níveis de pressão arterial e vacinação, para que o aluno passe a ser agente multiplicador do processo. Dessa forma, o aluno pode conhecer os meios e as técnicas através das quais se monitora a sua saúde.

A escolha por Oficinas como estratégia pedagógica, além de contribuir para implementar uma feição nova ao trabalho de Educação Física na escola, serviu como uma resposta positiva a demanda dos alunos por aulas mais atrativas e práticas.

Aspectos inovadores

A metodologia utilizada para promover vivências aos alunos por meio de oficinas foi uma inovação pedagógica na tentativa de realizar aulas de Educação Física escolar, mesmo com ausência do espaço físico adequado, permitindo ao aluno experimentar outras possibilidades corporais.

Os conteúdos elencados foram trabalhados de forma interdisciplinar com a colaboração dos professores de biologia e química na análise do equilíbrio energético entre corpo e ambiente, além das questões de nutrição, produção de ATP e alterações bioquímicas no organismo, bem como conscientização de hábitos saudáveis. Para Ferreira (2005), o que caracteriza uma prática interdisciplinar é o sentimento intencional

que ela carrega, e não há interdisciplinaridade se não há intenção consciente, clara e objetiva por parte daqueles que a praticam. Acrescenta, ainda, que se aprende com a interdisciplinaridade que um fato ou solução nunca é isolado, mas sim consequência da relação entre muitos outros.

Possibilidades de superação

A motivação para realizar aulas inovadoras e mais dinâmicas, após uma década de regência nesta escola, transformou a ausência do espaço físico num desafio na busca de estratégias metodológicas.

A ausência de espaço físico é inegavelmente um grande entrave para a prática da educação física escolar, proporcionando a desmotivação dos alunos e professores diante das questões de infraestrutura e materiais (BENTO; RIBEIRO, 2008).

Esse relato de experiência não ignora a necessidade de se reivindicar, perante as autoridades públicas, providências para este problema. Não obstante essa carência apresenta a possibilidade de tornar real práticas corporais, mediante a capacidade que a professora da disciplina demonstrou em ver nos problemas apresentados, não um motivo para acomodar-se, mas antes, um estímulo para a busca de estratégias inovadoras que pudessem suplantar as dificuldades.

Para Bento (1998), é possível aplicar boas aulas de Educação Física mesmo em condições relativamente simples; a falta de estrutura física e material não pode justificar o trabalho pedagógico descompromissado.

Assim, a prática pedagógica da Educação Física sempre necessitará da superação do professor diante das condições ofertadas, entendendo como um processo dialético de construção de uma identidade legal e legítima da Educação Física Escolar.

Considerações finais

Cabe ressaltar, que os objetivos da pesquisa foram atingidos diante do cenário problematizador da unidade escolar, constatando as diversas possibilidades de condução didático-pedagógicas a serem desenvolvidas no ambiente escolar perante aos desafios impostos pelas condições estruturais.

A fim de que a pesquisa seja aprimorada tanto em seus aspectos relevantes, quanto nos seus elementos inovadores, apresenta como sugestões a interdisciplinaridade

e envolvimento de outras disciplinas; socialização do estudo com outras Unidades Escolares; promover mais encontros a fim de sensibilizar e conscientizar os estudantes para a necessidade de cuidados com a saúde; conscientização dos professores da possibilidade de desenvolver procedimentos inovadores, reconhecendo que a disciplina não se limita apenas a realização de torneios, e competições.

Contudo, uma infra-estrutura ideal possibilita vivências corporais consoantes com as danças, as ginásticas, as lutas, os jogos, entre outras possibilidades, favorecendo ao aluno, parte principal desse processo de desenvolvimento, consciência da sua forma de pensar, agir e sentir, desenvolvendo e elevando suas funções psíquicas superiores.

Assim, acreditamos que esse relato em forma de artigo responde à problemática “Como realizar atividades inovadoras em uma escola com ausência de espaço físico?”, contribuindo para reflexões e futuras pesquisas mais aprofundadas no que tange a diversificação dos conteúdos e metodologias, transpondo as barreiras e dificuldades de espaços específicos para as aulas de Educação Física, além de romper com a idéia tradicional de ensino nas aulas da disciplina.

No entanto, apesar das diversas possibilidades de adaptação dos ambientes disponíveis na unidade escolar, percebemos que é preciso uma conscientização e uma política de atuação por partes das autoridades competentes para que seja validado o direito de todo estudante matriculado em instituição pública ou privada de ensino à realização de práticas corporais.

Referências

BENTO, J. O. **Planejamento e avaliação em Educação Física**. Lisboa: Livros horizonte, 1998.

BENTO, L. C. M.; RIBEIRO, R. D. As aulas de Educação Física na concepção dos alunos de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental da cidade de Indianópolis, MG. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XX, n. 31, p. 354-368, dez./2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei n.º10.793, de 1.º de dezembro de 2003. **Presidência da República – Casa Civil – Subchefia de Assuntos Jurídicos**.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.793.htm.

Acesso em 28 de agosto de 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.



16 a 18 de Novembro de 2011

DAMAZIO, M.S.; PAIVA, M. F. Educação Física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, n.11 v.2, p.197-207, maio/ago, 2008.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FERREIRA, S.L. **Introduzindo a noção de interdisciplinaridade**. In: Fazenda, I.C.A (Coord.). Práticas interdisciplinares na Escola. 10.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TEIXEIRA, C.M.F. **Inovar é preciso: concepções de inovação em educação**. (na linha comunicação, educação e tecnologia). 2010. Não paginado. Tese (Mestrado em Educação) –, UDESC, [S.I.], 2010.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. Utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **Pensar a prática**, 12/3: 1-12, set./dez. 2009.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

EDUCAÇÃO FÍSICA PRESENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: EXPRESSION E SABERES CORPORAIS

Alda de Jesus Sousa Nascimento; FSBA – alda.jesus@gmail.com

Leiliane Felício da Silveira; FSBA – lia.felicio@gmail.com

Régila da Silva Coelho; FSBA – regila@hotmail.com

João Danilo Batista de Oliveira

RESUMO: O estudo trata da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como perspectiva de garantia do direito ao corpo, ao domínio da cultura corporal e a expressão corporal como forma de linguagem. Objetivou-se com o estudo: a) Realizar um módulo de atividades tendo como eixos centrais saberes relacionados aos elementos da cultura corporal; e b) Relacionar os saberes corporais e a expressão corporal dos estudantes durante as aulas. Tratou-se de um estudo de natureza qualitativa, de cunho exploratório, com as turmas do Estágio 6 e 7, do Instituto Social da Bahia – ISBA, em Salvador. Foram realizadas 8 aulas, 4 em cada turma, registradas em um Relatório de Campo. Os achados dão conta de que, na escola, as aulas de Educação Física são o espaço-tempo onde os estudantes tem liberdade de expressar sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões através da vivência dos conhecimentos da Educação Física, a cultura corporal, devendo assim ser oportunizada a todos.

Palavras-chave: Educação Física; EJA; Expressão Corporal.

Educação Física na EJA: um desafio enfrentado desde a graduação

O enfrentamento é uma das demandas do nosso tempo, e a área da Educação Física com seus intelectuais, professores e pesquisadores, não pode ignorar a necessidade do debate culminando na produção científica acerca do direito ao corpo, às práticas da cultura corporal e à expressão corporal como forma de linguagem. A necessidade de apontar possibilidades para a superação das concepções de Educação Física, para definir seu objeto de estudo e sua função no âmbito escolar, que de forma explícita ou subliminar, dá sustentação a assertiva da facultatividade do acesso às aulas de Educação Física a estudantes do turno noturno, presente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação artigo 26º, § 3º que, “A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (BRASIL, 1996). Corrobora para esta afirmação a Lei 7692/88 no seu artigo 1º quando considera:

- a) ao aluno que comprove exercer atividade profissional, em jornada igual ou superior a 6 (seis) horas;
- b) ao aluno maior de 30 (trinta) anos de idade;
- c) ao aluno que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em outra situação, comprove estar obrigado à prática de Educação Física na Organização Militar em que serve;

- d) ao aluno amparado pelo Decreto-Lei nº1.044, de 21 de outubro de 1969¹¹;
- e) ao aluno de curso de pós-graduação; e
- f) à aluna que tenha prole (BRASIL, 1988).

O que pensariam, pais, mães, familiares e a sociedade em geral se essa visão fosse válida para as aulas de português, matemática, geografia, ciências? A tese que explica a exclusão é a do empobrecimento de sua compreensão presa às influências históricas que a área sofreu vindas da hegemonia do olhar biologicista, que reduz a aula de Educação Física à prática de uma atividade física e dicotomiza corpo-mente, como afirma Basei (2008), desconsiderando a importância do corpo como parte fundamental do processo de conhecimento.

Confrontando-se a essa perspectiva a área acumulou ao longo das últimas três décadas outra forma de ver corpo e as suas experiências de movimento, não que não lhe interesse mais as contribuições das ciências naturais, mas colocando-se diante da necessidade de superação de sua condição de exclusividade e primazia.

De acordo com Vago (2010), a escola deve exercer, na sociedade atual, uma função essencial ao se constituir como instituição designada socialmente para transmitir/construir/reconstruir um patrimônio cultural de uma geração a outra. A escola é lugar de transmitir, de circular, de produzir e de transformar a cultura.

A partir da obra do Coletivo de Autores (1992) - *Metodologia do ensino da Educação Física*, podemos concluir que, ao se refletir sobre a cultura corporal, para que o homem e a realidade sejam entendidos em sua totalidade, a expressão corporal se torna uma linguagem. Assim, a Educação Física da qual falamos é destinada a integrar/introduzir crianças, jovens, adultos e idosos a uma dimensão da cultura que é produzida em torno do corpo, do movimento e suas expressões corporais como forma de linguagem. A Educação Física se configura como uma área que trata do conhecimento denominado cultura corporal e assim se apropria dos jogos, da ginástica, da dança, das lutas e dos esportes para desenvolver nas aulas, vivências e reflexões que visam ampliar os conhecimentos dos estudantes em seus vários aspectos. A ampliação desses conhecimentos poderá influenciar os estudantes, a novos experimentos e/ou releituras dos elementos já instituídos pela sociedade (criação de novos jogos, diferentes organizações estruturais dos esportes), tratando durante as intervenções de problemas sócio-políticos.

Percebendo como são incipientes as produções e intervenções pedagógicas da área na escola em turno noturno e também no Programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), mesmo que em caráter experimental, desde a graduação começamos a nos inserir nesse contexto, inicialmente no estágio curricular obrigatório do curso de Educação Física.

¹¹ Dispõe sobre a forma como se deve tratar a educação dos alunos considerados excepcionais (portadores de afecções).

A partir dessa primeira experiência, ouvimos os estudantes questionarem a ausência da Educação Física na grade curricular do curso, quando através de suas falas demonstram a necessidade da vivência da cultura corporal como um meio de descoberta das possibilidades/habilidades e do direito a expressão destes corpos jovens, adultos e idosos. Motivadas a desenvolver no curso de Especialização em Metodologia do Ensino e da Pesquisa em Educação Física e Esporte Escolar uma investigação mais aprofundada do tema, através da intervenção da Educação Física, partimos das seguintes questões: De que forma pode-se tematizar o conteúdo da cultura corporal, em aulas de Educação Física na EJA? E como os estudantes da EJA se expressam corporal e oralmente durante as aulas?

Estabelecemos como objetivos: a) Realizar um módulo de atividades com estudantes da EJA, tendo como eixos centrais os saberes relacionados aos elementos da cultura corporal; e b) Relacionar os saberes corporais e a expressão corporal dos estudantes durante as aulas.

A EJA surgiu no Brasil com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio para as pessoas que estavam fora da idade escolar. Uma das principais referências para a educação de jovens e adultos segue as ideias e metodologias Freireanas. Para Freire (1987), a alfabetização deste público deve ser feita com base na sua leitura do mundo, na compreensão do papel que cada um desses jovens e adultos exerce e ocupa em nossa sociedade. Essa metodologia tem como objetivo a conscientização e não apenas a alfabetização dos estudantes, levando em conta a natureza política da educação, a libertação do oprimido, dando-lhes meios para transformar a realidade em que vivem, papel de todas as disciplinas, inclusive, da Educação Física.

Segundo Basei (2008), o corpo fala, pensa e sente, e também se expressa a partir de influências socioculturais de acordo com o meio onde está inserido. “É uma linguagem que não mente [...]” (WEIL; TOMPAKOW, 1986, p. 7).

Reiterando as afirmações, Mattos e Neira (2004), destacam que somos e não apenas temos um corpo. E é com ele que nos relacionamos com o mundo e com o outro. Considerado por Vago (2010) como “o maior de todos os direitos” (VAGO, 2010, p. 320), o corpo, em geral não está incluído nos currículos da EJA. A escola se torna o espaço onde estudantes terão consciência de que as relações sociais, dentro e fora dela, se dão através das:

Experiências do corpo. Experiência no corpo. Experiências com o corpo. Experiência de realizar, potencializar e expandir o humano direito ao corpo. Experiências de sociabilidade entre os humanos. Experiência de usufruir do direito às criações culturais dos humanos com seus corpos (os jogos, os brinquedos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as ginásticas, a capoeira, dentre outras) e direito à sua (re)invenção permanentemente. (VAGO, 2010, p. 321).

Os estudantes da EJA estão em momentos distintos de suas histórias. Suas experiências divergem em ser adulto, ser jovem, ser adolescente, e até mesmo ser idoso. Nas discussões de Vago (2010), o ensino da Educação Física tem o desafio de se organizar em torno destas experiências, na busca de “respeitar, qualificar e enriquecer as formas próprias de expressão, de sensibilidade, de sociabilidade, de interpretação, de linguagem, de que estes diferentes protagonistas são portadores” (VAGO, 2010, p. 320).

Procedimentos metodológicos

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, de cunho exploratório, de modo a proporcionar às pesquisadoras e aos interessados no tema, maior familiaridade das questões que o envolvem. Como procedimento técnico trata-se de um estudo de caso, por estudar detalhadamente poucos objetos.

O estudo foi realizado com estudantes do Estágio 6 e do Estágio 7 do Programa de Educação de Jovens e Adultos, do Instituto Social da Bahia – ISBA, em Salvador. Os estudantes participaram, de forma voluntária, mediante leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A coleta de dados foi feita durante 8 aulas, 4 em cada turma, com duração de 50 minutos. As aulas, ministradas pelas autoras desse estudo resultou em um Relatório de Campo. Ao final de cada intervenção, discutíamos as facilidades e dificuldades para a coleta de dados. Para que pudéssemos perceber a realidade da expressão corporal dos estudantes, foi preciso, além das anotações, filmar e fotografar as aulas para posterior avaliação.

O conteúdo escolhido para as intervenções foram os jogos e brincadeiras, por acreditarmos ser um conteúdo onde se expressa a realidade dos seres em sociedade, planejados para serem vivenciados primeiramente de forma individual e depois coletiva, no intuito de facilitar a observação da expressão e saberes corporais dos estudantes envolvidos neste estudo. Ao final de cada aula, convidamos os estudantes para uma reflexão sobre o conhecimento apresentado e adquirido.

Na última intervenção, foi entregue às duas turmas um questionário, constando de seis perguntas abertas e fechadas, que tratava da opinião dos estudantes sobre as atividades propostas, sobre as reflexões após as atividades e sobre a importância da Educação Física nos currículos do programa.

“A fala dos corpos nas aulas de Educação Física”

Vários autores afirmam que o corpo fala e se expressa através dessa linguagem corporal. Os estudantes demonstravam, no primeiro momento, olhar desconfiado e resistência ao novo,

afinal não tiveram contato com a Educação Física, por estarem fora da escola até este momento de suas vidas. Depois desse primeiro momento, estavam sempre envolvidos nas atividades. De acordo com Basei (2008), o corpo fala, pensa, sente e se expressa, de acordo com o meio em que se encontra inserido.

Durante as intervenções foi possível perceber que nas duas turmas alguns estudantes ainda veem o outro como adversário, são mais competitivos, mesmo não sendo usados os termos disputa e equipe vencedora durante as intervenções. João e Brito (2004), afirmam que criar “situações problema que beneficiem o desenvolvimento auto reflexivo” (JOÃO; BRITO, 2004, p. 269) durante a aula e para fora dela, como pudemos observar durante nossas intervenções, faz parte da prática pedagógica como um procedimento transformador. Em vários momentos observamos que os estudantes agiam de forma desorganizada e agitada nas atividades, mas no momento das reflexões, expressavam suas opiniões, reconhecendo sua maneira de se comportar durante os jogos, de ver e de estar com o outro. Isso ainda se coaduna com as ideias de João e Brito (2004), ao acreditar que “[...] a intervenção prematura/determinista do professor pode limitar a amplitude da experiência, do mesmo modo que a intervenção atenta pode expandir novas possibilidades” (JOÃO; BRITO, 2004, p.267). Os estudantes puderam reconhecer seu corpo e ter consciência das relações estabelecidas entre o ele e o meio, propiciando assim, manifestações de ordem cultural, artística e educacional.

Para González e Fensterseifer (2005), o corpo é a referência de todos os tipos de linguagem, como a falada, a escrita, incluindo a gestual, das roupas, a plástica, a até a silenciosa, possibilitando assim, a nós professores, a leitura do corpo dos estudantes como um texto. Durante nossas intervenções, notamos mudança na forma de vivenciar corporalmente o conteúdo apresentado, estudantes que se restringiam em observar, se permitiram participar. Os autores completam que, “a linguagem é produtora de sentido, de significado” (GONZALEZ; FENSTERSEIFER, 2005, p. 268). O significado da aula de Educação Física, que no início da pesquisa era o da atividade corporal cansativa, até enfadonha, agora era entendida como momento de liberdade, de construção e reconstrução do conhecimento. João e Brito (2004), afirmaram em seu estudo que “não organizando bem as sensações teremos também dificuldade de entendê-las e de expressá-las com consciência” (JOÃO; BRITO, 2004, p. 268).

Ao analisarmos as respostas ao questionário, concordamos com Basei (2008), quando afirma que é através do movimento que o corpo fala, cria e aprende, expressando-se por meio de gestos, que são ricos de significado e de intencionalidade. Através da experimentação, o diálogo corporal assume uma ação de movimento que engloba sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões, motivos para a promoção da emancipação dos sujeitos envolvidos. Para Mattos e Neira (2004) o homem por estar inserido em um determinado contexto social, possui diferentes

16 a 18 de Novembro de 2011

formas de se comunicar corporalmente, esta fala corporal se modifica de cultura para cultura. Uma instituição de ensino é vista como um pequeno pedaço do mundo exterior a ela. A forma de se expressar em seu interior pode nos dar pistas de como os estudantes leem o mundo e se inserem nele, como o representam através de sua linguagem corporal que é única.

Cabe aqui destacar que, diante da análise dos vídeos e fotos se evidenciou uma progressiva evolução aula a aula. Onde no primeiro momento, a maioria, apesar de se mostrar receptiva ao novo e muito curiosa pelo que fariam nos encontros posteriores, na hora da ação se apresentavam inseguros e por vezes defensivos a ponto de não se permitir participar. Gradativamente os estudantes foram se entregando ao projeto, participando das reflexões que iam além do espaço de aula. O que se confirma nas colocações de Mattos e Neira (2004), que ressaltam que a comunicação corporal entre indivíduos tende a acontecer quando estes tem a consciência de seus corpos sensíveis, repletos de vontade e intenções. Com o decorrer das intervenções, o grupo de estudantes participantes foi ampliado por mudarem sua forma de ver e viver a Educação Física, não mais a compreendendo como atividade física, apenas.

Considerações finais

Pretendemos com este estudo, tratar do ensino da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos (EJA), como perspectiva de garantia de direito ao corpo, ao domínio da cultura corporal e à expressão corporal, como forma de linguagem produzida historicamente pela sociedade. Nós professores podemos transformar o espaço de aula em espaço de diálogo crítico da realidade, de conscientização, do reconhecimento da necessidade e do não-conformismo.

Realizamos o módulo de atividades no segmento da EJA, em uma escola em que Educação Física não é ofertada, assim os alunos, em sua maioria, não tinham vivenciado esta disciplina, seus saberes corporais se limitavam aos conhecimentos da cultura popular e midiática, se conformando em ser consumidor e não se reconhecendo como produtor de cultura.

Os achados dão conta de que as aulas de Educação Física são o espaço-tempo onde os estudantes tem liberdade de expressar sensações, sentimentos, pensamentos e reflexões, por meio da vivência dos conhecimentos da Educação Física, devendo assim ser oportunizada a todos, independente da idade, classe social, história de vida, moradia, cultura, etc.

Encontramos ainda, neste estudo, resultados empíricos que nos levam a acreditar na necessidade da inserção da disciplina Educação Física no segmento da EJA por estar inserida na Educação Básica, carecendo de posterior aprofundamento teórico.

Referências

BASEI, A. P. A educação física na educação infantil: a importância do movimentar-se e suas contribuições no desenvolvimento da criança. **Rev. Iberoamericana de Educación**. n.47/3, out. 2008. p. 1-12.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 11 abril de 2011.

_____. **Lei n. 7.692, de 20 de Dezembro de 1988 – Casa Civil**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/Leis/L769>. Acesso em: 15 junho de 2011.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. 84 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 28 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.
GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papirus, 1994. 196 p.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 424 p.

JOÃO, R. B.; BRITO, M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp**, São Paulo, v.18, n.3, p.263-72, jul./set. 2004.

MATTOS, M. G.; NEIRA, M. G. **Educação Física na adolescência: construindo o conhecimento na escola**. 3ª reimpressão. São Paulo: Phorte Editora, 2004.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

VAGO, T. M. Educação Física e a cultura escolar: notas de reflexão. In: SANTOS, L. L. C. P. (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 311-324.

WEIL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis: Vozes, 1986. 278 p.

EDUCAÇÃO FÍSICA, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CURRÍCULO: UM ESTUDO SOBRE AS INTERFERÊNCIAS A PARTIR DO LAZER - EDUCAÇÃO

Luciene Ferreira da Silva; FC-UNESP/ GPL – UNIMEP - lucienebtos@ig.com.br

José Carlos de Almeida Moreno; UNIFEB/GPL–UNIMEP - profcacau@ig.com.br

RESUMO: O potencial do lazer educação não é explorado adequadamente pela Educação Física escolar e temos como hipótese neste estudo que isso decorra em do processo de formação em nível de graduação, em cursos de Licenciatura. Como na atualidade esses cursos passaram recentemente, ou ainda passam por processo de reformulação curricular, objetivamos pesquisar “o espaço” ocupado nos currículos, por disciplinas e conteúdos voltados aos estudos do lazer e sua relação com a educação, através das grades curriculares, visando preparação do licenciado. Por tratar-se de uma pesquisa predominantemente qualitativa serão utilizadas pesquisas bibliográficas e documentais com o intuito de captar elementos que permitam visualizar se a preparação oferecida é suficientemente adequada para interferências qualitativamente superiores, com o lazer – educação, por licenciados em Educação Física. Pressupomos que a formação não tenha sido adequada até o momento, mas vislumbramos que a partir da legislação atual tenha havido possibilidades de alterações significativas nas formas de visualização do fenômeno lazer e na relação que possui com a educação.

Palavras-chave: Formação Profissional; Educação Física; Lazer .

Introdução

O objetivo desta pesquisa é compreender na atualidade, o processo de formação de licenciados em Educação Física, entendendo ou assumindo a (as) disciplina (s) curricular (res) que lidam com o lazer-educação ou outras que abordem os jogos, as brincadeiras, enquanto importante (s) e necessária (s) para a formação dos sujeitos, para compreensão que se dá ao “furto do lúdico” na atualidade, na sociedade, por conta do contexto sociocultural e econômico.

Também pela própria história da disciplina recreação e lazer em cursos de Licenciatura em Educação Física, esta pesquisa se justifica, já que em muitos momentos esta disciplina se atrelou a um “praticismo” (ISAYAMA, 2005).

Para se atuar com a Educação Física escolar no Brasil, hoje, há necessidade de uma formação em curso superior – na modalidade Licenciatura, seguindo legislação própria do Conselho Nacional de Educação / Câmara Plena, através das Resoluções n. 01 e n. 02, ambas de 2002.

Mas, cabe lembrar que os cursos de Licenciatura em Educação Física brasileiros possuem uma trajetória sinuosa que culminou na atualidade, com um processo duplo de formação, que segundo determinações legais devem ocorrer separadamente. Ou seja, há possibilidade de se cursar Licenciatura em Educação Física e ser professor do ensino formal e de se cursar Bacharelado para se atuar como profissional de Educação Física em outros setores da sociedade, exceto na área escolar (OLIVEIRA, 2006).

Como a Recreação e Lazer, ou a Recreação, ou Atividades Recreativas, ou outras disciplinas historicamente concebidas se constituíram em componentes dos currículos de cursos de Educação Física – Licenciatura, no modelo regido pela Resolução 03/87 anterior às vigentes na atualidade, que se voltava para a escola, mas que se possibilitou uma formação “generalista”, englobando conhecimentos que não serviam para a educação escolar e deixando espaços para o não aprofundamento na área educacional, tivemos como propósito nesta pesquisa visualizar o quadro curricular atual, que se configurou após as reformulações curriculares que se operaram, tendo como foco as disciplinas que lidam com o Lazer – Educação, nos currículos dos cursos Educação Física, das Instituições de Ensino Superior Públicas Estaduais de São Paulo.

Como se tratou de um estudo abrangente sobre a configuração da formação de licenciados em Educação Física não se perdeu de vista se:

Houve abertura suficiente para mudanças, para melhoria da formação de educadores na área de Educação Física?

Os órgãos (Colegiados/Conselhos/Coordenações) responsáveis pelas alterações curriculares dos cursos se apropriaram dos avanços dos estudos do lazer e do lazer – educação para reformulação/alteração dos Projetos Pedagógicos?

O Lazer – Educação nos currículos está sendo abrangido, de modo a contribuir para a formação de educadores comprometidos com a humanização do processo educacional e recuperação do lúdico?

Procedimentos metodológicos

A pesquisa se caracteriza como qualitativa, teve caráter exploratório com análise documental dos currículos dos cursos de licenciatura em Educação Física, das Universidade Públicas do Estado de São Paulo (UNESP, UNICAMP e USP) à luz dos

estudos realizados sobre o lazer, o lazer- educação, a formação profissional de professores de Educação Física (GIL, 1999).

Para isso foram abordados temas relativos à formação profissional em Educação Física e Lazer, o Lazer, o Lúdico a Educação e a Educação Física, os Aspectos Norteadores em Educação e Lazer e a Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a Educação, o Lazer, a Saúde e a Sociedade.

Os dados foram coletados a partir dos projetos pedagógicos dos cursos. Foram estudados integralmente, porém com vistas a não se perder o foco do estudo foi necessário o levantamento de indicadores que possibilitassem a análise predominantemente qualitativa sobre a problemática apresentada e o objetivo da pesquisa, qual seja, visualização do lazer – educação no processo de formação básica, em nível de graduação dos cursos de Licenciatura em Educação, das Universidades Públicas Estaduais do Estado de São Paulo.

Os Projetos Pedagógicos dos Cursos foram fornecedores de ricos elementos de análise e observação sobre o processo de formação de licenciados em Educação Física, nas Universidades Estaduais Paulistas. Principalmente porque esta análise não se fez de forma esvaziada, sem um direcionamento, um questionamento, um “chão”. Os estudos foram realizados tendo o desenvolvimento histórico em Educação Física como pano de fundo, não visto de forma estática, mas, móvel e passível de ser interpretada via modelos sócio políticos e das Políticas Públicas Educacionais, bem como de formação de educadores e de Educação Física.

Resultados e discussão

No Brasil, desde a Constituição Federal de 1988, o lazer se constitui em direito de todos os cidadãos. Também as constituições estaduais e leis orgânicas de municípios brasileiros asseguram esse direito (BRASIL, 2007).

Para Marcellino e Ferreira (2005), embora seja uma “garantia”, esta situação, por motivos que vão desde a hierarquia da valorização historicamente seguida entre as áreas que compreendem a esfera de gestão pública, até a cultura sobre a compreensão do lazer, que se dá mediante a produção científica na área, e o desenvolvimento educacional, econômico e político, não se materializa a contento.

Marcellino (2008), ao estudar o tema políticas públicas de lazer, desenvolveu artigo sobre subsídios para a implementação destas políticas. Para esse renomado pesquisador brasileiro, o lazer tem sido visto enquanto fenômeno reduzido, ao ser abrangido como um de seus conteúdos culturais, descritos por Dumazedier (1980) e que compreendem os interesses manuais, artísticos, intelectuais, físico – esportivos, entre outros.

Assim, este autor manifesta que o lazer, se reduzindo a um ou mais conteúdos não é compreendido de forma a alcançar amplamente a comunidade, através de políticas públicas municipais, estaduais ou federais, junto à saúde, Educação, desenvolvimento econômico e sócio-cultural, fator de transformações sociais e gerador de qualidade de vida.

Marcellino (2008) constata que o divertimento e o descanso no senso comum são os termos mais atribuídos ao lazer, deixando-se de lado o desenvolvimento pessoal e social. Nesse caso, fica claro que se trata de um fator cultural e como tal, ligado à Educação de maneira geral e mais especificamente à educação para o lazer.

Nesse sentido, Marcellino (2000) considera o duplo aspecto educativo do lazer como objeto e como instrumento, e aqui nos ocorre ser central discutir a Educação enquanto processo muito mais amplo do que aqueles ligados ao acesso aos conhecimentos acumulados, ou à instrumentalização para o mundo do trabalho.

Segundo Marcellino (2008), para o desenvolvimento pessoal e social já abordados aqui, cabe observar a interface necessária com as políticas públicas de Educação, Saúde e Promoção Social, não se restringindo a uma política de atividades, mas a uma política de possibilidades que vai desde os equipamentos de lazer, a distribuição destes, a gestão dos projetos e os profissionais atuantes, que não compactuem com a chamada “indústria cultural”, que se manifesta no lazer enquanto mercadoria, mas com outra que ajuda na percepção da realidade vivida.

A política educacional não deve ser concebida separada ou independente do lazer, como também não o podem, as políticas econômicas, de saúde e de segurança. No estudo de Marcellino (2008), este revela que sempre houve a necessidade de conexão dessas expressões ao lazer para que este tivesse uma conotação mais aceita socioculturalmente, o que não é mais admissível na atualidade, pois se colabora dessa forma para a disseminação pouca objetiva do conceito ou entendimento do lazer que

“ora é serviço, ora departamento, ora setor, ora secretaria, etc., dividindo espaço, ou melhor, sobrepondo espaço, o que é muito mais grave, ora com Educação, Cultura, Turismo, Esporte, Recreação, etc...” (p. 23).

Alerta também o autor de que esta política tem que incluir a oportunidade de discussões dos vários setores sociais, câmaras, sindicatos, entidades de classe, entre outros que podem garantir mais qualidade à proposta para atendimento de crianças e adolescentes.

Quanto aos idosos, escreve Pinto (2008) que o Estatuto do Idoso, de 01 de outubro de 2003, prevê estímulo ao lazer visando melhoria da qualidade de vida e a participação comunitária.

Em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, 2000, a autora em seu artigo, esclarece que à Educação Física, se incumbiu de cuidar da educação corporal,... “nela considerando a educação para a participação lúdica no lazer (PINTO, 2008, 90).

Seria negligente não expor aqui que em 1997, a Resolução n. 218 reconheceu os profissionais de Educação Física como profissionais da área da saúde, vista sob a ótica holística e interdisciplinar, visando a prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde (BRASIL, 1997).

Nesse caso, há forte dependência da esfera onde se farão as propostas de implementações de políticas setoriais que tenham o enfoque assumido ao longo do artigo. Mas, num país com extensão territorial como a do Brasil e tamanha diversidade sociocultural há possibilidade de políticas municipais ou estaduais se efetivarem de maneira mais ordenada, para o alcance dos objetivos propostos.

Considerações finais

O estudo favoreceu à compreensão de que após as reformulações curriculares dos cursos pesquisados, em torno de 60% deles exploraram a legislação em favor de uma preparação profissional mais abrangente, disciplinar, interdisciplinar e humana para se atuar com a Educação Física na escola, não cabendo aqui uma discussão mais aprofundada.

Também se considera que há necessidade de um conjunto de interferências acadêmico - profissionais que acelerem o processo de conhecimento do lazer e que se

16 a 18 de Novembro de 2011

faça na formação no Ensino Superior e também por meio de políticas públicas abordadas de forma indissociada, havendo um intenso movimento de valorização da Educação e da Saúde no Estado de São Paulo, rompendo gradativamente com o processo de educação instrumentalizadora para o trabalho e de saúde curativa.

A Educação para o lazer deve estar na pauta da Educação Física escolar, quando nas aulas pode proporcionar a vivência do lazer – educação e o entendimento dele, bem como do tempo social, da atitude para o lazer, da saúde e da educação para a vida plena.

O lazer – educação em cursos de licenciatura precisa ser mais bem disseminado no interior das instituições, pois, as restrições quanto ao seu entendimento cria preconceitos comuns aos verificados no ambiente não – acadêmico.

Por fim, nas universidades paulistas há carência de docente-pesquisadores estudiosos da área, necessitando de ampliação dos quadros.

Referências

BRASIL. Congresso Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

_____. CONSTITUIÇÃO: República Federativa do Brasil. Brasília : Senado Federal. Centro Gráfico, 1988.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n 01, de 18 de fevereiro de 2002^a. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Seção1, p. 8.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP n 02, de 19 de fevereiro de 2002^b. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 mar. 2002. Seção1, p. 9.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES n 07, de 31 março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física, em nível superior de graduação plena. Diário Oficial da União , Brasília, DF, 5 abr. 2004. Seção1, p. 18.

DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. São Paulo : Perspectiva, 1976.

_____. Sociologia empírica do lazer. São Paulo : Perspectiva, 2001.

_____. Valores e conteúdos culturais do lazer. São Paulo: SESC, 1980.

FERREIRA, Marcelo Pereira de Almeida; MARCELLINO, Nelson Carvalho, (Org.). Brincar, Jogar, Viver: Programa esporte e lazer da cidade. Volume 1, n. 1, Brasília: Ministério do Esporte/Editora Total, 2007..

16 a 18 de Novembro de 2011

FRANÇA, T. L. de. *Educação para e pelo lazer* In: MARCELLINO, N.C. (Org.) *Lúdico, Educação e Educação Física*. Ijuí : ed. UNIJUÍ, 1999.

GIL, J. *Metodologia da pesquisa*. São Paulo: Vozes, 1999.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

ISAYAMA, H. F. O profissional da Educação Física como intelectual: Atuação no âmbito do lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). *Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte*, Campinas: Papirus, 2003.

_____. Um olhar sobre a formação profissional no lazer. *Licere*, Belo Horizonte, v. 08, n. 01, p. 11 a 19, 2005.

LIBÂNEO, J. C., et. al. (Org.) *Educação escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo : Cortez, 2007.

MARCELLINO, N. C. *Pedagogia da animação*. 3 ed. Campinas : Papirus, 1990.

_____. Nelson Carvalho. *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. *Lazer e educação*. 12 ed. Campinas : Papirus, 2007.

_____. Nelson Carvalho (Org.) *Políticas públicas de lazer*. Campinas: Editora Alínea, 2008 (Coleção estudos do lazer).

OLIVEIRA, A. B. A Formação Profissional no Campo da Educação Física: Legislação, Limites e Possibilidades. In: SOUZA NETO, S., HUNGER, D. (Orgs.) *Formação Profissional em Educação Física*. Rio Claro: Biblioética, 2006.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. Políticas públicas de lazer no Brasil: uma história a contar. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). *Políticas públicas de lazer*. Campinas: Alínea, 2008 (Coleção estudos do lazer).

STEINHILBER, J. Licenciatura e ou Bacharelado: Opções de Graduação para Intervenção profissional. In: *Revista E.F.*, ano VI, n 19, março de 2006. Rio de Janeiro: Dimer Comunicações Integradas, 2006, p. 19-20.

STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. Lazer, mercado de trabalho e atuação profissional. In: WERNECK, C. L. G.; STOPPA, E. A.; ISAYAMA, H. F. *Lazer e mercado*. Campinas, Papirus, 2001, p.71-100.

ESCOLA PÚBLICA E CULTURA POPULAR: ENTRELAÇOS E ENTRAVES DE SABERES A PARTIR DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO

Ubiratan Azevedo de Menezes – UNEB/FSBA; biraamenezes@gmail.com

RESUMO: O presente estudo trata-se de pesquisa que toma a escola pública como objeto e tematiza a relação de saberes instituídos e instituintes entre a escola e cultura popular. O objetivo central é compreender os entrelaços e entraves no processo de ensino e aprendizagem desencadeado dessa relação. Com abordagem qualitativa, e um estudo de caso, dialoga com o programa federal MAIS EDUCAÇÃO a partir de pesquisa documental em sítio oficial, bibliográfica, entrevistas e observações de campo, os principais instrumentos para descrição, exploração e explicação do fenômeno investigativo. No momento, a pesquisa está na fase inicial, constituindo o quadro teórico. A expectativa maior do estudo é a possibilidade de contribuição para a necessária compreensão da relevância de estreitamento entre saberes escolares e culturais, com enfoque especial na cultura popular.

Palavras-chave: Educação; Saberes; Cultura Popular.

Introdução

A escola se notabiliza ao longo da história por ser o lugar de maior alcance da disseminação e socialização dos códigos humanos sistematizados que refletem valores morais, culturais, ideológicos, políticos, ético e estético, contudo esses códigos e valores correspondem via de regras aos interesses hegemônicos burgueses, estrato social responsável pela construção deste lugar chamado escola conforme conhecemos nos dias atuais.

De um povo formado por uma diversidade étnica sem igual no planeta, na dimensão da educação formal prevaleceu um currículo que traduzisse os interesses do colonizador, uma única língua, única religião, única cultura oficial. Contudo, em paralelo, a miscigenação brasileira produz saberes nos guetos, na marginalidade, à revelia do Estado Burgueses, capaz de singularizar cultura e tradições étnicas ao mesmo tempo em que foi capaz de construir nova identidade. A identidade brasileira.

A desigualdade nas relações com os diferentes saberes atravessa o tempo e na contemporaneidade conta com números alarmantes. Só na Bahia no ano de 2006 tínhamos mais de dois milhões de pessoas analfabetas em pleno século XXI, O que demonstra que entre o direito e o fato existe uma lacuna enorme que subtrai da maior parte da população a possibilidade de cidadania pela via escolar.

Por outro lado com a mudança do comando central do país, por pessoas e partido historicamente de esquerda, no campo educacional vimos uma série de ações e programas que visam à melhoria na qualidade da formação a juventude oriundas de tensões entre os interesses do capital e a força da organização da sociedade civil e de certa sensibilidade do estado em garantir através de políticas focalizadas atenderem à diversidade de necessidade dos Brasileiros.

Assim, temos como exemplos, as conferencias municipais, estaduais e nacionais de educação, as leis de afirmação como a 11.645/08, o Plano Decenal de Educação, os programas de incentivo ao ensino superior, o TOPA – Todos Pela Educação, como marcos reivindicatórios do direito à educação universal, publica, laica, socialmente referendada e de qualidade, impõe um novo olhar sobre a escola e sobre os saberes nela socializado e produzido. A abertura da escola para a comunidade, a quebra de barreiras entre educação e cultura tem se constituindo como uma possível realidade.

No campo da garantia da diversidade, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do Ministério da Educação (SECAD/MEC), por meio de sua Diretoria de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania (DEIDHUC), apresenta o Programa MAIS EDUCAÇÃO - criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007- como possibilidade e enriquecimento da cultura geral dos alunos, de ampliação do tempo do estudante na escola e almeja paulatinamente a estruturação da escola de tempo integral.

Para tanto, são ofertadas oficinas ministradas por profissionais ou pessoas legitimadas em comunidades, agrupadas em macro campos que passam desde acompanhamento pedagógico, educomunicação, educação científica e educação econômica até questões como meio ambiente, esporte e lazer e direitos humanos, cultura e artes, cultura digital, prevenção e promoção da saúde.

Tomando o MAIS EDUCAÇÃO como objeto de pesquisa, buscamos responder à seguinte pergunta: *Como as relações entre saberes escolares e saberes culturais dialogam e contribuem, a partir do programa mais educação, com o processo de formação dos estudantes da escola pública em Salvador-Ba?* Cujos objetivos são: Descrever o programa MAIS EDUCAÇÃO, observando suas contradições no campo formativo e, verificar em que medida os saberes escolares e os saberes culturais

advindos da cultura popular se articulam no processo de ensino e aprendizagem a partir do programa MAIS EDUCAÇÃO.

Procedimentos metodológicos

As primeiras aproximações reflexivas decorrerão a partir do delineamento das principais categorias teóricas do estudo, quais sejam Educação, Saberes e Cultura Popular. Sobre a educação no Brasil recorro aos estudos de Severino (1986) que se faz atual na medida em que dialoga com aspectos da educação a partir do conceito de ideologia, dizendo que a organização da escola e o currículo seguem caminhos ideológicos que na sociedade capitalista tendem a reproduzir os valores hegemônicos da classe social hegemônica, mas que guarda contradições.

Assim, a educação tem papel importante na configuração, na disseminação e na reprodução ideológica e, conseqüentemente, na consolidação do consenso social, na preservação do bloco histórico dominante e na reprodução da própria estrutura de produção a formação econômica do referido grupo. [...] mas não vê na educação, assim como nos demais elementos da sociedade civil, apenas este papel de reprodução. Sua atuação pode ocorrer também no sentido de afirmar e constituir a concepção de mundo de um grupo social não necessariamente hegemônico. Ela tem também potencial contra-ideológico, apesar de estar articulada prevalentemente à reprodução da ideologia da classe dominante (SEVERINO, 1986, p.44,45).

Severino ainda trás como tensionadores dessa questão autores como (GRAMSCI, 1978; ALTHUSSER, 1979; BOURDIEU; PASSERON, 1975; BAUDELLOT; ESTABLET, 1977). Althusser analisa a escola como aparelho ideológico do estado, mas a reconhece também como um palco para as contradições; em Gramsci, além do avanço nas categorias marxistas que extrapola o conceito divisão de classe sobre a égide economicista, acolhe a dimensão da cultura como integrativa e elemento integrador da totalidade e, portanto a ele deve-se empregar os mesmos princípios da dialética marxista.

Já Baudelot e Establet, sociólogos franceses advogam pelo caráter e revolucionário da educação em atrelamento a um projeto educacional socialista e denunciam a necessidade burguesa em direcionar ideológica e profissionalmente, para conter e para dominar. E até em Bourdieu e Passeron localiza elementos presente na realidade objetiva quando defendem a reprodução do modelo capitalista dado pela via da violência material com também pela via da violência simbólica. São todos elementos de contradições ideológicas e sociais.

O projeto sócio-histórico, a correlação desigual de forças do modelo ideológico hegemônico da sociedade capitalista incide diretamente na organização do trabalho pedagógico, na estrutura curricular e, portanto, na dimensão dos saberes circulantes nas escolas.

Mota (2006), reflete sobre os saberes, cultura e identidade dos agrupamentos comunitários

É consenso geral se afirmar que um projeto de educação sustentável requer a garantia de se ter uma população bem sucedida na sua escolaridade. [...] Neste sentido, os estudos da antropologia educacional revelam que o não acolhimento da cultura de origem do aluno, com destaque no seu repertório lingüístico, vem causando entraves na formação da sua identidade cultural, da sua competência comunicativa e, por fim, da sua afirmação social enquanto cidadão (MOTA,2006,P157).

A assertiva da autora nos serve de referencia também na questão de outras formas de manifestação da cultura como a absorção dos modos viventes, dos valores edificados e a produção da comunidade, cujos códigos comunicativos extrapolam a questão lingüística. As possibilidades de tensionamento que a cultura popular potencializa neste cenário abrem brechas para o combate à violência material e simbólica, ao processo de exclusão e em outra direção válida à riqueza pluricultural e diversificada própria de uma sociedade eclética e democrática. Ainda sobre o saber, destaco o papel docente na ralação com os saberes:

A questão do saber é central na escola. Não se deve esquecer que a escola é lugar onde os professores que estão tentando ensinar coisas para os alunos e onde há alunos que estão tentando adquirir saberes. Aí estará à definição fundamental da escola. [...] estou falando de saber no sentido geral [...] a escola é um lugar de saber e isso é muito importante (CHARLOT,2005, p.65).

De acordo com importância de incluir nos saberes circulantes da escola, aqueles que tenham raízes nas histórias singulares e coletivas das comunidades em que o processo educacional se dá, numa perpetua tolerância aos sistemas de significação do coletivo educacional e com vistas a otimizar tais sistemas ampliando o leque de possibilidade de compreensão e de se estar no mundo.

A respeito da cultura popular é oportuno situar que esse conceito, é um desdobramento do conceito de cultura que assumi uma variedade de significações, dependendo sempre do olhar a ela lançado, ou seja, o olhar da antropologia, da filosofia,

da sociologia, da economia etc. Já foi sinônimo de “consciência revolucionária” anos 60 e 70; “resistência popular”, anos 80 e “culturas propositivas” a partir dos anos 90.

Acreditamos como Gramsci (1972) *apud* Gonh (2005, p. 43) que “Construir visões de mundo diferenciadas das elites dominantes é tarefa do novo intelectual orgânico. Desenvolver práticas de resistência embutidas na cultura popular faz parte do processo”. Essa é uma tarefa em que a cultura popular passa a se debruçar, sobretudo num contexto de armadilhas e transformações globais como sinalizado abaixo.

Uma noção atualizada de cultura popular tem que abandonar a visão essencialista que outrora a caracterizava, bem como compreender as dinâmicas de construção das identidades que, embora seja caracterizada por um descentramento, como diria Hall, ou deslocamento, não deixam de abrir novas e outras possibilidades de articulação em torno e interesses culturais específicos, a partir, por exemplo, da constituição de grupos imbuídos em buscar, recuperar ou mesmo reconstruir suas raízes culturais, num processo de reconstrução de seu passado e de suas tradições (ABIB, 2005, p. 60).

A tensão está estabelecida entre dialogar com as produções culturais do tempo presente e os saberes de determinada tradição que identifique um grupo. Em contexto de liquidez cultural, a contradição também se faz presente como aponta Abib.

Em cada parte do planeta, nota-se um interesse cada vez maior pelas formas tradicionais de cultura sejam aquelas relacionadas a costumes familiares ou sociais que foram abandonados em nome da “modernização” da sociedade, sejam aquelas protagonizadas por coletividade e grupos marginalizados e “esquecidos” pela sociedade tecnológica, e que agora voltam a ocupar espaços importantes não só em suas próprias comunidades, como também reivindicam espaços públicos mais ampliados, incluindo aí a mídia e a indústria cultural (ABIB, 2005, p. 62).

O MAIS EDUCAÇÃO circunda na tensão posta por Abib, como possibilidade de dialogo entre saberes culturais populares e os saberes acadêmicos da escola, com noção espacial e temporal *pari passus* com a dinâmica de cada contexto educacional, cuja produção desses entrelace supere os entraves e projete identidades singulares e coletivas compromissadas com o aumento da auto-estima, da auto-imagem e das possibilidades cidadãs da escola pública.

A pesquisa transitará por matrizes epistemológicas críticas, valorizando abordagem qualitativa pela relevância de sentido e de significado do entrelace e os entraves no jogo de saberes escolares e da cultura popular. Assim, vai requerer descrição à realidade objetiva, interpretação do processo de construção, aproximação e distanciamento de saberes. Optamos pelo método de estudo de caso, cumprindo as três

etapas defendidas por Gil (2008), a saber: a pesquisa exploratória, a pesquisa descritiva e a pesquisa explicativa.

Pelas características da natureza dessa pesquisa e pela constatação de certa regularidade em alguns instrumentos ou fontes, ou técnicas de informação na literatura especializada, a partir de Yin (2005), Neto e Triviños (1999) pretendo aos poucos, no desenrolar da própria pesquisa, edificando os instrumentos. A pesquisa acolheu como instrumentos três fontes de dados, a saber: a documentação oficial através do sitio do MAIS EDUCAÇÃO, a observação de manifestações da cultura nos centro educacionais formadores por amostra, questionário com os gestores das escolas onde o programa esteja instalado e entrevista com os sujeitos da aprendizagem escolar, ou seja, mestre e alunos.

Resultados e discussão

Nas linhas finais desse recorte, cabe-nos ratificar o estagio inicial de estudos teóricos desta pesquisa e o processo de avaliação no programa de pós-graduação em nível de doutorado da Faculdade de Educação, na Universidade Federal a Bahia.

Os resultados esperados giram em torno da possibilidade de fazer um estudo rico teoricamente e rigoroso metodologicamente, reflexivo e propositivo no sentido de tratar as regularidades de entrelaces e entraves de saberes da relação conflituosa e periférica da cultura popular e da escola pública. Outra ambição deste estudo é abrir espaços e debates cada vez mais democráticos no sentido da escola publica e os saberes com os quais dialoga.

Referências

- ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda**. Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005
- CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje** – Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOHN, Maria da Glória. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Coleção questões da nossa época; v. 84)



16 a 18 de Novembro de 2011

_____. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção questões da nossa época, v. 71).

MOTA, Santos Katia. **Língua (gem) e cidadania em um mundo pluricultural: Descompassos e desafios.** In: HETKOWSKI, TÂNIA MARIA; LIMA JR., ARNAUD SOARES, (orgs.). Educação e contemporaneidade: desafios para a pesquisa e a pós-graduação. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim, 1941. **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. Educação, Ideologia e Contra Ideologia. São Paulo: EPU, 1986 (temas básicos de educação e ensino)

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, 1928. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa e educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

_____. NETO, Vicente Molina. **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

YIN, Roberto K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ESPAÇOS E MATERIAIS DISPONÍVEIS PARA A REALIZAÇÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE AMARGOSA/BA

José Arlen Beltrão de Matos; UFRB - arleneducacaofisica@ufrb.edu.br

David Romão Teixeira; UFRB – david_romao@ufrb.edu.br

Maílson Kleber Silva dos Santos; UFRB – mailsonkss@gmail.com

Thiago Antonio Felix Munekata; UFRB – tiagomunekata@gmail.com

RESUMO: Por suas características, a Educação Física escolar necessita de espaços e materiais comumente não utilizados por outras disciplinas. Sendo assim, a Educação Física é um componente peculiar no ambiente escolar, desenvolvendo suas aulas em quadras esportivas, campos, salas de ginásticas, bosques, salas de aulas, ou espaços amplos que possibilitem a experimentação de práticas corporais por um número elevado de alunos. Propomos neste estudo conhecer os espaços e materiais destinados para as aulas de Educação Física das escolas públicas na cidade de Amargosa/BA, e suas possíveis implicações no processo de ensino e aprendizagem dos educandos. Nessa tarefa investigativa foram realizadas visitas aos ambientes escolares, com observação direta dos espaços disponíveis para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, registrando as informações em fichas construídas para esse fim. Também, foram feitas filmagens e fotografias das instalações, para posterior análise, além de entrevista com membros da direção. De modo geral, os espaços e instalações das escolas públicas da cidade de Amargosa/BA estão em situação precária, fato que favorece a desvalorização da Educação Física na escola tanto por parte dos órgãos públicos quanto pelos próprios membros da escola, agravado pela falta de formação dos professores, prejudicando ainda mais a realidade local da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Educação Física escolar; Espaços e Materiais; Legitimidade.

Introdução

A Educação Física, componente curricular obrigatório da educação básica, é responsável pelo tratamento pedagógico dos conteúdos da cultura corporal. Suas aulas são espaços para se discutir e vivenciar os diversos temas dessa área, buscando relacioná-los às questões sociais que o cercam, no intuito de contribuir na formação crítica e emancipação desses sujeitos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Compreendendo os conteúdos da Educação Física temos os esportes, lutas, danças, ginástica, jogos e brincadeiras, entre outros. Perceberemos, no entanto, que apesar da riqueza de manifestações culturais, nas aulas de Educação Física, na maioria das vezes, há a predominância das atividades esportivas, negligenciando conteúdos importantes na formação dos discentes.

Esse tipo de abordagem privilegia demasiadamente a dimensão prática dos conteúdos da cultura corporal em detrimento às questões histórico sociais (“teórica”). Não podemos esquecer que as aulas de Educação Física não se resumem apenas em aulas práticas, pois a “teoria” não se dissocia desse processo, necessitando que haja essa aproximação, para que os alunos possam ter uma visão mais global e ampliada desses objetos.

Por suas características, esse componente necessita de espaços e materiais comumente não utilizados por outras disciplinas. Sendo assim, a Educação Física é um componente peculiar no ambiente escolar, ocorrendo suas aulas em quadras esportivas, campos, salas de ginásticas, bosques, salas de aulas, ou espaços amplos que possibilitem a experimentação de práticas corporais por um número elevado de alunos.

A realidade de muitas escolas é preocupante, com instalações precárias para a realização das aulas, principalmente as de Educação Física. O certo é que a realidade da Educação Física escolar requer muito mais do que reparos e construções de espaços, contudo, necessitamos de espaços diversificados em quantidade e qualidade, assim como materiais, oferecendo tranquilidade para alunos e professores, que necessitam diuturnamente realizar improvisações para o desenvolvimento de várias aulas.

Segundo Betti (1999), a questão do espaço em algumas escolas é realmente um assunto delicado. Essa situação se confunde principalmente na questão da esportivização da Educação Física escolar, principalmente se pensarmos que a Educação Física ainda é entendida como apenas a “prática”. Não negamos que essa dimensão é importante, mas por si só ficará sem importância para os alunos. Assim como Freire (1999) vem dizer, “não basta fazer, é preciso compreender”.

Nesse sentido, tendo em vista a importância do tema, propomos neste estudo conhecer os espaços e materiais destinados para as aulas de Educação Física das escolas públicas na cidade de Amargosa/BA, e suas possíveis implicações no processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Esse trabalho surge de uma pesquisa maior intitulada “Condições objetivas para o desenvolvimento da Educação Física nas escolas públicas de Amargosa/BA”, desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Formação de Professores e Educação Física – GEPEFE/UFRB.

Procedimentos metodológicos

Essa pesquisa se enquadra entre as descritivas exploratórias (GIL, 1999), envolvendo as escolas públicas da zona urbana de Amargosa/BA, sendo três escolas estaduais e cinco municipais.

Nessa tarefa investigativa foram realizadas visitas aos ambientes escolares, com observação direta dos espaços disponíveis para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, registrando as informações em fichas construídas para esse fim. Também, foram feitas filmagens e fotografias das instalações, para posterior análise.

Ainda, fizemos uso de entrevistas a membros da direção envolvendo questões relativas ao funcionamento da escola, últimas reformas, espaços, horário de funcionamento, etc.

Os resultados: Espaços e materiais das escolas públicas de Amargosa - BA

Das sete quadras encontradas na cidade, tanto aquelas que se encontravam nas estruturas das escolas como as de responsabilidade da prefeitura, disponibilizadas para as aulas de Educação Física, apenas duas se encontravam em boas condições de uso. As outras cinco se encontravam com os pisos esburacados e soltos. Apenas duas são cobertas, fato que reflete a realidade das escolas brasileiras, e expõe nossos alunos às intempéries do tempo.

Nenhuma escola visitada possuía espaço próprio para a prática da ginástica, da dança e das lutas, dificultando a inserção desses conteúdos pouco frequentes nas aulas de Educação Física.

Em uma das escolas encontramos uma piscina, pouco utilizada, e um campo de futebol sem manutenção há alguns anos, entretanto, esses espaços não são utilizados, segundo a direção da escola, por falta de professores com formação específica, visto que o professor deste componente tem formação em outra área.

Nas salas de aulas das escolas visitadas, foi registrada a presença ótima de ventilação, tanto natural (janelas) como artificial (ventiladores). Ainda, quadro branco e televisão com aparelho de DVD, na maioria das escolas. Apenas uma das oito escolas não possuía essas condições nas salas de aula, tendo apenas quadro negro. A ausência de vestiários prejudica o desenvolvimento de aulas, os alunos reclamam por terem que

16 a 18 de Novembro de 2011

voltar a sala de aula sem a devida higienização, inclusive essa é uma justificativa dada por alguns que se recusam a participar.

As reformas realizadas nas escolas aconteceram em sua maioria na realização da pintura geral e na revisão e manutenção parcial da parte elétrica e hidráulica, sendo no ano de 2010 a mais recente de cada escola visitada. As condições físicas das escolas públicas de Amargosa se assemelham, infelizmente, por ser um ambiente pouco propício a aprendizagem, necessitando de improvisação e adaptação.

Quanto aos materiais, as bolas de futsal e voleibol foram os mais encontrados, em sua maioria já desgastadas. Isso nos leva a pensar que esses conteúdos devem dominar as aulas de Educação Física na cidade. Outro material muito encontrado foram os jogos de mesa, estando presente em cinco escolas, segundo seus membros, esse material é usado frequentemente, principalmente quando o professor que assumia as turmas não era formado na área. Em uma dessas escolas foi encontrado pimbolim e mesa de ping-pong, estando em condições para a utilização, sendo usados constantemente nas aulas, sobretudo nos dias de chuva.

Em três dessas escolas encontramos colchonetes. Em uma delas, esse material se encontrava guardado, sem nunca ter sido usado, e nas outras duas, já estavam desgastados e alguns sujos. Foi encontrado também bastões e alteres em uma das escolas, dos quais eram pouco utilizados pelos professores responsáveis, ambos em boas condições de uso.

Tanto tempo se passou, porém a Educação Física não é ainda entendida como importante no interior da escola, onde a cada mudança da sociedade, ela passa a ter um papel, uma função, colocada como provisória, havendo uma desconsideração da história produzida pelo próprio homem, da qual teve como resultado a produção de um conjunto de práticas corporais da qual possibilitou e assegurou a existência do ser humano em meio ao ambiente.

A Educação Física se justifica na escola já que não há outra prática pedagógica que se ocupe da dimensão cultural de que só a Educação Física trata que é a cultura corporal, expressa nos jogos, nas danças, nas lutas, nos esportes e nas ginásticas (SILVEIRA; PINTO 2001). Mesmo considerando isso, a cada dia que passa a Educação Física vem sendo negligenciada, já que os recursos e espaços indispensáveis para sua

atuação, não são disponibilizados nas escolas, e quando há existe de forma precária, o que prejudica a realização de uma boa aula.

Não desconsideramos as experiências possíveis em condições adversas, sem recursos, materiais e espaços formais, entretanto, essas não são as condições ideais. Mormente se considerarmos que a escola é o único espaço disponível para os trabalhadores e seus filhos para se apropriarem de forma sistematizada dos conteúdos da cultural corporal.

Segundo Medeiros (2009), é necessária a garantia de equipamentos específicos que possibilitem o bom desenvolvimento deste componente curricular. Ela coloca ainda que o Projeto Político Pedagógico deva também dar atenção à construção e manutenção dos espaços e materiais dedicados às aulas de Educação Física, uma vez que esses são tão importantes quanto à biblioteca, as salas de aula, laboratórios, entre outros espaços dos quais são pensados e planejados nesse processo.

Numa das visitas feitas, foi perguntado a duas alunas se achavam a disciplina importante. Elas nos responderam logo que sim. Posteriormente foi perguntado o porquê, elas disseram que era bom, pois além de brincar com alguns jogos e brincadeiras, a aula de Educação servia para “descansar” e “relaxar” das atividades estressantes das outras disciplinas. Percebemos que predomina ainda uma visão dicotomizada, pelo menos nessa escola, entre corpo e mente, que a Educação Física seria um momento apenas para amenizar os “males” dos outros componente. Nesse discurso podemos notar que as alunas vêem esse componente curricular como algo quase sem nenhum valor pedagógico e importância para elas.

Devemos entender que a valorização desse componente curricular se dá primeiro pelos professores mediadores dessa socialização, entendendo o mesmo como importante para a construção de uma sociedade composta por sujeitos críticos e conscientes das suas origens, das possibilidades da cultura corporal, não permitindo que as idéias da elite capitalista possa dominar suas ações e atitudes.

Não podemos esquecer que além de ter materiais e espaços para a realização das aulas de Educação Física, é necessário cuidados para que os alunos possam participar das atividades práticas com segurança, tanto em contato com o espaço quanto com os colegas. Não podemos desconsiderar que a sala de aula e os outros espaços encontrados e disponíveis nas escolas podem ser utilizados, de forma didática, através de adaptações

feitas pelo professor. Claro que as adaptações são importantes quando necessários, porém não pode ser a regra, até mesmo para a sua “segurança física”.

Devemos compreender que a Educação Física não possui uma prática pronta, onde segundo Luckesi (1992), o profissional toma certo conteúdo e se depara com uma turma de alunos para efetivar um ritual da docência. Muito mais do que isso, essa preparação se torna importante justamente para que o indivíduo compreenda o contexto em que a Educação Física deve atuar, para após a internalização desses conhecimentos de forma crítica e consciente, possa ter subsídios para colocar e defender a legitimidade da Educação Física na escola.

Oliveira (1999/98) coloca que a Educação Física tem um papel fundamental no quadro da organização da cultura, desde que se disponha a compreendê-la em toda a sua amplitude. Dessa forma ele vem trazer que o professor de Educação Física deve aplicar de forma mais consciente e ampla os conteúdos desse componente, para que assim possa assumir um papel importante na educação escolar.

Considerações finais

Enfim, pensar que os espaços e materiais são importantes dentro desse processo de docência, tanto para o aluno quanto para o professor, trazendo com esses a possibilidade de outros benefícios, como a segurança dos alunos e a possibilidade maior de aplicação de atividades, englobando não só a prática esportiva, mas os vários conteúdos da Educação Física.

Mediante a pesquisa realizada nas escolas da cidade de Amargosa – BA pelo grupo GEPEFE, utilizada como base desse estudo, constatamos que de modo geral os espaços e instalações das escolas públicas desta cidade estão em situação precária, fato que favorece a desvalorização da Educação Física na escola, tanto por parte dos órgãos públicos quanto pelos próprios membros da escola, agravado pela falta de formação dos professores, prejudicando ainda mais a realidade local da Educação Física escolar.

Devemos deixar claro que as visitas feitas nas mesmas, ajudaram-nos a compreender as dificuldades encontradas, tanto pelos professores nas questões de espaços, materiais, falta de formação ampliada, quanto pelos estudantes da qual mostravam a dificuldade de compreender a necessidade e a importância da Educação Física para a vida deles, para além do divertimento e recreação, levando muitos deles,



16 a 18 de Novembro de 2011

principalmente os que são considerados como não aptos (não habilidosos, não competitivos, relação a gênero, diferentes nas questões motoras, afetivos e na relação com os outros indivíduos, segundo o que coloca a normatividade) a não participar das atividades práticas, muitas das vezes esportivas, predominante nas aulas, e que são enfatizados pelos próprios professores.

Referências

BETTI, I. C. R. Esporte na Escola: Mas é Só Isso, Professor? **Motriz**, São Paulo, v.1, n.1, p. 25 -31, junho/1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1999.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LUCKESI, C. C.; Filosofia do Cotidiano Escolar: por um diagnóstico do senso comum pedagógico. In: LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

MEDEIROS, A. S. Influências dos Aspectos Físicos e Didáticos Pedagógicos nas Aulas de Educação Física em Escolas Municipais de Belém. **Revista Científica da UFPA**, Belém, v. 7, n.1, p.1-22, 2009.

OLIVEIRA, M. D. T. Existe Espaço Para o Ensino de Educação Física na Escola Básica? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 2, p.119-135, Jun./Jun. 1998/1999.

SILVEIRA, G. C. V; PINTO, J. F. Educação Física na Perspectiva da Cultura Corporal: Uma Proposta Pedagógica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 22, n. 3, p. 137-150, maio 2001.

ESPAÇOS FÍSICOS E RECURSOS PEDAGÓGICOS ÀS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESCOLAS PÚBLICAS DE CAMPO GRANDE – MS

Kelly U. D. Dagostin; UFFS
Milena dos S. Vasconcelos; UFMS
Junior Vagner Pereira da Silva; UESC/Bolsista Prosup/CAPES/UCB –
jr_lazer@yahoo.com.br

RESUMO: Pautado na classificação da Educação Física como componente curricular obrigatório da Educação Básica, a presente investigação avaliou os espaços e materiais pedagógicos disponibilizados aos professores de Educação Física para a realização de sua prática docente. Participaram do estudo seis professores de Educação Física, vinculados a seis escolas de Ensino Fundamental da rede pública municipal de Campo Grande – MS. Os resultados indicam a existência de uma preocupação do Poder Público Municipal em relação a disponibilização de espaços adequados às aulas de Educação Física, pois todos afirmaram ter quadras cobertas nas escolas. Aspectos importantes também foram observados em relação aos materiais disponíveis para prática pedagógica, sendo a existência de bolas de voleibol, handebol, basquetebol, borracha, cones, coletes e cordas em todas as escolas. Diante do observado, concluiu-se que embora melhorias sejam necessárias, como a construção de novas mais cobertas e disponibilização de outros materiais, as escolas analisadas apresentam uma boa ação do poder público em relação aos espaços e materiais.

Palavras-Chave: Escola. Prática pedagógica. Condições de trabalho.

Introdução

Relegada à condição de atividade, a Educação Física, por muito tempo, figurou, no âmbito escolar, apenas como um adendo, sendo, muitas vezes, interpretada como algo desprovido de um conjunto de conhecimentos a serem sistematizados e trabalhados ao longo da formação básica com fins educacionais.

Com a promulgação da Lei 9.394/96, a Educação Física, a exemplo do que já ocorria com outras disciplinas, em termos legais, deixa de figurar como atividade e ganha o *status* de componente curricular da Educação Básica (BRASIL, 1996), passando, em 2001, a vigorar como componente curricular obrigatório, facultativo ao ensino noturno (BRASIL, 2001) e, em 2003, facultativo ao aluno que apresentar uma das características expostas no artigo 26, § 3º (BRASIL, 2003).

Mediante aos avanços legais ocorridos em relação à Educação Física, este estudo questiona: Qual tem sido a postura assumida pelo Poder Público Municipal de Campo

Grande – MS no que tange às condições de trabalho dadas aos profissionais deste componente curricular?

Considerando que diversos fatores englobam as condições de trabalho, especificamente para este estudo, objetivamos analisar quais são os espaços e materiais pedagógicos disponibilizados aos professores de Educação Física para a realização de sua prática docente.

Procedimentos metodológicos

O estudo configurou-se como descritivo/exploratório por analisar características de fatos e avaliar programas (MARCONI; LAKATOS, 2002), possibilitar a descoberta de práticas que necessitam ser modificadas e permitir a formulação de alternativas que possam substituir as já existentes (OLIVEIRA, 2002).

A população do estudo foi constituída por professores de Educação Física das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Fizeram parte da amostra 6 professores que ministravam aulas de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), vinculados a seis escolas.

A técnica de investigação adotada foi a observação sistematizada. Essa técnica de pesquisa consiste na examinação de fatos ou fenômenos que se pretende analisar, permitindo ao investigador um contato direto com o objeto de investigação e, quando desenvolvida de forma sistemática, exige um planejamento prévio e controlado do que se pretende observar, geralmente recorrendo ao uso de instrumentos como quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos, dentre outros (MARCONI; LAKATOS, 2002).

Em relação ao que observar, Gil (2010) recomenda que

na observação sistemática o pesquisador precisa elaborar um plano que estabeleça o que deve ser observado, em que momentos, bem como a forma de registro e organização das informações. O primeiro passo consiste em definir o que deve ser observado. Esta definição precisa levar em consideração os objetivos da pesquisa, o que significa que se estes não estiverem claramente definidos, será impossível conduzir adequadamente o processo de observação (p. 104).

Como instrumento foi adotado um Diário de Campo, criado especificamente para o acompanhamento da prática pedagógica de professores de Educação Física no

âmbito escolar. No tratamento dos dados recorreu-se à análise estatística descritiva (frequência absoluta).

Resultados

Em relação aos espaços físicos disponibilizados às aulas de Educação Física, constatou-se que todas as escolas analisadas dispunham de quadras cobertas, assim como a maioria delas dispunham de pátio, pátio coberto e parque infantil, conforme tabela 1. Ainda com relação aos espaços disponíveis à prática de atividades físicas, observou-se a presença de parques infantis em 4 das 6 escolas observadas.

Tabela 1. Espaços disponibilizados pelas escolas para a Educação Física

	Quadra	Quadra	Parque Infantil	Gramado	Pátio	Pátio
		coberta				coberto
Escola 1		x			x	x
Escola 2		x			x	x
Escola 3	x	x	X	x		x
Escola 4		x	X		x	
Escola 5		x	X		x	
Escola 6	x	x	X	x		x

x – Escolas que possuem os espaços físicos relacionados

Considerando-se que as escolas públicas raramente dispõem de espaços adequados às aulas de Educação Física (SOLER, 2003), condição evidenciada por Damazio e Silva (2008) em estudo realizado em 10 escolas públicas de Teresópolis – RJ, quando constataram a existência de apenas duas quadras cobertas, os dados obtidos nesta investigação apresenta um quadro melhor em relação à quantidade de quadras cobertas, aspecto de suma importância para a participação dos alunos e a prática docente, pois a exposição ao sol de forma contínua, além contribuir com a evasão das aulas de Educação Física, também pode resultar em doenças ao professor, como o câncer de pele e o pterígio (doença dos olhos).

A importância da infraestrutura para as aulas de Educação Física também foi sinalizada por alunos das séries finais (5^a a 8^a séries) do Ensino Fundamental de

Indianópolis, quando estes assinalaram que, dentre os aspectos a serem melhorados para as aulas de Educação Física, o principal era a infraestrutura, sendo que 90% dos alunos a não participarem das aulas afirmaram que a evasão ocorria em decorrência da exposição ao sol (BENTO; RIBEIRO, 2008).

Considerando que a Educação física tem como pressuposto o desenvolvimento da Cultura Corporal do Movimento de forma variada, Peres (2001) expõe que os profissionais atuantes com esse componente curricular necessitam de espaços adequados e diferenciados para desenvolverem sua prática pedagógica. Essa condição é partilhada por Matos (2005), salientando que o desenvolvimento da disciplina Educação Física na escola depende, dentre outros fatores, da existência e da diversidade das instalações e sua acessibilidade.

Sobre esse aspecto, diversos estudos têm pontuado que a inexistência de espaços apropriados figura como um dos principais responsáveis pela restrição das aulas de Educação Física aos esportes (BENTO; RIBEIRO, 2008) e não aplicação de conteúdos como as lutas (ROSÁRIO; DARIDO, 2005), danças (PERES; RIBEIRO; MARTINS JUNIOR, 2001) e ginástica artística (BEZERRA; FERREIRA FILHO; FELICIDADE, 2006) nas aulas de Educação Física.

Ainda, a carência espacial para as aulas de Educação Física age como fator negativo à prática pedagógica docente por, muitas vezes, fazer com que duas ou mais turmas utilizem um mesmo espaço para as aulas de Educação Física, conforme constatado nos estudos de Damazio e Silva (2008).

Em relação aos materiais pedagógicos disponíveis à Educação Física, verificou-se que todas as escolas disponibilizavam a seus professores bolas de voleibol, handebol, futebol, futsal, basquete e de borracha, além de cones, coletes, cordas e colchonetes. No entanto, apenas 4 escolas disponibilizavam arcos e 2 escolas disponibilizavam petecas, conforme indica a tabela 2.

Tabela 2. Materiais pedagógicos utilizados nas aulas de Educação Física observadas

Materiais	Escola 1	Escola 2	Escola 3	Escola 4	Escola 5	Escola 6
Bolas de voleibol	x	x	X	x	x	x
Bolas de handebol	x	x	X	x	x	x
Bolas de basquetebol	x	x	X	x	x	x

16 a 18 de Novembro de 2011

Bolas de futebol	x	x	X		x	x
Bolas de futsal	x	x	X	x	x	x
Bolas de borracha	x	x	X	x	x	x
Arcos		x	X	x	x	
Cones	x	x	X	x	x	x
Coletes	x	x	X	x	x	x
Cordas	X	x	X	x	x	X
Colchonetes	X	x	X		x	X
Plintos						
Petecas	X				x	

x – Escolas que possuem os materiais relacionados

Ao contrário do evidenciado neste estudo, investigação realizada por Martins e Felker (2008) em seis escolas públicas de Arroio do Sal, RS, verificou a escassez de materiais pedagógicos para realização das aulas de Educação Física, sendo a existência de bolas e cordas observadas em todas escolas e de arcos (5), cones (4), sucatas (3), colchonetes (2) e pneus (1) apenas em algumas.

Segundo Silveira (2008), no momento do planejamento das aulas o material disponível é um item de grande relevância, pois a disponibilidade de materiais tem relação direta com a escolha das atividades a serem trabalhadas, condição evidenciada em pesquisa desenvolvida por Sanchotene e Molina Neto (2010), em Porto Alegre - RS.

Embora a utilização de materiais alternativos seja uma possibilidade às aulas de Educação Física, sobretudo quando ela ocorre com a participação dos alunos, estimulando a criatividade e a participação dos mesmos, estratégia de ensino/aprendizagem, entendemos que sua importância só ocorre quando a criação de materiais se dá para fins pedagógicos e não por ausência de materiais às aulas de Educação Física, devido ao descuido e/ou não cumprimento do poder público com a disponibilização de condições para que o processo ensino/aprendizagem ocorra, conforme evidenciado em estudo realizado por Sebastião e Freire (2009), com três professores da rede pública em São Paulo.

Considerações finais

Os dados obtidos neste estudo denotam que existe uma preocupação evidente, por parte do Poder Público Municipal de Campo Grande – MS, com a disponibilização de locais apropriados às aulas de Educação Física e à disponibilização de materiais para a prática pedagógica docente. Entretanto, evidenciou-se, também, que melhorias ainda devem ocorrer, sobretudo no que tange à ampliação da quantidade de quadras cobertas por escola, uma vez que, em várias delas, ocorrem aulas com mais de uma turma no mesmo horário e dia, fazendo com que a ocupação da quadra por duas turmas diferentes seja recorrente.

Ainda, faz-se necessário que outros locais sejam criados para a realização das aulas de Educação Física, principalmente aqueles relacionados a outras manifestações da Cultura Corporal do Movimento, fato que poderá favorecer a um maior envolvimento dos alunos com outras atividades físicas.

Referências

- BENTO, Lilian Carla Moreira; RIBEIRO, Romes Dias. As Aulas de Educação Física na Concepção dos Alunos de 5ª a 8ª Séries do Ensino Fundamental da Cidade de Indianópolis-Mg. Motrivivência 2008; ano xx, n° 31, 354-368.
- BRASIL. **Lei nº 10.793, de 1º de dezembro de 2003.** Presidência da República. Casa Civil. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.793.htm#art26%C2%A73
- BRASIL. **Lei nº 10.328, de 12 de dezembro de 2001.** Presidência da República. Casa Civil. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10328.htm
- BRASIL. **Lei 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Presidência da República. Casa Civil. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm
- DAMAZIO, Márcia Silva; SILVA, Maria Fátima Paiva. O ensino da Educação Física e o espaço físico em questão. Pensar a prática, v. 11, n. 2, p. 189-196, 2008.
- MARCONI, M. DE A., & LAKATOS, E. M. (2002). Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas (5ª ed.). São Paulo: Atlas.
- GIL, A. C. (2010). Métodos e técnicas de pesquisa social (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
- MARTINS, Liége; FELKER, Milton Fernando Caino. Estudo diagnóstico sobre a educação física nas escolas públicas nas séries iniciais de ensino fundamental no município de Arroio do Sal/RS. Cinergis 2008;9(2):1-14.



16 a 18 de Novembro de 2011

- OLIVEIRA, S. L. (2002). Tratado de metodologia científica (2ª ed.). São Paulo: Pioneira.
- PERES, G. As implicações da educação física no âmbito escolar. Revista On line Biblioteca Prof. Joel Martins, Campinas, v. 2, n. 2, p. 231-243, 2001.
- PERES, A. T.; RIBEIRO, D. M. D. B.; MARTINS JUNIOR, J. A dança escolar de 1ª a 4ª série na visão dos professores de Educação Física das escolas estaduais de Maringá. R. da Educação Física/UEM, Maringá, v. 12, n. 1, p. 19-26, 2001.
- ROSÁRIO, L. F. R.; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz** Rio Claro, v. 11, n. 3, p. 167-178, 2005.
- SANCHOTENE; MÔNICA; MOLINA NETO, VICENTE. Práticas pedagógicas: entre a reprodução e a reflexão. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 31, n. 3, p. 59-78, 2010.
- SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. Utilização de recursos materiais alternativos nas aulas de educação física: um estudo de caso. **PENSAR A PRÁTICA** 12/3: 1-12, set./dez. 2009
- SILVEIRA, J. A Educação Física escolar nas escolas públicas e os seus conteúdos: uma análise sobre a postura dos educadores acerca de seu campo de trabalho. **Revista CONFES**.
- Disponível em: <http://www.confef.org.br/arquivos/artigo>. Acesso em: 04 out. 2008.
- SOLER, R. **Educação Física escolar**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

ESTEREOTIPIA DE CORPOS E DESENHO ANIMADO

Carla Borges de Andrade Juliano dos Santos; UEFS - carlabajs@hotmail.com

RESUMO: Este artigo traz uma análise crítica-reflexiva sobre a influência do desenho animado na formação da imagem corporal das crianças e discute os reflexos em sua fase adulta, a partir do estudo de seis desenhos (Popeye, Super-Amigos, A Caverna do Dragão, He-Man, She-Ra e Thundercats) de grande repercussão nas décadas de 80 e 90 do século XX. Acredita-se que boa parte da geração adulta de hoje viveu sua infância em um período de maciça veiculação de desenhos com personagens que exaltavam a força física e enalteciam um estereótipo de beleza típico das passarelas e revistas, o que consequentemente tem influenciado o forte apelo estético que ora se vivencia. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica impressa e midiática seguida de análise dos desenhos animados selecionados.

Palavras-chave: Desenho Animado; Estereotipia; Corpo.

Introdução

Este estudo objetivou analisar seis desenhos animados veiculados durante os anos 80-90, a fim de perceber se a estereotipia de corpos estabelecida em suas personagens interferiu de alguma maneira sobre a formação da imagem corporal de seus telespectadores. Nesse ínterim, o estudo buscou responder aos seguintes questionamentos: a imagem corporal das personagens dos desenhos animados selecionados (He-Man, She-Ra, A Caverna do Dragão, Thundercats, Super-Amigos e Popeye), de alguma forma, interferiu na formação da imagem corporal dos seus telespectadores? Quais características compunham a estereotipia corporal das personagens analisadas?

Procedimentos metodológicos

O estudo desenvolveu-se sob a abordagem qualitativa utilizando-se da pesquisa bibliográfica, bem como primou pela descrição das imagens das referidas personagens, atribuindo-lhes significados.

A fim de perceber as implicações sócio-educativas que os desenhos animados e a estereotipia de corpos exercem sobre a infância dos anos 80-90, geração que constitui a fase adulta hodierna, foram considerados os seguintes desenhos animados: Popeye, Super-Amigos, A Caverna do Dragão, He-Man, She-Ra e Thundercats. A escolha desses desenhos se deu por terem sido verdadeiros ícones da época e porque ilustram

bem a temática deste estudo, apresentando super-heróis como protagonistas, quase todos sempre “belos, fortes, musculosos, ágeis, vivos (...) corajosos, audaciosos (...) com espírito de iniciativa, tenazes, honestos, modestos” (FUSARI, 1985, p. 56).

Resultados e discussão

Na tentativa de estabelecer um diálogo com os autores disponíveis acerca dessa temática, compreende-se que os temas trabalhados pelos desenhos animados – principalmente os que incluem super-heróis, como os escolhidos para este estudo – reproduzem temores – solidão, angústia, fracasso, perdas, morte – , bem como virtudes de autonomia, liberdade, independência, força e poder, segurança, amizade que, quando exageradamente aceitas pelas crianças podem se transformar em problemas psicológicos. Há que se considerar também as influências que os desenhos animados exercem sobre a constituição da imagem corporal das crianças – principal foco deste estudo –, incitando à valorização de estereótipos corporais em detrimento de outros e, conseqüentemente, veiculando a ideologia do corpo forte, belo, “perfeito”. Nesse caminho, considere-se imagem corporal conforme a definem Turtelli, Tavares e Duarte, (2002, p. 153): “como uma entidade em constante autoconstrução e autodestruição, em constante mudança, crescimento e desenvolvimento. Fazem parte dessa construção processos conscientes e inconscientes, (...) também nossas experiências, nossa memória”, a forma como nos vemos, como os outros nos vêem, como vemos os outros e como os outros se vêem. Por isso mesmo, entre os diversos aspectos que envolvem a infância na sociedade contemporânea, um dos que mais têm preocupado pais e educadores, nos últimos anos, diz respeito à produção cultural destinada às crianças, na qual merecem destaque os desenhos animados.

A indústria do consumo se apropria do fascínio, da fantasia e do mistério próprio das crianças, o que traz subjacente e, de forma transfigurada, a lógica da mercadoria nos desenhos animados, heróis e personagens veiculados na “telinha”, a fim de comercializar também o ideário de corpo perfeito e forte. É justamente neste ponto que emerge a noção de **estereotípi**a, uma vez que “os estereótipos têm como função formar e orientar tanto a comunicação como os comportamentos” (BAPTISTA, 1996, p.4).

Como conseqüência direta, delineou-se uma certa padronização dos gostos das crianças, das suas preferências e necessidades, posto que assistiam às mesmas

16 a 18 de Novembro de 2011

programações. “Sem conhecer as crianças reais, suas práticas culturais, seus contextos sociais, os autores de materiais infantis contribuem para a naturalização de estereótipos” (DIONÍSIO, 2006, p.8). Com isso, não é difícil supor que a compreensão que desenvolveram acerca do próprio corpo também fosse estereotipada, “uma vez que os estereótipos se formam frequentemente a partir de uma mistura distorcida de impressões inadequadas sobre os outros, percepções incompletas ou defeituosas, grandes generalizações que ignoram diferenças internas” (BAPTISTA, 1996, p.5). Nesse sentido, considera-se que os desenhos animados, através do diálogo que suas personagens exercem com os pequenos espectadores, influenciam diretamente na valorização e manutenção do ideal de beleza comercializado, ressaltando o biótipo magro, forte e alto como sendo mais privilegiado em detrimento das outras possibilidades corporais.

Analisando um desenho de cada vez, pretende-se considerar as características físicas e morais das personagens. Iniciando, aleatoriamente, pelo He-Man, verifica-se forte apelo *fitness*: as personagens masculinas (incluindo os vilões) são todas muito



fortes, com musculatura bem definida, e altas. Em maioria, a tez é branca, com cabelos claros, lisos e longos. Também as figuras femininas apresentam força peculiar, mas com uma graciosidade e doçura que lhes mantêm os traços de feminilidade. Seus corpos mantêm medidas consideradas perfeitas atualmente, com peitos e nádegas bem desenvolvidos e cintura reduzida – uma espécie de prenúncio da moda das lipoaspirações e enxertos de silicone, hábitos hoje tidos como comuns entre as mulheres. Tal pensamento é consonante com o de Nyuara Mesquita e Márlon Soares (2008), ao assegurarem que “a informação televisiva veio acentuar os traços do hedonismo contemporâneo dos desejos individuais da cultura do corpo, do prazer, da ilimitada promoção da subjetividade.”

Cada episódio do He-Man apresenta um capítulo da eterna batalha entre o bem e o mal, procurando mostrar que o bem sempre vence: este é “o esquema ideológico sustentado pela sua estrutura narrativa” (MIRANDA, 1971, p. 41). Acontece que, durante as histórias, as personagens malvadas, que são tão fortes, hábeis e inteligentes quanto as

16 a 18 de Novembro de 2011

bondosas, conseguem se sair muito bem de certas situações. E isso também é registrado pelas crianças!

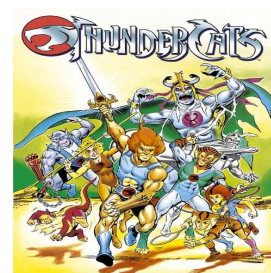
De um modo ou de outro, mocinhos ou vilões do He-Man buscam ter corpos “sarados”, bem malhados e “turbinados” para conseguirem se manter no Reino de Etéria, onde, pelo visto, não há gordinhos, nem negros, nem baixinhos... Com este estereótipo veiculado, as crianças começavam a desejar que seus corpos fossem como os das personagens. Seria por esse motivo que as clínicas de estética hoje ficam tão cheias?!



Dando continuidade à discussão, e numa mesma perspectiva, surge o desenho da She-Ra, a versão feminina (e irmã que reside em Etérnia) do He-Man: alta, forte, loira, com enormes peitos, coxas e nádegas, longos cabelos e brilhantes olhos azuis, o que ratifica a existência de uma “forte tendência cultural em considerar a magreza como uma situação ideal de aceitação social para mulheres. Encontram-se, também, fortes correlações entre a pressão social de ser magro e a insatisfação corporal em mulheres adultas jovens.” (DAMASCENO et al., 2005, p. 181). Tanto os comparsas da She-Ra quanto os seus oponentes mantêm as mesmas características que o desenho do irmão príncipe de Greyskull.

Nesse desenho, além do estereótipo do “corpo belo e perfeito”, verifica-se também a questão do gênero: embora tão poderosa quanto o irmão, ao trabalharem juntos numa empreitada, a força masculina sempre prevalece e quem leva os louros da vitória da batalha é geralmente o He-Man. A She-Ra só fica com as glórias e elogios quando age sem ele, sozinha. Essa atitude revela a intencionalidade da manutenção de uma sociedade machista e arbitrária que persiste em acreditar que a mulher deve ser submissa, embora forte e poderosa. Sem contar que, em She-Ra há forte incidência da coloração rósea, em diferentes nuances e tonalidades. Numa tentativa de atrair as meninas que muitas vezes não assistiam ao He-Man (“desenho de menino”), criou-se a versão cor-de-rosa daquele desenho e, assim, com histórias praticamente idênticas, agregavam meninos e meninas diante da TV para que certas mensagens fossem difundidas.

Tratando-se de atividades para criança, criatividade e inovação são qualidades indispensáveis. Os desenhos animados não fogem à regra. Portanto, quando o He-Man e a She-Ra já não



16 a 18 de Novembro de 2011

mais atraíam tanto devido às repetitivas temáticas e histórias, houve a necessidade da criação de novas personagens – como é comum a qualquer setor da sociedade. E então surgem os Thundercats: figuras felinas, com composição corporal humana, extremamente poderosas, e com diferentes qualidades físicas: agilidade, velocidade, força, flexibilidade... Mais uma vez a figura do vilão também apresenta força e perspicácia, da mesma forma que os heróis.

Os Thundercats, além de ratificarem o ideal de bondade que nortearia as condutas das crianças espectadoras, corroboraram a concepção do padrão de beleza vendido nos meios de comunicação de massa: corpos magros, torneados e musculosos. Mais uma vez não se verificam personagens negras. Há agora uma personagem gordinha, o Snarf, que é constantemente ironizado, para não dizer ridicularizado pelo grupo, por essa característica corporal. Muitas vezes suas opiniões são desconsideradas, como se a inteligência estivesse atrelada ao condicionamento físico. Não são poucos os episódios em que, inclusive, ele é deixado de lado nas aventuras dos demais Thundercats, que chegam a demonstrar má vontade ou desinteresse em ficarem com ele ou conduzirem aos lugares das lutas. Isto se reflete e muito nas brincadeiras infantis quando os colegas gordinhos são esquecidos ou ignorados, ou mesmo escolhidos por último, quando não há mais outro jeito.

Em se tratando do desenho “A Caverna do Dragão”, há que se ressaltar a presença de uma personagem feminina guerreira negra. Embora apresente caracteres de sua ancestralidade tribal, como vestimentas e cabelos crespos, a personagem também realça os traços estereotipados de beleza: esguia, magra, de peitos e nádegas avantajados, barriga enxuta e cinturinha fina, tal qual mantinham as moçoilas européias com seus espartilhos sufocantes em outras épocas e que, atualmente, configura – logicamente que por outros meios, métodos e tecnologias – o padrão de beleza feminina comercializado nas passarelas do mundo inteiro.



Este desenho também incluía uma personagem infantil, um menino de mais ou menos dez anos de idade, guerreiro, forte, musculoso, loiro. Esta era uma tentativa de atrair ainda mais o público infantil para aquele estereótipo, pois, de acordo com o desenho, também as crianças podem ter corpos “sarados”. Entretanto, a Educação Física tal qual é estudada hoje defende que para todo ser humano, mas principalmente para as

16 a 18 de Novembro de 2011

crianças, corpos belos e perfeitos são os corpos saudáveis, não os modelados artificialmente. É lógico que, àquela personagem (o Bob), era preciso desenvolver habilidades físicas que garantissem sua defesa e sobrevivência naquele ambiente tão adverso e hostil. A questão é que os espectadores mirins nem sempre entendem isso, e acabam por acreditar que precisam ter aquelas mesmas habilidades para se firmarem enquanto pessoas importantes nos grupos de que fazem parte.

Outro desenho que merece especial menção é o Super-Amigos (ou “Liga da Justiça”, como é também conhecido). Com inúmeras e bem diferentes personagens, este



desenho mantém características bem comuns: todas são poderosas; possuem habilidades físicas e mágicas; são do bem, mesmo quando para isso precisam agir de forma bruta; e, claro, são sempre magras, altas, fortes, musculosas, inteligentes e brancas. Nesse desenho também se evidenciava uma ideologia machista, pois apenas uma mulher apresentava poderes especiais:

a Mulher Maravilha; todas as demais figuras eram masculinas. “Os super-amigos, desenho que reúne vários heróis, também mostra a ciência ao lado do bem, sendo utilizada para salvar o planeta de malfeitores terráqueos e alienígenas, como instrumento de apoio dos heróis americanos” (SIQUEIRA, 1998, p. 118).

Por fim, discute-se aqui sobre o Popeye e sua turma. Aparentemente, poder-se-ia dizer que as personagens desse desenho não traduzem o estereótipo dos heróis dos outros desenhos citados. Neste, aparecem gordinhos (Brutus e Dudu), personagens esqueléticas, magricelas em excesso (Olívia e Bruxa do Mar), idosos (Vovô Popeye e Bruxa do Mar), além do próprio Popeye, um marinheiro desajeitado, desengonçado, careca, fumante, despojado, que em nada se assemelha com as figuras masculinas protagonistas (heróicas) dos demais desenhos.



Entretanto, ao consumir seu famoso espinafre – uma sutil incitação ao consumo de artifícios (esteróides anabolizantes, estimulantes, entorpecentes) muito mais que ao consumo de vegetais, o Popeye se transforma numa figura forte, musculosa e até de maior estatura do que costumeiramente. Portanto, também nessa atração a estereotipia de corpos acontece. E da mesma forma que nas demais, a mensagem veiculada é assimilada

pelas crianças que as assistem e imitada em sua vida cotidiana. Por conta disso, acredita-se que a geração adulta de hoje, que vivera sua infância durante os anos 80-90 sob a influência direta e constante desses e outros desenhos animados, valorize tanto o ideal de beleza das passarelas de moda e do mundo fantástico das celebridades da TV, e queira imitá-las em procedimentos estéticos que nem sempre tenham a ver com seu biótipo físico, prejudicando a própria saúde, nem tampouco com sua realidade sócio-econômica, iludindo-se através de disfarces que negam seu verdadeiro eu em detrimento de alguns “quinze minutos de fama”. Renata Russo (2005, p. 82), acerca disso, atesta que “o desejo de obter uma tensão máxima da pele, tendo amor ao liso, ao esbelto, ao jovem, induz os indivíduos a não aceitarem sua própria imagem, querendo modificá-la, conforme os padrões exigidos”.

A partir do que fora exposto até aqui, este estudo destaca a ideia de que, de alguma forma, aquela geração de crianças dos anos 80-90, espectadora assídua dos referidos desenhos animados, tenha sofrido alguma influência para que mantenha hoje hábitos que a direcionam à imitação das personagens a que tanto assistiam, principalmente no que se refere a sua imagem corporal. A supervalorização do corpo dos heróis do passado parece estar se materializando no presente, pois essa geração agora adulta nunca tinha visto tantos espaços de beleza e clínicas de estética quanto hoje. Ademais, até então não se faziam tantas cirurgias plásticas sem prescrição médica, meramente estética, e nem existia tanta academia para modelar os músculos. Os enxertos de silicone, também, hoje são extremamente comuns e cada vez mais precoces, resultando na mudança da imagem corporal dos indivíduos: logicamente, isto não se deve apenas à referida influência dos desenhos animados, como também às mudanças estéticas propostas pela moda, pela mídia, e até mesmo pelas alterações comportamentais dos indivíduos em relação ao conceito de saúde. Entretanto, não se pode negar que os desenhos animados implicaram sim – e ainda implicam – a formação da personalidade das crianças que os assistiam, exaltando certos estereótipos em detrimento da diversidade, anulando assim, de certa forma, as subjetividades e, conseqüentemente, influenciando de forma direta a compreensão que as crianças formulam acerca da sua imagem corporal, isto é, do seu corpo e dos demais corpos com quem convivem. Ao imitarem as personagens, seus gestos, linguagens, movimentos e figurinos, as crianças acabam por ratificarem a estereotipia de corpos que é tão veiculada socialmente, e passam a estabelecer

preconceitos com o que não se enquadra naquele panorama, passando, inclusive, a desejarem aquele formato como sendo o único passível de ser considerado belo e feliz.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e Representação Social** – uma abordagem psico-sociológica. Coimbra, 1996. Disponível em:

<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia>. Acesso em: 10/03/09.

DAMASCENO, Vinicius Oliveira; LIMA, Jorge Roberto Perrout; VIANNA, Jeferson Macedo; VIANNA, Viviane Ribeiro Ávila; e NOVAES, Jefferson Silva. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. **Rev Bras Med Esporte** – Vol. 11, Nº 3 – Mai/Jun, 2005. p. 180-6.

DIONÍSIO, Ana Carolina. O Imaginário Infantil e as Mídias: um estudo das representações de gênero em websites de entretenimento para crianças. **Iniciacom**, São Paulo, Vol. 1, No 1, 2006, p. 1-10.

FUSARI, M^a Felisminda de Rezende e. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão**. São Paulo: Loyola, 1985.

MESQUITA, Nyuara Araújo da Silva; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Visões de ciência em desenhos animados: uma alternativa para o debate sobre a construção do conhecimento científico em sala de aula. **Ciênc. educ.** vol.14 no.3, Bauru, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/> Acesso em: 10/02/2009.

MIRANDA, Carlos Alberto. **Cinema de Animação: arte nova/arte livre**. Petrópolis: Vozes, 1971.

RUSSO, Renata. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal, SP, v.5, n.6, jan./jun. 2005, p. 80-90.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. CIÊNCIA E PODER NO UNIVERSO SIMBÓLICO DO DESENHO ANIMADO. **Ciência e Público**. p.108-120, 1998. Disponível em: www.casadaciencia.ufrj.br/ Acesso em: 03/03/2009.

TURTELLI, Larissa Sato; TAVARES, M^a da Consolação Gomes Cunha Fernandes; DUARTE, Edison. Caminhos da pesquisa em imagem corporal na sua relação com o movimento. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 24, n. 1, p. 151-166, set. 2002

FÁBULAS E ARTES MARCIAIS: INTERVENÇÃO NO ENSINO DO JUDÔ

Cássia dos Santos Joaquim; UFRB - cassiasj80@yahoo.com.br

Leopoldo Katsuki Hirama; UFRB - leopoldohirama@ufrb.edu.br

Daniel Giordani Vasques; UFRB - danielvasques@ufrb.edu.br

Adriana dos Santos; UFRB - arianasanttos@hotmail.com

RESUMO: Trabalhar com aulas historiadas com crianças de 5 a 7 anos é bem pertinente por suas características motoras, cognitivas e afetivas. Esta pesquisa é a descrição da aplicação da fábula do Carvalho e do Bambu em aulas de judô e sua análise através da Observação Assistemática Exploratória. Este conto é adaptado em “A Jaqueira e o Bambu” para maior compreensão dos alunos, e as atividades ocorrem baseadas em três personagens: a Jaqueira, o Bambu e o Vento. As respostas dos alunos quanto a como se portar em uma luta e a identificação com os personagens, demonstram a importância de promover este tipo de aula que dialoga com a imaginação da criança e facilita a compreensão e a construção de regras e estratégias.

Palavras-chave: Aula historiada; Judô; Educação Física Escolar.

Introdução

Ainda em expansão, a utilização de contos em aulas de Educação Física é uma possibilidade de ação que promove a leitura de um jogo ou de um movimento, de forma a respeitar o universo da criança na construção de suas respostas aos problemas apresentados.

Atualmente esta possibilidade ainda é pouco difundida, mas é cada vez mais reconhecida através de duas propostas: Jogo Simbólico, descrita principalmente pelos autores Freire (2003), Venâncio (2005) e Scaglia (2003), com intenção de trabalhar com a imaginação da criança, promovendo a fantasia como facilitadora em que o professor pode narrar situações baseadas em contos, onde personagens permeiam a aula, estimulando ações motoras, cognitivas e/ou afetivas; e Aulas Historiadas ou Vivência Simbólica que se fundamenta em um contexto oferecido pelo(a) professor(a), que deverá preocupar-se em facilitar e orientar o processo, desta forma os alunos vivenciam uma história através de ações motoras significativas (MARTINS, 2002).

Esta possibilidade de leitura de um jogo amplia seu valor pelas características das crianças à qual é direcionada, pois segundo os autores Freire e Scaglia (2003), as crianças de 5 a 7 anos exercitam intensamente suas funções simbólicas, por ainda estarem muito vinculadas aos jogos de faz-de-conta. Outras características são: sua

tendência para tentar entrar em acordo e construir regras, transitando entre o jogo egocêntrico e o jogo social; as noções motoras constituem-se antes da intelectual, porém, uma vez apreendidas no plano intelectual, provocam nítida repercussão no plano motor; começam a compreender que é importante colocar suas habilidades à disposição de um grupo quando joga coletivamente; e a dimensão moral é marcada pela necessidade das regras de convívio entre ela e seus pares.

Como esta fase é de descoberta do mundo e de se descobrir nele, os jogos simbólicos e de regras transportam a criança para a possibilidade desta compreensão, tornando-os importantes por permitir a construção de um universo momentâneo onde tem a oportunidade de experimentar diferentes papéis de interpretação, ou mesmo transitar entre o certo e o errado, experimentar ser o lobo mau e a fada boa (MARTINS; VENÂNCIO, 2005).

Como esta proposta de estudo já havia sido implantada pelos autores em outras oportunidades, para esta mesma faixa etária, e os resultados (respostas dos alunos) haviam sido positivos, promoveu-se mais um ensejo de leitura de conto, mas desta vez, em aula de judô com objetivo de explorar as possibilidades da fábula, como a construção motora em luta com um oponente, a criação de conceitos como força, rigidez, flexibilidade, rapidez, e refletir sobre valores como humildade e orgulho.

Procedimentos metodológicos

O Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia em parceria com a Prefeitura Municipal de Amargosa, promove o Projeto de Extensão Construindo pelo Esporte em comunidade de Zona Rural com a modalidade de luta judô, este projeto, além de visar a diversificação da cultura corporal através de uma modalidade que até então havia sido pouco difundida na cidade, preocupa-se com a participação na formação dos monitores, alunos da faculdade de Educação Física e Pedagogia, e com a formação de crianças e jovens que estão matriculados nas aulas. Estes valores são demonstrados através da profundidade e a qualidade dos conteúdos abordados, com a preocupação de integração com a comunidade e com os estudos sobre a modalidade, que têm proporcionado pesquisas como esta apresentada.

A intenção é promover aos alunos da turma composta por crianças de 5 a 7 anos de idade a construção das próprias respostas, de qual a melhor forma de comportar-se

em um combate, através de aulas baseadas em contos. Para este primeiro escolhemos a fábula: O Carvalho e o Bambu¹², que foi transformado em “A Jaqueira e o Bambu”, já que na região onde ocorre o projeto existem muitas Jaqueiras que são facilmente identificadas pelos alunos e suas características assemelham-se muito as do Carvalho, do conto original, sendo apresentado às crianças a seguinte versão:

A Jaqueira e o Bambu

_Tenho pena de você! (disse orgulhosa a Jaqueira, a uma vara de Bambu). Mal sopra um ventinho à-toa e aí está a inclinar-se, a tremer, a humilhar-se e dobrar-se. Faça como eu, por mais forte que sopra o furacão, oponho-me resistente, obrigando-o a desviar-se do meu tronco.

_Quisera fazer assim, mas não posso, respondeu o Bambu; você é forte, e eu fraco, suas raízes são duras e bem profundas, as minhas espalham-se pela superfície... A Jaqueira sorriu, metida e sobranceira.

Eis que então, de repente levanta-se uma formidável ventania, um furacão. A Jaqueira quer resistir; porém, o furacão o arranca pelas raízes; já o Bambu, havia vergado, havia-se inclinado até o chão, e quando passou o tufão, reergueu-se sem ter sofrido machucado algum.

Este conto adaptado transformou-se em jogos de luta, que contaram com três personagens e suas características: a força e a dureza da Jaqueira e sua forma de defesa através da rigidez, a mobilidade do Bambu que se curva ao ataque para escapar à ofensiva, e o próprio vendaval que ataca os outros dois personagens com toda sua intensidade.

A documentação das propostas de aula foram construídas e avaliadas através dos relatórios de aula que utilizou como método a Observação Assistemática Exploratória, que segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 33) “[...] ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.”

A observação assistemática, também denominada como espontânea, informal, simples, livre, ocasional e acidental, para Lakatos e Marconi (1991, p.) “[...] consiste

¹² Esta fábula foi pesquisada, mas não se sabe ao certo de quem é. Alguns a remetem à Esopo. Como o bambu é símbolo das artes marciais, por sua flexibilidade, é bastante utilizada em aulas de luta como proposta de ensino.

em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas”, ou seja, não houve intenções prévias de controle de perguntas e respostas, e sim a livre observação e percepção dos pesquisadores com relação aos objetivos já explicitados.

Resultados e discussão

Segue a descrição das atividades proporcionadas em aula de maneira sintética e algumas respostas apresentadas pelos alunos.

Na primeira aula desta proposta, o ritual de início foi alterado, deixando a tradicional fila para o cumprimento e solicitando que os alunos formassem um círculo e se sentassem para a contação da história. Como nas vezes anteriores em que se contou histórias para esta turma, todos ficaram muito atentos e disseram ter gostado, principalmente da Jaqueira por sua força. Então a professora convida: Quem quer brincar de Jaqueira e Bambu? E com um jogo de pega-pega começa a incluir os personagens e suas principais características, ou seja, correr como Jaqueira é correr com as pernas e braços esticados, correr como Bambu, é correr normalmente; cachorro Bambu é a ação de engatinhar, já o cachorro Jaqueira é andar em quatro apoios, deixando o joelho bem esticado.

Após esta atividade foi proposto o momento da luta. O Jogo sugerido era o da Jaqueira, o Bambu e o Vento. Duas equipes, cada uma posicionada em uma lateral do Dojô¹³, sendo que uma seria o Vento e a outra uma das árvores que seriam designadas pela professora. O objetivo principal era que a equipe Vento buscasse todas as árvores que estavam deitadas do outro lado, e trouxesse para seu espaço o mais rápido possível, podendo ser individualmente, em dupla, em trio, como quisessem. Na primeira etapa ficaram duros e imóveis como a Jaqueira e na segunda etapa moles como o Bambu, podendo também movimentar-se, girar, torcer, pois estavam em contato com o vento. Em um segundo encontro as árvores só poderiam ser buscadas em duplas e em outro apenas se todos auxiliassem transportá-la para o outro lado do Dojô.

Após estas vivências, que duraram quatro aulas, a professora propôs a luta do Vento com a árvore, sendo que nas duplas, num primeiro momento um aluno era o Vento e o outro a Jaqueira. O Vento, para ganhar a luta, deveria colocar as costas da

¹³ Local onde ocorre a aula de judô, ou também chamado de Tatame.

Jaqueira no chão, e para a Jaqueira, a única defesa era ficando bem duro e resistindo a força do Vento. Depois invertia-se os personagens. Na segunda rodada um era o Vento e o outro o Bambu, sendo o mesmo procedimento, mas com as possíveis defesas do Bambu, já que pode torcer e inclinar-se para qualquer lado. Todas as lutas em dupla eram iniciadas de joelhos, não sendo permitido ficar em pé, pois ainda não dominam as técnicas de queda, atenuando a chance de se machucarem.

Na última aula da sequência, foi permitido que escolhessem quem gostariam de ser nos combates, a Jaqueira ou o Bambu, como forma de oportunizar e verificar as respostas construídas como qual a melhor defesa para as atividades elencadas.

Estes jogos foram apresentados e vivenciados em 7 aulas, sendo que houve outros que não foram descritos aqui por seu caráter apenas de conscientização corporal e familiarização com os personagens.

No primeiro momento os alunos gostaram muito mais da Jaqueira do que do Bambu, pela força que tem, e alguns mantiveram esta preferência até o final, mas quando foi solicitado que escolhessem algum dos personagens para lutar, foi unânime a escolha do Bambu por poder se mexer, torcer seu corpo, demonstrando a conscientização de que é melhor defender mexendo-se e desvencilhando-se dos golpes do que apenas através da oposição de forças.

Fato importante para também ser salientado foi a compreensão da forma como agiam os personagens, facilitando a explicação das atividades, que já no segundo encontro fazia-se necessário apenas a referência ao Bambu, ao Vento e à Jaqueira, e não mais como deveriam se comportar, possibilitando explicações menos detalhadas que utilizavam menos tempo para explanação.

Considerações finais

Analisando a construção do conhecimento relacionado ao combate e as situações de ataque e defesa na modalidade judô, as respostas para este método foram satisfatórias e mostraram que esta proposta de trabalho com contos em aulas de judô possibilita respeitar as características do público apresentado por aproveitar sua capacidade imaginativa, ou seja, contempla o ensino pela e para a literatura, por contar também com a ludicidade do gênero literário conto.

Por sua pertinência, continuamos com a pesquisa, e o presente estudo representa a primeira proposta, que continua com pesquisas sobre:

- Contos tradicionalmente trabalhados em aulas de judô;
- Quais as intenções de trabalhar com determinado conto;
- Novos contos que serão transformados em novas aulas.

E, finalmente, reforçando a viabilidade desta proposta, acrescentamos as características de motivação, interesse, alegria, prazer, significância, proximidade nas relações, que foram percebidas nos educandos, educadores e, inclusive nos pesquisadores. E não seria essa a essência de boas aulas?

Referências

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, João Batista e SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2003.

LAKATOS E.M. & MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa. São Paulo: Atlas, 1982.

MARTINS, Ida Carneiro. **Histórias Infantis**: O Simbolismo, a Ludicidade e a Motricidade na ação da educação motora. 2002. 166f. Dissertação Mestrado – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas.

MARTINS, Ida Carneiro; VENANCIO, Silvana. **Salvando a Rapunzel**: O jogo simbólico na escola. In: VENANCIO, Silvana e FREIRE, João Batista. O jogo dentro e fora da escola. São Paulo: Autores Associados, 2005.



16 a 18 de Novembro de 2011

GESTÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE DO INTERIOR DA BAHIA

Érica Estevam de Santana; UNEB - unebe.f@gmail.com

Maria Luiza Souza dos Santos; UNEB - malu.ubeb@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa realizada em Aporá, Inhambupe e Sátiro Dias no estado da Bahia, tendo como foco a Gestão da Educação Física escolar. O objetivo principal é caracterizar o cenário das ações promovidas em relação à Educação Física na rede municipal de ensino Fundamental II. O levantamento dos dados foi realizado com base em um questionário e uma entrevista semi-estruturada aplicados nas respectivas Secretarias de Educação, também, contou-se com o apoio de informações disponíveis em sites institucionais. Para a apresentação dos resultados, faz-se uma descrição geral dos municípios, identificando os aspectos relacionados com a gestão da educação, assim também, se apresenta a realidade e as ações ou programas que estão sendo impulsionados no ensino da educação física. Como balanço final levanta-se considerações relacionadas com o descaso da qualificação de professores e a deficiência da estrutura para o desenvolvimento das atividades da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Gestão da Educação; Educação Física; Educação Básica.

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados do estudo e da pesquisa desenvolvidos em três municípios de pequeno porte localizados na Região do Litoral Norte do Agreste Baiano, no caso os municípios de Aporá, Inhambupe e Sátiro Dias. O objetivo principal é identificar a realidade do cenário atual (2010-2011) da Gestão da Educação Física Escolar.

Para tanto, busca-se caracterizar as ações promovidas em relação à Educação Física na rede municipal de ensino Fundamental II. Os principais dados foram levantados com base em questionário semi-estruturado aplicado nas respectivas Secretarias de Educação, de igual forma, levantaram-se informações nos sites institucionais.

A gestão escolar constitui uma dimensão da atuação na educação que objetiva promover a organização, a mobilização e a articulação de todas as condições materiais e humanas necessárias para garantir o avanço dos processos sócio-educacionais dos estabelecimentos de ensino. Portanto, a gestão escolar é um meio ou suporte do processo educativo e não um fim em si mesmo, uma vez que o objetivo final é a

aprendizagem efetiva e significativa dos alunos para o desenvolvimento das competências que a sociedade demanda.

No meio educativo, a disciplina de Educação Física é um importante componente curricular, que vem buscando fortalecer seu espaço dentro do contexto escolar, a partir da aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). As correntes filosóficas, tendências políticas, científicas e pedagógicas, vem influenciando sensivelmente a Educação Física Escolar. As abordagens psicomotora, construtivista, desenvolvimentista e as críticas, fundamentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são o referencial para o ensino, simultaneamente são possibilidades pedagógicas, juntamente com a LDB.

A abordagem apresentada possibilita, de um lado, aprofundar a leitura e dialogar diretamente com os autores estudados na *Disciplina Política e Gestão da Educação Física*, por outro lado, o trabalho de campo motiva uma vivência e o contato direto com as atividades dos gestores, revisando nosso aprendizado na teoria e na prática diária da realidade dos municípios pesquisados.

Portanto, o desenvolvimento deste trabalho constitui um aprofundamento e uma reflexão sobre os modelos de gestão, que tendem a se difundir como de sucesso ou como de benefício para os cidadãos ou como parte da política de educação.

Dessa forma, os resultados permitem entender a atuação dos gestores municipais, tendo como referência a caracterização do quadro de professores e os tipos de projetos, vivências e atividades promovidas com adolescentes, o que permite evidenciar que ainda nesses municípios não há a informação e o estímulo necessários para o desenvolvimento de ações efetivas para a construção de conceitos e práticas da Educação Física Escolar.

Fundamentação Teórica

A Educação constitui-se um fator importante para o desenvolvimento social, político e econômico de uma sociedade. Para atingir esses objetivos da educação, no atual cenário de complexas demandas, é necessário o desenvolvimento de instrumentos que permitam a todos os profissionais da escola gerar espaços para o trabalho em equipe e estimular ações que possibilitem a efetivação de processos de gestão participativa.

A educação física é entendida como uma área que trata de um tipo de conhecimento, denominado cultura corporal de movimento, que tem como

16 a 18 de Novembro de 2011

temas o jogo, a ginástica, o esporte, a dança, a capoeira e outras temáticas que apresentarem relações com os principais problemas dessa cultura corporal de movimento e o contexto histórico-social dos alunos (PCNs, 1998 p.26).

A existência de um planejamento de acordo a realidade dos alunos, promove a prática de aulas sem fins definidos, o que proporciona prática docente destituída de valor e, conseqüentemente, sem o interesse de por meio da intervenção pedagógica, promover o desenvolvimento integral das crianças. Contribuindo com a formação crítica dos indivíduos em debates e até mesmo nas práticas esportivas.

É fundamental, portanto, que a escola, a comunidade de pais e alunos e principalmente o professor valorizem-se e sejam valorizados, assumindo a responsabilidade da integração desta área de conhecimento humano ao projeto pedagógico de cada escola, exigindo plenas condições para o exercício de seu trabalho, garantindo para o aluno a manutenção de número adequado de aulas e condições efetivas para aprendizagem (PCNs, 1998, p. 27).

A forma de planejar e executar as atividades promove a prática da gestão democrática na sala de aula, ou “quadra de aula”, onde os alunos são ‘co-elaboradores’ das práticas pedagógicas dos docentes. Assim, será possível criar um ambiente saudável para inserção de valores, regras, disciplinas e outros aspectos concernentes à sociedade ou qualquer forma organizada de participação e intervenção na mesma, alargando as possibilidades de mudanças nas aulas de Educação Física.

Como pensa Barbosa (1997, p. 54 e 55), o professor de Educação Física:

Ao invés de tentar se diferenciar deve cada vez mais se identificar como educador, engajando-se dentro do aparelho escolar aos demais professores. ... só assim ele compreenderá que seu espaço de ação é todo e qualquer lugar - principalmente a sala de aula - onde ele possa realmente trabalhar conteúdos específicos da educação física... ...visando sempre à formação do ser crítico, autônomo e consciente de seus atos.

A “imaginação pedagógica” vem sendo cada vez mais requerida, uma vez que não há resposta consensual acerca dos conhecimentos realmente úteis. Ou seja, quais são os saberes a serem valorizados pela escola enquanto agência de formação, quais os saberes constituintes dos processos educativos e outros que precisem ser incorporados a esse processo. Não se trata apenas de mudanças no conhecimento a partilhar, ou a adquirir, colocado do concreto para o abstrato, do prático para o simbólico, mas também, de mudanças de atitudes a favorecer, a desenvolver, a fortalecer.

16 a 18 de Novembro de 2011

Os direitos não são suficientes, por si só. Os indivíduos precisam ter capacidades, direitos e habilidades de exercê-los – que são minadas quando pessoas vivem em situações de pobreza, são analfabetas, privadas de recursos, doentes, não tem acesso a informações vitais ou vivem com medo da violência. Assim, os governos devem arcar com seu ônus particular de responsabilidade construindo uma sociedade baseada na equidade e na justiça. Cidadãos ativos são aqueles que exercem esses direitos para melhorar a qualidade de vida política ou cívica por meio de sua participação na vida econômica e política ou ainda na realização de ações coletivas ou organizadas (AMARTYA SEN 1999, *apud* SANTOS, 2010, p.3).

Há necessidade de um gestor, não apenas ter o conhecimento sobre a área de atuação mais o acesso permanente a informações atualizadas que permitam combinar equilibradamente o saber técnico e o posicionamento político na tomada de decisões. “Uma vez que as políticas públicas envolvem interesses, valores e meios de formulação e de execução devem ser tratadas a partir dessa perspectiva política e técnica” (SANTOS, 2010, p. 4), sendo insuficiente a perspectiva burocratizada da administração tradicional.

No entendimento da autora, um gestor devera ser capaz de romper com o ciclo da tecnocracia e da tradicional politicagem, se incorpora uma dinâmica de planejamento onde formular, implementar, monitorar e avaliar representam etapas que se repetem ciclicamente no seu trabalho. A mesma autora, avaliando as condições da educação no Brasil afirma:

É preocupante e alarmante o quadro de desvalorização dos profissionais de ensino que mostra três milhões de professores empregados, com a média salarial de 500 dólares, salários que são reconhecidamente os mais baixos do mundo. Urge uma política de valorização da atuação de professores e especialistas não só aperfeiçoando os seus cursos de formação, como também remunerando-os adequadamente (SANTOS, 2010, p. 9).

Pode se entender que para promover o bem estar da população, o desenvolvimento da sociedade e, especificamente melhores condições de saúde, educação e oportunidades para os mais desfavorecidos o Estado nas suas esferas de administração federal, estadual e municipal, precisa estar dotado de uma administração profissionalizada e fazer uso de modernas práticas de gestão pública. O desafio do gestor no cenário atual é:

A construção de uma noção de bem público e de responsabilidade pública que tenha como parâmetro a garantia dos direitos básicos de toda a população [] e a vivencia de práticas democráticas, como a representação e a participação social, fundamentais em seu cotidiano de atuação[] só é possível construir uma nova cultura de gestão, através da ação da cidadania... (SANTOS, 2010, p. 12-13).

Desse modo, considerando as contribuições dos autores busca-se entender na realidade a forma de gestão da educação física escolar tendo como foco o modelo de gestão dos municípios pesquisados.

Gestão da Educação Física nos municípios estudados

Os três municípios pesquisados estão localizados na Mesorregião do Nordeste Baiano, Microrregião Alagoinhas, a uma distância que oscila entre 150 e 200 Km de Salvador. Os três têm a cidade de Alagoinhas, como centro de referência e interação direta nas atividades de comércio e serviços, principalmente nas demandas de saúde e educação. O acesso às Instituições de Ensino Superior – IES dependem, onde inclusive se localizam os únicos cursos na região voltados para a área de Educação Física.

Estas cidades promovem festas e eventos culturais por iniciativa pública e privada seja para comemorar celebrações religiosas, festejos juninos, ou aniversários das próprias cidades. Em algumas dessas atividades tendem a se integrar apresentações especiais das escolas.

Nos três municípios as decisões sobre o ensino e implantação de programas na área de Educação Física decorrem diretamente das Secretarias de Educação, embora com sigla diferente, tais secretarias tendem a incorporar também a gestão da cultura. Em geral, tais secretarias têm um quadro de coordenadores pedagógicos, supervisores, e/ou diretorias gerais de ensino que são responsáveis pela parte pedagógica, que atuam por pólos ou por escolas, para todos os componentes curriculares. Contudo nenhum deles especializado, ou cuidando exclusivamente da área de ensino de Educação Física. Inclusive, em ocasiões, as questões pedagógicas ficam sob o encargo dos diretores de cada escola.

Tabela 1. Caracterização dos municípios estudados

Município	Área km²	População (2010)	Densidade Demográfica hab./ km²	PIB - per capita R\$ (2010)	IDH
Aporá	572, 226	17.720	31	2 775,81	0, 604
Inhambupe	1.163,561	36.290	31	3.645,37	0, 567
Sátiro Dias	974, 549	18.588	19	4 115,51	0, 549

Fonte: Organizado pelas autoras com base nos dados levantados.

Não há nenhuma ação efetiva, de impacto e de longo prazo na área de Educação Física. No caso, do Município de Aporá desenvolve o Plano de Ação Articulada do Município (PAR), que abrange toda a questão educacional. Tem Comitê Local com representantes da secretaria de educação e também da sociedade civil. Os membros do Comitê participam da construção, da revisão e do monitoramento do PAR, que abrange todas as atividades referentes à educação no município. O único projeto municipal para a prática esportiva é o Campeonato Intercolegial Municipal, com uma única modalidade esportiva, sendo esta o futebol. Este campeonato será realizado pela segunda vez durante esse ano letivo.

Tabela 1. Gestão da Educação Física Escolar nos municípios estudados

Município	Órgão responsável	Coordenação	
		Pedagógica de Educação Física	Ações identificadas
Aporá	Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC).	Não	PAR Campeonato Intercolegial Municipal
Inhambupe	Secretaria de Educação e Cultura (SEDUC)	Não	Parcerias com Projetos Federais
Sátiro Dias	Secretaria Municipal de Educação (SME)	Não	Nenhuma ação identificada

Fonte: Organizado pelas autoras com base nos dados levantados.

No caso do Município de Inhambupe, no âmbito da Educação Física tem parceria com a Secretaria de Ação Social e Secretaria de Esporte e Lazer, com o projeto Pró-Jovem e o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), com modalidades específicas. A AABB Comunidade é uma parceria com o Banco do Brasil que no contra turno, oferece aos alunos mais carentes, aulas de capoeira, teatro, reforço e alguns esportes. Mas, com todos esses projetos, infelizmente, ainda não se abrange a totalidade no Município, até mesmo, pela carência profissional e material. Segundo depoimento da secretária, durante a entrevista realizada:

16 a 18 de Novembro de 2011

São experiências isoladas que estão começando a crescer e melhorar a prática da Educação Física no Município, porque durante muito tempo foi tida para professores que não tinham habilidades com outras disciplinas ou aquele que tinha mais habilidade para esporte, para saúde, ou para complementar a carga horária de professores que ministravam outras disciplinas. Então, a Educação Física do município ficou relegada (FARIAS, 2010).

A questão da capacitação dos professores chama a atenção nos municípios estudados, na área de Educação Física não tem nenhum professor licenciado, embora no município de Inhambupe, uma professora esteja concluindo o curso de Educação Física, essa realidade foi o que motivou a secretaria a fazer parceria com o Projeto Plataforma Freire, tendo oito professores fazendo a capacitação atualmente. Outro dado interessante na pesquisa é que a maioria dos professores são homens, deixando evidente que ainda o protótipo preponderante na seleção é masculino, por suas habilidades esportivas e aptidão física.

Poucas escolas de toda rede municipal possui uma quadra poliesportiva dentro do espaço escolar, as demais escolas tendem a utilizar a quadra da comunidade. Ficando sobre a responsabilidade dos professores o deslocamento até a quadra, que nem sempre é próxima à escola.

Tabela 2. Educação Física no Ensino Fundamental II nos municípios estudados

Município	Escolas EF II	Alunos EF II	Prof. de Ed Física	Prof. de Ed Física com licenciatura	Quadras dentro das escolas	Quadras fora das escolas	Projetos e ações esportivas
Aporá	9	912	9	0	1	2	1
Inhambupe	10	1.760	13	0	3	6	0
Sátiro Dias	5	809	6	0	1	3	0

Fonte: Organizado pelas autoras com base nos dados levantados.

Considerações finais

A Educação Física é uma disciplina de grande importância, pois através dela é proporcionada ao aluno atividades como manifestações inegáveis de uma cultura motora humana. A capacitação dos docentes desta disciplina contribui direta ou indiretamente para o desenvolvimento e a ampliação da visão de mundo do aluno. Desse modo, é de fundamental importância que haja investimentos necessários para serem trabalhados os conteúdos da Educação Física.

A pesquisa realizada evidencia o descaso com a Educação Física Escolar, principalmente pela falta de pessoal licenciado na área de Educação Física, indo na contra mão do previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Apesar do interesse na adesão de programas de capacitação ou formação continuada.

Entende-se que a preocupação com a capacitação dos professores decorre do interesse em melhorar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e que a implantação de alguns programas como Plataforma Freire e Gestar, e outros de escala estadual tem como foco as áreas de português e matemática e o treinamento de diretores e vice-diretores das escolas, deixando em segundas planas outras áreas, inclusive a de Educação Física. Também, evidenciou-se a falta de estruturas e equipamentos necessários para as aulas práticas. Vale observar que, na história das pequenas cidades, as escolas foram construídas em terrenos doados sem nenhum planejamento urbanístico. E que ainda, os projetos apresentados pelas Secretarias não são projetos municipais, mas sim, parcerias com projetos federais e com outras instituições. É evidente que essas parcerias influenciam no desenvolvimento educacional, mas seria necessário um papel mais atuante por parte da administração pública municipal.

A Educação Física permite a vivência da interação do corpo com o mundo, a falta dessa vivência implica no desconhecimento do seu corpo. Quando os professores negam aos alunos a possibilidade de participação de experiências, acabam negando o conhecimento. Podemos levar em consideração que a falta de comprometimento dos professores com um plano de aula coerente com as necessidades pedagógicas dos alunos, ocasiona o desinteresse pela participação na aula.

Portanto, ao finalizar este trabalho, concluímos que os gestores destes municípios estudados são negligentes com as políticas educacionais, mas, especificamente na área da Educação Física. Pois, além da falta de estruturas e

equipamentos, há falta de professores licenciados para lecionar esta disciplina, tornando assim, um componente curricular menos valorizado. Neste ínterim, podemos ver que mesmo que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional define a disciplina de Educação Física como componente curricular importante para o processo de formação do indivíduo, mas, notamos que a Educação Física perdeu seu espaço em grande parte das escolas.

Referências

- BARBOSA, C. **Educação Física Escolar: da alienação à libertação**. RJ: Vozes, 1997.
- BRASIL, Governo Federal. Lei N. 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Básica**, 1996.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. PCNs, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física** – Brasília: MEC/ SEF, 1998
- COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade*. 2ª Edição SP: Editora Moderna, 2001.
- CRUZ, Lenaldo Pereira, Diretor Geral de Ensino, entrevista, Sátiro Dias – BA 06 de dezembro de 2010
- FARIAS, Ângela Carla, Gestora Municipal da Secretaria de Educação e Cultura, entrevista, Inhambupe – BA 06 de dezembro de 2010.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, <http://www.ibge.gov.br/cidades>, acesso dia 18 de janeiro de 2011
- SANTOS, Maria das Graças. Bases para a gestão pública. In: KANAANE, R.; FIEL, A. **FERREIRA, M. Gestão Pública**. São Paulo: Atlas, 2010.
- BAHIA. SEC/BA, **Orientações Curriculares Estaduais para o Ensino Médio**, Secretaria de Educação do Estado da Bahia.
- BAHIA. SEC/BA. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental**.
- SOUZA, Girlene Miranda, Supervisora Pedagógica, entrevista, Aporá – BA 06 de dezembro de 2010.

GINÁSTICA NA ESCOLA PÚBLICA: A EXPERIÊNCIA DA PRÁTICA DE ENSINO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

David Romão Teixeira; UFRB – david_romao@ufrb.edu.br

Priscila Gomes Dornelles; UFRB – prisciladornelles@ufrb.edu.br

Juliana Brito dos Santos; UFRB - juli-britto@hotmail.com

Andréa Tânia Souza dos Santos; UFRB - andreatssantos@gmail.com

Letícia Araújo de Oliveira; UFRB - letthy_oliveira@hotmail.com

RESUMO: Este artigo trata das experiências realizadas na formação de professores/as de Educação Física da UFRB, coordenadas pelo grupo *GEPEFE – Educação, Formação de Professores e Educação Física* – da UFRB, as quais desenvolveram o trato da ginástica como fundamento político e pedagógico. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é contribuir com o debate acadêmico sobre uma concepção política e pedagógica da prática de ensino na formação inicial de professores/as, bem como abordar as problemáticas significativas do ensino da ginástica no contexto escolar e na formação em Educação Física. Esta experiência se fundamenta numa concepção de pesquisa de inspiração qualitativa. Apresenta como vertentes a análise bibliográfica e documental (com análise de documentos oficiais e revisão bibliográfica sobre a temática), bem como ações de observações *in lócus*, aplicação de questionários com professores/as, registros fotográficos e em relatórios de campo. As atividades desenvolvidas no componente *Ginástica Escolar* romperam com uma lógica que coloque as disciplinas de estágio e/ou as atividades de prática de ensino como local de aplicabilidade de conteúdos apreendidos no decorrer da formação inicial. Assume-se, aqui, também, o rompimento com uma suposta dicotomia entre teoria e prática.

Palavras-chave: Formação inicial de professores/as; Prática de ensino; Ginástica na escola.

Introdução

Este artigo trata das experiências realizadas na formação de professores/as de Educação Física da UFRB, coordenadas pelo grupo *GEPEFE – Educação, Formação de Professores e Educação Física* – da UFRB, as quais desenvolveram o trato da ginástica como fundamento político e pedagógico. Nesse sentido, articulam-se, aqui, relatos de ações do projeto de pesquisa-extensão *Ginástica Alegria na Escola: realidade e possibilidades da ginástica escolar na cidade de Amargosa – BA* e a descrição das atividades de prática de ensino organizadas pelo componente curricular *Ginástica Escolar*.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo, também, é abordar as problemáticas significativas do ensino da ginástica no contexto escolar e na formação dos/das

professores/as de Educação Física. Como fonte de materiais para discussão desta pesquisa, utilizamos os relatórios da prática de ensino do componente *Ginástica Escolar* elaborados pelos/as estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRB, bem como, os registros áudio-visuais e documentais do grupo GEPEFE organizados e sistematizados no ano de 2010.

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa, de inspiração qualitativa (FLICK, 2009), apresenta como vertentes a análise bibliográfica e documental (com análise de documentos oficiais e revisão bibliográfica sobre a temática), bem como ações de observações in lócus, aplicação de questionários com professores/as, registros fotográficos e em relatórios de campo. Para isto, organizamos momentos formativos em pesquisa com o coletivo docente e discente do GEPEFE de forma concomitante as atividades da prática de ensino do componente Ginástica Escolar. Essa formação em pesquisa foi distribuída em atividades de: a) grupos de estudos - para identificar e conhecer a produção sobre ginástica escolar; b) realização de discussões sobre a ética na pesquisa – com construção do questionário e termo de consentimento livre e esclarecido; c) organização de um seminário para docentes que atuam na disciplina de Educação Física na região do Vale do Jiquiriçá/BA – o que possibilitou uma aproximação com os docentes da região, formação continuada deste público e a aplicação dos questionários.

Vinte e nove colaboradores/as responderam ao instrumento, sendo que antes de preenchê-los, os/as mesmos/as foram informados dos objetivos e procedimento desta pesquisa, bem como dos procedimentos éticos, tais como: a ausência de identificação dos/das participantes e a garantia do caráter confidencial e anônimo das informações; a utilização destas informações apenas para fins de pesquisa e dos trabalhos científicos que se desdobrarão da “escuta” destas informações. Após a leitura pública do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual reunia os critérios apresentados anteriormente, e o preenchimento do instrumento, os/as participantes assinaram o referido Termo como forma de concordância com os critérios éticos.

São fontes primárias deste estudo: os relatos e registros da prática de ensino, as produções teóricas sobre o tema (artigos, livros, teses e dissertações), e os questionários aplicados com os docentes. Na atual fase do estudo a análise dos questionários ainda

não foi sistematizada, por isso destacam-se as duas primeiras fontes. A pesquisa encontra-se na metade do seu cronograma, sendo assim, este artigo trata das atividades realizadas entre agosto de 2010 e agosto de 2011.

Resultados e discussão

O componente ginástica escolar e uma concepção de prática de ensino

O início do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRB deu-se em março de 2010. Já no segundo semestre do curso, os/as estudantes tiveram a oportunidade de cursar o componente curricular Ginástica Escolar, visto que este ocupa o lugar de disciplina obrigatória. Considerando que “a atividade pedagógica e o trato com o conhecimento da cultura corporal são as bases da formação acadêmica e do trabalho do professor de Educação Física” conforme Taffarel et al. (2007), a proposta deste componente se centra na articulação entre o conhecimento da ginástica e o seu exercício pedagógico de ensino na escola.

Objetivando minimizar/superar dificuldades relatadas pelos/as pesquisadores/as em Educação Física que se destinam a problematizar o estágio e a prática de ensino, tais como: a organização de planos de aula, a condução da turma para os objetivos propostos, como citam Fraga e Nunes (2006), o componente propôs que dezessete horas (de um total de sessenta e oito) de inserção dos/das estudantes no âmbito escolar com a regência de turmas de ensino fundamental para o ensino da ginástica. Sob a supervisão do Prof. David Teixeira e da Prof^a. Priscila Dornelles, responsáveis pelo componente Ginástica Escolar, os/as estudantes foram organizados em trios e para a regência da disciplina de Educação Física na IV unidade e em de turmas de 5^a e 6^a séries (6^o e 7^o ano) de uma escola estadual na cidade de Amargosa/BA. É importante destacar que nenhum dos/das professores/as regentes das turmas eram graduados/as na área, ocupando a disciplina de Educação Física, em geral, para complementação da carga horária na rede estadual.

Consideramos imprescindível discutir a experiência da prática de ensino, pois reconhecemos que por meio dela é possível desenvolver a práxis pedagógica. Silvana Ventorim afirma que a práxis pedagógica “é um contínuo processo de construção, criação e recriação coletiva [...] no interior do curso de formação [...] e no contexto de

atuação profissional em que a própria prática de ensino do professor em formação [...] acontece” (VENTORIM, 2001, p.102).

Nesse sentido, compreendemos que a experiência da prática de ensino permite a construção de processos de aprendizagem sobre o ensinar junto ao “chão da escola”, de forma efetivamente próxima da realidade da escola básica brasileira. Além disso, permite aos/às graduandos/as o reconhecimento das especificidades e peculiaridades do contexto escolar, o qual será um lugar de exercício profissional/docente.

Por muito tempo (e ainda hoje) a formação de professores/as tratou o ato de aprender a ensinar através de processos abstratos e descontextualizados, onde os/as futuros/as professores/as exerciam uma experiência de “laboratório”. Esta modalidade de prática de ensino, muitas vezes, se limita a atividades de trato com o aprender/o exercício de ensinar aos próprios colegas, em espaços e momentos diferentes dos espaços de real intervenção.

Alguns elementos ganham maior centralidade na experiência de prática de ensino apresentada neste artigo, pois este foi o primeiro contato dos/das estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da UFRB como futuros professores/as na escola. Consideramos, também, que o trabalho com a ginástica como elemento da cultura corporal por sua característica na escola apresentou desafios que estão na ordem do dia na Educação Física escolar, principalmente, pelo seu caráter negligenciado nesta disciplina e na escola (SCHIAVON; NISTA-PICCOLO, 2007; ALMEIDA, 2005).

Do trato com a ginástica na escola: a experiência da prática de ensino

A prática de ensino aqui apresentada faz do Componente Curricular Ginástica Escolar para a turma de Licenciatura em Educação Física no semestre 2010.2, que consistiu em elaborar plano de ensinamentos sobre Ginástica e discutir as principais problemáticas da formação de professores de Educação Física. Embasados em estudos referentes ao tema, os discentes vivenciaram a docência compartilhada e puderam transmitir um dos conteúdos da cultura corporal – a ginástica – para turmas que compreendiam da 5ª à 6ª série (6º e 7º ano), promovendo ao final das atividades um festival de ginástica, onde os professores em formação e suas turmas apresentaram séries de ginástica. Para fundamentar a prática de ensino dos futuros professores foram realizadas aulas que articulavam as vivências e a teoria de ensino da ginástica,

privilegiando a aprendizagem das técnicas de ensino e dos movimentos ginásticos, principalmente suas bases e fundamentos. Os estudantes do curso foram divididos em trios, tal escolha se explica devido aos objetivos da prática de ensino, uma aproximação da docência, à falta de experiência dos discentes com o ambiente escolar. Esses mesmos trios deveriam entregar no início o plano de curso e regularmente planos de aulas aos professores responsáveis pela prática de ensino.

As observações a seguir foram resultados das experiências de discentes de três trios distintos, onde destacamos os aspectos positivos e negativos na avaliação das futuras professoras a partir da sua primeira experiência docente.

Inicialmente as discentes realizaram duas visitas a escola, a fim de conhecer o espaço físico, os materiais disponíveis para as aulas de educação física, os profissionais da escola e identificar o perfil da turma. As autoras dos relatos assumiram as turmas da 5ªM1, 5ªM2 e 5ªV12. Nas primeiras observações foi observado que o conteúdo ginástica era negligenciado e os materiais disponíveis eram escassos, a quadra estava interditada e as atividades práticas aconteciam em um pátio da escola em baixo da sombra de poucas árvores ou então em salas vazias.

	5ª Matutino 1	5ª Matutino 2	5ª Vespertino 12
CARACTERÍSTICAS DAS TURMAS	38 alunos, sendo a maioria meninos, turma bastante inquieta.	36 alunos, com idade média de 10 a 11 anos. Contendo um número maior de meninas do que meninos. Turma bastante inquieta.	38 alunos, com média de idade entre 10 a 11 anos, com números parecidos de meninas e meninos. Turma bastante inquieta.
PONTOS POSITIVOS	Conhecer a realidade da escola pública, 1ª experiência com a docência e construir relação professor-aluno.	Disposição para as atividades motoras e maior participação das meninas nas aulas.	Contato com a sala de aula; aproximação com a escola e a vivência da docência.
DIFICULDADES ENCONTRADAS	Conquistar a confiança dos alunos, falta de apoio do	Controle da turma, desenvolver estratégias pedagógicas.	Transmitir o conteúdo, controle da turma, falta de reconhecimento dos outros colegas de

	professor regente, escolha e transmissão do conteúdo; falta de infra-estrutura.		profissão e falta de infra-estrutura.
AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	Foram utilizadas três avaliações: apresentação no festival, participação nas aulas e auto-avaliação.	Participação, frequência e apresentação no festival ao final da unidade.	Apresentação no festival; construção de cartazes referentes ao conteúdo transmitido e participação nas aulas.

Com o exposto na tabela e em outras fontes, foi possível comparar e destacar alguns pontos semelhantes e antagônicos, em relação às vivências das discentes no primeiro contato com a docência. O principal objetivo da prática de ensino era possibilitar aos alunos/as da escola a prática do conteúdo ginástica e seus fundamentos, já que o mesmo não era oferecido aos alunos/as como conteúdo da disciplina Educação Física. Teve o intuito também de finalizar a unidade com a organização de um festival de ginástica, para tornar público a comunidade escolar as aprendizagens realizadas.

As turmas eram formadas por aproximadamente trinta e oito alunos por sala, sendo bem distribuídas com relação aos gêneros, exceto a 5ªM2 que compreendia uma quantidade maior de meninas. A média de idade das turmas compreendia entre 10 a 11 anos. As turmas apresentavam certa inquietação e um pouco de rebeldia, tinham assiduidade na frequência e os meninos demonstravam resistência nas aulas práticas. Estas foram às características iniciais das turmas, que se pode observar nos primeiros dias de prática de ensino. Foram realizadas em média 15 aulas por turma durante a IV unidade.

As dificuldades encontradas nesta prática para as discentes foram: o controle das turmas, falta de espaço adequado para as práticas, os métodos de ensino adequados para o trato dos conteúdos, apoio insuficiente da direção, e com relação à turma 5ªM1 a ausência do professor regente no acompanhamento das aulas, situação também relatado por outros discentes que vivenciaram a prática de ensino. As condições e os recursos

necessários para as aulas eram básicos, contendo colchonetes, cordas e bastões. Porém no quesito espaço era onde se encontrava o principal problema, as salas de aula eram pequenas e o único espaço disponível, pois a realização das aulas no pátio trazia grande dispersão da turma, por ser uma área grande, sem cobertura, geralmente as aulas tinham que ser debaixo da sombra de poucas árvores, pois o horário das aulas era de muito sol, o solo do pátio era de cimento colocando muitas limitações e impossibilitando às vezes o andamento das aulas.

Como pontos positivos, as futuras professoras destacaram as várias possibilidades que esta prática de ensino proporcionou à sua formação, como: a oportunidade precoce de conhecer a realidade das escolas públicas na condição de docente; a necessidade do estudo de estratégias pedagógicas mais adequadas para o trato do conteúdo; e a possibilidade de vivenciar a relação professor-aluno.

A avaliação é um tema bastante complexo na Educação Física. Foram utilizados vários instrumentos avaliativos, tais como: a participação nas aulas; a construção de cartazes; e a apresentação de uma série ginástica ao final da unidade contribuindo na construção do Festival de Ginástica da escola. Estas foram avaliações construídas pelas discentes, as quais foram apresentadas em sala de aula e discutidas com os/as alunos/as da escola. Ao final das atividades e da unidade, foi elaborada uma lista com as avaliações dos/das alunos/as e as formas de avaliação, que foram passadas para a caderneta como fechamento da unidade e entregue ao/a professor/a regente da turma na escola.

Considerações finais

Diante do exposto, consideramos pertinente a contribuição desta experiência para o debate científico sobre prática de ensino. Desta forma, apontamos uma posição política e conceitual que atravessou e norteou as atividades desenvolvidas no componente *Ginástica Escolar* rompendo com uma lógica que coloque as disciplinas de estágio e/ou as atividades de prática de ensino como local de aplicabilidade de conteúdos apreendidos no decorrer da formação inicial.

Desta forma, assumimos que, para além do rompimento com uma suposta dicotomia entre teoria e prática, a experiência da prática de ensino relatada neste artigo permitiu articular os pilares de uma formação sobre ginástica de forma qualificada, os

quais se assentam no tripé ensino-pesquisa-extensão referendados como mote do ensino superior. Além disso, torna-se fundamental evidenciar a possibilidade de superação do caráter negligenciado dado à ginástica na formação de professores/as e no espaço escolar, efetivamente, através do trato complexo com o conhecimento exigido para as atividades organizadas pelo componente Ginástica Escolar.

Referências

ALMEIDA, Roseane Soares. **A ginástica na escola e na formação de professores**. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Bahia, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

FRAGA, Alex; NUNES, Rute. “Alinhamento astral”: o estágio docente na formação do licenciado em Educação Física na ESEF/UFRGS. In: *Pensar a Prática*, nº9/2, p. 297-311, jul./dez. 2006.

SCHIAVON, Laurita; NISTA-PICCOLO, Vilma L. A ginástica vi à escola. In: *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 03, p. 131-150, setembro/dezembro de 2007.

TAFFAREL, Celi Z. et all. Uma proposição de diretrizes curriculares para a formação de professores de Educação Física. In: HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner; TAFFAREL, Celi Zulke. *Currículo e educação física: formação de professores e prática pedagógica nas escolas*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007, p. 41-50.

VENTORIM, S. A formação do professor e a relação ensino e pesquisa no estágio supervisionado em Educação Física. In: CAPARRÓZ, F. E. *Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção*. v. 1. Vitória, ES: Proteoria, 2001.



16 a 18 de Novembro de 2011

GINGA E JOGO NA ESCOLA UMA RASTEIRA NO TRADICIONAL: A INICIAÇÃO COM “PEQUENOS” CAPOEIRAS

Jaderson Silva Barbosa; UEFS - jsbesportes@bol.com.br

Denize P. de A. Freitas; UEFS - denizefreitas0505@gmail.com

Jordão dos S. Vieira; Colégio da PM Carlos Rosa - jordao_vieira@hotmail.com

RESUMO: Esta produção destaca que a instituição escola, com a função social de educação das linguagens, é um espaço capaz de ampliar a nossa capacidade de comunicação com o mundo. A linguagem que aqui trataremos é a corporal e a Educação Física será a disciplina na escola que irá tratar pedagogicamente destas atividades expressivas corporais, dentre elas a Capoeira. Acreditamos que a Educação Física não deve transformar-se em um discurso sobre cultura corporal e, sim, numa ação pedagógica. Nesta tentativa, surge em um Colégio na Cidade de Feira de Santana-Bahia o Projeto Ginga e Jogo na Escola: Rasteira no tradicional.

Palavras-chave: Capoeira; Jogo; Escola.

Educação Física: Contribuições para o ensino da capoeira – Reflexões Preliminares

A década de 80 é um marco histórico para a Educação Física no que diz respeito à construção do conhecimento na área. Dentre os principais legados deste período podemos destacar a necessidade de rompimento da compreensão desta disciplina como responsável pela formação de talentos esportivos e/ou aplicação de aulas que buscassem apenas o desenvolvimento físico/técnico na escola. Sendo assim, a área de Educação Física reconhece-se como prática pedagógica, utiliza-se do conhecimento produzido nas áreas das ciências sociais e humanas dentre outras e inicia um processo de transformação e, mais precisamente, de identificação do objeto de estudo da Educação Física, deslocando-o do eixo biológico/tradicional para o eixo cultural/corporal/crítico com aulas inovadoras e, como consequência, novas possibilidades para formação do aluno.

Ao tratar pedagogicamente as produções humanas, aqui em especial a capoeira, a Educação Física sistematiza saberes necessários aos educandos em idade escolar, devendo ter o cuidado de socializar estes conhecimentos dando-lhes sentido e significado necessários para as exigências da prática pedagógica. No caso da capoeira na escola, *“com toda a sua historicidade, o que se observa, é uma limitadíssima presença enquanto prática propriamente dita.”* (BREGOLATO, 2005, pág. 189).

Necessita-se, portanto, quer seja na escola, ou fora dela, ampliar o ensino da capoeira, preservando sua identidade e valores culturais. Pensando que, neste sentido, o jogo é uma das manifestações mais antigas do homem tendo muito a contribuir neste processo.

Capoeira: Relações com a Educação Física na escola

A educação das crianças, nas civilizações antigas, era de responsabilidade das famílias. Com o passar dos anos esta ação torna-se institucional e as escolas assumem a tarefa de formação intelectual. As características observadas na própria natureza das crianças e do homem como um todo, a saber, o movimentar-se, o socializar-se, enquanto relações necessárias ao processo de amadurecimento e construção da autonomia, não eram atendidas pela escola, muito menos considerada para a formação do sujeito escolar.

Dentro da realidade atual, esta perspectiva tem avançado e podemos dizer que a função da escola é de transmitir e mediar os conflitos e diálogos entre diferentes culturas que se manifestam em diferentes linguagens (MOREIRA, 2003).

Desta forma, a escola vem considerando que os sujeitos estão situados num contexto histórico e cultural específico, ou seja, os sentidos/significados das práticas corporais estabelecem-se e desdobram-se num sujeito imerso em cultura, sendo estas significativas para formação do indivíduo. Dentre estas manifestações, podemos destacar a Capoeira (SANTOS, 2009).

De fato não podemos negar que a escola, através da disciplina da Educação Física, deve fazer a discussão sobre a capoeira, mas por que geralmente, não o faz?

Deve-se entender que para utilizar a Capoeira como conteúdo dentro da escola, quer seja nas aulas de Educação Física, quer seja inserida como oficinas, deve-se ter uma visão ampliada da potencialidade desta manifestação. O que nem sempre ocorre quando esta é utilizada no ambiente escolar.

Compreendemos que o ensino da Capoeira deve passar por discussões, não no sentido de encontrar a melhor prática, mas sim, apresentar aos educandos, suas concepções histórico-culturais e as diversas possibilidades expressadas em suas “rodas”. O contexto da Capoeira não é só de luta, compreende o jogar, o brincar, o lúdico, a musicalidade, a expressividade tão comum no cotidiano das crianças. Tornando-se mais

uma possibilidade enquanto instrumento pedagógico para a formação de alunos no contexto escolar.

Antes da ginga, o jogo na escola

O tratamento pedagógico que é atribuído ao jogo, tem origem na necessidade de adequar o aprendizado das crianças, destacando-as como um ser com uma natureza distinta do adulto. Neste sentido, os estudos de Kishimoto (1996) sinalizam as contribuições de Froebel, ao atribuir a aproximação do jogo e brinquedos ao trabalho pedagógico. Os educadores interessados neste tema refletem sobre a necessidade de identificar quais as características do jogo e o que o tornaria educativo na escola. Para ser considerado jogo, segundo o mesmo autor, este deve preservar durante o processo a **liberdade de ação do jogador**; a **relevância do processo de brincar** e a **intencionalidade daquele que brinca**.

Como, então, garantir dentro do espaço escolar que o jogo mantenha sua essência lúdica e suas características específicas?

Para responder a tal questionamento, Luckesi (2000) chama de jogo didático qualquer jogo com um caráter educativo, quer seja o jogo livre (espontâneo) quer seja o jogo dirigido (numa função didática). Compreende que para um jogo didático permanecer com status de jogo, a ação e premeditação do adulto deverá se referir à organização do tempo, dos materiais e do espaço no qual as crianças se movimentam e não na atividade em si, permitindo à criança, a liberdade de “ir” e “vir” na atividade, bem como a flexibilidade para reordená-la, sem entrar em conflito com sua ação voluntária, admitindo a “incerteza” quanto aos resultados tão comuns a estas atividades.

Ampliando esta discussão Freire (2003) revela quais as implicações pedagógicas do jogo: a) não esquecer o que foi aprendido, b) manter o que foi aprendido, c) aperfeiçoar o que foi aprendido; d) preparar-se para novos desafios.

Potencializando o uso do jogo para além de conteúdo da Educação Física e utilizando-o como recurso metodológico para o ensino da Capoeira, o Projeto Ginga e Joga: uma Rasteira no tradicional revelou importantes experiências e produções, que serão relatadas a partir deste momento.

Ginga e jogo na escola – relato de experiência

As produções na área de Educação Física sinalizam uma necessidade de propor práticas pedagógicas na escola que venham a materializar ações que contribuam na formação de crianças e adolescentes em idade escolar. Nesta intenção foi que um grupo de professores de Educação Física, entre eles um professor com 1º mestrado em capoeira, desenvolveram em uma escola privada de ensino na Cidade de Feira de Santana-Bahia, o Projeto Ginga e Jogo: uma rasteira no tradicional.

O Projeto teve início no ano de 2009, contudo, foi no ano de 2010 que foi sistematizado e tornou-se uma gratificante experiência de ensino-aprendizagem com crianças de 6 a 9 anos. A Capoeira neste espaço de intervenção é apresentada a comunidade em formato de oficinas, com duas aulas semanais de duração de 50 minutos.

O Projeto surgiu na busca de apresentar a modalidade para a comunidade escolar de maneira significativa e prazerosa. Os conteúdos da capoeira (musicalidade, tática, regras, movimentos, história) foram revelados aos alunos a cada encontro através de jogos e brincadeiras, com a apresentação dos personagens, dos fatos históricos e outras questões que permitissem uma melhor compreensão do conteúdo Capoeira; permitindo modificações das atividades propostas e, especialmente, estimulando decisões em grupo e a criatividade. Para este fim, foram criados ou adaptados de jogos/brincadeiras tradicionais. Aqui iremos destacar apenas seis atividades, separadas pela proposta de conteúdo da capoeira que envolve a técnica, a musicalidade e a história desta manifestação.

Prepare-se para entrar na roda...

Descrição dos jogos:

a) Nome da atividade: Floresta Encantada

Descrição da Atividade: No espaço de jogo deve haver dois locais (a casa do capitão) e no outro extremo (a floresta encantada). Para iniciar o jogo, o capitão deve estar em sua casa e os capoeiras fugidos devem estar fora da floresta. O pega-pega é ativado quando o capitão diz: vai para floresta – nesse momento os capoeiristas devem correr para a floresta para não serem pegos e levados para a casa do capitão. Os capoeiristas fugidos que conseguirem entrar na floresta devem imitar uma árvore (elevando os dois braços

16 a 18 de Novembro de 2011

para cima e juntando as mãos a cima da cabeça) para confundir o capitão. O capoeira que entrar na floresta só estará protegido do capitão se estiver na posição de árvore, do contrário pode ser pego pelo capitão. O último capoeirista que restar poderá ser o próximo capitão ou escolher algum colega para assumir o posto.

b) Nome da atividade: Cadê Zumbi?

Descrição da Atividade: Escolheremos no espaço de jogo três locais, demarcados, para servirem como: a casa do capoeira, a casa do capitão, e o quilombo casa de zumbi. Os capoeiras saem da sua casa e vão para o quilombo procurar zumbi e encontram no meio do caminho o capitão na porta de casa, neste momento a história começa. Os capoeiristas perguntam ao capitão: o quilombo é por aqui? E o capitão responde: é sim! E os capoeiras voltam a perguntar: e será que Zumbi tá aí? Rapidamente o capitão reage: se não estiver pode ficar aqui! Neste instante os capoeiras devem correr para o quilombo ou para a sua casa para não serem pegos pelo capitão. O último a ser pego vira capitão, os que forem sendo pegos devem ser salvos pelos colegas que se arriscarão ao entrar na casa do capitão.

c) Nome da atividade: Garrafa Mandona

Descrição da Atividade: Para a realização deste jogo precisaremos de uma garrafa pet decorada de modo que não dê para ver o que tem dentro dela. Inicialmente teremos que escolher alguém para rodar a garrafa. Quando a garrafa parar, o capoeira que a garrafa apontar deverá retirar um pedaço de papel de dentro da garrafa e realizar o comando escrito no papel. Dentro da garrafa tem vários recortes de papéis onde existem comandos de movimentos da capoeira, ou perguntas sobre toques do pandeiro, história da capoeira entre outros.

d) Nome da atividade: Nunca atrás

Descrição da Atividade: Essa brincadeira é realizada em duplas. Os dois capoeiristas se posicionam um de frente para o outro – o capoeira um (1) permanece em pé e o capoeira dois (2) fica em uma posição que nós conhecemos como ‘queda de quatro’ (posição agachada com as mãos no chão atrás do corpo). O objetivo do jogo é o

capoeira que está na ‘queda de quatro’ não deixar que o capoeira ‘em pé’ toque a suas costas. Se isto acontecer os capoeiras invertem de posição.

e) Nome da atividade: Jogando capoeira até a música parar

Descrição da Atividade: Nesta brincadeira, o professor deverá ter em mãos algum instrumento de capoeira para ritmar a música. Antes de começar a brincadeira o professor diz o nome de um movimento de capoeira para todos escutarem. Depois ele começa a tocar e cantar uma música de capoeira. Nesse momento todos devem começar a jogar capoeira com o colega mais próximo. Quando ele parar de tocar, todos devem executar o movimento que ele falou no início. Quem não conseguir executar o movimento sairá do jogo temporariamente e retornará assim que sugerir outro movimento para que todos realizem.

f) Nome da atividade: Histórias de aventuras

Descrição da Atividade: Neste jogo o professor deverá construir revistas de aventuras, criar personagens (de preferência com nomes de grandes mestres de capoeira) e materializar a história na aula. Tudo começa com a leitura da historinha (ex. Bimbinha foi à floresta pegar algumas frutas para a sua mãe fazer suco bem fresquinho, mas chegando lá encontrou uma grande cobra e decidiu usar o AÚ para fugir da cobra gigante...). Para cada parte da história deve ter uma figura para ilustrar o movimento dado por Bimbinha, para que os alunos vejam como executar o movimento ou lembrarem que já o executaram. Depois de contada a história, o professor deve montar um circuito de forma que cada estação represente um animal ou um obstáculo enfrentado por Bimbinha. Então todos os capoeiristas devem passar pelo circuito de aventura.

Finalizando a roda, considerações provisórias

O desenvolvimento deste projeto na escola buscou ampliar as possibilidades de materializar o ensino da capoeira em espaços escolares e não escolares. A proposta de aproximar o ensino da capoeira para crianças em idade escolar, utilizando o jogo como recurso pedagógico, permite que o mundo infantil seja preservado e a característica lúdica, necessária para uma adequada formação, seja garantida. Reconhecemos que

ainda precisaremos avançar e que “rodas” de aprendizado vêm sendo jogadas, posicionando criticamente o trato pedagógico da Capoeira enquanto conteúdo das aulas de Educação Física. Contudo, devemos estar atentos buscando avançar nesta construção. Sendo assim, deixamos algumas sugestões e conclusões:

- 1) A Capoeira na escola deve receber tratamento pedagógico; as contribuições do professor de Educação Física, que junto com os saberes da roda de Capoeira (dos mestres, afinal, “as mandingas” da capoeira não se aprendem em bancos das universidades) podem contribuir de forma significativa na formação humana.
- 2) O desenvolvimento da Capoeira na escola não deve estar a serviço de formar atletas ou exímios capoeiristas para apresentações em datas comemorativas isoladas. A Capoeira transcende este pensamento disciplinar/fragmentado.
- 3) Deve-se ter a consciência da necessidade de se construir um projeto pedagógico, com todos os aspectos teórico-práticos necessários a uma adequada formação. Por exemplo, isto inclui uma permanente avaliação dos alunos, em aspectos como socialização, apreensão dos conteúdos propostos, entre outros.
- 4) Por fim, gostaríamos de sinalizar que muitos espaços de ensino-aprendizagem pelo país possuem experiências e produções importantes. Em algumas regiões muitas produções já foram sistematizadas e publicadas. Precisamos tornar este conhecimento mais acessível, mais popular. O trabalho coletivo neste sentido tende a fortalecer a Educação Física, a Capoeira e as diversas outras possibilidades de intervenção educativa no contexto da cultura corporal, evitando que tenhamos não apenas um discurso sobre cultura corporal, mas sim, uma ação pedagógica.

Referências

- BRICOLATO, Roseli Aparecida. **Cultural corporal do jogo**. São Paulo: ícone, 2005. (Coleção educação física escolar, no princípio de totalidade e na concepção histórico-crítica social; v. 4).
- DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura/Jocimar Daolio**. - Campinas, SP: Autores Associados, 2004. - (Coleção Polêmicas do nosso tempo)
- FREIRE, João Batista Freire; SCAGLIA, Alcides José. **Educação como prática corporal**, São Paulo: Scipione, 2003.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo e brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez 1996.



16 a 18 de Novembro de 2011

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos.** Revista Brasileira de Educação. 2003, n 23, PP. 156-168.

SANTOS, Gilbert de Oliveira. **Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 30, n. 2, p. 123-136, jan. 2009

SAVIANE, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação política.** 40 edição – Campina, São Paulo: Autores Associados, 2008.

SOARES, Carmem Lúcia. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** 6ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 1992.

JOGOS ESTUDANTIS DA REDE PÚBLICA DA BAHIA: REFLEXÕES E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

Evódio Mauricio Oliveira Ramos; DIREC 02/UEFS - mauricioraoli@hotmail.com

Denize Pereira de Azevedo Freitas; UEFS - denizefreitas0505@gmail.com

RESUMO: Reflexão sobre a experiência vivenciada no Projeto Jogos Estudantis da Rede Pública da Bahia, ação desenvolvida pela Coordenação de Educação Física e Esporte Escolar (CFE) da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), que busca diagnosticar e entender o contexto e a realidade da prática pedagógica da Educação Física no ambiente escolar propondo uma reelaboração da concepção do esporte e a formação do educando numa perspectiva transformadora. São descritos neste artigo a metodologia e organização didático-pedagógica na construção do projeto bem como alguns desdobramentos de sua aplicação.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Prática Pedagógica; Jogos Estudantis.

Introdução: em que campo estamos jogando?

O presente artigo apresenta uma experiência desenvolvida pela Coordenação de Educação Física e Esporte Escolar (CFE), Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC) em parceria com as Diretorias Regionais de Educação (DIREC) a partir de ações voltadas para a revitalização e a valorização da Educação Física como componente curricular da Escola Básica na Rede Estadual da Bahia. Os Jogos Estudantis da Rede Pública (JERP), relatado e discutido nesse trabalho, é um dos projetos cujo principal eixo norteador é a mobilização da juventude baiana em torno das práticas da cultura corporal.

O projeto teve início em 2008 e ao longo desses anos tem buscado entender a realidade e as contradições das ações pedagógicas da área de Educação Física dentro do universo escolar para, decorrente desse entendimento, refletir e adotar procedimentos que permitam a superação dos problemas verificados nessas realidades.

Delimitando o tema esporte

Para iniciarmos o debate é necessário situar o esporte enquanto fenômeno da manifestação corporal popular vivenciada nas aulas de Educação Física escolar. Nesse sentido, o esporte e demais elementos, a partir de uma perspectiva crítica, se inserem em uma conjuntura de sociedade como conhecimento produzido historicamente por seus atores sociais e, dessa forma, cheios de significados e sentidos culturais passíveis de

novas reinvenções e reelaborações. Como afirma Saviani (1995), a escola existe para oportunizar a aquisição do saber elaborado para que o educando possa se apropriar deste mesmo saber.

Desta forma, entende-se que a Educação Física deva propiciar o acesso socializado aos esportes analisando o problema das formas, dos processos, dos métodos que viabilizam o domínio de determinados conteúdos que só fazem sentido no interior das relações sociais (SAVIANI, 1995).

O esporte enquanto prática social é transformado em atividade de rendimento e inserido como mecanismo de consumo, espetáculo e elitização. Descontextualizadas dos fenômenos sociais, a mercadologia do esporte, banaliza os valores coletivos, democráticos e cooperativos dos esportes.

Entretanto, o movimento de resistência social vem construindo concepções para além da visão meramente utilitarista do esporte. Para entendê-lo como produção do saber social, é necessário inseri-lo na escola numa perspectiva que o torne objeto de análise e de crítica. Como afirma Oliveira (2005), no início todos se apresentam como iguais nas práticas esportivas, porém com o afunilamento das competições e suas etapas eliminatórias, percebe-se a sobrepujança e o contraste de classe. Essa prática propicia um processo de esvaziamento cultural, alienação e da percepção do saber concreto do aluno, afastando a Educação Física, enquanto componente escolar, do seu compromisso político de expressão coletiva e de formação omnilateral.

Tomando como referência esse debate surgem algumas indagações que precisamos refletir: Como construiremos uma sociedade que atenda aos interesses das classes menos favorecidas quando reproduzimos através do esporte valores que reforçam o individualismo, a competição desigual, o consumismo desmedido de produtos e serviços esportivos, a elitização, a classificação e a hierarquização social? Quais são as condições objetivas e subjetivas de vida as quais emergem esses corpos que lutam? Embora não consigamos esgotar tais questionamentos, dada sua amplitude investigativa, é fundamental que se reflita os acessos e a qualidade dessas práticas oferecidas, principalmente, no ambiente escolar, local histórico de produção de saberes e de formação humana.

O esporte, enquanto elemento da cultura corporal deve ser visto como um instrumento de colaboração para a emancipação do homem e da melhoria de suas

condições de vida, bem como a preservação dos interesses coletivos. É preciso, segundo Kunz (2001) e Bracht (2003), que os esportes sofram alterações importantes dentro dos elementos teórico-metodológicos de seu ensino e aprendizagem, possibilitando sua compreensão como atividade humana emergida num contexto político de cultura e sociedade, não sendo um fim em si mesmo. É preciso entendê-lo dentro de uma perspectiva ampla de historicidade, totalidade e criticidade, explorando suas dimensões políticas e filosóficas.

Esporte: intenção político-pedagógica ou mera ação esquizofrênica?

Tendo como referência as aulas de Educação Física e a inserção desse componente curricular na proposta pedagógica da escola conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/1996) podemos pensar como os elementos ontológicos, epistemológicos e metodológicos são determinantes para atender a determinada perspectiva de sociedade e de homem que se pretende alcançar e como se darão as relações de poder e lutas de classe nessa prática. É preciso, garantir a reflexão sobre o sentido dessas ações e os contextos sócio-culturais que acontecem essas vivências. Dessa forma, teríamos bem definido a contribuição desse conteúdo “Esporte” na formação humana e as intenções políticas oriundas de sua prática, como a quem se destina e a serviço de que ou de quem se presta.

Utilizando o viés filosófico do histórico-cultural é possível, questionar e contestar as estruturas de poder, os interesses hegemônicos, alienação da sociedade de consumo e os valores por eles difundidos amplamente. O confronto ideológico com tais estruturas traz parâmetros concretos para intervenções sociais significativas (SAVIANI, 1995). Assumindo uma postura crítica, atuando com competência técnica e compromisso político, professores e educandos podem tornar efetivo um projeto histórico de sociedade mais humana, coletiva e democrática. Projeto esse comprometido com os interesses da democratização da produção do saber social construído com intenção político-pedagógica capaz de superar as propostas reducionistas do esporte enquanto conteúdo da Educação Física escolar.

Delineando as regras do jogo

Com o propósito inicial de revitalizar o esporte da escola como ferramenta pedagógica, foi proposto pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia através da Superintendência de Educação Básica e Coordenação de Educação Física e Esporte Escolar a realização dos Jogos Estudantis da Rede Pública da Bahia, ação que propunha a mobilização da juventude baiana em torno dos ideais de inclusão, cooperação, solidariedade, emancipação e participação (JERP, 2011).

O formato estabelecido para esse projeto foi pensado e planejado para garantir a participação coletiva e democrática de todos os envolvidos no processo: comunidades, unidades escolares, professores e educandos. Além da possibilidade de construção coletiva das regras o regulamento sugere a diversificação da cultura corporal e a ampliação do repertório de atividades vivenciadas em diversas regiões da Bahia. O projeto contempla 03 etapas sistematizadas da seguinte forma:

A etapa I – Festivais Esportivos nas Unidades Escolares, sendo esta a mais incentivada. Pois, pelo entendimento do coletivo idealizador do JERP, é nesse momento que pode ser garantida a participação de toda comunidade estudantil no projeto. Para isso, é estimulado o desenvolvimento de Projetos Pedagógicos, a fim de estruturar as intervenções pedagógicas e garantir o teor formativo dos Jogos. Nessa etapa, a escola tem autonomia para incluir práticas corporais que contemplem a realidade local no que tange as especificidades da cultura local. A participação da unidade escolar nas etapas seguintes está condicionada a apresentação de um documento de registro dessa experiência desenvolvida na escola, denominada de Plano de Intervenção Didático-pedagógico. A utilização do regulamento geral do JERP serve como parâmetro norteador para essas intervenções, já que trazem modificações e adaptações que refletem o caráter educativo do projeto.

A etapa II – ocorre no Pólo Municipal, entre as unidades escolares de cada município participante circunscritos na jurisdição de cada DIREC. Ampliando, desta forma, o universo de socialização das vivências experimentadas no interior da escola. Essas etapas além de garantirem a diminuição das distâncias geográficas entre os municípios, também contemplaram características culturais de cada região.

Depois de realizar as etapas municipais (Etapa II), é realizada a Regional (Etapa III – Pólo Regional) que possibilita a participação dos municípios de cada DIREC para

uma esfera de maior abrangência agregando as equipes que se destacaram nos respectivos Pólos Municipais.

Entendemos que, por se tratar de uma nova concepção de processo esportivo, onde os interesses educativos prevalecem sobre os de rendimento, os professores, de modo geral, ainda não compreenderam totalmente a finalidade do JERP. Portanto, ainda são observadas dificuldades na compreensão das regras estabelecidas pelo coletivo acerca do caráter cooperativo dos jogos, deixando em alguns momentos vir à tona os ranços de competições em formatos de alto rendimento.

A partir dos relatos e depoimentos colhidos pôde-se perceber que muitos professores apresentam, ainda, uma concepção acrítica no trato pedagógico do conteúdo esporte, impondo aos educandos uma conduta fundamentada no desempenho. Nesse caso, a fragmentação, a dicotomia e os reducionismos estrangulam as possibilidades de reflexões que poderiam contribuir para as transformações necessárias a essas realidades.

Entretanto, tal momento torna-se significativo e problematizador quando desencadeia processos de aprendizagem a partir das contradições e conflitos de interesses entre os participantes. Mas, indiferentemente das intencionalidades do alto rendimento, impostos pela cultura hegemônica do trato do conteúdo esporte meramente instrumental, absorvida pela maioria dos professores e educandos, ainda é possível, mediante a vivência desse projeto, vislumbrar a possibilidade de superação de tais concepções no esporte escolar.

Busca-se, assim, entender a educação como um processo social que consolida a cultura e a história própria de cada comunidade determinando a realidade educacional a que se destina a Educação Física, enquanto componente que pode propiciar a compreensão crítica das diferentes realizações esportivas (KUNZ, 2001).

Porém, ao longo dos três anos de implantação e realização do projeto do JERP (2008, 2009 e 2010) foi registrado avanços no trato pedagógico e na quebra dos paradigmas atrelados a Educação Física referenciada, apenas, na aptidão física e em rendimentos; bem como a busca de novos eixos orientadores para a prática pedagógica nas aulas de Educação Física no chão da escola pública da Bahia. Esses avanços surgem de inquietações dos próprios educandos e professores.

Outro importante ponto de ruptura e mecanismo de reflexão da práxis pedagógica dentro de escola é a socialização de experiências inovadoras desenvolvidas

nas aulas de Educação Física que tenham promovido a superação de problemas no esporte escolar, como a inclusão das pessoas portadoras de necessidades especiais, bem como o respeito às diversidades culturais encontradas no estado da Bahia.

Os escores do jogo: em busca de um entendimento

Um dos elementos indicadores de determinadas práticas exclusivas instauradas no interior das escolas baianas tem na figura hegemônica da prática do futsal, massificado e determinado como conteúdo quase único das aulas de Educação Física. Dados fornecidos pela DIREC de Feira de Santana em 2009 apontam 80% das Unidades Escolares inscritas apenas na modalidade Futsal, negando a apropriação por parte dos educandos dos outros elementos da cultura corporal.

Esse aspecto evidencia a dificuldade no trato com outros conteúdos da Educação Física (EF) e a massificação do futebol. Como fator agravante é constatado a pouca participação do sexo feminino nas modalidades esportivas (apenas 10 das 60 equipes inscritas), fator que indica, ainda, a negação às meninas da prática corporal na escola.

Apesar da constatação da hegemonia da cultura do futebol, é importante ressaltar que o projeto visa à valorização da manifestação da cultura corporal que compreende a prática de esportes, danças, jogos, lutas e ginásticas como ferramentas importantes na promoção da formação humana e da apropriação deste arcabouço teórico (CASTELLANI FILHO et al., 2009). Alguns valores desenvolvidos através dessas experiências como cooperação, emancipação e solidariedade são essenciais para a formação da criança e do jovem.

O JERP compreende as modalidades esportivas comuns, adaptadas para atender melhor aos princípios de inclusão e participação. Pressupõe-se que esse projeto caminhe numa perspectiva de superação das atividades competitivas por festivais e oficinas, de teor socializador dos conhecimentos produzidos nos projetos pedagógicos desenvolvidos na escola.

Muito professores que desenvolvem o trabalho didático-pedagógico da área de conhecimento Educação Física nas escolas não possuem a formação e a qualificação necessárias para o desenvolvimento pedagógico do projeto de forma qualificada. Conseqüentemente, observamos o esvaziamento da prática pedagógica crítica e consciente dentro desses espaços.

A realização do JERP 2008/2009/2010 também apontou, através de relatórios e estudos, a falta de instalações e infra-estrutura adequadas dentro das escolas para a prática de atividades esportivas diversificadas. As condições materiais precárias e a pouca qualificação de seus profissionais tornam essas práticas pobres e inviáveis pedagogicamente.

Este problema tem sido amplamente discutido no coletivo de professores e considerado relevante para a efetivação da Educação Física no interior das escolas. Desta forma, através do fórum de articuladores de Educação Física de cada DIREC (criado por necessidade na condução regional do projeto), foram discutidas e encaminhadas propostas que contribuíssem para a melhoria das ações educativas dentro do contexto escolar. A partir dessas sinalizações, já em 2009, houve indicativos de políticas públicas da Secretaria de Educação e do Governo do Estado para avançarem na reparação das lacunas apontadas como emergenciais: maior descentralização de recursos para as unidades escolares, ações de formação inicial e continuada de professores, revitalização de instalações e espaços físicos da escola, além da construção coletiva de uma proposta curricular para a Educação Física.

Na reflexão do fazer pedagógico, existe a possibilidade dos envolvidos se perceberem e se apropriarem criticamente deste saber. Entende-se que, em algum momento, a consciência pedagógica dessas ações deságue num processo de crescimento e amadurecimento da área fazendo do esporte escolar, um mecanismo que possa colaborar para a humanização, conscientização e efetivação do indivíduo como ser social, histórico, crítico e ético. Que faz de cada gesto corporal uma ferramenta do pensar, do sentir e do agir humano.

Interrompendo o jogo para um café filosófico...

Apesar das iniciativas pedagógicas constatamos a necessidade do envolvimento de toda a sociedade e poderes públicos a fim de garantirem aos cidadãos o acesso às práticas corporais dentro e fora do ambiente escolar.

Assim, entendemos que as ações desenvolvidas pelo projeto são fundamentais e contribuem, enquanto ferramentas, para (re) pensar o fazer pedagógico na escola.

Faz-se necessário a valorização de trabalhos científicos voltados para o chão da escola e a abertura de linhas de pesquisa nos programas de pós-graduação Lato e Strito

Sensu que consolide essas ações e possibilite o avanço das atividades pedagógicas no interior da escola.

É necessidade a prática de mutirões pedagógicos para registro e avaliação dessas ações, bem como o acompanhamento dos desdobramentos do projeto no cotidiano escolar. Socializar conhecimento com outras experiências dessa natureza com o intuito de aprimorar e consolidar tais ações.

Vale ressaltar o trabalho participativo e coletivo de planejamento, captação e execução de recursos financeiros que subsidiam essas ações, tanto de ordem estrutural como pedagógica nas escolas do Estado da Bahia.

Referências

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. 252 p.

BAHIA. **Regulamento dos Jogos Estudantis da Rede Pública da Bahia**. Secretaria da Educação, 2011. Disponível em: http://www.educacao.ba.gov.br/sites/default/files/canal_escolas/arquivos/Regulamento%20Geral%20JERP%202011.pdf. Acesso em: 8 mar. 2011.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução**. 2.ed.rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003, 136 p.

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. – 5. ed. – Brasília : Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. 60 p.

CASTELLANI FILHO, L. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. 2. Ed. rev. – São Paulo : Cortez, 2009.

KUNZ, Elenor. **Educação Física: Ensino e Mudanças**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001. 207 p.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Editora: Autores Associados, 30. ed, Campinas, SP, 1995. 104 p.

O ELOGIO NAS AULAS DE JUDÔ DE UM PROJETO DE EXTENSÃO EM UMA COMUNIDADE RURAL NA BAHIA

Maycon Brandão dos Santos; UFRB

Daniel Giordani Vasques; UFRB

Leopoldo Katsuki Hirama; UFRB

Kleibson Pereira de Souza; UFRB - maycon.fn@hotmail.com

RESUMO: O elogio no sentido educacional serve como um reforço positivo em atitudes e ações consideradas adequadas pelo docente. Na comunidade rural de Barreiros em Amargosa, Bahia, aparentemente os alunos raramente são elogiados e quando isso acontece, parece que ficam mais dispostos e crentes de poderem atingir seus objetivos. Sendo assim, objetivamos avaliar como tem sido utilizado o elogio e as impressões dos participantes de uma turma de judô com crianças desta comunidade rural e de vulnerabilidade social. Observamos quatro aulas e entrevistamos a professora e quatro alunos com questões referentes ao uso do elogio. Os alunos gostam de serem elogiados e lembram situações em que isso ocorreu. A professora utiliza o elogio como ferramenta pedagógica quando verifica um desenvolvimento individual do aluno, tanto para atividades motoras quanto atitudinais. Parece ser uma ferramenta também para atrair a atenção e o respeito de alunos com maiores dificuldade de concentração e respeito com as atividades pedagógicas. Também foi costumeiro o uso do elogio na frente de todos, porém salienta-se o fato do cuidado para que todos tenham vivências de sucesso e possam ser elogiados.

Palavras-chave: Elogio; Judô; Comunidade Rural.

Introdução

O projeto Construindo pelo Esporte é uma ação extensionista do curso de Educação Física da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que ocorrem desde 2010 na cidade de Amargosa, Bahia. O projeto desenvolve aulas de judô em uma comunidade rural de vulnerabilidade social para aproximadamente 50 crianças e jovens.

Em diagnósticos iniciais do projeto nesta comunidade, verificou-se, entre outros fatores de marginalidade social, que o uso do elogio para reforçar atitudes positivas dentro das famílias é extremamente raro, e percebeu-se um estranhamento quando as crianças e jovens são elogiadas.

Consideramos aqui que o elogio usado no sentido da educação serve como um tipo de reforço para se continuar fazendo algo que é considerado correto por quem elogia, uma recompensa por algo bem executado ou uma atitude adequada que deve ser repetida. É usado com um propósito de exaltar e fixar o aprendizado de algo, ou seja,

elogios nada mais são do que percepção, incentivo, observação positiva e otimista para que o elogiado mantenha um padrão qualitativo no serviço prestado ou no produto oferecido.

Na educação e no esporte educacional, o uso do elogio, assim como na vida, age com o sentido de reconhecimento, o bom profissional gosta de ser reconhecido, o bom filho gosta de ser reconhecido, o bom pai ou a boa mãe gostam de ser reconhecido, o bom amigo quer se sentir querido, a boa dona de casa valorizada, a mulher que se cuida, o homem que se cuida, e o aluno que ser reconhecido por seu desempenho, e os elogios são a motivação na vida de qualquer pessoa em ambos os sentidos.

Considerando a realidade desta comunidade rural e de vulnerabilidade social bem como a relevância educacional do elogio, pretendemos com este estudo avaliar como tem sido utilizado o elogio e as impressões dos participantes (professora e alunos) com estas situações nas aulas de judô de crianças de uma comunidade rural e de vulnerabilidade social de Amargosa, Bahia.

Procedimentos metodológicos

O objetivo do projeto Construindo pelo Esporte é oferecer o esporte tratado como tema pedagógico e objeto de estudo, e compreendido como manifestação da cultura corporal, buscando preferencialmente populações e instituições menos favorecidas. As práticas esportivas escolhidas surgiram a partir da realidade dinâmica de cada localidade, da sua relevância e dos significados ali presentes. A tendência crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992) delinea o trabalho de intervenção, tendo como princípios norteadores a autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação dos valores humanos.

As aulas de judô do projeto acontecem as terças e quintas em uma escola localizada na comunidade de Barreiros no município de Amargosa, Bahia. Por não ter a infra-estrutura necessária para tal prática esportiva, foi-se adaptado um espaço na área externa da escola, uma caixa de cimento cheia de areia coberta por uma lona resistente e presa por borrachas nas bordas da caixa, e para produção dos quimonos foi realizada uma oficina de costura que abrangia toda comunidade. A participação da comunidade nas ações de construção faz parte dos princípios do projeto. Os 48 alunos participantes foram divididos em três turmas de acordo com a idade e disponibilidade, sendo que uma

turma tem aula pela manhã e as outras três pela tarde, bem como cada turma tem um professor específico.

Para alcançarmos o objetivo de analisar como se dá e quais as impressões sobre o elogio dos participantes do projeto, optamos por observar e entrevistar alunos e a professora de uma das turmas do projeto, composta de 16 alunos com idade de 05 a 08 anos. Porém, antes de iniciar as observações e entrevistas, houve um planejamento para elaborar a entrevista semi-estruturada e foi realizado um estudo piloto com alunos e professor de outra turma para, assim, testarmos as questões propostas para a entrevista.

A observação das aulas objetivou contar o número e descrever as situações em que ocorriam os elogios em quatro aulas seguidas para a mesma turma. Durante o período de observação, anotaram-se todos os elogios que a professora dava aos alunos. É importante citar que o avaliador tinha posição privilegiada de monitor transitando pelo tatame.

As entrevistas foram realizadas com a professora da turma e quatro alunos, dois meninos e duas meninas. Seguindo a idéia de seleção intencional por gênero e tempo de aula na turma, foram chamados para a entrevista um menino e uma menina que estavam havia mais tempo na turma e um menino e uma menina que estavam havia menos tempo. Convidava-se o entrevistado a um local isolado no fundo da escola onde ocorre o projeto, e lá se explicava que todas as respostas eram sigilosas e que seria gravada para obter-se maior fidelidade. Para os alunos foram realizadas as seguintes questões: 1- Você já foi elogiado pela professora? 2- Como foi esta situação? 3- Você gostou de ser elogiado? Por quê? E para a professora as questões foram: 1- Você elogia o aluno? Quando? 2- Como você utiliza esse elogio? 3- Em que situações usa individualmente e na frente do grupo? 4- Você já viu reações do aluno após o elogio? 5- O que você acha que representa o elogio para esses alunos? A entrevista foi feita de forma individual e sigilosa, e contou com o recurso de um gravador de áudio para melhor estudo dos dados coletados.

Para a análise dos dados, utilizou-se o cruzamento das informações obtidas com a observação e entrevistas da professora e dos alunos, com o propósito de verificar como tem sido utilizado o elogio e que impressões os alunos e a professora têm desta ferramenta.

Resultados e discussão

No período, foram observados dezoito elogios, sendo todos realizados na frente do grupo, e todos alunos foram elogiados ao menos uma vez nesse período. Para uma melhor compreensão dessa descrição, categorizaram-se estes elogios em: melhora do desempenho na atividade (1), esforço para aprender a atividade (2) e atitude positiva na aula (3).

Ao longo da primeira aula de observação ocorreram cinco situações de elogios para cinco alunos diferentes, dentre elas quatro foram na categoria (1), a professora reforçou a melhora dos alunos ao realizar uma atividade de cambalhota que já vinha sendo realizada em aulas anteriores. E uma na categoria (3), onde o aluno de forma espontânea representou um personagem do conto que professora apresentava.

Na segunda aula foram distribuídos seis elogios, três na categoria (1), onde alunos diferentes apresentaram uma melhora notável em comparação à última aula, um na categoria (3), onde a aluna ensinou ao colega a cor da roupa que ele vestia, e dois na categoria (2), para esse elogio ocorrer, dois alunos estavam se esforçando para realizar a cambalhota de forma correta.

Durante a terceira aula três elogios foram aplicados, dois na categoria (1), dois alunos acompanharam o nível de entendimento da turma em relação à atividade, e um na categoria (3), um aluno ajudou o colega a levantar depois de um tombo.

A quarta aula teve quatro elogios, sendo dois elogios para o mesmo aluno e os outros dois para outro aluno ambos na categoria (1), esses alunos vinham apresentando bastante dificuldade em realizar uma atividade denominada “jaqueira e o bambu”, e nessa aula eles conseguiram fazê-la de forma correta.

Todos os alunos entrevistados afirmaram já terem sido elogiados pela professora, mesmo os que estavam há menos tempo na turma. No entanto, afirmaram terem sido elogiados por razões diferentes: porque “lutou bem”, “teve educação”, “fez a atividade que a pró pediu” e por que fez uma atividade e a professora falou que ela havia realizado “muito bem”. Todos também afirmaram gostar de ouvir o elogio: por que “soube que fez a coisa certa”, “fiquei feliz”, “porque é bonito” e “porque é bom ouvir um elogio da pró”.

Aparentemente, não notamos diferenças entre os alunos com mais ou menos tempo de aulas, até porque os alunos que ingressaram mais recentemente estão já há

mais de dois meses. Considerando a realidade desta comunidade e as respostas das crianças, reforçamos a ideia da importância do elogio e o significado que pode trazer a estas crianças.

A professora afirmou usar o elogio para os alunos em diversos momentos: “... quando vejo melhora motora, na atitude, quando tem uma resposta legal, quando faz uma pergunta corretiva, então em todo momento que ele se destaca, não em comparação com os outros só, mas também em comparação com ele mesmo...” Vê-se aqui a relevância que a professora dá a esta ferramenta, bem como a preocupação em não buscar um rendimento ideal do aluno, muito característico em atividades de iniciação esportiva. A preocupação dela parece ser mais com o desenvolvimento do aluno, e não com a comparação objetiva com outros e com padrões esportivos. Kunz (1994), neste sentido, afirma que um dos maiores problemas da simples reprodução do esporte em ambientes educacionais é a ‘comparação objetiva’, ou seja, o esporte ser trabalhado com base na comparação de tempo, altura, velocidade, recorde e padrões pré-estabelecidos de desenvolvimento; nestas situações, acaba se privilegiando alguns mais aptos e excluindo a maioria não apta.

Ao ser questionada sobre como e em que situações elogia os alunos, afirmou que tenta “sempre falar o nome da criança pra fortalecer mesmo que essa criança que tá sendo elogiada, coloco o nome e falo o porquê e parabéns, muito bem...” Afirma também que prefere “... elogiar na frente do grupo”. Elogiar na frente de todos parece ser estratégia da professora no sentido de todos saberem que podem ser elogiados, e buscarem isso para si também. No entanto, deve-se ter cuidado para perceber se alguns alunos não são nunca elogiados, podendo sentir-se desmotivados já que os colegas o são. Nas quatro aulas observadas, verificou-se que todos os alunos foram elogiados ao menos uma vez, o que pode ter acontecido decorrente de um cuidado da professora.

A professora disse também que vê reações dos alunos aos elogios, “geralmente um sorriso, um olhar de gratidão de que gosta daquele momento”. Citou também o exemplo de “... um aluno que (...) era bem marcante em relação ao elogio, (...) ele responde bem ao elogio, o problema é que esse aluno é sempre vinculado a uma bronca, por exemplo: Ah, Joãozinho, como você melhorou, tá vendo como você sabe? Mas quando você só o elogia, a resposta dele é muito positiva, é tanto que aí ele tem uma melhora em tudo mesmo...” A professora infere utilizar o elogio como ferramenta para

fazer com que o aluno que costuma “atrapalhar” nas aulas atenda às solicitações. Pedagogicamente, parece ser uma estratégia didática bem mais interessante para integrar este aluno considerado “vinculado a broncas” às aulas do que excluí-lo ou continuar vinculando-o a problemas.

Em relação ao que ela considera que este elogio representa ao aluno elogiado, afirmou considerar “... uma conquista, um reconhecimento de que está fazendo algo certo, uma certeza que está indo pelo caminho certo, e também nessa fase acho que eles estão muitos preocupados também em fazer com o professor/professora fique feliz com eles, eles são muitos preocupados com o que a gente está sentindo, então é isso saber que está fazendo certo e que está conseguindo alcançar o que o professor espera dele.”

Considerações finais

Considerando o propósito deste estudo, verificou-se que o elogio acontece nas aulas desta turma de judô da comunidade de Barreiros. Os alunos gostam de serem elogiados e lembram situações em que isso ocorreu. A professora utiliza o elogio como ferramenta pedagógica quando verifica um desenvolvimento individual do aluno, tanto para atividades motoras quanto atitudinais. Parece ser uma ferramenta também para atrair a atenção e o respeito de alunos com maiores dificuldade de concentração e respeito com as atividades pedagógicas. Também foi costumeiro o uso do elogio na frente de todos, para que todos se esforcem a fim de buscá-lo; salienta-se o fato do cuidado para que todos tenham vivências de sucesso e possam ser elogiados.

Referências

- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez Editora, 1992.
- KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO COMPONENTE CURRICULAR “AS PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO LAZER” NO CURSO DA UNEB/JACOBINA-BA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Fábio Santana Nunes – UNEB/Campus - fabiosanunes@bol.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é socializar uma experiência inovadora que construímos no componente curricular “As Práticas da Educação Física no Lazer”, durante o semestre 2011.1, no Curso de Educação Física - Departamento de Ciências Humanas – Campus IV/Jacobina, da Universidade do Estado da Bahia. Optou-se por uma Pesquisa Participante tendo 30 (trinta) acadêmicos do Curso de Educação Física matriculados na disciplina em questão como sujeitos da pesquisa. Na coleta de dados, para registrar as intervenções nas aulas, utilizou-se Observação Participante através do Diário de Bordo; e Análise Documental do plano de curso da disciplina e *folders* dos seminários temáticos realizados pelos discentes. Relatamos os diversos momentos vividos desde as primeiras aulas, conteúdos abordados, procedimentos metodológicos adotados, avaliações realizadas e finalizamos com as experimentações ocorridas durante o IV Seminário Avançado sobre Lazer.

Palavras-chave: Lazer; Educação Física; Formação de Professores.

Introdução

Pensar o ensino universitário, em especial, a formação de professores é algo instigante e nos remete ao desafio: como planejar em 60 horas de um componente curricular que produza significado, na aprendizagem dos estudantes, de modo que impacte de forma importante na formação como cidadão e profissional do campo Educação Física?

Na aprendizagem significativa, o aprendiz não é um receptor passivo. Longe disso. Ele deve fazer uso dos significados que já internalizou, de maneira substantiva e não arbitrária, para poder captar os significados dos materiais educativos. Nesse processo, ao mesmo tempo que está progressivamente diferenciando sua estrutura cognitiva, está também fazendo a reconciliação integradora de modo a identificar semelhanças e diferenças e reorganizar seu conhecimento. Quer dizer, o aprendiz constrói seu conhecimento, produz seu conhecimento (MOREIRA, 2010, p. 05).

As palavras de Moreira se traduziram em nosso cotidiano, pois foi o que buscamos fazer durante todo tempo pedagógico juntos aos estudantes matriculados no Componente Curricular “As Práticas da Educação Física no Lazer”.

O objetivo deste artigo é socializar uma experiência inovadora que estamos construindo, no Curso de Educação Física, no Departamento de Ciências Humanas -

Campus IV/Jacobina, da Universidade do Estado da Bahia. Esta experiência acontece em pleno Sertão Baiano, na Região da Chapada Diamantina.

Optou-se por uma Pesquisa Participante tendo 30 (trinta) acadêmicos do Curso de Educação Física matriculados na disciplina em questão como sujeitos da pesquisa. Na coleta de dados, para registrar as intervenções nas aulas, utilizou-se Observação Participante através do Diário de Bordo; e Análise Documental do plano de curso da disciplina e *folders* dos seminários temáticos realizados pelos discentes.

Conhecendo o lazer: relatando o percurso do processo de ensino-aprendizagem

No primeiro dia, realizamos uma introdução à temática, apresentamos o plano de curso, aproximamos os alunos de alguns termos debatidos na disciplina: tempo livre, tempo disponível, atitude de lazer, entre outros. Todos estes, elementos que ajudam a formular um conceito mais abrangentes sobre o lazer. Aproximamos os acadêmicos dos estudiosos do lazer, Jofre Dumazedier, Nelson Carvalho Marcellino, Victor Andrade de Melo, Christianne Luce Gomes, entre outros autores.

Na aula seguinte debatemos o conceito de lazer a partir dos livros de Marcellino (1983); e Alves Júnior e Melo (2003). Provocamos o debate passando o filme: “Antes de Partir” (THE DUCHET LIST – 2007, EUA). Trazemos a sinopse do filme para ilustrar um pouco a intenção pedagógica:

Você só vive uma vez, portanto, por que não viver com estilo? Essa é a conclusão a que chegam dois pacientes portadores de câncer internados em um mesmo quarto, um irritável bilionário (Jack Nicholson) e um simplório mecânico (Morgan Freeman), quando recebem as más notícias. Cada um deles monta uma lista de coisas a serem feitas até o momento derradeiro, e juntos saem mundo afora para viver a maior aventura de suas vidas. Salto de pára-quedas? Perfeito. Pilotar um Mustang Shelby em alta velocidade? Feito. Admirar a grande pirâmide de Khufu? Feito. Descobrir a alegria em suas vidas antes que seja tarde demais? Feito! Sob a competente direção de Rob Reiner, estes dois astros oferecem interpretações de corpo e alma nesta inspirada saudação à vida, que prova que o melhor momento para se viver ainda é o agora. ([http://interfilmes.com/filme_16877_Antes.de.Partir-\(The.Bucket.List\).html](http://interfilmes.com/filme_16877_Antes.de.Partir-(The.Bucket.List).html))

Depois de nos aproximarmos dos debates sobre o conceito do lazer, discutimos o percurso histórico do lazer na civilização. Nosso ponto de partida foi o Período Antigo, neste, a Civilização Grega e a Civilização Romana. Posteriormente, o Período Medieval, depois a Modernidade e avançamos pelo momento atual, tentando compreender o fenômeno na Contemporaneidade.

Neste caminhar sobre o processo histórico do lazer, fizemos uso dos estudos de Christianne Luce Gomes (2008) tendo como objetivo nos apropriarmos dos sentidos e significados do lazer nos diferentes tempos históricos. Assim como o esporte, para Goellner (2004), o lazer, também, possui uma história e compreendê-la nos ajuda a entender o tempo presente, que apesar de distante na cronologia, traz consigo conceitos e preconceitos, formulações teóricas, construções estéticas, políticas e ideológicas do tempo atual.

Compreender os sentidos e significados do lazer no passado nos ajuda a entender o que é feito dele no tempo presente. Visto, ainda por muitos, como algo proibido aos sujeitos, quase um pecado. Daí o termo do latim *licere*, o que era permitido. Também usado, infelizmente, ainda, nas políticas governamentais de muitas administrações, como alienador social, a mesma política do pão e circo da Era Romana. Entre outros tantos usos e significados do lazer construídos historicamente e que são reeditados ou transformados crítica ou acriticamente pela civilização.

Em seguida, para trabalhar com o assunto: “conteúdos culturais do lazer”, dividimos a turma em 6 (seis) grandes grupos, cada um deles, representando um dos conteúdos culturais do lazer: artístico, intelectual, físico, turístico, social, manual.

Cada equipe deveria apresentar um dos interesses culturais do lazer de forma criativa, vivenciando uma ação de lazer. Esta atividade foi muito interessante, pois fixou, junto aos acadêmicos, que existe lazer para além das práticas corporais, e que o profissional do lazer deve incentivar a diversificação de práticas relativas aos diferentes interesses culturais do lazer.

Sobre o conteúdo “políticas públicas de lazer”, foi realizada aula expositiva introdutória sobre o assunto, debatendo conceitos básicos como: o que seriam políticas/políticas públicas, compreendendo o lugar delas dentro do arcabouço legal brasileiro; dentro do cotidiano das gestões públicas e o impacto na vida de cada cidadão. Levantamos um grande questionamento: “Lazer, direito social ou mercadoria?”.

Para a aula seguinte, foi indicada a leitura do artigo de Marcellino (2001) com título igual ao tema estudado “Políticas de Lazer: Mercadores ou educadores? Os cínicos bobos da corte”. E para aprofundar o debate sobre o texto, propomos o estudo do texto em 6 (seis) grupos, cada grupo representaria uma função social – Gestores

Governmentais; Especialistas do Lazer na área da Educação Física; Mulheres; Idosos; Jovens; e Pessoas com Deficiência.

Cada grupo elegeria um relator que iria participar do debate ampliado com a turma toda. As cadeiras da sala em forma de semicírculo com os relatores posicionados na mesa dos professores – aproximando-se do formato de uma mesa-redonda, cada relator tinha um tempo de 5 (cinco) minutos de fala. Após as falas de todos, foi aberto a discussão entre a plenária e os próprios debatedores. Percebemos, na atividade, que a maioria das políticas na área de lazer são focalizadas apenas em um dos seguimentos representados no debate.

Como processo avaliativo do componente curricular, utilizamos 3 (três) instrumentos avaliativos: a) uma avaliação escrita após este primeiro momento da disciplina; b) um artigo construído processualmente durante toda disciplina; c) e por fim e ao cabo, o planejamento e execução de um seminário temático sobre lazer.

Os seminários avançados sobre lazer

O componente curricular “As Práticas da Educação Física no Lazer” desenvolvido na Universidade do Estado Bahia, Curso de Educação Física, Campus IV/Jacobina, promoveu entre os meses de agosto e setembro de 2011, o **IV Seminário Avançado sobre Lazer**.

Todo o planejamento foi participativo. Tínhamos 34 estudantes matriculados, porém frequentando 30. A turma sugeriu algumas temáticas, dividimos a partir das mesmas, 6 (seis) grupos, e partimos para definição dos dias e da dinâmica do seminário.

Ficou definido, que era parte integrante do evento, e constituía atribuição dos acadêmicos responsáveis pelo seminário: confecção de *folder*; estudo, planejamento e exposição teórica e vivências sobre o tema; oferecimento de lanche; e finalização com reflexões sobre as aprendizagens.

O professor ministrante da disciplina ficou com a divulgação geral dos seminários, elaborando cartaz, colocando os mesmos nos murais da própria UNEB e na internet - redes sociais; e-mails dos acadêmicos e professores do curso; e na página da UNEB.

16 a 18 de Novembro de 2011

Cada grupo deveria organizar, com antecedência, um *folder* da temática do seu seminário, para ser distribuído com a turma e divulgado na universidade em alguns lugares estratégicos – mural do curso de Educação Física, sala dos professores e Colegiado de Educação Física.

Comentaremos a seguir como transcorreu cada seminário, apresentando alguns fatos marcantes, falas dos sujeitos envolvidos e a dinâmica vivida em cada dia.

Seminário 1 - “Pessoas com deficiência, mas sem lazer: realidade e possibilidade”

No dia 09 de agosto, abordou-se a temática: “Pessoas **com** Deficiência, mas **sem** lazer: realidade e possibilidade.” Optou-se por realizar o trabalho tendo como público alvo, estudantes da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. O grupo organizador contou com 5(cinco) componentes, as acadêmicas: LEANNY YPSILON DA SILVA, ERICA ALANE, CAMILLA FERNANDES, NADIANE MORAIS e NADJA ARAUJO DA SILVA. O objetivo foi promover reflexões e vivências acerca do lazer para pessoas com deficiências. Iniciou-se a explanação teórica na própria UNEB com posterior deslocamento para a APAE. Foram realizadas diversas atividades: Dinâmica de Apresentação (Lá vai à bola), Petboliche, Gíngue a Gíngue(Capoeira), Vôlei Sentado, Basquete, Dance com o Mestre, Relaxamento. Ao final fizemos um grande círculo, professor e estudantes de Educação Física; e alunos e professores da APAE. Percebeu-se na fala e fisionomias de diversos alunos a satisfação – falas como: “Amei” e “Adorei” sugeriram de alguns, e por parte dos acadêmicos, percebeu-se a importância de estarmos ali, de experienciar o lazer com aqueles sujeitos. Pode-se inferir através deste relato, que de forma significativa à aprendizagem dos acadêmicos foi marcada. É essencial termos em nossa sociedade pessoas **com** deficiência, no entanto **com** lazer.

Seminário 2 - “Lazer e terceira idade: entre o tempo livre do trabalho e as obrigações domésticas. Onde está o lazer, ‘o gato comeu?’ ”

No dia 16 de agosto, abordou-se a temática: “lazer e terceira idade, entre o tempo livre do trabalho e as obrigações domésticas, onde está o lazer, ‘o gato comeu?’ ”. O grupo organizador contou com 5(cinco) componentes, as acadêmicas: JACQUELINE BARBOSA, JÉSSICA SOUZA, JÚLIA MARA, NAIARA RIBEIRO,

16 a 18 de Novembro de 2011

MARGARETE DIAS. Decidiu-se por convidar a UATI – Universidade Aberta a Terceira Idade. Foram entregues convites, também, no Centro de Convivência do Idoso e no Centro de Referência em Assistência Social - CRAS, possuidores de grupos de idosos. O objetivo do seminário foi proporcionar aos idosos uma manhã de atividades de lazer, com intuito de estimular a interação social e compartilhar experiências de lazer estimulando vínculos afetivos. O evento ocorreu no Auditório da UNEB, iniciou-se a explanação teórica, seguida de uma peça teatral retratando o cotidiano da vida de idosos em diferentes formas de envelhecimento - com mais ou menos qualidade de vida, lazer, mobilidade, entre outros aspectos. Foram realizadas diversas oficinas: Dinâmica de apresentação (jogo do barbante); Dança com músicas dos anos setenta, boleros, marchinhas de carnavais, forrós; Massagem Relaxante; Jogos de Salão; Jogos recreativos. Finalizamos com algumas palavras dita por uma das convidadas no encerramento das atividades: “E quem não quiser envelhecer?... Que morra!”

Seminário 3 – “Políticas públicas de lazer em Jacobina: debates, experiências vividas e não vividas”

No dia 23 de agosto, abordou-se a temática: “Políticas Públicas de Lazer em Jacobina: debates, experiências vividas e não vividas”. O grupo organizador contou com 5(cinco) componentes, os acadêmicos: FERNANDO SILVA, IGO MATOS, RODOLFO ROCHA, BRUNO VILAS BOAS e JAILTON LOPES. O objetivo foi proporcionar, aos alunos da escola convidada, uma vivência prática de lazer, com intuito de estimular a interação social e compartilhar experiências de lazer promovendo vínculos afetivos e cooperativos. E mostrar a realidade, possibilidades e experiências do lazer na cidade de Jacobina. Iniciou-se a Rua de Lazer com vários jogos: Jogo da velha com bolinha; Acerte o alvo; Circuito com obstáculos; Pega-pega; Mamãe da rua; e Cabo de guerra. E no final da manhã, foi realizada uma palestra sobre Políticas Públicas de Lazer, com a participação do Prof. Ms. Urbano Félix Pugliese do curso de Direito UNEB/Campus IV.

Seminário 4 - “jogos tradicionais e lazer urbano: desafios e perspectivas”

No dia 06 de setembro, abordou-se a temática: “Jogos Tradicionais e Lazer Urbano: desafios e perspectivas. O grupo organizador contou com 4 (quatro)

16 a 18 de Novembro de 2011

componentes, os acadêmicos: ANDERSON SAMPAIO, LUCAS SANTOS DE MATOS, QUIRÊNIA VIEIRA, WEVERTON ARAUJO. O objetivo foi promover conhecimento sobre jogos tradicionais promovendo debates e questionamentos acerca do conteúdo sobre lazer, objetivando demonstrar a importância desses jogos para todos. Iniciou-se no Estádio Municipal de Futebol local da realização das vivências do Festival de Jogos Tradicionais: pipa, gude, pião, pega-pega, travinha/golzinho, participaram estudantes do 4º ano do ensino fundamental de uma escola próxima a UNEB, por fim nos deslocamos à UNEB para explanação teórica. Foi um momento de muita nostalgia quando a equipe apresentou um vídeo mostrando diversos brinquedos e brincadeiras da infância.

Seminário 5 - “lazer e esportes radicais: caminhos a percorrer pela educação física dentro e fora da escola”

No dia 20 de setembro, abordou-se a temática: “Lazer e esportes radicais: caminhos a percorrer pela educação física dentro e fora da escola.” O grupo organizador contou com 7 (sete) componentes, os acadêmicos: ANTONIO TÍNEL, ARIANE MATANO, DYEGO COSTA, IGOR PINHO, LUAN QÉSSIO, MARLUCE BARROS E NATHANNA SALLES. O objetivo foi proporcionar uma manhã agradável, com várias vivências de esportes radicais e de aventura, com suas possibilidades de inserção nas aulas de educação física escolar. Iniciou-se a explanação teórica na própria UNEB com posterior deslocamento para o CTAC – Centro de Treinamento dos Aranhas da Chapada, um sítio nas imediações da cidade de Jacobina à 10 Km de distância da UNEB. O local oferece paredão para decida de rapel, tirolesa, espaço para escalada, arborismo (ainda em construção), pista progressiva com obstáculos verticais e horizontais. Colocamos em prática, a pista progressiva, dividindo a turma em 4 grupos de 5 pessoas, um dos grupos era o dos coordenadores do seminário, um grupo, por vez, realizava o trajeto e era tomado o tempo de realização da tarefa. Vencia a equipe que obtinha a menor duração da atividade.

Seminário 6 - “planejamento e ações do profissional de lazer em acampamentos de férias”

Nos dias 26 e 27 de setembro, abordou-se a temática: “Planejamento e ações do Profissional de Lazer em Acampamentos de Férias”. O grupo organizador contou com 4 (quatro) componentes, os acadêmicos: EDILEUZA MATOS, LENNON CRUZ, NÁDJA LUANA CAVALCANTI E SIRLENE FARIAS. Acampamento é uma atividade ao ar livre em convívio com a natureza, cujo principal objetivo é o desenvolvimento integral do ser humano e a educação ambiental visando à preservação do meio ambiente. A saída da UNEB ocorreu, no final da tarde do dia 26, com destino ao Acampamento Sol Nascente, localizado na Fazenda Mucambo, 20 minutos da cidade de Jacobina. Na chegada, fizemos reconhecimento do local, dividimos grupos para realização de tarefas, organizamos a fogueira e o café da noite, armamos as barracas de camping, cantamos e tocamos violão ao redor da fogueira e no dia seguinte realizamos voleibol e bilhar. Além de, no final, ter ocorrido uma explicação teórica sobre o tema do seminário.

Considerações finais

Voltando ao questionamento colocado, na introdução do nosso artigo: como planejar em 60 horas de um componente curricular que produza significado, na aprendizagem dos estudantes, de modo que impacte de forma importante sua formação como cidadão e profissional do campo da Educação Física. A resposta já está na própria pergunta, com planejamento! Ações pedagógicas realizadas de forma intencional.

Pelo exposto nas páginas anteriores, acreditamos que a socialização desta experiência de ensino-aprendizagem é um primeiro passo na produção de conhecimentos vindos das vivências, na busca constante de aprendizagem significativas aos acadêmicos, os nosso novos estudiosos do lazer.

Referências

- ALVES JÚNIOR, Edmundo, MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e humanização**. Campinas. Papyrus, 1983.
- _____. **Lazer e Esporte: políticas públicas**. Autores Associados: Campinas, 2001.



16 a 18 de Novembro de 2011

MOREIRA, Marco Antonio. **Aprendizagem Significativa Crítica**. 2ª edição 2010. Disponível em < <http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsigcritport.pdf> >. Acesso em 07 out 2011.

GOELLNER, S. V. Esporte moderno: memória e história. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 10, n. 77, p. s/p, out. 2004. Disponível em:< <http://www.efdeportes.com/> >. Acesso em: 16. ago. 2008.

GOMES, Christianne Luce. **Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas**. Editora UFMG, 2008.

O PROJETO DE EXTENSÃO CONSTRUINDO PELO ESPORTE NA VISÃO DOS PAIS

Kleibson Pereira de Souza; UFRB- kleibson_10@hotmail.com

Jilvania Santana dos Santos; UFRB

Anderson da Cunha Baía; ; UFRB

José Arlen Beltrão de Matos; UFRB

RESUMO: O esporte pode ser considerado, nos dias atuais, um dos maiores fenômenos mundiais de massa. Acredita-se que a extrema maioria das pessoas tem ou já teve contato com o fenômeno esportivo, seja por meio da prática ou através dos meios de comunicação. O presente estudo tem como objetivo investigar a visão de pais dos alunos participantes do projeto de extensão *Construindo pelo Esporte*. O projeto acontece na comunidade dos Barreiros – região periférica da cidade de Amargosa-Ba, há 8 meses, com a modalidade judô, atendendo cerca de 50 crianças e jovens. Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva e interpretativa, onde a principal técnica aplicada foi o questionário, realizando com 16 pais – de um total de 23 famílias. Ao analisar os questionários, observamos que há uma distância considerável dos pais em relação às ações do projeto, assim como receio de alguns deles no que tange a segurança do filho, considerando que se trata do ensino da modalidade judô. Acreditamos na necessidade de criarmos estratégias que possibilitem maior participação dos pais na formação esportiva dos filhos, especialmente como forma de tranquilizarmos alguns pais que não apresentam clareza acerca dos objetivos, metodologias e proposta educativa do projeto de extensão construindo pelo esporte.

Palavras-chave: Esporte; Educação; Judô.

Introdução

O Problema, a Justificativa e o Propósito do Estudo

O esporte pode ser considerado, nos dias atuais, um dos maiores fenômenos mundiais de massa. Acredita-se que a extrema maioria das pessoas tem ou já teve contato com o fenômeno esportivo, seja por meio da prática ou através dos meios de comunicação, consolidando-se como o mais expressivo conteúdo da cultura corporal.

O projeto *construindo pelo esporte: Uma nova viagem, novos desafios e várias possibilidades*, foco desse estudo, pode ser compreendido como uma prática esportiva escolar, por tomar a escola como *lôcus* da prática, no contra-turno do aluno; contudo, não se trata de uma prática ancorada no treinamento esportivo, mas numa ação que almeja trabalhar o esporte numa perspectiva formativa, com viés educacional, que possibilita inserir o aluno em um processo de transformação social. Assim, Optamos pela tendência crítico-superadora para a orientação teórica de todo o trabalho de

intervenção, tendo como princípios norteadores a autonomia, a cooperação, a participação social e a afirmação dos valores humanos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O tratamento pedagógico se dá em um ambiente lúdico, com uma prática pedagógica problematizadora, considerando o nível de conhecimento do aluno e possibilitando a apreensão desde conhecimentos mais básicos até as formas mais complexas da manifestação esportiva em suas dimensões procedimental, conceitual e atitudinal, buscando romper com o princípio do etapismo e da terminalidade, na tentativa de desenvolver o conhecimento de forma espiralada (FREIRE; OLIVEIRA, 2004).

A equipe do projeto “Construindo Pelo Esporte” é composta por quatro docentes e cinco discentes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), campus Amargosa/Ba. O projeto acontece na comunidade dos Barreiros – região periférica da cidade de Amargosa-Ba, com a modalidade judô, atendendo cerca de 50 crianças e jovens, de famílias de baixa renda, distribuídas em quatro turmas, com duas aulas semanais, de noventa minutos cada aula.

O interesse por pesquisar o próprio projeto de extensão *construindo pelo esporte* nasceu da prática diária. Participando de todo o processo do projeto – seja no planejamento das ações e das aulas, seja ministrando aulas, ou em outras ações – tenho percebido a pequena (quando não “nula”) participação dos pais. Em momentos de maior evidência da presença dos pais no projeto, como nas reuniões de pais – que acontecem semestralmente – não há uma participação efetiva. Nem mesmo nas aulas semanais se percebe a presença de pais.

Contribuindo com esse quadro, nas diferentes ações executadas pelo projeto em momentos que extrapolam as aulas semanais – Bazar, utilizado para arrecadação de verbas; oficina de costura, no qual os próprios alunos constroem seus equipamentos da prática; entre outras ações – percebemos uma distância muito grande dos pais nesses processos. Contudo, acreditando que a aproximação entre o projeto e os pais seja essencial para construirmos práticas que se alinhem com o projeto, chegamos a alguns questionamentos: será que as expectativas dos pais estão contempladas pelas ações do projeto? Será que a participação mais efetiva dos pais não poderia nos ajudar na construção de um aluno mais voltado para a transformação social?

Desta forma, esse estudo tem como propósito investigar a visão de pais dos alunos participantes do projeto, no que diz respeito às suas expectativas, anseios e objetivos. Assim, acreditamos que esse trabalho possa nos orientar na intervenção mais efetiva no projeto, a partir da compreensão das perspectivas dos pais acerca do projeto, da modalidade judô, e dos caminhos de formação do aluno.

Esse estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratório-descritiva e interpretativa, onde a principal técnica aplicada foi o questionário. Segundo Gil (2009) essa é a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamentos, entre outras. Nesse estudo, a pesquisa constou de questões abertas, fechadas e dependentes, caracterizando-se um questionário misto (GIL, 2009).

O estudo foi realizado com 16 pais – de um total de 23 famílias – das quatro turmas do projeto, contemplando aproximadamente 70% das famílias. Apesar da abertura para participação de pais – pai e mãe – tivemos a totalidade dos questionários respondidos pelas mães, obtendo um questionário por família. Utilizamos dois momentos para aplicação do questionário: em um primeiro momento, aplicamos o questionário na reunião de pais semestral, que aconteceu dia 29 de maio de 2011. Para completar a amostra, o pesquisador, na semana seguinte, visitou as famílias restantes para finalizar a amostra. Alguns pais ficaram de fora da amostra por não terem sido encontrado em casa no momento da visita do pesquisador.

O questionário foi aplicado pelo pesquisador, seguindo a seguinte rotina: leitura de todas as questões para os pais, com esclarecimento das possíveis dúvidas, para posterior anotação, por parte do pesquisador, de tudo que era relatado pelos pais. Essa estratégia de anotação pelo pesquisador foi necessária a partir de um conhecimento prévio da amostra, a qual constava de um percentual considerável de analfabetos e de pessoas que não completaram a primeira fase do ensino fundamental.

Análise e interpretação dos dados

As questões que formaram o questionário foram construídas seguindo três eixos: num primeiro momento, objetivamos caracterizar a amostra; em outro momento almejamos perceber a opinião dos pais com relação ao projeto *construindo pelo esporte*;

por fim, procuramos compreender a relação dos pais com o conteúdo adotado no projeto de extensão – judô.

Para caracterizar a amostra, perguntamos acerca da idade, do sexo, da escolaridade, do nível sócio-econômico. Observamos que toda amostra foi composta por pessoas do sexo feminino, sendo a maioria – 13 mães – com idade inferior a 40 anos. No que diz respeito à escolaridade, 2 são analfabetas, 12 abandonaram no ensino fundamental (completo e incompleto) e apenas 2 ingressaram no ensino médio. Quando analisamos o nível sócio-econômico, constatamos que a maioria das famílias – um total de 11 - sobrevive com menos de 1 salário mínimo. Ao considerarmos esses dados, observamos que se trata de famílias com baixo poder aquisitivo, com baixa escolaridade, caracterizando uma população que necessita de investimento na formação de crianças e jovens, que apresentam na família, em sua maioria, um histórico de pouco investimento na educação formal e poucas oportunidades de emprego com remuneração compatível com uma boa condição de vida. Nesse sentido, o projeto *construindo pelo esporte* procura construir com os alunos uma atividade que permeia debates referentes a educação formal, mercado de trabalho, profissionalização, entre outros temas relevantes para a transformação social daquela comunidade.

Um fato importante de ser analisado é a ausência total da figura paterna nesta pesquisa. No primeiro momento de aplicação dos questionários, na reunião de pais semestral realizada pelo projeto, marcada para um domingo com intenção de participação da figura paterna e materna, não se havia a presença paterna. No mesmo sentido, quando o pesquisador foi às casas, somente contou-se com a presença de mães. Ao abordar a ausência da figura paterna, Rocha e Soares (2007) indicam a construção de uma idéia de família Burguesa, no século XIX, onde a responsabilidade de criar os filhos ficava destinada às mães, e à figura paterna cabia trabalhar para sustentar a casa e estudos dos filhos. Apesar das famílias da comunidade dos Barreiros não poder ser caracterizada como “Família Burguesa”, acreditamos que a idéia central da formação dos filhos destinada às mães permanece, ficando a figura paterna responsável pela aquisição do necessário para a sobrevivência, e quando não possuem a figura paterna morando com a mãe e filhos – que são em número considerável na comunidade – as famílias ficam à mercê da ajuda do governo federal, especialmente através do Programa Bolsa Família.

Ao iniciarmos as questões referentes à opinião dos pais em relação ao projeto de extensão *construindo pelo esporte*, primeiramente procuramos saber se o ingresso no projeto foi escolha do filho ou dos pais. A maioria, 12 mães, respondeu que foi escolha do filho. Ressaltamos que o projeto foi apresentado aos alunos na escola Municipal no bairro Barreiros, e que devido ao histórico de outros projetos oferecidos na comunidade pela prefeitura da cidade, possa ter contribuído com a boa aceitação do projeto na comunidade. Não se trata de uma comunidade fechada à cultura que circula na cidade, pelo contrário, são receptivos às novas experiências, e esse projeto de extensão, através do Judô – uma modalidade praticamente desconhecimento nesse meio – teve uma boa adesão por parte dos filhos e das mães, que em número de 4, indicaram que escolheram a prática para os filhos.

No que diz respeito a essas mães que informaram que foram responsáveis pela inserção do aluno no projeto, se o ingresso foi escolha dos pais, a permanência tem sido escolha dos filhos. Ao perguntarmos às mães o que tem levado o filho a permanecer no projeto de extensão *construindo pelo esporte*, percebemos uma unanimidade do gosto pela prática do Judô. Gosto que é levado pelos filhos para dentro de sua casa, já que quando perguntamos às mães o que o filho tem aprendido no Judô, observamos que 12 mães responderam que os filhos gostam das atividades e dos professores que ministram as atividades. Contudo, 4 questionários indicam que os filhos não comentam em casa o que vem aprendendo, levando-nos a inferir que não há, por parte de alguns pais, interesse em participar de maneira mais efetiva na construção esportiva/educativa da vida do filho.

Para Simões et al. (1999), essa assistência direta dos pais na vida esportiva dos filhos é o conjunto de manifestações humanas de apoio socialmente construído e latentes de proteção familiar que habitualmente facilitam ou dificultam o êxito das crianças em atividades esportivas. Nesse sentido, Verardi e Marco (2008) acreditam que o incentivo e o acompanhamento dos pais para a prática esportiva de seus filhos constituem fatores geradores de prazer e de satisfação para as crianças e adolescentes, principalmente durante seus jogos.

No projeto *construindo pelo esporte*, se há uma troca de informações acerca do que acontece nas aulas de Judô em algumas famílias, acreditamos que a participação dos pais não deve se resumir a essa ação. Espaços como a aula de Judô, que acontecem duas

vezes por semana, deveriam ser mais visitados pelos pais – que atualmente é nula – assim como nas reuniões de pais, grupos de costura, bazar beneficente, entre outras ações desenvolvidas esporadicamente pelo projeto de extensão.

Assim, acreditamos que a participação dos pais nos diferentes espaços ofertados pelo projeto pode contribuir com o desenvolvimento do filho. Quando perguntado aos pais se a participação dos filhos no projeto, com a modalidade judô, poderia contribuir na formação do filho, observamos que 12 mães responderam que sim e 4 responderam que não. Sabemos que a educação de uma criança, de um jovem, é multifatorial. Depende da família, da comunidade, da escola, enfim, de diferentes dimensões que compõe a vida individual e social da criança. Desta forma, cabe ao projeto mostrar como pretende atuar na formação de seus filhos, conquistando o apoio da família para, em conjunto, possibilitar uma formação mais alinhada a transformação social da criança. Se a realidade social dos pais não é a pretendida, nosso propósito é mostrar que há possibilidade de mudar tal realidade, incluindo o esporte como meio para esse fim.

Questionamos os pais se eles preferiam que fosse ofertado ao filho judô ou outra modalidade esportiva qualquer. Dentre as 16 mães, 9 responderam que estão satisfeitas com o Judô, o qual na sua visão, trata-se de um esporte “novo” para eles, além de trabalhar defesa pessoal, importante nesse mundo que impera a violência. Contudo, 7 mães afirmam que preferiam outra modalidade para o filho, especificamente devido ao perigo de machucar os filhos com as diferentes quedas que a modalidade comporta. Sabemos que as quedas são imprescindíveis para a prática do judô, inclusive constando um fundamento intitulado *Ukemis* que se trata de diferentes formas de cair com segurança. Para Santos e Melo (2003) os “ukemis” foram desenvolvidos para propiciar a segurança do judoca mediante as diferentes técnicas de projeção em diferentes direções (para frente, para os lados e para trás). No mais, o projeto já acontece há cerca de 1 ano e meio e ainda não tivemos nenhum tipo de fratura ou escoriações decorrentes das quedas; portanto, nesse caso, acreditamos que cabe ao projeto esclarecer aos pais que a queda é um dos fundamentos da modalidade e que trabalhar queda é um princípio essencial para o desenvolvimento seguro da prática.

O receio das mães no que tange às quedas está explícito, mais uma vez, quando foram perguntadas acerca dos pontos positivos e negativos do projeto. Dentre os pontos positivos, os principais são referentes a experiência inovadora dos filhos, a relação da

equipe executora com seus filhos. Já como ponto negativo, apenas 7 mães se manifestaram, tendo a maioria citado o perigo com as quedas dos filhos.

Considerações finais

Este estudo foi um importante instrumento de avaliação do projeto, constituindo-se em uma peça fundamental para refletirmos acerca das ações do projeto, consolidando as ações que estiverem acontecendo alinhada às expectativas dos pais, assim como repensando as ações que conflitem com os anseios dos pais. Acreditamos na necessidade de criarmos estratégias que possibilitem maior participação dos pais na formação esportiva dos filhos, especialmente como forma de tranquilizarmos alguns pais que não apresentam clareza acerca dos objetivos, metodologias e proposta educativa do projeto de extensão construindo pelo esporte.

Referências

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992

FREIRE, Elizabete dos santos; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz. Educação Física no Ensino Fundamental: identificando o conhecimento de natureza conceitual, procedimental e atitudinal. **Motriz**, Rio Claro, v.10, n.3, p.140-151, set./dez. 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Editora Atlas.S.A. 2009

Referências

ROCHA, Ene Claire Albuquerque; SOARES, Vanessa Borges. Pais e técnicos no futsal: Porque gritar e brigar se você pode elogiar e abraçar. **Monografia**. Campo Grande/MS: UCDB, 2007.

SANTOS, Saray Giovana; MELO, Sebastião Liberes Lopes. Os “ukemis” e o judoca: Significado, importância, gosto e desconforto. **Revista brasileira de cinesantropometria & Desempenho Humano**. Florianópolis: UFSC. v.5, n 2, p. 33-43. 2003.

SIMÕES, Antonio Carlos; BÖHME, Maria Tereza Silveira; LUCATO, Sidimar. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, 13(1): 34-45, jan./jun. 1999.

VERARDIL, Carlos Eduardo Lopes; MARCO, Ademir. **Iniciação esportiva: A influência de pais, professores e técnicos**. v.4. n 2. 2008. Revista eletrônica da escola de educação física-UFRJ. Disponível em: <b200.nce.ufrj.br/~revista/artigos/v4n2/artigo08_v4n2.pdf>. Acesso em 27 de maio de 2011.

OS CONTEÚDOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E OS ELEMENTOS QUE JUSTIFICAM A SUA ESCOLHA: REFLETINDO A PARTIR DO DISCURSO DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DA BAHIA

Patricia Schettine Paiva Rocha; IEED - patriciapaiva.rocha@gmail.com

RESUMO: Este estudo buscou identificar que elementos são levados em consideração pelos professores na escolha dos conteúdos a serem tratados nas aulas de Educação Física. A coleta de dados foi realizada durante o 3º módulo do Curso de Formação Continuada em Educação Física na Educação Básica¹⁴, envolvendo 105 professores de Educação Física de 11 das 33 Direc¹⁵ do Estado da Bahia, os quais responderam a duas questões: qual o tema/conteúdo escolhido? Por que escolheu este tema? Os motivos identificados pelos professores para a escolha do conteúdo foram analisados a partir das contribuições de referências teóricas que discutem os princípios curriculares para escolha dos conteúdos de ensino. Os resultados apontam como elementos para tal escolha: a relevância social do conteúdo, a adequação do mesmo às capacidades sócio-cognoscitivas, a contemporaneidade do conteúdo, a necessidade de ampliação do conhecimento, além das possibilidades do professor e da escola, e o interesse dos alunos.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Conteúdos; Princípios curriculares.

Introdução

No decorrer de toda a história da Educação Física, especialmente a partir da sua inserção como componente curricular da Educação Básica, vários conteúdos foram tidos como relevantes para a formação dos educandos. Em cada contexto histórico, a Educação Física cumpriu diferentes funções no processo educativo e de produção do conhecimento.

Porém, para além do quê ensinar, precisamos refletir sobre o porquê e para quê ensinar. Segundo Forquin, ensinar é “colocar alguém em presença de certos elementos da cultura a fim de que ele deles se nutra, que ele os incorpore à sua substância e constitua uma identidade intelectual e pessoal” (1993, p. 168). Tal reflexão aponta, portanto, para a necessidade de superação do caráter meramente instrumental e utilitarista dos conteúdos de ensino, para uma compreensão ampliada dos mesmos como conhecimento produzido historicamente e que deve ser acessado e reinventado no processo de produção cultural.

¹⁴ Curso de formação continuada, promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, abrangendo professores em cinco pólos no interior do estado.

¹⁵ Diretorias Regionais de Educação.

16 a 18 de Novembro de 2011

[...] professores e alunos, realçando sua condição de sujeitos de cultura, sujeitos produtores de cultura (e produzidos também pela cultura). É então que eles encontram na escola um rico campo de possibilidade para exercer essa sua condição de seres de cultura, ao relacionarem-se entre si partilhando experiências, e ao apreender e usufruir os diversos saberes tratados na escola, compartilhando um patrimônio que a todos pertence (VAGO, 2006).

Na busca por um referencial para selecionar quais conteúdos seriam tratados nas aulas, em cada série e turma, encontramos na literatura proposições claras sobre o quê e quando ensinar cada conteúdo nas aulas de Educação Física. A primeira referência que traz contribuições significativas é a obra que definiu a cultura corporal como objeto de estudo da Educação Física, quando afirma: “existe uma cultura corporal, resultado de conhecimentos socialmente produzidos e historicamente acumulados pela humanidade que necessitam ser retrçados e transmitidos para os alunos” (TAFFAREL et al., 1993, p.39).

Portanto, cabe refletirmos sobre quais são estes elementos da cultura corporal, sua apropriação, no decorrer da história, como conteúdo de ensino da Educação Física, bem como sobre o processo de escolha de cada conteúdo a ser tratado nas aulas.

Seja qual for a lógica que permeia o processo de definição dos conteúdos a serem tratados, podemos afirmar que tal escolha pertence ao professor, estando portanto repleta de concepções, representações e sentidos, de nossa cultura, nossa forma de ver o mundo.

Até que ponto, nós, professores, refletimos sobre nossas ações cotidianas na escola, nossas práticas em sala de aula, sobre a linguagem que utilizamos, sobre aquilo que pré-julgamos ou outras situações do cotidiano? (FERNANDES; FREITAS, 2008, p. 19).

Entendendo, portanto, como desafio possível tratar o conhecimento em Educação Física de forma coerente com os propósitos definidos no projeto político-pedagógico da escola, tendo como foco o aprendizado de produções culturais que utilizam a expressão corporal como linguagem, é que consideramos relevante a discussão sobre o que temos ensinado nas nossas aulas, sobre que conhecimentos temos privilegiado, bem como os elementos fundamentais a serem considerados em tal escolha.

Diante destas reflexões é que indagamos: **Que elementos são levados em consideração pelos professores na escolha dos conteúdos a serem tratados nas aulas de Educação Física?**

Na busca por respostas a esta indagação, nos propomos a discutir como os conteúdos da Educação Física foram por ela apropriados, e como são escolhidos para serem tratados pelos professores nas suas aulas, analisando os possíveis elementos que sustentam tal escolha, bem como as contribuições da literatura diante dos resultados obtidos através das respostas dos professores participantes da pesquisa.

Procedimentos metodológicos

No desenvolvimento da pesquisa, utilizamos o método da Pesquisa Exploratória (GIL, 1999), que envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tem experiências práticas com o problema em questão e, por fim, a análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (ibid.). A realidade não é tida como algo objetivo e passível de ser explicada, ela é interpretada, comunicada e compreendida. Não existe aí uma única realidade (BAUER; GASKELL, 2002).

A coleta de dados foi realizada durante o 3º módulo do Curso de Formação Continuada em Educação Física na Educação Básica, promovido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, envolvendo 105 professores de Educação Física de 11 das 33 Direc do Estado da Bahia.

Durante o referido curso, foi solicitado a cada professor-cursista que desenvolvessem em sua unidade escolar uma experimentação pedagógica onde fossem tratados os conhecimentos relativos aos temas da cultura corporal.

Utilizando uma ficha de registro, foi solicitado aos participantes da pesquisa que respondessem a duas questões: Qual o tema escolhido? Por que você escolheu este tema? As respostas a estas questões foram, portanto, agrupadas de acordo com o elemento considerado para que o professor proceda a escolha do conteúdo a ser tratado.

Após o agrupamento das respostas, os motivos identificados pelos professores para a escolha do tema/conteúdo foram analisados a partir das contribuições do Coletivo de Autores, quando trata dos princípios para a escolha de conteúdos (TAFFAREL et al, 1993, p.31) e da pesquisa desenvolvida com dois professores de uma escola da rede pública de Pernambuco, que discutiu em seus resultados, entre outras questões, como se

dá a escolha do conteúdo a ser tratado nas aulas de Educação Física (SOUZA JÚNIOR, 1999).

Durante a análise dos dados, a intenção é promover o diálogo entre a literatura disponível, relativa à temática, e a experiência dos professores. Buscamos aqui contribuir para um repensar da prática pedagógica, na ação mais específica da docência: a escolha do quê ensinar.

Resultados e discussão

Os professores, sujeitos da pesquisa, justificaram a escolha do conteúdo a partir de parâmetros considerados relevantes. Ao discutirmos tais respostas, não temos aqui a intenção de caracterizá-las como certas ou erradas, mas analisá-las a partir das próprias justificativas dos sujeitos das pesquisas, dialogando com as referências teóricas disponíveis, que se propõem a tratar tal assunto (GIL, 1999).

Em consonância com Taffarel et al (1993), vários professores destacam como relevantes os seguintes princípios curriculares a serem observados no processo de seleção dos conteúdos de ensino:

- 1) *Relevância social do conteúdo*, quando justificam a escolha do tema por “considerar a realidade vivida pelos alunos[...]”; “pelas situações de conflitos entre meninos e meninas [...] e pela busca de um espaço democrático na prática das minhas aulas”;
- 2) *Contemporaneidade do conteúdo*, quando afirmam como aspectos observados “o período que o mundo estava atravessando, Copa do Mundo, tentando mostrar a realidade daquele país [...]”; considerando como essencial garantir o tratamento de conhecimentos clássicos, como os jogos populares, justificando que “[...]o resgate histórico desses jogos devem ser tratados na aula de Educação Física através de pesquisas e vivências;
- 3) *Adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno*, quando destacam a “necessidade de aproximar os conteúdos-movimentos...da realidade dos alunos - repertório motor[...]”.

Outro grupo de professores se aproxima dos critérios considerados como relevantes pelos sujeitos da pesquisa descrita na obra de Souza Júnior (1999), quando destacam: 1) *Possibilidade ou necessidade pessoal do professor e as possibilidades da escola*, no que se refere a instalações e recursos, justificando “ser um tema de fácil execução, por possuir material que pode ser encontrado facilmente e por fim, por poder ser realizado em sala de aula, uma vez que não possuo quadra na escola que trabalho”; 2) *Interesse dos alunos*, destacando como motivação “amenizar a indisciplina e a reprovação escolar[...]”; “[...]pelo esporte muitas vezes ser bem aceito com facilidade[...]”;

Um outro grupo de professores, destaca a *necessidade de ampliação do conhecimento* a ser tratado nas aulas de Educação Física: “ a ginástica nunca era trabalhada, então o conteúdo não era vivenciado...”; “para que os alunos tenham acesso ao conhecimento de um esporte que comumente não se tem acesso nas escolas [...]”.

São colocados também como aspectos que justificam a escolha do tema/contéudo a ser tratado a *necessidade de legitimação da Educação Física*, quando afirmam que “diante da visão de que a aula de Educação Física é baba e baleado [sic], surgiu o interesse de discutir as amplas manifestações corporais...”; o *fomento à atividade física e esportiva*, quando defendem a necessidade de “[...] torná-los mais ativos, participativos e conhecedores dos benefícios que o movimento traz para o corpo”; “[...]perceber que os alunos estão envolvidos no seu tempo livre com práticas não sadias[...]”.

Alguns instrumentos preenchidos não puderam ser agrupados nas categorias acima descritas, pela imprecisão ou ausência de justificativa, o que nos remete à necessidade de ampliarmos o diálogo sobre a intencionalidade envolvida na definição dos saberes escolares – conhecimento produzido pela humanidade, tratado didaticamente como contéudo de ensino.

Se a Educação Física pretender aliar-se ao esforço educativo e se afirmar enquanto componente curricular, ela precisa identificar a parcela da cultura, portanto o saber ou os saberes que será sua tarefa tratar (BRACHT, 2005, p.99).

Refletindo a partir do que nos diz Bracht, o processo de afirmação da Educação Física como componente curricular pressupõe a necessidade de discussão e proposições acerca dos saberes que devem ser tratados no currículo escolar, no percurso de formação

de cada educando como ser social e cultural. Que função deve cumprir, na escola, o professor de Educação Física? Que conceitos e processos cabe à Educação Física divulgar e desenvolver?

Ao ouvirmos o discurso dos professores, sujeitos da pesquisa, podemos perceber que entendem ser importante a leitura da realidade do aluno e da comunidade da qual faz parte, na definição dos saberes escolares. Também afirmam que os conteúdos tratados devem levar em consideração os temas tidos como atuais, contemporâneos, bem como a capacidade sócio-cognoscitiva do aluno, o seu desenvolvimento intelectual e cultural.

Reconhecendo a necessidade de ampliação do conhecimento nas aulas de Educação Física, os professores defendem a inclusão de temas historicamente desprivilegiados nas aulas, como a ginástica, a dança, a capoeira, as lutas e os jogos tradicionais populares. A argumentação dos sujeitos da pesquisa está baseada no direito de acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, na necessidade do resgate e afirmação desta produção cultural e na contraposição ao processo de esportivização das aulas de Educação Física, que elegeu o esporte como conteúdo prioritário e, muitas vezes, exclusivo.

Alguns argumentam que é função do professor de Educação Física a promoção de atividades consideradas saudáveis, do hábito de praticar esportes e ter uma alimentação saudável, o que reflete a vinculação histórica com a medicina e o pensamento higienista.

Ao justificarem a escolha do conteúdo a partir dos interesses dos alunos, sugerem que, em muitos momentos, o professor está diante de um dilema: como valorizar o interesse dos alunos na escolha do que ensinar? Quais as reais necessidades do educando no seu processo de formação?

Somente nos aproximando do sujeito central do processo educativo, o educando, podemos reconhecer as suas reais necessidades e possibilidades, o que mobiliza a sua curiosidade e criatividade, sua capacidade de produzir cultura. Esta aproximação se configura, portanto, como um dos principais desafios impostos ao professor pois, como afirma Arroyo (2009):

As formas adolescentes e juvenis de sobreviver, de pensar e de comportar-se se chocam com nossas formas pedagógicas e docentes de pensar e de pensá-los. Formas a que não estamos acostumados, uma vez que os alunos parecem



16 a 18 de Novembro de 2011

revelar que vêm o mundo, a escola e o conhecimento, a vida e seus mestres em outra lógica do que a nossa. (p. 36)

Na obra supra-citada, o autor defende que precisamos estabelecer novas relações com os alunos, nos permitindo ser tocados nas “raízes mais fundas de nossa docência”. Sobre a relação com os alunos, afirma que “a infância, adolescência e juventude nos ameaçam porque ameaçam os alicerces de uma construção e representação da docência [...] alicerces que cremos firmes, inquebráveis” (Ibid, p.37 e 38).

Considerações finais

As reflexões propostas a partir deste trabalho nos remetem à nossa própria história como professores e da Educação Física, como área do conhecimento e componente curricular da Educação Básica.

Ao analisarmos o processo de inserção da Educação Física na escola e a apropriação da ginástica e dos esportes, em especial, como conteúdos de ensino, identificamos uma realidade ainda presente nas nossas escolas: de distanciamento das demais áreas do conhecimento, do frágil pertencimento da Educação Física ao processo educativo, da dissociação entre trabalho pedagógico e projeto político-pedagógico.

Porém, vemos no discurso dos professores, a busca pela coerência político-pedagógica no trato do conhecimento nas aulas de Educação Física, quando afirmam que este conhecimento deve ser relevante socialmente, contemporâneo, adequado à capacidade dos alunos, que valorize a cultura popular e garanta o acesso às diversas manifestações produzidas pela humanidade no decorrer da sua história; que não seja tratado apenas em caráter informativo ou instrumental, mas experimentado, vivenciado e reconstruído a partir das experiências dos sujeitos do processo educativo.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BRACHT, V. **Cultura Corporal, Cultura Corporal de Movimento ou Cultura de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. B. M. et.al. (Org.) **Educação Física escolar: Teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. 1. ed. Recife:

EDUPE, 2005. v. 1.p. 97-106.



16 a 18 de Novembro de 2011

FERNANDES, C. de O. & FREITAS, L. C. de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e de grupos.** In: BAUER, M.W. e GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **O saber e o fazer pedagógicos: a Educação Física como componente curricular_? Isso é história!** Recife: EDUPE, 1999.

TAFFAREL, C.N.Z; et alli. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1993.

VAGO, T. M. **Educação Física na Escola: circular, reinventar, estimular, transmitir, produzir, praticar... cultura.** In: Naire Jane Capistrano. (Org.). O Ensino de Arte e Educação Física na Infância - Coleção Cotidiano Escolar. Natal: UFRN/PAIDEIA/MEC, 2006, v. 2, p. 7-29.

OS CURRÍCULOS DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA NAS IES PÚBLICAS E PRIVADAS DO SUL DA BAHIA: O LUGAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Carol Farias Silva

Márcia Morel; UESC - caroluesc@yahoo.com.br

RESUMO: Esta pesquisa buscou analisar como os currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Física nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas no Sul da Bahia abordam a Educação Infantil (EI) e, identificar e avaliar as disciplinas que são específicas para o ensino da EI nos currículos das IES. A partir de um diagnóstico foi realizada a análise documental das grades curriculares e do ementário dos cursos de licenciatura em Educação Física (EF) de 3 IES do Sul da Bahia, utilizando como técnica a análise de conteúdo do Projeto Acadêmico Curricular, com base num referencial teórico a partir de fontes primárias e secundárias. As disciplinas analisadas foram aquelas nas quais constava o termo “Educação Infantil” como palavra-chave ou alguma nomenclatura equivalente no nome ou na ementa. Constatou-se que os currículos têm um nível superficial de discussão/debates em relação à EI, onde a formação em EF precisa dar maior aprofundamento à EI como campo de intervenção.

Palavras-chave: Currículo; Educação Infantil; Formação em Educação Física.

Introdução

A Educação Infantil (EI) faz parte da educação básica, e busca possibilitar às crianças (até 5 anos) a base para seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor e social. Os desafios e perspectivas da EI permeiam os significados desse segmento da educação para os envolvidos nesse processo. Desse modo a formação e os paradigmas construídos durante essa formação vão condicionar as ações dos profissionais. Esses paradigmas podem ser modificados com o tempo, com a experiência e com a formação continuada.

A inserção da EF na EI está registrada desde o século XIX como aborda Kuhlmann Jr. (1991), ao relatar que esta era utilizada para “domar” os corpos, no sentido de uma educação moral e corporal. Oliveira (2005) diz que, no século XX se inicia uma preocupação com o papel da EF no desenvolvimento cognitivo da criança e surge a psicomotricidade. Apesar do seu caráter idealista e de não considerar o sujeito num contexto, esta teoria busca através de ações pedagógicas o desenvolvimento integral da criança.

Diante dessas questões, desponta uma inquietação a respeito de como tem acontecido a EF na EI. Todavia, para investigar e obter evidências que nos levem a

respostas, antes é preciso conhecer os currículos dos cursos de Instituições de Ensino Superior (IES) que são o alicerce fundamental, que proporciona os subsídios e formam os professores de EF. A partir disso é construído o problema de pesquisa: Como os currículos dos Cursos de Licenciatura em Educação Física nas instituições públicas e privadas no Sul da Bahia abordam a Educação Infantil? Quais disciplinas são específicas para o ensino da EI nos currículos das IES? Qual a sua relevância na formação dos professores de EF?

Ao buscar reflexões de maneira investigativa pretende-se principalmente analisar como os currículos dos cursos de Licenciatura em Educação Física nas IES públicas e privadas no Sul da Bahia abordam a EI e, identificar e avaliar as disciplinas que são específicas para o ensino da EI nos currículos das IES. Estas constatações irão possibilitar o acesso a informações acerca do Ensino Superior em Educação Física na região; a partir dessas viabilizar o planejamento de estratégias que venham a contribuir com o avanço da formação profissional em Educação Física em nível regional.

A relevância dessa investigação está em aprofundar a discussão sobre os currículos de formação dos cursos em Licenciatura em Educação Física na região Sul da Bahia. Diante do exposto, nos resultados esperados dessa pesquisa, pretendemos formular estratégias teóricas para efetivar a presença da EF no processo de educação das crianças nas creches e pré-escolas, pois o que evidenciamos é que ainda há pouca oferta nesta área (DEBERTOLI; LINHARES; VAGO, 2002).

Procedimentos metodológicos

Para realizar a pesquisa foi feito um diagnóstico e a análise documental utilizando como técnica a análise de conteúdo (BAUER, 2003) do Projeto Acadêmico Curricular (PAC), das grades curriculares e do ementário dos cursos de Licenciatura em Educação Física de 3 IES do Sul da Bahia, com base num referencial teórico a partir de fontes primárias e secundárias. As disciplinas analisadas foram aquelas nas quais constava o termo “Educação Infantil” como palavra-chave ou alguma nomenclatura equivalente no nome ou na ementa.

O raio-x dos currículos: onde está a educação infantil?

Ao considerar o currículo como identidade (SILVA, 2007) pode-se admitir que, basta olhar para o PAC de um curso e tirar conclusões sobre em quais perspectivas é

formado o profissional, qual área da profissão é enfatizada, qual contexto sócio-político e, a partir dessas conclusões é possível construir um raio-x desses currículos, visualizando, de forma crítica, o que tem destaque e o que é suprimido.

Observamos que cada instituição participante da pesquisa tem uma concepção de Educação Física diferenciada, evidenciada nos PAC's dos cursos. Essas diferentes concepções são refletidas na constituição dos currículos, disposição e descrição das disciplinas, fluxograma, estratificação. Estes aspectos acarretam diferença também nos objetivos e metas, isto é, no tipo de profissional que deseja formar/preparar cada Instituição. As três IES tem por objetivo e meta a formação de um professor que atue na educação básica e na área não-escolar.

A Educação Infantil, mesmo sendo parte da educação básica (segundo a LDB) não tem lugar de destaque nesses currículos. Apenas uma disciplina entre as três IES tem o termo mencionado como disciplina no nome e essa é classificada como optativa, o que não garante que todos os graduandos queiram ter acesso a ela.

A disciplina em comum nas três IES é o Estágio, que está presente nos currículos de todas as IES do Brasil, devido ao cumprimento legal de 400h exigido pelo CNE – Conselho Nacional de Educação (RESOLUÇÃO 02/2002, Art. 1º, inciso II). Tem como objetivo principal proporcionar ao estudante contato com o ambiente pedagógico e a intervenção profissional. É dividido em três etapas, o primeiro momento é para Educação Infantil e Ensino Fundamental I, depois para o Ensino Fundamental II, e posteriormente o Ensino Médio. Está claro, com esta divisão, que não existe um direcionamento específico para a EI, assim como para o Ensino Fundamental I. Pode-se afirmar que o segmento a ser mais ou menos trabalhado vai depender do docente, de como este organiza a disciplina e do interesse da Instituição formadora.

Todas as disciplinas analisadas têm relevância na formação em Educação Física, entretanto, o foco na EI está baseado em termos encontrados nas ementas que sugerem uma abordagem à EI, ou seja, não acontece de forma direta, específica.

Nos quadros a seguir estão ilustradas as disciplinas analisadas e classificadas como obrigatórias, divididas por IES, carga horária e semestre. Ao invés de nomeá-las, elas estão dispostas de acordo o eixo temático: Pedagógico; Psicodinâmico; Ampliação da Licenciatura; Técnico-metodológico (classificação utilizada por uma das IES que

avaliamos ser adequado). O destaque em negrito foi dado às disciplinas que tem na ementa os termos Educação Infantil, crianças ou infância.

Quadro 1. Disciplinas analisadas da IES 1

	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	SEMESTRE
IES 1	Pedagógico	150h	5°
	Psicodinâmico	60h	1°
	Psicodinâmico	60h	2°

Fonte: Dados da pesquisa

As características do currículo da IES 1 possibilita interpretar que existe um direcionamento para a fase inicial do desenvolvimento humano (infância), todavia, não há um tratamento específico para o 1° segmento da educação básica. Nenhuma disciplina propõe diretamente o diálogo acerca da EF na EI. O PAC desta IES aponta para a formação de um profissional que atue na educação básica, porém, mostra-se escassa a discussão sobre EI. Fica evidenciado que das três IES, é a quem tem menos disciplinas relacionadas à temática em questão, mesmo sendo o curso mais antigo, ou seja, com mais tempo para se adequar à legislação federal, à matéria e à demanda social da área.

Quadro 2. Disciplinas analisadas da IES 2

	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	SEMESTRE
IES 2	Psicodinâmico	45h	1°
	Psicodinâmico	45h	3°
	Pedagógico	45h	6°
	Ampliação da Licenciatura	45h	6°
	Psicodinâmico	45h	3°

Fonte: Dados da pesquisa

A IES 2 possibilita, de certa forma, o debate acerca da EI. As disciplinas iniciais (ilustradas no Quadro 2) propõem estudos relacionados ao desenvolvimento humano, o que leva a entender que a infância está incluída nestes estudos. Há também uma

disciplina que estuda o lúdico, termo bastante relacionado à criança, por exemplo, no trabalho de Brougère (2002). Dentro do PAC está o objetivo de formar um professor crítico para atuar na área escolar e não-escolar. O número de disciplinas é relativamente satisfatório, porém, são distribuídas em poucos semestres, fato semelhante em todas as IES.

Quadro 3. Disciplinas analisadas da IES 3

	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA	SEMESTRE
IES 3	Psicodinâmico	80h	4º
	Pedagógico	120h	5º
	Ampliação da Licenciatura	80h	2º
	Técnico-metodológico	80h	5º
	Psicodinâmico	80h	5º

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar de ser das três IES participantes da pesquisa a que tem mais disciplinas (dispostas no Quadro 3) voltadas, ou possivelmente voltadas, para a EI, no PAC da IES 3 é somente mencionada a atuação nos Ensinos Fundamental e Médio e é priorizado o profissional de Educação Física como responsável por “divulgar” o estilo de vida fisicamente ativo e saudável. Mesmo assim, pode-se concluir pelas disciplinas, que esse currículo aborda a EI. Não somente com as disciplinas obrigatórias, mas com uma optativa. Esta se mostra específica para o ensino da EF na EI (eixo Técnico-metodológico, carga horária de 80h), preparando para o trabalho elaborado e com implicações pedagógicas que visam ao desenvolvimento da criança, mas como dito anteriormente, seu caráter optativo não garante que todos os licenciados tenham acesso à mesma.

Essa IES tem muito mais carga horária que as outras, cabe avaliar se essa quantidade de carga horária é de fato produtiva e rica em debates e discussões.

Ao analisarmos mais uma vez os quadros, é possível observar a variação dos eixos que contemplam a EI. Concentrando-se nas disciplinas em destaque está claro que o eixo pedagógico (aqui representado apenas pelos estágios) é o que mais aparece e

também o que tem maior carga horária. O eixo psicodinâmico é, no geral, contemplado em todos os currículos. Esse eixo que trata dos aspectos do desenvolvimento humano não aborda as questões relacionadas à prática pedagógica na EI. Questões essas que poderiam ser abordadas pelo eixo técnico-metodológico, além do pedagógico.

Os eixos nos mostram que o tratamento direcionado à EI está mais como uma fase do desenvolvimento do que como um período de aprendizagem com características específicas, que merecem atenção, estudos e discussões de forma a ampliar o universo de atuação dos professores.

O enfoque dado ao estilo de vida fisicamente ativo e saudável abarca questões levantadas por DaCosta (1999, p. 20), quando ele mostra “o **educador físico** (grifo nosso) como protagonista central da mudança de rumo na empregabilidade da Educação Física”. Fato gerado pela baixa remuneração no setor educacional, momento em que os profissionais de EF buscam outros espaços de trabalho, mesmo aqueles licenciados.

As mudanças ocorridas na formação em EF provêm da interação de várias áreas do conhecimento e da cultura, tornando essa uma formação eclética. A dificuldade é que esse ecletismo tem, muitas vezes, correspondido com a não “operacionalização escolar”, fato que pode encaminhar para a falta de legitimação da área, porque a formação acontece dentro de propósitos curriculares distante da demanda social. Fica evidente que o ecletismo na formação em EF está ligado ao(s) campo(s) de atuação (DACOSTA, 1999, p. 31).

Ao detectar a escassez de discussões acerca da EI nos currículos analisados, pode-se perceber esse distanciamento da demanda social. Quando, na Lei de Diretrizes Básicas para a Educação (LDB n.º 9394/96), a EI é oficialmente incluída no sistema educacional como parte da educação básica, os cursos de licenciatura deveriam preparar seus profissionais com enfoque também nesse segmento.

O atraso em incluir a EI nas discussões da EF e nos currículos de formação da área deve-se em parte, até pouco tempo, à atuação na EI que se limitava aos formados em Pedagogia e Normal Superior. Todavia, esses cursos não abrangem os conhecimentos específicos da EF (linguagem motora e cultura corporal) em seus currículos, fazendo-se, dessa forma, necessária a presença de profissionais especialistas. Mas esses especialistas precisam, além de conhecer profundamente a especificidade de sua área, conhecer também as particularidades do segmento no qual vai atuar.

As reformulações que recentemente aconteceram nos currículos das IES investigadas dão indícios de que as mudanças estão acontecendo, que os olhares estão se voltando para a Educação Física na Educação Infantil. Mas o dinamismo para mais mudanças está também nos profissionais, que devem buscar nas suas atuações maneiras de consolidar a área como um verdadeiro componente curricular, não só na EI.

Considerações finais

Para alcançar as melhorias tão desejadas é necessário aprimorar a formação acadêmica e a atuação do professor em aula, ou seja, na intervenção e na regência. Diante disso, o professor é peça chave para a melhoria do ensino, e a qualidade de sua intervenção depende de vários aspectos, porém, o trabalho pedagógico é prioridade, porque implica no conhecer, saber, no saber fazer, no relacionar-se e no ser, no aprofundamento do processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalho evidencia a necessidade de um olhar mais cuidadoso para a Educação Infantil por parte dos responsáveis pela construção/reformulação dos currículos de formação em Educação Física. Não cabe mais discutir a relevância da EF no ambiente escolar. Os esforços devem se concentrar em consolidar essa área de conhecimento como o componente curricular que é responsável pelo desenvolvimento da cultura corporal dos alunos em todos os segmentos da educação.

Preparar professores para atuar na EI implica não apenas discutir o desenvolvimento motor, psicológico e social, faz-se necessário imperiosamente, o debate acerca dos aspectos metodológicos que envolvem a docência nesse segmento.

O nível de abordagem apresentado pelas IES em relação à EI, mesmo tendo evoluído com as reformulações atuais, precisa melhorar e avançar. Os currículos devem dar mais atenção à EI. Este segmento é a base da construção social, motora, cognitiva, afetiva do indivíduo.

Dentro dessa perspectiva, se espera que esses resultados possibilitem novos debates e pesquisas acerca da temática. Pretendemos continuar essa investigação mais próxima aos docentes, buscando nos seus relatos, qual a visão deles em relação à discussão aqui apresentada.

16 a 18 de Novembro de 2011

Permanece, ao final desta investigação, a perspectiva de novas transformações nesse campo de intervenção da Educação Física, tanto para os currículos de formação, quanto para a atuação na área.

Referências

- BAUER, Martin W. **Análise de conteúdo clássica: uma revisão.** *In:* Pesquisa qualitativa, com texto, imagem e som: um manual prático. 2. ed. Martin W. Bauer; George Gaskell (Org.). Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BROUGÈRE, Gilles. **A criança e a cultura lúdica.** *In:* O brincar e suas teorias. Tizuko Kishimoto (Org.). São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- DACOSTA, Lamartine P. **Formação profissional em educação física, esporte e lazer no Brasil: memória, diagnóstico e perspectivas.** Blumenau: FURB, 1999.
- DEBERTOLI, José Alfredo; LINHARES, Meily Assbú; VAGO, Tarcísio Mauro. A infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma Educação Física “para” e “com” as crianças. **Revista Pensar a Prática.** Goiânia/GO: FEF/UFG, v. 05, p. 92-105, jul.-jun., 2001/2002.
- KUHLMANN JR., Moisés. Instituições pré-escolares assistencialistas no Brasil (1899-1922). **Cadernos de Pesquisa,** São Paulo, n. 78, p.17-26, ago. 1991.
- OLIVEIRA, Nara Rejane da Cruz. Concepções de Infância na Educação Física brasileira: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** v. 26, n. 3, p. 95-107, mai., 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.** 2. ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.



16 a 18 de Novembro de 2011

O VESTIBULAR A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS RELAÇÕES

Luiza Lana Gonçalves; Universidade Vale do Rio Doce - luizalana@hotmail.com

Ana C. P. de Abreu; Ins. Sup. de Ed. Anísio Teixeira - anna.sangally@hotmail.com

Juliana Costa Miranda; Rede Estadual de Minas Gerais - jucostambh@hotmail.com

Paulo Henrique da Silva Coelho; Colégio Cenecista Domiciano Vieira -

pauloatitudecoelho@hotmail.com

RESUMO: Há tempos uma desvalorização da disciplina de Educação Física é percebida em detrimento àquelas que são cobradas no vestibular. Assim, investigou-se quais são as implicações dos processos seletivos nas aulas de educação física da 3ª série do Ensino Médio, se há diferenças entre esses impactos no interior e na capital e/ou em escolas públicas e particulares e se ainda persiste a tradição em valorizar as disciplinas ditas "conceituais", negando assim, as dimensões dos conteúdos da educação física (conceituais, procedimentais e atitudinais). Foi aplicado um questionário em duas escolas do interior de Minas Gerais e duas escolas da capital, Belo Horizonte. Após o encerramento de tal pesquisa se considerou que a educação física é desvalorizada perante as outras disciplinas, não somente devido a importância dada as outras matérias por causa do vestibular, mas também por causa da realidade que acomete a estruturação do currículo e a organização dos espaços que condizem com uma péssima realidade em escolas públicas e particulares de Minas Gerais.

Palavras-chave: Educação Física; Vestibular/ENEM; Educação.

Introdução

Amparados legalmente pela Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (BRASIL, 1996), o Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, deve estar afinado com a atualidade e com a conquista de competências básicas que permitam ao indivíduo inserir-se no mundo do trabalho e no lócus social.

Considerando tal etapa, de acordo com Calligaris (2000), os sujeitos que a protagonizam tem características muito peculiares, sendo conhecidos como aqueles que apresentam muita ansiedade diante as múltiplas controvérsias presentes na sociedade atual, de ordem ética, social e política e que pleiteiam a inserção no mercado de trabalho e de consumo e a convivência com um corpo em transformação. Porém, não se pode esquecer que este também é um tempo específico da formação humana em que o educando mostra-se capaz de construir conhecimentos, valores e identidades com mais autonomia. Sendo o momento propício para a síntese de conhecimentos, para consolidar

capacidades e habilidades já aprendidas, caracterizado por uma organização mais sistematizada e uma fundamentação teórica maior.

Após o término da educação básica e conseqüentemente o final do Ensino Médio, vários caminhos podem ser tomados pelos concluintes: o curso técnico, a carreira militar e além de outros o vestibular. Este é uma prática muito comum que se caracteriza normalmente por uma prova de aferição dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental e médio, sendo o principal meio de acesso ao ensino superior no Brasil.

Dentro dos mesmos parâmetros do vestibular, existe o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que é um exame individual realizado em todo o Brasil com o objetivo de avaliar os conhecimentos dos alunos que estão concluindo, ou que já concluíram o ensino médio, além de hoje em dia, ser também uma forma de acesso a algumas universidades.

Estes dois processos permeiam a educação de um modo geral. Sendo assim, estão presentes nas discussões e objetivos dos conteúdos da educação básica. Com a educação física não deveria ser diferente, já que a partir da Lei de Diretrizes e Bases de 1996 a Educação Física passa a ser considerada componente curricular da Educação Básica. Assim, deve assegurar, em seu desenvolvimento, uma estruturação continuada de conteúdo em níveis de aprofundamento, nos quais as diversas manifestações da cultura corporal possam ser interpretadas, vivenciadas, recriadas e avaliadas.

No entanto, com base em pesquisas anteriores (FERNANDEZ; RAMOS, 2008), discute-se que as escolas estão enfatizando o ensino somente das disciplinas que são avaliadas no processo seletivo e por isso os alunos acabam desvalorizando a educação física, que antes do ENEM e de algumas iniciativas isoladas de poucas universidades de incluir a disciplina em seus vestibulares, não se encontrava nas provas para entrada nas faculdades. Acredita-se também que há uma tradição das escolas em valorizar as disciplinas ditas "conceituais", negando assim, as dimensões dos conteúdos da educação física (conceituais, procedimentais e atitudinais), tratando-a somente como uma atividade dentro do currículo escolar.

Desta forma analisaremos e discutiremos sobre tais questões com o objetivo de investigar quais as implicações do processo seletivo de vestibular nas aulas de educação

física da 3ª série do Ensino Médio e ainda refletir se há diferenças entre esses impactos no interior e na capital e/ou em escolas públicas e particulares de Minas Gerais.

Procedimentos metodológicos

No presente trabalho foi aplicado um questionário, do tipo Levantamento ou Survey, a 211 alunos da 3ª série do ensino médio de escolas públicas e particulares da capital Belo Horizonte e do interior Governador Valadares, Minas Gerais. Os alunos responderam 10 perguntas objetivas do questionário, individualmente, em um tempo de 50 minutos, após ler e concordar com o termo de consentimento livre esclarecido, onde os alunos maiores de idade assinaram tal termo e os menores de idade levaram para o responsável assinar.

É fato que um questionário aplicado nestas condições e com tantos participantes, trás um acervo enorme de respostas e também novos questionamentos, porém, aqui estará se discutindo as questões que estão relacionadas às hipóteses principais deste trabalho.

Resultados e discussões

Através dos dados coletados, observou-se que 70% dos alunos entrevistados participam frequentemente das aulas de educação física, sendo que 42% destes, justificam sua resposta através do interesse pelos conteúdos da disciplina e 35% se identificam com a disciplina e/ou professor, onde 64% consideram sua relação com o professor de educação física ótima e 35% consideram tal relação regular.

Os que não participam das aulas, não o fazem por não se identificarem com a disciplina e/ou com o professor, onde a segunda justificativa que teve maior número de respostas foi a que se referia à repetição de conteúdos.

A Educação Física é importante para 85% dos entrevistados, os quais responderam que isto, deve-se ao fato da contribuição das aulas de forma positiva para a saúde (49%) e também porque é um momento de lazer (27%). Já aqueles que responderam negativamente sobre tal questão, afirmam que não gostam de atividade física (36%) e acreditam que a mesma não acrescenta em nada na sua formação (30%). Tal resposta tem sua justificativa na próxima questão, onde os alunos afirmaram que vivenciaram somente: vôlei, futsal, handebol, basquete e queimada, respectivamente (os

conteúdos menos citados foram: circo, esportes de aventura, jogos eletrônicos e capoeira).

Mais de 90% dos alunos entrevistados consideraram importante o processo de seleção vestibular/ENEM para a entrada nas universidades. E mais de 50% dos alunos pretendem participar de tal processo seletivo após a conclusão da 3ª Série do Ensino Médio.

Os alunos assinalaram: português, matemática, seguido de biologia, química, física, história e geografia, como sendo as mais importantes para um bom desempenho no vestibular: Educação Física foi citada apenas por 66 dos 211 entrevistados, ficando na frente somente das disciplinas: sociologia, filosofia, espanhol e arte que foi a menos assinalada.

Dos alunos que responderam que a educação física é importante para um bom desempenho no vestibular a maioria justificou-se por acreditar que esta é um momento de relaxar e aliviar a pressão das provas do processo seletivo. Porém, a segunda questão mais assinalada é aquela que destaca que a educação física é importante por desenvolver conteúdos sociais, culturais e biológicos necessários para o vestibular.

Porém, 145 alunos não marcaram esta disciplina como sendo importante para um bom desempenho no vestibular, 45% destes, porque não vão prestar vestibular para o curso de educação física, acreditando que se não for para trabalhar na área futuramente a disciplina não tem importância alguma para o processo seletivo.

No ENEM de 2009 os conteúdos de Educação Física estavam presentes, porém os alunos através de sua resposta afirmaram que não tinham conhecimento da informação, mas 15% assinalaram que passaram a valorizar a disciplina após ter conhecimento de tal notícia.

Comparou-se também as escolas públicas e particulares entre si, bem como as do interior e da capital, destacando que muitas vezes os alunos consideram a disciplina importante, para a saúde ou para o lazer, mas não participam e muito menos estudam tais conteúdos e na primeira oportunidade optariam por acrescentar mais aulas de outras disciplinas que são cobradas no vestibular, no lugar das de educação física. Os alunos da escola pública são mais próximos ao professor e valorizam a educação física como sendo importante para um bom desempenho para o vestibular devido aos seus conteúdos sociais, culturais e biológicos, ao contrário dos alunos das escolas

particulares que consideram que a disciplina é importante para o vestibular somente para aliviar a pressão das outras disciplinas e do próprio processo seletivo.

Ao comparar os resultados dos questionários das escolas particular e pública da capital, constata-se que nas duas escolas a maioria dos entrevistados consideram a disciplina de Educação Física importante porque acreditam que ela contribui de forma positiva para a saúde. Na escola pública os alunos que assinalaram que a Educação Física é importante para o bom desempenho no vestibular, marcaram que é porque consideram a aula um momento de relaxar e aliviar a tensão no vestibular. Já na escola particular, esta também foi a segunda justificativa mais marcada, mas a que teve um maior percentual foi porque a Educação Física desenvolve conteúdos sociais, culturais e biológicos necessários para o vestibular. Já os alunos que não consideram a Educação Física importante justificaram sua resposta pelo fato de não prestar vestibular para o curso de Educação Física.

Quando foram analisados os dados entre a escola pública da capital e do interior, viu-se que os alunos das duas escolas participam das aulas de Educação Física por terem interesse pelos conteúdos e por se identificarem com a disciplina e/ou professor. Os alunos das duas escolas vêem a educação física como um conteúdo importante a ser apreendido, mas caracterizam a disciplina como conteúdo voltado para a saúde e lazer. Os alunos da escola pública do interior justificam a não participação nas aulas por não gostarem de atividade física, e os da escola da capital por não ser uma disciplina com conteúdos para o vestibular, mas em contrapartida veem que mesmo não sendo cobrada no vestibular, a educação física os ajudam por desenvolver conteúdos sociais, culturais e biológicos e os alunos da escola pública usam a disciplina para relaxar e aliviar a pressão para o vestibular.

Atestou-se também, que os alunos das escolas particulares da capital e do interior do estado de Minas Gerais são, na sua maioria assídua, se identifica e considera ter ótima relação com a disciplina e/ou professor de educação física, mais fica evidente a grande preocupação com as demais disciplinas mais cobradas nos processos seletivos e o não aproveitamento integral dos conteúdos sociais, culturais e biológicos importantes para a formação integral dos cidadãos que estão em seu período de formação, momento este crucial na consolidação da personalidade e dos hábitos de vida.

Considerações finais

Em uma análise geral ficou clara que a importância que a Educação Física tem para os alunos, está ligada em sua maioria: à saúde e ao lazer, porém quando relacionada a importância da disciplina a um bom desempenho no vestibular, apenas um terço dos entrevistados assinalaram tal afirmativa, o que destaca a valorização das disciplinas ditas conteudistas, onde no entendimento da sociedade e dos alunos a disciplina de Educação Física não se encaixa. Sendo somente uma disciplina prática que está presente na escola em função das outras, como por exemplo: para aliviar a pressão dos outros conteúdos, ou do vestibular propriamente dito.

Não estamos aqui querendo anular, ou deixar de lado o caráter prático que a disciplina carrega, pois acreditamos que o nosso objeto de estudo é o corpo em movimento inserido na cultura. O que queremos deixar claro é que as escolas e a comunidade escolar como um todo, não percebem e nem abordam as outras dimensões dos conteúdos, dimensões estas que podem contribuir para uma formação integral dos sujeitos, já que esta não nos remete somente a porções estritamente práticas ou somente conceituais e sim além destas duas a porção atitudinal, todas incluídas dinamicamente no processo de ensino/aprendizagem.

No entanto, além da falta de interesse pelos assuntos que cercam a nossa área, a disciplina de Educação Física seria mais valorizada se fosse cobrada no vestibular, o que caracteriza que as escolas e os alunos ainda atem sua formação ao processo seletivo e não na formação integral dos indivíduos.

Através das respostas foi mostrado que a desvalorização da Educação Física não está simplesmente ligada ao processo seletivo, mas também à forma que a disciplina é conduzida. É necessário, então, uma estruturação dos currículos e um estudo aprofundado da comunidade escolar da disciplina de educação física, já que repetindo somente o modelo esportivista, não avançaremos no desenvolvimento e nem na própria história da educação física como disciplina escolar.

Esta análise, neste momento, não da conta de toda a discussão envolvida neste processo educacional e devido a isso é necessária uma nova pesquisa que contemple esses e outros aspectos sobre o vestibular e as aulas de educação física. Porém, a princípio, foi dado um pequeno passo para uma longa caminhada que deve ser iniciada a

respeito de tal tema, que ainda, infelizmente não é muito abordado em pesquisas e discussões da área.

Referências

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisa Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 519 p. (Coleção Aprender).

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei nº 9394**. Brasília, MEC, dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Secretaria de Ensino Médio. Brasília, MEC/SEM, 1999.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. Publifolha. São Paulo, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Editora Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya C. Os Conteúdos da Educação Física escolar: influencias, tendências, dificuldades e possibilidades. **Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói, v 2, n.1. 2001.

DARIDO, Suraya C.; GALVÃO, Zenaide; FERREIRA, Lilian A.; FIORINI, Giovanna. Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações. **Motriz** 1999;5(2):15-26.

DARIDO, S. C., DEUTSCH, S., GOBBI, S. & SCHWARTZ, G. M. Vestibular em Educação Física: Perspectiva de relacionamento com os 1º e 2º Graus. **Revista Brasileira de ciência do esporte** 1995;16(2):45-56.

FERNANDEZ, R. S; RAMOS, G. N. S. **A possibilidade da inserção de conteúdos específicos da Educação Física em provas de vestibular**. **Revista digital** 2008;13(126):48-96.

LIBÂNEO, José C.; OLIVEIRA, João F.; TOSCHI, Mirza, S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 2º edição. São Paulo: Cortez, 2005.

MOREIRA, Renata Pereira; FERREIRA, Heraldo Simões. A importância da Educação Física para os alunos do pré-vestibular: a visão de professores do terceiro ano do ensino médio de escolas de fortaleza. **Revista: Educação Física e Desporto** 2009;13(129):78-96.

OS JOGOS OLÍMPICOS EM REVISTA

Ana Gabriela Alves Medeiros – UFES - gabimedeiros@gmail.com

Doiara Silva dos Santos; University of Western Ontario -doiarasantos@yahoo.com.br

RESUMO: O desenvolvimento das mídias e a consolidação dos Jogos Olímpicos (JO) ocorreram ao longo do século XX (um contexto de notáveis e complexas mudanças sociais e históricas). Tem-se por objetivo analisar narrativas midiáticas sobre a temática Olímpica a partir de matérias e/ou reportagens da Revista Veja sobre os Jogos de 1968, 1972 e 1976. Os dados foram discutidos a partir de duas categorias: “Ser Olímpico” (refere-se ao sentido legitimado da participação “amadora” da equipe brasileira em Jogos Olímpicos); e “A burocratização do esporte olímpico brasileiro” (que diz respeito ao reclame por uma “geração de esportistas”).

Palavras-chave: Mídia; Jogos Olímpicos; História.

Introdução

O fenômeno esportivo, de maneira geral, tem ocupado espaço perene nos referidos universos discursivos embora, a princípio, tenha sido negligenciado como um tema “sério”. À medida que se reconheceu nas diversas manifestações do esporte objetos de investigação importantes, o tema passou a ser abordado por diferentes áreas do conhecimento. Particularmente no que se refere às abordagens socioantropológicas, as práticas e rituais esportivos (e isso inclui o contexto dos Jogos Olímpicos) tem sido “palco” (MacALOON, 1984) para problematizar, compreender e interpretar “dramas sociais” de diversas sociedades.

A interconexão dos fenômenos esporte e mídia é compreendida, como pontuam Briggs e Burke (2004), como uma relação de reciprocidade no que se refere a diversos aspectos do universo social no mundo contemporâneo (econômico, político, educacional e social, etc.).

Não obstante, o desenvolvimento das mídias e a consolidação dos Jogos Olímpicos ocorreram ao longo do século XX, portanto, em um contexto de notáveis e complexas mudanças sociais e históricas. Embora os grandes eventos esportivos em geral tenham espaço considerável e de destaque na mídia, os Jogos Olímpicos apresentam-se de maneira diferenciada (não apenas em relação às cifras que movimenta).

Um dos fatores que podemos mencionar para explicar a atenção e o lócus de destaque alcançado pelos Jogos Olímpicos (JO) modernos nos diferentes âmbitos é o complexo construto ideológico no qual estão envolvidos.

Esse constructo orienta a singular característica dos JO, compreendidos como uma “performance cultural” (MacALOON, 1984) – que adquire uma configuração específica ao reunir dimensões muito particulares, simultaneamente, a saber: (1) o espetáculo (tamanho e grandeza); (2) o ritual (celebração secular de valores da modernidade a partir de cerimônias e solenidades); (3) o festival (no que se refere às mensagens de equilíbrio, harmonia, paz internacional e alegria); (4) e o jogo (a estrutura mais formal de dramatização da vida social).

Tais características atribuem um caráter distinto aos Jogos Olímpicos em relação a campeonatos mundiais e outras competições que, embora internacionais, não alcançam o envolvimento das massas em perspectivas globais com a mesma intensidade. A periodicidade do evento, ou seja, a olimpíada (o período quadrienal entre as edições dos Jogos) também emoldura o evento como um acontecimento nobre em relação aos demais.

Procedimentos metodológicos

A partir do levantamento bibliográfico em periódicos brasileiros da Educação Física e outras áreas que tomam por objeto o fenômeno esportivo (as Ciências Sociais, por exemplo), pode-se perceber no *corpus* epistemológico sobre esporte, mídia e Jogos Olímpicos uma carência de estudos que utilizem fontes de mídia anteriores à primeira década dos anos 2000 e/ou final dos anos 90.

A partir dessa constatação, escolhemos como fonte de análise a Revista Veja (RV). Essa escolha justifica-se à medida que tal revista é de circulação nacional e alcançou grande visibilidade no cenário brasileiro ao longo dos anos. Além disso, a referida fonte tem todo o seu acervo digitalizado, o que facilita o acesso aos dados necessários para a realização do estudo.

Em grande medida, a questão da presente investigação foi (re) elaborada, tendo em vista a influência da escolha da fonte sobre o recorte cronológico, resultando na questão: quais as características do discurso midiático sobre temática Olímpica apresentadas por um veículo da mídia impressa brasileira nas décadas de 1960 e 1970?

16 a 18 de Novembro de 2011

A RV inaugurou sua primeira edição no ano de 1968. Reconhece-se que, apesar disso, segundo Villalta (2002, p. 5), “[...] a consolidação da revista junto ao mercado consumidor levou alguns anos para acontecer”. As razões para isso perpassam acontecimentos políticos e militares, além de questões editoriais como formato, etc. – os quais não são foco de discussão neste trabalho.

A presente investigação é parte de um projeto mais amplo que pretende mapear as reportagens desde a década de 1960 ao final dos anos 90. Nota-se que o recorte cronológico para o presente estudo envolve um período cercado por muitas transformações na discussão científica e social sobre o esporte e seu papel na sociedade.

Assim, temos por objetivo analisar as narrativas midiáticas sobre a temática Olímpica a partir de matérias e/ou reportagens da Revista Veja do final da década de 60 e ao longo da década 70, a fim de discutir as principais características do discurso midiático sobre os Jogos Olímpicos nesse período.

Dessa forma, temos por objetivos específicos: a) identificar e analisar reportagens/matérias relacionadas aos Jogos Olímpicos publicadas na Revista Veja do ano de 1968 e ao longo da década de 1970; b) discutir possíveis sentidos e significados atribuídos à temática olímpica nas edições analisadas.

Foram incluídas no *corpus* deste estudo matérias e/ou reportagens sobre os Jogos Olímpicos em geral, a cobertura da participação brasileira, da participação internacional, bem como quaisquer acontecimentos (políticos e/ou sociais) vinculados ao evento publicados nos anos de competição: Jogos do México 1968; Jogos de Munique 1972 e Jogos de Montreal 1976.

Utilizamos como instrumento de coleta de dados uma ficha de catalogação para sistematizar o processo de análise, na qual estavam contidas: (1) informações gerais sobre a matéria/reportagem (data, edição, páginas); (2) informações específicas (ilustrações, tema, tamanho); (3) bem como a citação de fragmentos na íntegra extraídos das reportagens.

A discussão das informações obtidas fundamenta-se na Análise de Conteúdo qualitativa. Assim, é possível realizar uma categorização das informações de acordo com os fins da investigação que, neste caso, pretende identificar as principais características do discurso da mídia impressa brasileira em torno dos Jogos Olímpicos.

Foram estabelecidas duas categorias de análise: “Ser Olímpico” (refere-se ao sentido legitimado da participação “amadora” da equipe brasileira em Jogos Olímpicos); e “A burocratização do esporte olímpico brasileiro” (que diz respeito ao reclame por uma “geração de esportistas”).

“Ser olímpico”

A reportagem “Os Olímpicos” (REVISTA VEJA, 1968, p.49) apresenta um contexto que nos permite inferir a respeito de certa indefinição e/ou oscilação em relação ao sentido da participação dos brasileiros nos Jogos Olímpicos, especificamente, na transição da década de 1960 para 1970.

O texto é extenso (ocupa uma página inteira dividida em três colunas da seção de Esportes da revista), e tem início com informações acerca da participação anterior da equipe olímpica brasileira (Tóquio 1964) e a repercussão dessa participação. Lê-se:

Quando os olímpicos brasileiros voltaram de Tóquio, em 1964, com um quinto lugar (Neco, no hipismo), um quarto (Aída dos Santos, no salto em altura), e um terceiro (em basquete), o presidente da República, o Marechal Castelo Branco, ficou muito decepcionado. Houve até ameaça de inquérito Policial Militar para apurar os gastos e investigar as convocações dos 83 atletas (REVISTA VEJA, 1968, p.49).

A partir dessa “decepção” o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) cogitou só enviar ao México os atletas com “[...] resultados olímpicos, isto é, com alguma possibilidade de classificação até o sexto lugar” (REVISTA VEJA, 1968, p.49). Tendo em vista que essa medida reduziria muito a participação brasileira, isso não se concretizou.

Esses relatos remetem a uma associação entre a excelência esportiva e a legitimidade política-internacional do país a partir de um dos maiores, – senão o maior – evento esportivo do mundo. Percebe-se, no entanto, que o discurso de autoridades político-militares daquele contexto – citados pela reportagem –, parece transformar-se em relação aos Jogos de 1968, atingindo uma aparente consonância com a meta ideológica do Movimento Olímpico.

Tal consonância refere-se ao sentido educativo do esporte, que é um fator muito importante para os propósitos ideológicos dos JO. Isso pode ser percebido na declaração do major Sylvio de Magalhães Padilha, então presidente do COB: “– Estamos quase desiludidos do apoio que temos pedido ao Ministério da Educação, para que ele adote

outra orientação em relação à vida física do estudante” (REVISTA VEJA, 1968, p.49).

O discurso de Sylvio Padilha ilustra uma preocupação com a população estudantil, de maneira que está orientado por uma perspectiva dicotômica: o que é intelectual e o que é físico. Outro aspecto notório a partir dessa declaração é a organização político-administrativa em geral e, também, do esporte da época.

Destaca-se que sucessivas declarações do major Padilha redimensionam o sentido da participação dos brasileiros, diferenciando-a da apresentação inicial da reportagem sobre os Jogos de 1964:

Ser Olímpico é o maior prêmio que um amador pode obter no Brasil. Nós abrimos mão da rigidez dos índices como um estímulo aos jovens que se dedicaram, apesar de todas as dificuldades e de sacrifícios incríveis, a fazer o esporte amador no Brasil (REVISTA VEJA, 1968, p.49; grifo nosso).

Nota-se a clara menção à prática amadora do esporte relacionada ao sentido de “ser olímpico”. A partir de uma interpretação primeira, seria possível inferir – equivocadamente –, que essa menção refere-se à “baixa qualidade” do esporte brasileiro. Entretanto, é preciso lembrar que, por muitos anos, ser atleta “amador” era um critério de elegibilidade para participar dos Jogos Olímpicos.

Supostamente ancorado nos valores e tradições dos Jogos da Antiguidade na Grécia, o amadorismo se tornou um ideal nas competições esportivas em geral, incluindo os Jogos Olímpicos (JO). Somente no final do século XIX a desmistificação deste ideal foi impulsionada e se concretizou, “expandido” a participação nos Jogos aos atletas profissionais.

De fato, na reportagem “Aprender antes de competir” (REVISTA VEJA, 13/09/1972, p. 68), sobre a participação brasileira nos Jogos de Munique 1972, foi possível identificar a questão do amadorismo ainda se faz presente:

No dia em que o Brasil comemorava os 150 anos de sua independência, a bandeira do losango amarelo em campo verde pendia [...] de luto pela morte dos atletas israelenses assassinados [...] Mas, para o Brasil as Olimpíadas já pareciam ter terminado dois dias antes no momento em Nelson Prudêncio ganhava sua medalha de bronze no salto triplo [...] **A se acreditar nas declarações de alguns atletas, um colossal urubu pousou na sorte do esporte amador brasileiro** (grifo nosso).

Apesar do sentido amador do “ser olímpico” brasileiro, de certa maneira, houve uma oscilação no discurso da RV, sobretudo a partir da citação de declarações de autoridades político-administrativas do esporte, o que nos leva a inferir, que esse fato é

representativo daquele universo social. Tal oscilação consiste no fato de que, em certos momentos, enfatizou-se o sentido educativo do esporte para os jovens e, noutros, clamou-se por uma melhor preparação dos atletas brasileiros.

A burocratização do esporte olímpico brasileiro

Apresentam-se, nesta seção, as principais características do “reclame” presente nas elaborações discursivas da RV por uma melhor organização do esporte olímpico brasileiro. É preciso atentar que tal “reclame” é, em vários momentos, realizado por autoridades cujas falas são utilizadas em citação direta na RV.

Vale ressaltar que, no processo de construção de suas narrativas (“codificação”), as mídias escolhem representações que, de alguma forma, delineiam o viés institucional, ou seja, o “sentido preferencial” (HALL, 2003) que desejam embutir na mensagem. Nesse sentido, a menção a *essas* falas, sem posicionamento crítico subsequente, em reportagens “não-assinadas”, parecem representar as escolhas da revista analisada, a partir das quais podem ser elaboradas diversas inferências.

A RV, apesar de mencionar o sentido do “ser olímpico” a partir da presença dos “amadores” brasileiros nos Jogos do México, quatro anos mais tarde apresenta, na cobertura dos Jogos de Munich, outra perspectiva.

É possível notar que, embora em diversas citações a revista tenha apresentado narrativas sobre 1972 que prezaram a valorização da participação brasileira em Jogos Olímpicos, há também narrativas que demonstram uma “sede” por mudanças na organização do esporte, tendo em vista a formação de “esportistas”. É difícil precisar o sentido atribuído a essa palavra no texto, pois, ela pode remeter tanto à demanda por atletas mais competitivos, quanto à proposição de mudança no estilo de vida da população, ou, inclusive, ambos, inclusive numa relação causal.

Nas narrativas de 1976, isso também está presente. Há um quadro que ilustra as “poucas” conquistas dos brasileiros em onze Olimpíadas, o qual é intitulado de “Brasileiros: as medalhas ganhas por acaso”.

Tal análise pode indicar uma avaliação negativa, por meio do discurso de autoridades, em relação às condições de prática e desenvolvimento do esporte no Brasil, bem como sua representação internacional. Tendo em vista o “baixo” número de medalhas, associam-se as conquistas obtidas a eventualidades, casualidades.

De fato, na literatura brasileira sobre o esporte e os Jogos Olímpicos encontram-se autores que atestam essa questão, o que indica que esse sentido de participação veio a prolongar-se. DaMatta (2006), por exemplo, situa o Brasil dentre os países que tem aspirações limitadas no evento em termos competitivos. Em casos como esse, —[...] “a ideia de participação se reduz a desempenhar um papel efetivamente legitimador no evento” (DaMATTA, 2006, p.184) o que significa, neste caso, “legitimar a vitória do outro”.

Considerações provisórias

Percebe-se que as atuais discussões sobre o espaço simbólico que os Jogos Olímpicos ocupam no universo social brasileiro, demandam uma compreensão mais articulada da dinâmica processual histórica que enredam tais discursos. Restringir as análises acadêmicas sobre o fenômeno Olímpico no Brasil às narrativas da perspectiva do “país que sediará os Jogos” pode levar tais análises não só a um equívoco metodológico, mas, também, a interpretações muito limitadas desse fenômeno.

Ademais, a própria complexidade dos Jogos Olímpicos, tanto em sua forma materializada quanto ideológica, produz múltiplas possibilidades de produção, articulação e veiculação de narrativas. O evento não está em um estado “bruto”, há jogos de poder, jogos de interesses e, talvez ainda menos tangíveis, há os “jogos simbólicos”.

A análise destes “jogos” e suas multidimensões, tanto a partir de uma perspectiva “performática” quanto “discursiva”, pode permitir captar (pontualmente e processualmente), os impactos que tais jogos tem sobre a sociedade brasileira no que se refere à política, à educação, à Educação Física, à economia, enfim, à esfera social como um todo.

Referências

- REVISTA VEJA. Aprender antes de competir. São Paulo, 13 set. 1972, p. 68-72.
- BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à internet. [Tradução Maria Carmelita Pádua Dias]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DaMATTA, R. Em Torno da Dialética entre Igualdade e Hierarquia: Notas sobre as Imagens e Representações dos Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil. **Antropolítica** (UFF), Rio de Janeiro, v. 1, n. 14, 2006.



16 a 18 de Novembro de 2011

HALL, S. **Da diáspora**: identidade e mediações culturais. [Tradução: Adelaine La Guardia Resende et al]. Belo Horizonte: Editora Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MacALOON, J. J. Olympic Games and the theory of Spectacle. In: _____
(Org.) **Rite, drama, festival, spectacle**: rehearsals toward a theory of cultural performance. Philadelphia: Institute for the study of Human Issues, 1984.

Olimpíada: o grande espetáculo. **Revista Veja**. São Paulo, 28 jul. 1976, p. 108-114.

Os Olímpicos. **Revista Veja**. São Paulo, 25 set. 1968, p. 48-49.

VILLALTA, D. O surgimento da revista *Veja* no contexto da modernização brasileira.

In: XXV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25, 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: Intercom, 2002. p.15-25.

QUANDO A SEXUALIDADE É TEMA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: NOTAS SOBRE O VALE DO JQUIRIÇÁ-BA

Priscila Gomes Dornelles; UFRB – prisciladornelles@ufrb.edu.br

Fernanda Almeida Ferreira; UFRB- nandhaalfer@hotmail.com

Juliana Britto dos Santos; UFRB – juli-britto@hotmail.com

RESUMO: A partir dos Estudos de Feministas e de Gênero, particularmente a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, o presente artigo problematiza como a sexualidade - um conteúdo sugerido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais como tema transversal - vem sendo tratada nas aulas de Educação Física em escolas de ensino fundamental e médio da região do Vale do Jiquiriçá/BA. Para isso, de forma qualitativa, analisamos as informações inscritas em questionários submetidos a alguns/algumas docentes da referida região, as quais nos ofereceram indicativos para problematizarmos a relação entre Educação Física escolar e sexualidade. Ao discutirmos como e quando este tema aparece nas aulas de Educação Física nas escolas da referida região, questionamos o caráter negligenciado desta temática na formação de professores/as em Educação Física, bem como evidenciamos a necessidade de seu trato pedagógico para a construção da escola como um espaço efetivo de formação cidadã dos sujeitos escolares.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Sexualidade.

Introdução

É muito comum, no universo escolar, o relato de professores/as sobre o despreparo para o trato pedagógico com o tema sexualidade na escola. Outra assertiva que também circula neste espaço educativo é a da relação mais favorável das disciplinas de Educação Física e Ciências com esta temática, a qual ocorre por uma relação intrínseca destas áreas do conhecimento com os temas relacionados ao corpo; fato que supostamente favoreceria o trabalho com questões ligadas à sexualidade.

Em alguma medida, é importante sinalizar que não está apenas no senso comum e/ou no ambiente escolar a construção de relações entre sexualidade e Educação Física, área que nos interessa discutir neste artigo. Vale ressaltar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998a), especificamente o caderno de Educação Física (terceiro e quarto ciclos), referendam este componente curricular como um espaço privilegiado para o trato com relação às discussões sobre gênero e sexualidade na escola.

Apresentado pelo caderno Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998b) como tema que deve ser tratado de forma transversal pelas

áreas do conhecimento na escola, nos interessa oferecer contribuições para compreendermos como a sexualidade atravessa as aulas de Educação Física na região do Vale do Jiquiriçá/BA. Para isso, apresentaremos as estratégias metodológicas utilizadas e, a partir delas, analisaremos alguns indicativos que nos permitiram problematizar a relação entre Educação Física e sexualidade nesta região.

Dos caminhos metodológicos

Com finalidade de investigarmos o trato do tema da sexualidade nas aulas de Educação Física nas escolas do Vale do Jiquiriçá/BA, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo (FLICK, 2009) com professores/as da rede pública de ensino da região. Aproveitamos a realização de uma atividade extensiva com formato de seminário e voltada para a formação continuada de professores/as de Educação Física para apresentarmos esta pesquisa e convidarmos os/as docentes participantes a contribuírem com o preenchimento de um questionário.

Para isso, inicialmente, fizemos uma leitura pública do questionário, priorizando oferecer um momento para que os/as docentes expusessem suas dúvidas com relação a qualquer item contemplado no instrumento. Importa informar que este era composto por blocos de questões (num total de quarenta e cinco perguntas) que se desdobravam de pesquisas desenvolvidas pelo *Grupo GEPEFE/UFRB – Educação, Formação de Professores e Educação Física*. Especificamente com relação à pesquisa originária deste artigo, o instrumento apresentava um bloco de oito questões contemplando o eixo “gênero e/ou sexualidade na Educação Física escolar”, o qual era composto por questões fechadas e abertas.

Vinte e nove colaboradores/as responderam ao instrumento, sendo que antes de preenchê-los, os/as mesmos/as foram informados dos objetivos e do procedimento desta pesquisa, bem como dos procedimentos éticos, tais como: a ausência de identificação dos/das participantes e a garantia do caráter confidencial e anônimo das informações; a utilização destas informações apenas para fins de pesquisa e dos trabalhos científicos que se desdobrarão da “escuta” destas informações. Após a leitura pública do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual reunia os critérios apresentados anteriormente, e do preenchimento do instrumento, os/as participantes assinaram o referido Termo como forma de concordância com os critérios éticos.

De como entendemos sexualidade e sua relação com a Educação Física escolar

Ao considerarmos a cultura corporal como objeto de ensino da Educação Física na escola, consideramos imprescindível a sua abordagem em articulação com temas sociais e culturais de extrema relevância para a formação cidadã e para a assunção do papel pedagógico da escola, como é o caso do tema da sexualidade. Esta posição se justifica por entendermos, a partir do plano acadêmico e político das discussões sobre gênero e sexualidade, que a Educação Física escolar é um espaço de formação democrática para os sujeitos escolares. Nesse sentido, aqui pode se assentar a lógica do trato com a diversidade na escola, as discussões sobre inclusão e/ou a aproximação entre a educação e a formação em direitos humanos para que esta disciplina proponha, através do trato com a cultura corporal, o reconhecimento dos preceitos de igualdade de condições, a existência da diversidade acerca do corpo e o respeito às diferentes escolhas de prazer e sexuais dos indivíduos.

Nesse sentido, é importante afirmarmos que conceitual e politicamente tratamos de sexualidade, neste artigo, como envolvendo “rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. [...] não há nada exclusivamente natural neste terreno, a começar pela própria concepção de corpo [...]” (LOURO, 2001, p.11).

Para contribuir com o debate, a pesquisadora Silvana Vilodre Goellner (2010) enfatiza a importância das práticas pedagógicas voltadas para a educação dos corpos, dentro ou fora da escola, e o reconhecimento de seu caráter educativo em relação aos gêneros e à sexualidade. Reconhecer que o trato com o corpo pode invadir esta arena é fundamental para construção de um projeto pedagógico delineado para o reconhecimento da diversidade. Para isso, a autora aponta e recomenda a importância de atentar para a definição dos termos sexo e sexualidade, pois apesar de terem definições diferentes, em geral, são utilizados como se tivessem o mesmo sentido.

Para Goellner (2010), sexo descreve as características anatômicas e fisiológicas que distinguem homens de mulheres; gênero é definido como condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e femininos; e sexualidade está assentada no plano dos desejos e prazeres que envolvem, também, as preferências, predisposições ou experiências sexuais de cada sujeito na experimentação e descoberta da sua identidade.

A partir desta conceituação, consideramos que a sexualidade está na escola e na Educação Física escolar. Destoando da afirmação de sua ausência e/ou invisibilidade nas aulas de Educação Física e, assim, corroborando com as discussões empreendidas por Priscila Dornelles e Ileana Wenez (2010), sugerimos que este componente escolar também trata da sexualidade na escola. A falta de reconhecimento e/ou sistematização de propostas pedagógicas desta área de conhecimento com relação ao tema sexualidade, seja no âmbito da formação inicial e continuada de professores/as, seja no âmbito da Educação Física escolar, não significam sua ausência da escola. Demonstra, isto sim, uma negligência no trato escolar com este tema de fundamental importância para a formação dos sujeitos escolares.

Quando e como a sexualidade entra em “cena” na Educação Física escolar

A partir das respostas dos/das professores/as colaboradores/as a uma questão aberta, a saber, “com relação ao tema sexualidade, por favor, descreva quando e como este tema aparece nas aulas de Educação Física” foi possível compreender como e quando este tema aparece nas aulas desta disciplina na região.

Aparece do mesmo jeito que vem aparecendo em outros locais, pois nossos alunos mostram isso com muita naturalidade (Professor I)

O que nos interessa argumentar, a partir da resposta acima é, primeiramente, duvidar das afirmações da área da Educação Física sobre a inexistência das discussões sobre sexualidade nesta disciplina escolar.

Apesar de termos respostas diversas com relação aos momentos de trabalho com a temática e/ou sobre os métodos de ensino/discussão, um arranjo discursivo define de forma substancial o que se entende por sexualidade nesta disciplina escolar. Antes de trabalhar mais este argumento, importa destacar duas respostas aos questionários.

É de acordo com algum acontecimento ou assunto abordado sobre sexo entre os próprios alunos dentro da sala e comentários sobre doenças sexualmente transmissíveis. Onde o professor aborda uma aula expositiva e de conscientização do tema citado acima (Professor II).

Os temas são trabalhados de forma aberta e discursiva onde são trocadas informações entre a turma principalmente sobre gravidez na adolescência, uso de camisinha e contraceptivos e aborto. Os temas são bem discutidos e aceitos pelas turmas (Professor III).

A localização das discussões sobre sexualidade no plano dos discursos biológicos, historicamente, é uma concepção que tem força e que é produzida no espaço escolar. Essa afirmação se torna possível se pensarmos nas propostas de trato com o tema que se inserem dentro da proposta de educação sexual e/ou se referem apenas ao conhecimento da biologia reprodutiva dos corpos, comumente, atreladas ao currículo da disciplina de Ciências. Nesta formação discursiva, tem-se temas expressivos ligados à prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, do hiv/aids e/ou da gravidez indesejada - sempre tratados na perspectiva da saúde.

A partir das respostas aos questionários, nos parece que a Educação Física reifica a força do discurso biológico na definição/configuração desta temática. Nesse sentido, o que problematizamos é uma concepção de sexualidade que atravessa a Educação Física e que nos convoca, em grande medida, a associar sexualidade e perigo, sexualidade e promiscuidade, sexualidade e medo, sexualidade e prevenção.

O que propomos é que esta disciplina escolar circunde o tema da sexualidade a partir das discussões sociais e culturais, as quais se dão na relação estreita entre educação e direitos humanos, conforme propõe o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3), visando o reconhecimento e o tratamento igualitário para sujeitos que vivem de diversas formas as práticas de desejo, bem como assumem diferentes identidades sexuais. O PNDH-3 defende que desde a infância, na educação básica, se dê o processo de “formação de sujeitos de direito, priorizando as populações historicamente vulnerabilizadas” (p. 150). Para tanto, sugere

“(…) propostas de mudanças curriculares, incluindo a educação transversal e permanente nos temas ligados aos Direitos Humanos e, mais especificamente, o estudo da temática de gênero e orientação sexual, das culturas indígena e afro-brasileira entre as disciplinas do ensino fundamental e médio”. (BRASIL, 2010, p. 150).

Há aqui, também, o reconhecimento das situações de injúria, repúdio e violência que são cotidianas às vidas não heterossexuais e o questionamento de propostas pedagógicas construídas com base numa lógica heteronormativa (BUTLER, 2001; LOURO, 2004). Este conceito se refere ao funcionamento de uma norma que alinha e naturaliza as relações entre sexo-gênero-sexualidade, na qual o sexo (macho/fêmea) determinaria, respectivamente, uma identidade de gênero naturalizada (masculinidade ativa/ feminilidade passiva) e, conseqüentemente, o desejo pelo sexo oposto

(mulheres/homens). Em suma, isto significa atravessar, de forma transversal, o trato com o conteúdo da cultura corporal a partir de um projeto político de sociedade democrática.

Consideramos, também, que a negligência das discussões sobre o tema na formação inicial e/ou continuada de professores/as reflete diretamente nas condições político-pedagógicas de trato com o tema, significando dificuldades para o planejamento de aulas específicas sobre sexualidade e/ou da assunção desta temática como atravessador político da Educação Física escolar. De certa forma, esta constatação difere das diretrizes propostas por documentos norteadores da educação escolar brasileira.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998a), especificamente no caderno de Educação Física, o princípio da diversidade aplica-se na construção dos processos de ensino e aprendizagem e orienta a escolha de objetivos e conteúdos, visando ampliar as relações entre os conhecimentos da cultura corporal e os sujeitos da aprendizagem. Busca-se, assim, legitimar as diversas possibilidades de aprendizagem que se estabelecem com consideração das dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos.

Considerações finais

Apontar “pistas” de como a sexualidade atravessa esta disciplina escolar sinaliza a necessidade de reconhecermos a produtividade deste marcador na Educação Física. Entretanto, ao final deste artigo, o que fica de sugestivo e provocativo é a necessária aproximação da Educação Física com os movimentos teóricos e políticos que visibilizam a sexualidade como tema central e como categoria política e de análise, como apontam os estudos Gays e Lésbicos, os/as estudiosos/as *queer* e os movimentos sociais, por exemplo.

Após a construção de uma posição política que considera de extrema importância a intervenção pedagógica acerca do tema sexualidade na escola, apontamos para a necessidade do debate científico na área da Educação Física voltar-se para investigação da forma como este tema ocupa os currículos dos cursos de formação inicial de professores/as no contexto baiano e brasileiro. Parece-nos que “as pistas” oferecidas pelos docentes/as que atuam na disciplina de Educação Física no Vale do

16 a 18 de Novembro de 2011

Jiquiriçá/BA podem ser significativas para provocar outras inquietações acerca do tema sexualidade no contexto escolar e universitário. Desse modo, podemos tentar ampliar essas discussões e perguntarmos, algumas vezes mais e em diferentes contextos, acerca de como a sexualidade configura e atravessa a Educação Física.

Referências

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.151-172.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª à 8ª série): Educação Física*/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998a.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais* / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRASIL. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3). Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República - ed. rev. - Brasília: SEDH/PR, 2010.

DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana. *Gênero e sexualidade: saberes (in)visíveis na Educação Física escolar?* In: *Anais. Fazendo Gênero 9: Diásporas, diversidades, deslocamentos*. 2010.

FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre, *A Educação dos Corpos, dos Gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade*. *Cadernos de Formação RBCE*, p. 71-83, mar. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. *Pedagogias da Sexualidade*. In: LOURO, Guacira L. (Org.). *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-34.

_____. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO JOGO DE REGRAS ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DA BAHIA

Alan de Aquino Rocha- Rede Estadual/DIREC 20/UNEB - alanaquino@hotmail.com

RESUMO: Este estudo buscou identificar as representações sociais de professores de Educação Física da rede pública estadual baiana sobre o jogo de regras, e os possíveis elementos centrais e periféricos. A coleta dos dados aconteceu durante o XVI CONBRACE¹⁶/III CONICE¹⁷. Utilizando a associação livre de palavras, 90 professores indicaram cinco palavras relacionadas ao estímulo “jogo de regras”. Os resultados, analisados pelo software EVOC 2003, foram apresentados e discutidos através de um grupo focal, do qual participaram nove professores, representantes das DIREC¹⁸, presentes também na primeira coleta. Tais resultados apontaram que o núcleo central das representações foi constituído por “disciplina”, “organização” e “respeito”, reforçando a histórica influência das instituições militar e esportiva.

Palavras-chave: Representações Sociais; Educação Física Escolar; Jogo de regra.

Introdução

A Educação Física vem, paulatinamente, percorrendo caminhos em busca da sua legitimidade e identidade, ao passo em que amplia seu campo de conhecimentos e abordagens teóricas, diversificando métodos e formas de intervenção.

O estudo da história da Educação Física nos mostra o nível de influência política e ideológica que tiveram as instituições militar, médica e esportiva na construção da concepção e da função social da Educação Física. Neste cenário histórico, a partir do início na década de 1960, consolida-se a hegemonia esportiva na Educação Física, a partir da supervalorização do esporte como fator inerente à formação humana e instrumento de manutenção da unidade social, em detrimento de outras temáticas relevantes (TAFFAREL et al., 2009).

A crise de paradigmas, instaurada no final da década de 1970 e início da década de 1980 (DAÓLIO, 1993), evidenciou uma proliferação de discursos em torno do objeto de estudo da Educação Física e sua inserção escolar.

No âmbito da escola, este cenário se consubstancia ao notarmos que a Educação Física não conseguiu se desvincular de suas raízes institucionais. Em face da sua

¹⁶ Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Realizado em Setembro de 2009, na cidade do Salvador/BA.

¹⁷ Congresso Internacional de Ciências do Esporte.

¹⁸ Diretoria Regional de Educação.

obrigatoriedade e não legitimidade, a Educação Física, ainda que presente como componente curricular da educação básica, não logrou o mesmo status das demais disciplinas. Tal contexto nos leva a constatar o esforço de estudiosos em construir e concretizar novas propostas, no claro intuito de tornar legítimo o valor da Educação Física, enquanto componente curricular, no processo educativo escolar.

Do ponto de vista da prática pedagógica da Educação Física escolar, identificamos lacunas históricas existentes entre o avanço das discussões, que culminaram em considerável número de produções científicas, e a realidade objetiva enfrentada cotidianamente no “chão da escola”.

Dentro destas lacunas, destacamos a dificuldade em selecionar os conteúdos que devem fazer parte dos currículos escolares da Educação Física na educação básica e a necessidade de abordá-los metodologicamente.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), documento que serve como referência para organização dos currículos escolares na educação básica, os conteúdos da Educação Física são: os esportes, os jogos, as lutas, as ginásticas, atividades rítmicas e expressivas e conhecimentos sobre o corpo.

Partindo desta referência, optamos, em nosso estudo, destacar o jogo de regra por entendermos ser ele um dos conteúdos mais presentes nas aulas de Educação Física na escola e o que mais se aproxima do interesse dos alunos, nos diversos ciclos de escolarização.

Entendemos, à luz de significativos estudos, como Dell’agli (2002), Souza (2002), Kishimoto (2006), Monteiro (2006) e André (2007), que, guardadas as devidas especificidades, o jogo de regra agrega valor no contexto educacional, de forma geral, e da Educação Física mais especificamente.

A partir da realidade apresentada, e cientes da complexidade desta temática, decidimos analisar a utilização do jogo de regras nas aulas de Educação Física através da ótica do professor de Educação Física, buscando identificar as intenções que motivam o professor a selecionar o jogo de regra como conteúdo das aulas, quais os critérios que utiliza para tal intento e em que bases teóricas fundamenta a sua ação pedagógica.

Procedimentos metodológicos

Contornos da pesquisa

Sempre considerando as diversas facetas que permeiam a escola, buscamos neste estudo, focar o nosso olhar a partir da ótica de professores e professoras de Educação Física, em relação a um dos conteúdos mais desenvolvidos nas aulas – o jogo de regra, que, mesmo estando tão presente, não tem sido aproveitado em todo o seu potencial formativo, sendo, muitas vezes, “transmitidos” aos alunos, excluindo-os da possibilidade de (re) construção das regras.

E os professores de Educação Física, que intervenções têm feito diante desta realidade? Como têm desenvolvido o jogo de regra em suas aulas? Que sentidos/significados atribuem ao jogo de regra?

Para Barcelos (2001), a Teoria das Representações Sociais é uma possibilidade metodológica de diálogo com o mundo e não como um “decifrador de realidades”. Ou seja, a compreensão dessa teoria permite entendê-la como uma possibilidade de aproximação com aquilo que os sujeitos são capazes de elaborar através de suas relações cotidianas. Com essa perspectiva, sua abrangência não se limita apenas a aspectos cognitivos, lógicos e racionais, mas também a elementos simbólicos, míticos, afetivos, religiosos e culturais, ligados a status, poder, prestígio, etc.

As Representações Sociais são teorias coletivas sobre o real que regem as condutas (MOSCOVICI, 2003). Está centrada na investigação do conhecimento do senso comum que se tem sobre um determinado tema, incluindo também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas das pessoas e que estão constantemente desenvolvendo-se, da infância à maturidade.

A representação pode informar à própria Educação Física – seus professores e professoras – sobre os seus papéis assumidos, os não-assumidos, os praticados, os não-praticados e os idealizados perante a especificidade de sua intervenção pedagógica no ambiente escolar.

Um percurso em jogo

A coleta dos dados foi realizada em dois momentos: o primeiro se deu durante a realização do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) e III

Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE), que ocorreram entre os dias 20 e 25 de setembro de 2009, no Centro de Convenções da Bahia em Salvador.

Dentro deste evento, foi realizada uma reunião que congregou cerca de 300 professores de Educação Física da rede pública do Estado da Bahia, oriundos de 31 das 33 Diretorias Regionais de Educação do Estado. O objetivo da mesma foi apresentar um panorama atual da Educação Física na rede pública do Estado da Bahia e as ações implementadas pela Secretaria de Educação para o enfrentamento das dificuldades identificadas através de instrumentos de levantamento de dados, utilizados em encontros com professores da rede.

O segundo momento de coleta aconteceu no mês de março de 2010, durante um encontro dos professores de Educação Física que atuam como representantes de suas Diretorias Regionais de Educação (Direc) com a Coordenação de Educação Física e Esporte da Secretaria Estadual de Educação, também na cidade do Salvador.

Este encontro teve como foco principal, a partir de uma discussão de currículo, promover a construção do referencial curricular da Educação Física na rede estadual da Bahia. Para tanto, o encontro desenvolveu duas frentes de trabalho: a formação dos professores de Educação Física, denominados professores representantes da Educação Física nas Direc¹⁹, e o planejamento das ações desenvolvidas pela Secretaria de Educação para fomento e fortalecimento da Educação Física na educação básica baiana.

Jogando com técnica

A opção escolhida foi utilizar uma amostra intencional, na qual todos os participantes fossem professores licenciados em Educação Física, atuando efetivamente na rede pública estadual baiana, que estivessem ministrando aulas de Educação Física na educação básica há pelo menos dois anos.

O caráter efetivo, na presente investigação, caracteriza-se pela entrada no quadro de professores da rede pública estadual baiana, mediante realização de concurso público.

No primeiro momento da coleta de dados participaram noventa professores oriundos das diversas cidades circunscritas nas Direc de: Salvador, Feira de Santana,

¹⁹ Estes professores apóiam as ações da Coordenação de Educação Física da Secretaria Estadual de Educação da Bahia, organizando eventos em suas regiões, articulando a participação dos professores de Educação Física nos projetos de formação continuada.

Itabuna, Macaúbas, Teixeira de Freitas, Jequié, Barreiras, Alagoinhas, Ilhéus, Jacobina, Vitória da Conquista, Seabra, Juazeiro, Serrinha, Paulo Afonso, Guanambi e Cruz das Almas.

Para a realização do segundo momento de coleta, contamos com a participação de nove professores representantes da Educação Física nas Direc de: Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Serrinha, Seabra, Vitória da Conquista, Salvador, Barreiras e Jequié.

Os instrumentos foram aplicados primeiro individualmente e depois coletivamente, na seguinte ordem: associação livre de palavras (MOLINER, 1994), utilização do o *software* EVOC 2003 – *Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations* – Vergès (2005) e a realização de um grupo focal (MACEDO, 2000).

Resultados e discussão

Tomando-se a distribuição dos termos pelos quadrantes, pôde-se descrever a organização do conteúdo da representação social do jogo de regras entre os professores de Educação Física, ou seja, o seu provável núcleo central e os elementos periféricos. No quadro 1, a seguir, apresentam-se os termos evocados pelos professores.

Quadro 1 – Provável organização estrutural do núcleo central da representação social do jogo de regras pelos professores de Educação Física da Rede Estadual da Bahia. N=90. Salvador, 2009.

		OME < 2,9		OME ≥ 2,9	
Freq.		Freq.	OME	Freq.	OME
≥ 25	Disciplina	30	2,200	≥ 25	
	organização	27	2,444		
	Respeito	26	2,231		
		OME < 2,9		OME ≥ 2,9	
Freq.		Freq.	OME	Freq.	OME
< 25	Competição	22	2,636		companheirismo 5 4,000
	Construção	8	2,750	< 25	criatividade 5 3,000
	Cooperação	23	2,696		equipe 5 3,600
	Limite	5	2,800		estratégia 7 3,857
	Participação	10	1,900		exclusão 7 3,000
	Solidariedade	5	2,800		integração 6 3,000

objetivo	6	3,667
socialização	7	3,286

Legenda: OME: Ordem média dos termos evocados; Freq. : Frequência

A análise das palavras associadas ao jogo de regra, sugere que disciplina, organização e respeito constituam o núcleo central (NC) das representações dos professores de Educação Física da Rede Estadual da Bahia, e que *companheirismo, criatividade, equipe, estratégia, exclusão, integração, objetivo e socialização* façam parte do sistema periférico (SP).

A influência histórica das instituições militar e esportiva na formação dos professores de Educação Física, já identificada por outros autores (MARINHO, 1952; COSTA, 1971; FARIA JR, 1987; CASTELLANI FILHO, 1988; MELO, 1996; SOARES, 2004), tende a ser o principal fator contribuinte para os professores relacionarem o jogo de regra com a *disciplina, a organização e o respeito*.

O trabalho com a Teoria das Representações Sociais não tem a pretensão de ser um “decifrador de realidades” (BARCELOS, 2001), mas sim, de se constituir enquanto uma possibilidade metodológica que dialogue com o mundo tentando entender como os sujeitos são capazes de elaborar suas práticas através das relações cotidianas.

Os professores Carlos e Lúcia²⁰ ao analisarem o NC das representações dos professores, corroboram com o resultado estabelecendo uma relação direta entre a formação do professor de Educação Física influenciado pelo militarismo e pela instituição esportiva e a sua atuação docente advinda da formação destacando:

[...] ainda falta uma formação, um entendimento maior de que projeto de sociedade nós queremos. [...] a gente ainda reproduz uma ideologia burguesa, dominante, muitas vezes não percebemos isso, e de como essa ideologia está presente nas nossas atividades (Carlos).

[...] nós somos frutos dessas faculdades né, com essas concepções arcaicas, entendeu? Da competição, da disciplina, do respeito, onde o professor de Educação Física era o ‘militarista’, então a gente tem essa formação (Lúcia).

Considerações finais

A representação social do jogo de regras consolidada nas palavras “disciplina”,

²⁰ Os nomes dos professores aqui divulgados são fictícios, com fins de preservação da identidade dos mesmos.

“organização” e “respeito”, constitui-se em uma forma de conhecimento socialmente elaborada pelos professores, com base em uma formação fortemente influenciada pelas raízes históricas da Educação Física que, conforme se discutiu anteriormente trouxeram para o bojo da Educação Física escolar, fortes tendências das instituições militar, médica e esportiva. Este cenário, se configura ainda como hegemônico nas aulas de Educação Física.

Se o objetivo do jogo é “disciplinar” os alunos, pouca ou nenhuma importância será dada às suas condições objetivas de aprendizado. A idéia é “homogeneizar” os corpos e, por conseguinte, as idéias.

A Educação Física, que num certo momento da sua história, distanciou-se dos demais componentes curriculares, alijando-se das discussões de cunho político e pedagógico, ainda se “arrasta” num grande esforço para legitimar sua inserção na escola.

Para Abric (1998), as transformações em uma representação social são iniciadas pelo sistema periférico. Portanto, com base nos achados deste estudo, a configuração do sistema periférico das representações dos professores já aponta elementos que podem vir a contribuir para a modificação destas representações, na medida em que apresenta termos que, nessa análise, melhor expressam o sentido do jogo de regras que defendemos para as aulas de Educação Física.

Nesse sentido, conclui-se, ainda que momentaneamente, as considerações oriundas deste estudo. No intuito de não apenas diagnosticar uma realidade, mas estabelecer importantes reflexões e apontar possíveis caminhos de superação.

O interesse pelo estudo das Representações Sociais dos professores de Educação Física sobre o jogo de regras residiu no fato de considerar o potencial educacional existente no mesmo, no quanto tem sido negligenciado e na possibilidade que o professor, enquanto agente transformador tem de exercer uma prática pedagógica comprometida e bem alicerçada teoricamente, contribuindo sobremaneira para a legitimação da Educação Física no âmbito da escola.

Referências

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A. S. P; OLIVEIRA, D. C. (Orgs). Estudos interdisciplinares de representações sociais. Goiânia: AB Editora, 1998. p. 27-38.



16 a 18 de Novembro de 2011

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. MEC/SEF, 1998.

CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e Educação Física**. Campinas: Autores Associados, 1988.

DELL'AGLI, B. A. V. **O jogo de regras como um recurso diagnóstico psicopedagógico**. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2002.

KISHIMOTO, T.M. **O jogo, a criança e a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MACEDO, R. S. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador:EDUFBA, 2000.

MARINHO, I. P. **História da Educação Física e dos Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952/1953.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SANTOS, A. **Representação social de esportes sob a ótica de pessoas cegas**. 304f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, UFBA, 2004.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004 (Coleção educação contemporânea).

VERGÈS, P. **A evocação do dinheiro: um método para definição do núcleo central de uma representação**. In: MOREIRA, A.S.P.; CAMARGO, B.V.; JESUÍNO, J.C.; NÓBREGA, S.M. (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. (p. 471-487). João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.



16 a 18 de Novembro de 2011

Resumos



16 a 18 de Novembro de 2011

A ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO MUNICÍPIO DE ALAGOINHAS – BA

Dayane Ramos Dórea; UNEB, Campus II - daylotus@hotmail.com

Alani Santos de Oliveira; UNEB, Campus II - alani.fisio@hotmail.com

Cíntia Guimarães Rosário; UNEB, Campus II - cintia_rosario@yahoo.com.br

Daiara Nascimento Almeida; UNEB, Campus II - dayraalmeida@hotmail.com

Diego Queiroz de Oliveira; UNEB, Campus II - diegofirmouneb@yahoo.com.br

RESUMO: Em face à realidade da formação profissional dos professores de Educação Física das escolas do município de Alagoinhas – BA justifica-se a proposta deste estudo que visa identificar informações sobre a atuação destes profissionais, especialmente, no tocante a aplicação da ginástica enquanto conteúdo da referida disciplina. Este trabalho, caracterizado como uma pesquisa qualitativa utilizou para coleta de dados a aplicação de um questionário estruturado, em setembro de 2010, apresentando perguntas que abordaram itens que incluíram o levantamento do perfil profissional, a aplicação da ginástica enquanto conteúdo da Educação Física e possíveis dificuldades para trabalhá-lo na escola. Foi identificado que todos os professores entrevistados são graduados, no entanto, apenas um na área de Educação Física, formado a mais de trinta anos. Em relação a aplicação do conteúdo ginástica nas aulas de Educação Física apenas um afirmou não trabalhar por falta de espaço na escola. Os demais conteúdos são aplicados tendo em vista o interesse e experiências anteriores com os mesmos. Quanto ao planejamento das aulas apenas um afirmou fazer em grupo com os demais professores da disciplina, no entanto, o que apresentou uma metodologia melhor estruturada e voltada à ginástica foi o que tem formação na área utilizando os autores da mesma como referência. Com base nos resultados encontrados, apesar do pequeno número da amostra, ficou evidenciado que há uma carência de profissionais formados na área de Educação Física que atuam no município. Associado a este fato a falta de material e/ou espaços, bem como a falta de conhecimento prévio didático de alguns professores além de dificultarem a aplicação dos conteúdos da disciplina em questão, não estimulam os professores a terem mais interesse pela mesma e pela aplicação dos conteúdos.

Palavras-chave: Ginástica; Professores; Escola.

A CONSCIÊNCIA CORPORAL EM PRATICANTES DE LAMBADA ZOUK

Ana Catarina Dantas Moreira; DCS/UESC - catarinadanca@gmail.com

Samuel Macêdo Guimarães; DCS/UESC - samueldesesc@gmail.com

RESUMO: A lambada é uma dança e um ritmo genuinamente brasileiros criados na década de 70, nos anos 90 a música entrou em declínio, mas a dança permaneceu e com o tempo foi modificada e dançada ao som do Zouk, um ritmo caribenho, o que configurou a dança como atualmente se apresenta, dando origem ao termo Lambada Zouk. Acredita-se que a execução constante dos movimentos característicos desta dança possibilitem aos seus praticantes desenvolver e ampliar as suas percepções de imagem e consciência corporal. O objetivo deste estudo é pesquisar de que forma a consciência corporal está relacionada à prática da dança Lambada Zouk, buscando investigar se essa exerce algum tipo de influência nesta forma de se movimentar. Para tanto, busca-se compreender tomando-se por base, inicialmente, os processos de construção histórica desta dança, bem como a importância percebida por seus praticantes no campo da consciência corporal e se essa percepção contribui para a melhoria de tal prática de se-movimentar para o desenvolvimento da consciência corporal. A pesquisa será do tipo exploratória de campo, mesclada com elementos descritivos, utilizará a abordagem quali-quantitativa e terá como instrumento de coleta de dados um questionário semi-estruturado associado à descrição pessoal da vivência e experiência dos praticantes de Lambada Zouk de três grupos distintos, nas cidades de Itabuna e Porto Seguro-Ba. Esta pesquisa justifica-se pela relevância social ao documentar cientificamente pela primeira vez a história dessa forma de dança, bem como por contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas do se-movimentar relacionadas à dança em estudo.

Palavras-chave: Lambada Zouk; Consciência Corporal; Dança.



16 a 18 de Novembro de 2011

A EDUCAÇÃO FÍSICA FRENTE À VESTIBULARIZAÇÃO DA ESCOLA

Maílson Kleber Silva dos Santos; UFRB

José Arlen Beltrão de Matos; GEPEFE/UFRB - arleneducacaofisica@ufrb.edu.br

RESUMO: O vestibular vem sendo o dispositivo que defini quem irá dar continuidade nos estudos em nível superior, e a quem se nega o direito da vida acadêmica. Vivemos um momento em que o “velho vestibular” está sendo substituído progressivamente pelo “Novo ENEM” como instrumento de seleção dos candidatos ao ensino superior. A intenção é que o ENEM venha ser o “vestibularzão” do Brasil, sustentado no discurso neoliberal de democratização do ensino superior. Nos últimos anos, o ENEM ganhou proporções ainda não vistas por um exame desse tipo, além de tentar compreender áreas de conhecimento comumente não presentes nos exames nacionais. Tendo em vista a importância dos vestibulares na constituição da escola contemporânea, mais particularmente o ENEM, pretendemos nesse estudo refletir sobre as influências exercidas pelo ENEM na educação escolar, analisando seus significados e as possíveis implicações para Educação Física, visto que o exame, desde de 2010, incorporou na sua matriz de referência os conteúdos próprios da Educação Física. Para isso recorreremos à produção teórica, alicerçados no materialismo histórico dialético. Percebemos que a escola já sente/incorpora os novos sentidos do ENEM(selecionador), agora redimensionado, atingindo os interesses de um público maior, implicando em transformações na dinâmica curricular das escolas, que pressionadas pelos índices, pelo desejo dos alunos e por se tratar de um instrumento/orientação oficial, passa a “preparar seus alunos para o ENEM”, em um processo que poderíamos chamar de “vestibularização da escola”. De um lado, a possibilidade de conseguir uma bolsa de estudos em uma universidade do país (suposta chance igualitária para todos, inclusive para aqueles com pouco recurso) e do outro, um movimento de unificação do currículo, frente uma nova estrutura de vestibular (necessidade de preparação para a prova de suas vidas, o ENEM). Nesse contexto, a Educação Física passa a estar propensa às determinações típicas da “vestibularização da escola”.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; ENEM; Vestibular.

A EQUIPE MULTIPROFISSIONAL DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PELO O TRABALHO PARA A SAÚDE EM BUSCA DA INTEGRALIDADE NA ATENÇÃO BÁSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Martha Cerqueira Reis; UESB - marthareis4@hotmail.com
Leonardo Mendes Menezes; UESB
Lélia Lessa Teixeira Pinto; UESB
Zulmerinda Meira Oliveira; UESB

RESUMO: Muito se tem discutido sobre os conceitos e práticas da integralidade na Atenção Básica à Saúde. No Brasil, conceitua-se atenção básica “como um conjunto de ações, de caráter individual ou coletivo, situadas no primeiro nível de atenção do sistema de saúde, voltadas para a promoção da saúde, prevenção de agravos, tratamento e reabilitação...” Entretanto a definição mais plausível de integralidade seria a de perceber “o homem é um ser integral, bio-psico-social, que deverá ser assistido numa holística na perspectiva da promoção, proteção e recuperação da sua saúde.” Contudo, a integralidade para ser efetivamente implantada como doutrina do Sistema Único de Saúde, deverá abrir espaço para a equipe multiprofissional, para que os profissionais de forma transdisciplinar e interdisciplinar possam assistir o indivíduo de forma integral. Nesse sentido, o Programa de Educação pelo trabalho para a Saúde – PET- Saúde, tem como objetivo através da equipe multiprofissional buscar fortalecer as práticas de educação em saúde, por meio da interdisciplinaridade dos profissionais envolvidos. Foram realizadas oficinas e atividades de educação em saúde na Unidade de Saúde da Família Aurélio Sciarreta, localizado no bairro do Itaigara, com caráter interdisciplinar e a participação dos profissionais e estudantes envolvidos no PET-Saúde. Através da interação dos profissionais que atuam na USF com os integrantes do PET-Saúde, pôde-se observar a importância da equipe multiprofissional na assistência à saúde dos usuários. Pois, através do desenvolvimento de práticas de saúde integral, busca-se uma melhoria na qualidade da assistência nos serviços de saúde, bem como a promoção da qualidade de vida da população. Desse modo, o PET-Saúde, possibilita a construção efetiva da integralidade na Atenção Básica, através da troca de saberes, além da dinamicidade existente na equipe multiprofissional. Uma vez que, os profissionais envolvidos neste processo, buscam maneiras de promoção da saúde, fortalecendo as doutrinas do SUS na atenção básica.

Palavras-chave: Equipe Multiprofissional; Integralidade; PET-Saúde



16 a 18 de Novembro de 2011

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA É MINHA HISTÓRIA / MINHA HISTÓRIA É A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Andrea Cunha Meireles; Universidade Vale do Rio Doce - acunha_cm@hotmail.com

RESUMO: O memorial intitulado “A História da Educação Física é minha história / Minha História é a história da Educação Física” é uma tarefa didática da disciplina História da Educação Física, pautada num movimento atual da educação que é a história nova. O objetivo é incitar o pensamento sobre a história da Educação Física a partir de relatos individuais e coletivos, convidando a reflexão de que os fatos e acontecimentos históricos são escritos cotidianamente nas ações humanas, que estas são carregadas de intenções e intencionalidades e que eles, futuros professores, são sujeitos ativos no registro de cada uma das páginas desta história. Desta forma, no primeiro dia de aula os alunos são orientados a escrever sobre suas trajetórias com conceitos, conteúdos, atores e ambientes relacionados à Educação Física, bem como os motivos que os levaram a busca pelo curso. Ao final da disciplina, após a apresentação das correntes pedagógicas e princípios que marcaram a história da Educação Física, o memorial é entregue e os alunos reescrevem o trabalho inicial, individualmente ou em dupla, buscando refletir sobre influências que marcaram suas histórias e quais serão as intenções e intencionalidades que eles, futuros professores, buscarão pautar-se na escrita e registro da história de sua atuação pedagógica junto ao homem e a sociedade em que ele deseja construir.

Palavras-chave: Educação Física; Didática; Memorial.



16 a 18 de Novembro de 2011

A IMPLANTAÇÃO DO BASQUETEBOL EM CADEIRA DE RODAS NA CIDADE DE ILHÉUS/BAHIA ATRAVÉS DO SUBPROJETO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UESC

Tattiana Côrtes Farias de Mendonça; PIBID/UESC - tatty_mendonca@yahoo.com.br

Aline Santos Pereira - PIBID/UESC

Marcia Morel - PIBID/UESC

Josenilton dos Anjos Santos; PIBID/UESC

RESUMO: O Basquetebol em cadeira de rodas surgiu logo após a II Guerra Mundial, como uma forma de contribuir para a reabilitação dos lesionados da guerra. A modalidade no Brasil chegou por intermédio de Sergio Del Grande e Robson Sampaio nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Esta modalidade possui algumas especificidades que a diferencia da modalidade tradicional e institucionalizada, entretanto, características como dimensão da quadra, a altura do aro, a quantidade de jogadores, a classificação funcional e outras peculiaridades estão presentes no Basquete em Cadeira de Rodas. Neste trabalho buscamos relatar como ocorreu a efetivação da modalidade na cidade de Ilhéus/Bahia, tendo como base e formulação a criação do Núcleo de Esportes Paraolímpicos a partir do subprojeto de Educação Física, vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Estadual de Santa Cruz. A metodologia utilizada no Núcleo de Esportes Paraolímpicos está constituída, a saber: (1) roteiro de observação; (2) diário de campo; (3) periodização do treinamento físico-tático; (4) avaliação processual bimestral por meio de relatório avaliativo. Dessa forma, optamos por analisar comparativamente a contribuição na parte física, motora e afetivo-social dos atletas de Basquete em Cadeira de Rodas na fase de diagnóstico, início de treinamento e após oito meses de implantação do Núcleo de Esportes Paraolímpicos por meio dos relatórios e instrumentos utilizados pelo grupo de bolsistas na elaboração de suas planilhas de treino. Ao longo do período de implantação destacamos a melhora do condicionamento físico, bem como dos fatores relacionados à auto-estima e de interação social. Ressalta-se que o Basquete em Cadeira de Rodas aparece como alicerce para desenvolver o esporte paraolímpico para pessoas com deficiência motora, o qual está sendo absorvido pela sociedade como estratégia de inclusão na cidade de Ilhéus.

Palavras-chave: Esporte Paraolímpico; Basquete em Cadeiras de Rodas; Educação Física.

A IMPORTÂNCIA HISTÓRICO-CULTURAL DA MÍDIA RADIOFÔNICA

Dayane Ramos Dórea; UNEB, Campus II - daylotus@hotmail.com

Alani Santos de Oliveira; UNEB, Campus II - alani.fisio@hotmail.com

Cíntia Guimarães Rosário; UNEB, Campus II - cintia_rosario@yahoo.com.br

Daiara Nascimento Almeida; UNEB, Campus II - dayraalmeida@hotmail.com

Diego Queiroz de Oliveira; UNEB, Campus II - diegofirmouneb@yahoo.com.br

RESUMO: Por ser o rádio, talvez, a primeira informação que temos em nosso cotidiano, posto o seu imediatismo da notícia não carecer de espera por edição nem pela maquiagem do apresentador, este estudo se faz relevante no que tange resgatar a valorização histórico-cultural do mesmo. Assim, para a realização da pesquisa do tipo bibliográfica foram escolhidas referências acerca do tema abordado, sendo que todo material recolhido foi passado por uma triagem a fim de realizar uma leitura atenta e sistematizada, a qual fundamentou a pesquisa. Entendendo que a mídia radiofônica aparece como um processo de mobilização social, priorizando essencialmente o cotidiano de quem dela faz uso, este meio de comunicação em massa tem em sua prima função informar, divertir e até mesmo educar. Assim, o rádio torna-se parte da família por variados fatores, sendo o mais perceptível a linguagem e os roteiros de fácil interpretação por todos os diferentes públicos. Enfim, em pleno século XXI, percebemos que o rádio não apresenta mais em sua especificidade a concorrência, a luta pela audiência com este ou aquele meio de comunicação em massa, mas sim objetiva uma melhoria cada vez maior na qualidade do som e na amplitude de seu alcance, buscando produzir variados programas que atendam às diferentes demandas da sociedade, a fim de atrair novos ouvintes. Destarte, entendemos que o rádio jamais irá morrer, pois seu papel é de tão primordial na vida de quem dele se utiliza, seja para companhia, distração, consolo, enfim, que nunca será esquecido. Por isso, salientamos a postura de resgatarmos a história da mídia radiofônica e buscar incessantemente o fortalecimento, bem como o enaltecimento de seu papel fundamental de aparelho promotor de comunicação e informação à sociedade.

Palavras-chave: Rádio; Mídia; Comunicação.

A INFLUÊNCIA DO APRENDIZADO DE JUDÔ NA DIMENSÃO ATITUDINAL DE CRIANÇAS

Adriana dos Santos; UFRB - adriana.santtos@hotmail.com

Leopoldo Katsuki Hirama; UFRB

Kleibson Pereira de Souza; UFRB

Jilvania Santana dos Santos; UFRB

Maycon Brandão dos Santos; UFRB

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo avaliar possíveis mudanças de atitudes no cotidiano de crianças entre 6 e 8 anos que participam do projeto de extensão Construindo pelo esporte, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, que desenvolve o ensino do judô na zona rural do município de Amargosa/Ba. O projeto atende crianças e adolescentes de escola pública a fim de minimizar as dificuldades destas em acessar/desfrutar/aprimorar-se de diversas atividades culturais, principalmente da cultura corporal. Este estudo foi desenvolvido utilizando-se entrevistas semi-estruturadas, realizadas em três ambientes, escola, família e projeto de esporte, onde foram entrevistados professora da aula de judô, funcionários da escola onde fazem o ensino fundamental, mães dos alunos relacionando-se com a observação assistemática realizada pelos autores do estudo. Os resultados obtidos indicam que existe certa convergência a respeito da existência de mudanças de atitude das crianças: (i) uma maior interação e comunicação dos alunos com a família, a comunidade e o projeto; (ii) empolgação em participar do projeto, sendo um incentivo na forma de reagir, sentir e pensar para garantir a presença em todas as aulas e (iii) melhoria no entendimento e ações condizentes às regras de conduta construídas nas aulas esportiva. No entanto, não foi encontrada convergência entre as falas referentes aos diferentes espaços o que pode indicar que a forma de se relacionar nas aulas do projeto ainda são respostas aos estímulos externos das regras de conduta construídos nas aulas, fato que está de acordo com estudos na área da educação moral que afirmam ser necessário a passagem pela moral heterônoma, aquela que é orientada por agentes externos para posteriormente atingirem a moral autônoma, que se expressa inclusive na ausência dos agentes mediadores das regras de relacionamento.

Palavras-chave: Dimensão Atitudinal; Pedagogia do Esporte; Judô.



16 a 18 de Novembro de 2011

A PRÁTICA DE LAZER NO RIO DE PEDRAS / CONDE - BA

Gilmário Souza do Santos; UESB/Campus II

Gleisiane de Souza Almeida Silva; UESB/Campus II

Ildima Isa Santana Leal; UEB/Campus II - isa.santanaleal@hotmail.com

Jutbergue Martins do Santos; UESB/Campus II

Nívia de Moraes Bispo; UESB/Campus II

Uanderson Ferreira; UESB/Campus II

RESUMO: O presente trabalho configura-se como um ensaio teórico-vivencial elaborado como desafio de avaliação do componente curricular Lazer e Meio Ambiente, do Curso de Licenciatura em Educação Física pela Universidade do Estado da Bahia. O estudo toma as reflexões no campo do lazer como referência e discute o modo como as pessoas ocupam ecologicamente o Rio de Pedras, localizado no Conde-Bahia, e seu entorno. Elegemos como categorias teóricas o lazer, o meio ambiente e o turismo sustentável. Os objetivos principais foram reconhecer o Rio de Pedras como espaço-tempo de vivências lúdicas e observar como os sujeitos que frequentam o rio e seu entorno se relacionam com a prática do lazer verde. Utilizamos a observação como método para atingir nosso objetivo, além de fazermos uma entrevista não-diretiva com o proprietário de um dos bares que circundam o rio, a fim de identificar como o espaço era utilizado pelos visitantes. Observamos o ambiente em um final de semana, das nove às dezessete horas e fizemos registros fotográficos, vídeos e anotações sobre o comportamento dos usuários. Além disso, tivemos conversas informais com os visitantes sobre a utilização do rio e o conceito de lazer. Contudo, foi possível identificar que famílias fazem piqueniques, se banham nas águas do rio sem receio em levar as crianças, pois existem espaços apropriados para estas. No entanto, destacamos ainda a necessidade de uma participação efetiva do poder municipal nas políticas públicas de lazer, visto que a manutenção do espaço é garantida pelos proprietários dos bares, embora estes paguem todos os impostos. Esta participação do poder público torna-se necessária porque, por ser um ambiente favorável a prática do lazer, o Rio de Pedras atrai turistas para a cidade, o que, economicamente falando, é de suma importância para sua subsistência.

Palavras-chave: Lazer; Meio Ambiente; Turismo Sustentável.

ANÁLISE CINEMÁTICA DOS PADRÕES DE COORDENAÇÃO INTERPESSOAL: UM ESTUDO PILOTO

Felipe Ribeiro Brito; UESC - felipebritopin@hotmail.com

Marcos Rodrigo Trindade Pinheiro Menuchi; UESC - mrtpmenuchi@uesc.br

RESUMO: Identificar padrões de coordenações espaço-temporais intra e inter indivíduos é fundamental para análise e descrição comportamental, contribuindo para a explicação de comportamento de sistemas dinâmicos auto-organizados. Na área esportiva e educacional, este tipo de análise auxilia na elaboração de estratégias de treinamento e aprendizagem, possibilitando observar, compreender e explicar a multiplicidade de ações individuais que emergem da interação entre o indivíduo, o ambiente e a tarefa. Neste sentido, o presente estudo piloto teve como objetivo apresentar uma análise cinemática bidimensional de parâmetros da coordenação interpessoal utilizando a cinemetria. Para tanto, a situação escolhida foi a díade atacante-defesa no futebol. Em situações de drible no futebol, os adversários interagem entre si, configurando uma coordenação interpessoal. Dois participantes interagiram em situações de um-contra-um, nas quais foram analisados os parâmetros distância relativa e deslocamento médio-lateral. A tarefa foi realizada no campo de futebol em um espaço calibrado de 10m X 5m. O atacante teve como objetivo passar a linha final com a bola controlada, enquanto o defesa tinha como objetivo impedir esta finalização. O movimento dos jogadores foi gravado por uma câmera digital da marca Sony modelo *Hand Cam DCR-SR 45*, localizada na arquibancada, próxima a lateral do campo, possibilitando a coleta das imagens acima do ambiente experimental. As imagens foram tratadas pelo software *Dvideow 5.1*. Os resultados mostraram que o método de cinemetria 2D é viável para a coleta de dados cinemáticos no ambiente experimental e tarefa elaborados. Os valores foram aceitáveis em relação às trajetórias de ambos os participantes, permitindo estudar o comportamento de um sistema diático (coordenação interpessoal). Os resultados produzidos pelo método utilizado são suficientemente precisos mesmo na presença de distorção óptica e/ou digital. Com base nestes resultados, sugere-se que a sua aplicação seja extensível a diferentes cenários experimentais em diferentes tarefas e situações.

Palavras-chave: Coordenação Interpessoal; Análise Cinemática; Sistemas Dinâmicos.

ANÁLISE DAS BARREIRAS DOS EQUIPAMENTOS DE LAZER NA CIDADE DE ITABUNA-BAHIA SOB A ÓTICA DO IDOSO

Stheffanie Matias Cabral; UESC – tetymatias@hotmail.com

RESUMO: O lazer é uma das necessidades básicas para vida de um ser humano, proporcionando benefícios e equilíbrio tanto ao aspecto fisiológico, quanto emocional e social. No entanto, para que as práticas de lazer aconteçam, existe a necessidade da democratização dos equipamentos de lazer. Este projeto analisará as barreiras que impossibilita ou dificulta as vivências da terceira idade em equipamentos de lazer na cidade de Itabuna-Ba, tendo como objetivo investigar quais as barreiras que impedem o idoso de vivenciar o lazer na cidade, além de caracterizar as práticas de lazer e identificar as perspectivas dos idosos para inclusão nas práticas, propor ações que favoreçam as políticas públicas de lazer para o gestor municipal e possibilitar a gestão municipal um maior conhecimento sobre as diversas possibilidades de atividades de lazer que o idoso pode realizar. A pesquisa é de cunho descritivo com abordagem qualitativa. O estudo será realizado em três equipamentos de lazer da cidade de Itabuna-Ba, sendo dois localizados na região central da cidade (Centro de Cultura Adonias Filho e Praça Rio Cachoeira) e um no bairro São Caetano (Vila Olímpica). Para obtenção dos resultados deste estudo, será realizada uma entrevista estruturada com os idosos através de observação sistematizada utilizado registros fotográficos dos equipamentos de lazer selecionados.

Palavras-chave: Lazer; Idosos; Barreiras.



16 a 18 de Novembro de 2011

ATLETISMO NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ildima Isa Santana Leal; UEB Campus II - isa.santanaleal@hotmail.com

Jutbergue Martins dos Santos; UESB Campus II

Laís Borges Araújo; UESB Campus II

Nívia de Moraes Bispo; UESB/Campus II

RESUMO: O presente trabalho trata-se de um relato de experiência que busca descrever vivências da prática pedagógica com o conteúdo Atletismo numa escola pública da cidade de Alagoinhas-BA. Estas vivências se constituíram a partir do Projeto “Travessura na Escola”, projeto vinculado ao componente curricular Oficina IV – Atletismo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade do Estado da Bahia - Campus II. O projeto tem como objetivo proporcionar aos alunos da educação básica, uma aproximação com o conteúdo Atletismo através de jogos que envolvam seus fundamentos básicos e estimulem a construção de habilidades psicomotoras, cognitivas e sociais, onde os alunos são co-autores no processo de ensino-aprendizagem. Seguindo uma linha de abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica, o relato fundamenta-se também no estudo de materiais já elaborados, na tentativa de compartilhar as experiências obtidas. Se tratando da Educação Física e especificamente do Atletismo, a sua importância se faz necessária no contexto escolar visto que suas práticas correspondem aos movimentos naturais do ser humano e, como manifestações culturais, não devem ser negadas ao aluno. Quanto à concretização das aulas, os alunos-professores se responsabilizaram em assumir todas as turmas da escola parceira no turno da manhã para ministrar as oficinas de Atletismo. Nesse sentido, trabalhamos numa perspectiva de aprofundamento do conteúdo ao longo das oficinas a partir de situações-problema, expostas no momento das atividades. Eles conseguiram identificar os fundamentos básicos do atletismo e entendê-los, sobretudo, como elementos essenciais do cotidiano. As situações didáticas e o encontro com o cotidiano nos possibilitaram aproximar-nos da realidade da educação pública e, assim, perceber o quanto é gratificante oportunizar aqueles alunos vivências de outras práticas corporais numa perspectiva diferente. Além disso, por ser uma ponte entre a Universidade e a comunidade, este projeto reafirma a proposta de uma formação pública de qualidade.

Palavras-chave: Escola; Educação Física; Atletismo.

ATLETISMO TAMBÉM SE APRENDE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Joice Souza de Jesus; UEB/Campus II - joicesj8@hotmail.com

Alexsandro Silva de Jesus; UESB/Campus II

Antonio Leal Neto; UESB/Campus II

Cintia Souza de Castro; UESB/Campus II

Daniela Elias Alvim; UESB/Campus II

Rafael do Eirado Sena Galvão; UESB/Campus II

RESUMO: Este trabalho trata-se de um relato de experiência sobre oficinas de atletismo oferecidas na Escola Municipal Jardim Petrolar situada na cidade de Alagoinhas - Bahia, para alunos da educação infantil com faixa etária entre quatro e seis anos. As oficinas fazem parte do componente curricular atletismo, e tem como objetivo levar a universidade a dialogar e interagir com o ambiente escolar. O propósito deste trabalho é mostrar quanto o atletismo pode ampliar o conhecimento e melhorar as funções motoras de crianças nas séries iniciais da educação infantil. Este relato foi construído através da observação do comportamento destas crianças nas oficinas. As aulas eram planejadas semanalmente, tendo como base o comportamento das crianças nas intervenções anteriores. Ofertamos a oficina na escola uma vez por semana, durante três meses. Acreditamos que para apreensão do assunto pelas crianças era preciso proporcionar algo prazeroso e que se aproximasse do seu cotidiano facilitando assim, a compreensão tanto das atividades quanto do conteúdo. Encontramos alguns obstáculos: como a dispersão dos alunos, sede, cansaço e a agressividade entre eles. Mas, com o passar do tempo tornaram-se mais participativos e interessados nas atividades, bem como mais generosos uns com os outros. Percebemos um grande avanço na relação das crianças conosco e entre elas mesmas. Como retorno de todo esse trabalho e dedicação temos a certeza que o nosso conhecimento, e o dos alunos, foram ampliados de forma significativa.

Palavras-chave: Atletismo; Educação Infantil; Planejamento.

CAPOEIRA NA ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A CAPOEIRA NA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Edvaldo Santiago Santana; UEB/Campus II - xigrilo-acem@hotmail.com

Erisson dos Santos Serafim; UESB/Campus II

Leonardo Barros Paranhos; UESB/Campus II

Márcio dos Santos Pereira; UESB/Campus II

RESUMO: O presente estudo trata-se do relato de experiência desenvolvido durante a disciplina EF0023 – Estágio Curricular I, em uma turma da primeira série em uma escola de rede municipal de ensino na cidade de Alagoinhas, e teve como principal objetivo oportunizar aos educandos o conteúdo capoeira. As atividades foram desenvolvidas de forma lúdica, através de brincadeiras e histórias, onde apresentamos a capoeira, passando da sua criação, a construção de instrumentos, a exploração das cantigas e a vivências de alguns movimentos. Como resultado observamos o grande interesse dos alunos em participar das atividades, os alunos mostraram bastantes satisfeitos com a proposta. Com o final das atividades na escola, percebemos que nosso principal objetivo foi alcançado, as crianças participantes das aulas de capoeira compreenderam que a mesma surgiu aqui no Brasil, apesar de existirem origens africanas. Consideramos que a nossa experiência em ministrar aulas de capoeira como conteúdo da educação física foi de grande contribuição tanto para enriquecer quanto para divulgar a capoeira no âmbito escolar, olhar as crianças ansiosas esperando pelas aulas de capoeira foi um marco para nós estudantes de Educação Física, ser recepcionado com abraços e beijos é uma experiência motivante. Esperamos ter contribuído para a formação destas crianças que participaram com tanto entusiasmo das aulas de capoeira, pois não pretendíamos formar capoeiristas e sim pessoas críticas.

Palavras-chave: Capoeira; Educação Física; Escola.



16 a 18 de Novembro de 2011

CAPOEIRAGEM NA UFBA: UM DIÁLOGO PEDAGÓGICO INTER(NACIONAL)

Ábia Lima de França; PIBIC/CNPq/UFBA - abialimadefranca@hotmail.com

Augusto Cesar Rios Leiro; PPGEduc-UNEB/PPGE-UFBA

RESUMO: Este estudo discute questões relativas à capoeira na perspectiva pedagógica, tomando como referência o Projeto “Capoeiragem no Centro de Esporte da Universidade Federal da Bahia: a capoeira como possibilidade educativa”. O principal objetivo foi entender a importância pedagógica da capoeira na formação de brasileiros e estrangeiros participantes do referido projeto. De natureza Qualitativa e por meio da Pesquisa-Ação buscou capturar (a partir da observação e de entrevistas) junto aos sujeitos da pesquisa (compreenderam 40 participantes entre 8 a 39 anos e de nacionalidades diferentes) depoimentos como: diversidade, interação, resgate cultural e troca de conhecimento em que foi analisada a sua representação social. Os resultados do estudo apontam caminhos relevantes para a compreensão da capoeira enquanto ferramenta educacional, não formal, baseada na oralidade, na ancestralidade, na tradição e no ritual que tem acrescentado no processo de ensino e aprendizagem contribuindo assim, para a nobreza da formação do sujeito. Neste sentido, a capoeira está ligada a valores, posturas, comportamentos e conhecimentos da cultura popular. Estes resultados ratificam a relevância do Projeto no aspecto social, interpessoal, do trabalho coletivo e principalmente, para formação do cidadão e da cidadã crítico e autônomo.

Palavras-Chave: Capoeira; Formação; Cultura Popular.



16 a 18 de Novembro de 2011

**CONSCIÊNCIA CORPORAL E OS ALUNOS DA UATI - UNIVERSIDADE
ABERTA À TERCEIRA IDADE/ UNEB, CAMPUS II – ALAGOINHAS/ BA -
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Priscila Nascimento dos Santos; UEB/Campus II - tchutchurina@hotmail.com

RESUMO: Esse trabalho é um recorte de minha experiência como professora da UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade - em atividades com estudantes a partir de 60 anos de idade, do município de Alagoinhas/Bahia, no campus de Educação Física, desenvolvendo a temática Consciência Corporal. Nas oficinas ministradas, o aluno-idoso é estimulado a desenvolver a consciência do eu e a sua imagem corporal, a desenvolver habilidades motoras, aumentando a percepção da linguagem do corpo e a continuação da construção no aprender. Para as intervenções relatadas, o trabalho é baseado na Atividade Física e o idoso - Concepção Gerontológica que me dá pressupostos e instrumentos para trabalhar com os tópicos: dança, ginástica aeróbica, jogos sensoriais, massoterapia, exercícios respiratórios, exercícios para percepção sonora e de ritmos musicas do movimento corporal a partir de um caráter lúdico, fortalecendo a faculdade de compreensão do sujeito idoso. Percebe-se que a turma está sendo contemplada e que está alcançando um alvo estabelecido por causa do alcance ao conhecimento de seu corpo; uma melhor memorização, atenção e concentração; deslocamento, junto com outra pessoa ou grupo; melhora da auto-estima e auto-imagem; o resgate cultural, através de movimentos; a diminuição da ansiedade; relaxamento e bem estar físico-mental; melhora na postura, entre outros aspectos. A consciência Corporal através da atividade física além de estar contribuindo para proporcionar aos idosos novas perspectivas de vida, tem sido uma oficina, que aos poucos, incentiva os alunos-idosos a redefinirem seu papel na sociedade, e os estimula a lidarem com o curso do envelhecimento, levando-os a ampliarem sua visão no mundo social, familiar, religioso, educacional dentre outros.

Palavras-Chave: Consciência Corporal, Idoso; Educação a Distância

CORRELAÇÃO ENTRE OS INDICADORES DE ANSIEDADE COMPETITIVA

Milena Riane de Oliveira Carvalho; UESC - milenarianne@hotmail.com ,

Thiago Ferreira de Sousa; UFSC - tfsousa_thiago@yahoo.com.br

RESUMO: O estado de ansiedade cognitiva, somática e autoconfiança representam indicadores determinantes em competições para o sucesso ou fracasso do atleta. Os aspectos cognitivos referem-se a avaliação negativa do próprio atleta em relação ao seu desempenho; enquanto que a somática refletem as reações fisiológicas do atleta, como taquicardia, sudorese, entre outros; e a autoconfiança prediz se o atleta esta apto ou não para encarar o desafio que lhe é proposto. Sendo assim, o objetivo deste estudo foi verificar a correlação entre os indicadores de ansiedade competitiva em atletas competidores amadores e profissionais. Para tanto, foi realizado um estudo com 450 atletas, sendo 100 estudantes de Educação Física. A coleta dos atletas ocorreu nos eventos esportivos 1h antes das competições e através de agendamento para os estudantes. Foi utilizado o questionário *Competitive State Anxiety Inventory-2* para a obtenção das informações dos três indicadores de ansiedade (cognitiva, somática e autoconfiança). Tendo em vista que os dados não apresentaram distribuição normal, empregou-se a correlação de *Spearman*. As análises foram realizadas no programa *Statistical Package for the Social Science* (versão 15.0). O valor de significância adotado foi de 5%. Observou-se que a variável autoconfiança se correlacionou de maneira negativa com a ansiedade cognitiva ($r=-0,499$; $p>0,05$) e com a somática ($r=-0,418$; $p>0,05$); em contrapartida, a ansiedade cognitiva e somática não apresentaram correlações significativas. Conclui-se que maiores níveis de ansiedade somática e cognitiva são correlacionados de maneira fraca, com menores níveis de autoconfiança. Para tanto, destaca-se que, possivelmente determinantes fisiológicos e cognitivos representem componentes essenciais para a crença em uma performance positiva em esportes individuais e coletivos.

Palavras-Chave: Atletas; Ansiedade competitiva; Esportes.



16 a 18 de Novembro de 2011

ESPORTE E LAZER NO TERRITÓRIO 18: UMA ANÁLISE DOS PROJETOS E PROGRAMAS

Vanessa Araújo Severo; UEB/Campus II – nessa_severo@hotmail.com

Natasha Norena Trabuco Mendes de Jesus; UESB/Campus II

Augusto Cesar Rios Leiro; UESB/Campus II

RESUMO: Esta pesquisa justificou-se pela crescente demanda evidenciada no esporte e lazer no âmbito das cidades, sobretudo, como forma de assegurar o direito constitucional de acesso a essas práticas. Discutir a Gestão, Controle Social, Financiamento e Formação de Recursos Humanos no âmbito do esporte e lazer é de fundamental importância para a qualificação dos processos de elaboração, execução e avaliação do ordenamento legal e das políticas públicas. O universo investigativo desta etapa do estudo alcançou o conjunto de 5 (cinco) cidades do Território 18, denominado Agreste de Alagoinhas e Litoral Norte. Foram elas: Acajutiba, Aporá, Crisópolis, Itapicuru e Olindina. Utilizou-se como procedimentos metodológicos de coleta de dados a observação dos espaços destinados à prática da cultura corporal, entrevista com gestores públicos e a análise documental dos textos produzidos pelo executivo e legislativo municipal, através da identificação das Leis Orgânicas na internet e nas Câmaras de Vereadores, bem como, a Política Nacional de Esporte, o Censo Esportivo 2003, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Cidade (Lei 10.257/01). A pesquisa realizada contribuiu para a reflexão sobre a importância da criação, consolidação e ampliação de programas de inclusão, que entendam o esporte e lazer como direito social e uma possibilidade de colaborar com o crescimento sustentável na região. Portanto, faz-se necessário, uma intervenção através da elaboração de proposta de alteração da Lei Orgânica do município e dos demais documentos legais.

Palavras-Chave: Projetos; Programas; Esporte e Lazer.



16 a 18 de Novembro de 2011

ESTÁGIO SUPERVISIONADO (ES) NA EDUCAÇÃO INFANTIL (EI): CONFLITO E DESAFIO

Andrea Cunha Meireles; Universidade Vale do Rio Doce – acunha_cm@hotmail.com

RESUMO: O componente curricular ES é um campo de inúmeras indagações nos cursos de formação de professores. “Quais suas finalidades nos curso de formação? Quais fundamentos que o embasam e qual sua interação com disciplinas do currículo? Como ocorre o cumprimento e a distribuição de horas previsto em legislação?”, são alguns dos questionamentos que permeiam o universo do ES. Na Educação Física um dos questionamentos acontece na EI e se transforma em um conflito. Como estagiar sem a presença de um professor de Educação Física? Comumente nos cursos de formação de professores o cumprimento do ES inicia-se na EI e tal conflito torna-se um dificultador durante a passagem do estagiário pela escola, na medida que, esse estagiário acompanha o professor regente, que normalmente, na sua formação de pedagogo, possui uma visão reduzida do que seja a Educação Física como componente curricular. Após anos de supervisão, a busca por uma orientação que estimule o desafio na elaboração de uma proposta de intervenção em meio a esse conflito, tem sido o pilar na orientação do estágio. Para tanto, tal estímulo é pautado numa observação participante junto ao professor regente, e questões sócio culturais que façam parte do universo infantil são identificadas e problematizadas, afim de serem tematizadas na intervenção. A tentativa é de fomentar junto aos estagiários a pedagogização de conteúdos da Educação Física, extrapolando o paradigma reducionista de que Educação Física é sinônimo de Psicomotricidade, tão presente na realidade EI.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado; Educação Física; Educação Infantil.

FATORES ASSOCIADOS À ANSIEDADE COMPETITIVA EM ATLETAS

Milena Riane de Oliveira Carvalho; UESC - milenarianne@hotmail.com ,

Thiago Ferreira de Sousa; UFSC - tfsousa_thiago@yahoo.com.br

RESUMO: A ansiedade na competição se apresenta de maneira positiva ou negativa com o desempenho. Níveis de ansiedade somática, cognitiva e autoconfiança são variáveis em diferentes tipos de esportes, contudo, há uma escassez nas bases de dados indexadas acerca das informações sobre as características associadas à ansiedade competitiva em atletas. Tendo em vista essa lacuna, o objetivo deste estudo foi analisar os fatores associados aos indicadores de ansiedade competitiva em atletas. A coleta de dados ocorreu nos eventos esportivos 1h antes das competições e foi aplicado o questionário *Competitive State Anxiety Inventory* - 2. Esse instrumento averigua três indicadores de ansiedade: cognitiva, somática e autoconfiança. Os escores de cada indicador foram dicotomizados em alta ansiedade (23 a 36) e baixa ansiedade (9 a 22). As variáveis analisadas em relação aos indicadores de ansiedade foram sexo (masculino e feminino), idade (16 a 21 anos e 22 a 58 anos) e tipo de esporte (coletivo e individual). As análises foram realizadas no programa *Statistical Package for the Social Science* (versão 15.0) e o valor de significância adotado foi de 5%. A proporção de alta ansiedade cognitiva foi de 15,5%, alta ansiedade somática 10,6% e baixa autoconfiança 18,3%. Mulheres apresentaram maior proporção de ansiedade cognitiva (28,2%), somática (16,9%) e baixa autoconfiança (28,2%) que os homens (12,8%, 9,3% e 16,3%, respectivamente). Observou-se que os atletas de esportes coletivos demonstraram maiores níveis de alta ansiedade cognitiva do que os praticantes de esportes individuais ($p=0,004$). Em contrapartida, não foram observadas associações entre os indicadores de ansiedade competitiva com a idade. Associou-se a alta ansiedade cognitiva, alta ansiedade somática e baixa autoconfiança o sexo feminino e a prática de esportes coletivos com alta ansiedade cognitiva. Mulheres, possivelmente, podem ser mais rigorosas quanto a performance em esportes competitivos e assim perceber com maior frequência a ansiedade.

Palavras-chave: Ansiedade; Psicologia do Esporte; Atletas.

GINÁSTICA CIRCENSE: UMA ALTERNATIVA MOTIVADORA E LÚDICA NA ESCOLA

Joice Souza de Jesus; UESB/Campus II - joicesj8@hotmail.com

Alexsandro Silva de Jesus; UESB/Campus II

Antonio Leal Neto; UESB/Campus II

Cintia Souza de Castro; UESB/Campus II

Daniela Elias Alvim; UESB/Campus II

Rafael do Eirado Sena Galvão; UESB/Campus II; UESB/Campus II

RESUMO: O presente estudo trata-se de um relato de experiência de uma oficina de ginástica, realizada na Escola Comunitária Nova Esperança, situada na cidade de Alagoinhas-Ba, com a turma do quarto ano, do ensino fundamental I, que contém em torno de vinte alunos, e se trata de uma turma mista quanto ao sexo, predominando um número maior de meninas. A oficina foi construída tendo como base o componente curricular metodologia da ginástica e abordava alguns princípios básicos da mesma, bem como da ginástica circense, compreendendo a importância desta como possibilidade de conteúdo no contexto da Educação Física. A partir disto a oficina foi vivenciada pelos alunos, nos dando aspecto para análise da participação e interação dos mesmos com o conteúdo proposto. Com a realização da oficina percebemos que apesar da ginástica estar de certa forma presente no contexto midiático de fácil acesso, muitos alunos ainda não tinham contato com a prática da mesma, evidenciamos também que os alunos se mostraram motivados e participativos nas atividades propostas. No que diz respeito à Ginástica Circense, o acesso ainda é menor, a concepção dos alunos aparece de forma generalizada e sincrética, alguns inclusive nunca foram ao circo ou experimentaram da prática de algum elemento acrobático, contudo, nas vivências muitos alunos mostraram ter habilidade com o conteúdo e os que não tinham tanta habilidade se empolgavam a cada acerto, a cada movimento novo proposto nos fazendo concluir que falta apenas o conteúdo ser levado à escola e fazer parte do processo de aprendizagem dos alunos. Sendo assim podemos concluir que através da ginástica circense, que é algo mais próximo do cotidiano dos alunos, podemos passar para eles alguns conteúdos e noções básicas da ginástica, bem como, trabalhar o conteúdo de forma igualitária, pois, tanto os meninos, quanto as meninas participaram e interagiram ativamente na oficina. Os alunos apreendem conteúdos novos de forma lúdica e diferenciada, ficando assim mais fácil a apropriação do novo.

Palavras-chave: Educação Física; Ginástica; Circense.



16 a 18 de Novembro de 2011

GRUPOS DE MOVIMENTO E ACADÊMICOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA - RELATO DE EXPERIÊNCIA

Tiago Pascoal dos Santos; UESC - tiaguinhopascoal@hotmail.com

Samuel Macêdo Guimarães; UESC - samuel.uesc@gmail.com

RESUMO: Na busca incessante pela compreensão do MH - Movimento Humano, estudiosos da área da Educação Física tendem a se apropriar de bases teóricas do campo das Ciências Naturais e Humanas. Alguns estudos, de concepção fenomenológica, demonstram que a natureza do ser-corpo-no-mundo se expressa por meio do MH e que a vivência e experiência são a melhor forma de compreender a representação da consciência corporal. Este trabalho objetivou verificar se as Vivências Corporais possibilitam uma melhora da consciência corporal de indivíduos jovens. Tendo uma população de 20 acadêmicos, do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz - BA, com faixa etária entre 20 e 26 anos, no período de março a julho de 2010. Foram realizados 15 encontros, com duração de 4 horas, com intervalo semanal, organizados de forma a possibilitar a vivência de momentos diferenciados. As primeiras horas dos encontros destinaram-se à apropriação e entendimento das teorias que justificavam as práticas corporais. As últimas horas foram direcionadas às vivências e experiências corporais dos Grupos de Movimento (GM), sem menção de técnicas ou formas objetivadas no se movimentar. As sessões práticas tinham uma temática de corpo (respiração, pés, pernas, pelve, tronco, braços, mãos, cabeça, e pescoço), com explicação do tema, participação das vivências e o registro oral das percepções corporais pelos participantes. Aplicou-se questionários semi-estruturados no início e no final do processo, um avaliando a qualidade da percepção corporal em forma de desenho do corpo humano e o outro avaliando a expectativa no início e experiência no final do processo. No último encontro, cada participante produziu em papel madeira um desenho do seu corpo humano em tamanho real e efetuou colagens de figuras que representava um determinado sentimento no mesmo. Também confeccionaram um texto com o objetivo de relatar os sentimentos percebidos durante as vivências corporais experimentadas. A experiência vivencial favoreceu uma auto-observação capaz de melhorar a compreensão das relações entre partes e o todo corporal, ampliando a capacidade de descrever as percepções. No geral, a consciência corporal pode ser melhorada a partir de vivências corporais com reflexão crítica. Esta capacidade humana é fundamental para superação das contradições e consolidação da autonomia e emancipação, pois diminui as determinações inconscientes de conduta e amplia o campo das ações conscientes.

Palavras-chave: Consciência Corporal; Vivência Corporal; Movimento Humano.

LAZER COMO MEIO DE PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA DO INDIVÍDUO IDOSO

Lucimary Antônia Monteiro Veloso Guimarães; UESC - luguimaraes17@hotmail.com

RESUMO: Observa-se um aumento dos estudos que enfatizam a importância do lazer na qualidade de vida do indivíduo idoso. A população idosa no Brasil cresce de forma significativa, isso é fato, porém em paralelo crescem também os problemas estruturais, ambientais e sociais. Entretanto, parte da população idosa não vê perspectiva durante essa etapa da vida, visto que são considerados improdutivos, dependentes e assim se isolam em seus lares, sem vivência de lazer, o que acaba favorecendo o desenvolvimento de muitos problemas de saúde. É importante substituir o abandono e a solidão, características da experiência do envelhecimento pelo idoso como ser ativo, que acompanha as mudanças sociais, que busca oportunidades de lazer em função de uma vida com qualidade. Esse estudo pretende avaliar a influência da prática de lazer na promoção da qualidade de vida de um grupo de idosos, bem como verificar as razões que levam esses idosos a frequentar o grupo para a prática de lazer. Para isto, será utilizada uma pesquisa descritiva utilizando-se de entrevista semi-estruturada aplicada a 20 sujeitos idosos de ambos os sexos, sendo 10 homens e 10 mulheres, com idades a partir de 60 anos, participantes do Grupo Amigo do Idoso do município de Itabuna-Bahia. Considera-se que é preciso preocupar-se mais com o bem estar da população em questão, estimulando o indivíduo idoso a buscar práticas de lazer visando à importância da auto-estima, do prazer e da socialização.

Palavras-chave: Lazer; Idoso; Qualidade de vida.

LESÕES MÚSCULO-TENDÍNEAS ACOMETIDAS EM ATLETAS DE ALTO NÍVEL DA NATAÇÃO: REVISÃO DE LITERATURA

Martha Cerqueira Reis; UESB - marthareis4@hotmail.com

Elizane Coelho da Silva; UESB

Letícia Cardoso Santos; UESB

Vilmary Novais; UESB

RESUMO: A natação consiste em um esporte bastante praticado por diversas pessoas atualmente. Suas modalidades são: crawl, costas, borboleta e peito. Esse esporte pode vir a ser um promotor de Saúde, mas, nem sempre irá produzir Saúde. Os atletas de alto nível desta atividade, utilizam de elevadas demandas de tempo e carga de treinamento, levando as suas estruturas corporais a nível elevado de stress, que se associam a uma gama de lesões. O objetivo do estudo foi verificar na literatura científica as lesões músculo-tendíneas acometidas em atletas nadadores de alto nível. A presente pesquisa foi sustentada através de uma revisão de literatura, com a utilização das bases de dados eletrônicas: LILACS, SciELO, BIREME. Foram utilizados os seguintes descritores da língua Portuguesa: Lesões músculo-tendíneas, natação, esporte e exercício físico. Os resultados indicaram que dos 20 artigos, 9 preencheram os critérios de inclusão, sendo que estes abordam temas referentes as lesões músculo-tendíneas acometidas pela prática de desportos. As estruturas mais comprometidas por lesões em atletas nadadores são as articulação do ombro, em primeiro lugar, e logo após destaca-se os joelhos, cotovelos e tornozelos. As lesões mais evidenciadas são as tendinites e bursites. Devido as evidências de lesões em atletas de alto nível ser bastante grande em nadadores, deve-se traçar medidas de educação preventiva para tentar diminuir o grau dessas lesões. Essas medidas devem ser trabalhadas através de um programa interdisciplinar, composto por profissionais fisioterapeutas, educadores físicos e médicos.

Palavras-chave: Lesões músculo-tendíneas; Esporte; Natação.



16 a 18 de Novembro de 2011

MUDANÇAS NA PERCEPÇÃO DA IMAGEM CORPORAL DURANTE O PRIMEIRO ANO DE GRADUAÇÃO

Alexsandro Rabaioli Nunes Ribeiro; UFRB

Eunice Santos da Cruz; UFRB

Alex Pinheiro Gordia; UFRB

Teresa Maria Bianchini de Quadros; UFRB - lekinhoshow@hotmail.com

RESUMO: Atualmente, tem-se observado a introdução de um modelo de beleza intimamente associado aos padrões impostos pela mídia, influenciando o aparecimento de insatisfação com a imagem corporal (IC). A pesquisa teve como objetivo comparar as proporções de prevalência de insatisfação na percepção da IC nos estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Participaram da primeira coleta de dados do estudo realizada em abril de 2010, 183 universitários (107 do sexo feminino), com média de idade de 21,4 anos (DP=5,1), dos cursos de Educação Física, Física, Matemática, Pedagogia e Química do Centro de Formação de Professores da UFRB, Amargosa, BA. Na segunda coleta realizada no início de dezembro de 2010, foram avaliados 127 estudantes (76 do sexo feminino), sendo a perda amostral de 56 universitários devido desistência por transferência e abandono da universidade. Para avaliar a percepção da IC utilizou-se a escala de Silhueta proposta por Stunkard. Pode-se observar que na primeira coleta 79,4% dos universitários estavam insatisfeitos com sua IC, na segunda coleta a prevalência de insatisfação, apresentou resultados animadores diminuindo para 71,4%. A comparação entre as duas coletas aponta uma diminuição da insatisfação com IC. Dessa forma, torna-se importante discutir no ambiente acadêmico quais são os fatores que auxiliaram nessa melhora adquirida pelos universitários ao longo do ano.

Palavras Chave: Percepção; Imagem Corporal; Insatisfação.

NÍVEL DE ATIVIDADE FÍSICA E SONOLÊNCIA DIURNA EXCESSIVA EM UNIVERSITÁRIOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DE ACOMPANHAMENTO DURANTE O PRIMEIRO ANO DE ENSINO SUPERIOR

Ellen Galvão Pereira; UFRB - ellengp.ufrb@gmail.com

Alex Pinheiro Gordia; UFRB

Teresa Maria Bianchini de Quadros; UFRB

RESUMO: Universitários parecem apresentar maior propensão para um estilo de vida inadequado, acarretando problemas relacionados ao padrão do sono e a inatividade física. Contudo, estudos de acompanhamento sobre mudanças no nível de atividade física (NAF) e na sonolência diurna excessiva (SDE) em universitários são escassos. Analisar mudanças no padrão do sono e no nível de atividade física de universitários do curso de Educação Física de uma Universidade Pública Federal do Recôncavo da Bahia durante o primeiro ano do curso de graduação. O presente estudo realizou-se através do *baseline* e da segunda coleta de dados do projeto de pesquisa “Condutas de saúde e qualidade de vida em universitários: um estudo de acompanhamento durante o ensino superior”. Participaram do *baseline*, realizado no mês de abril de 2010, 43 universitários ingressantes no curso de Educação Física no primeiro semestre do ano de 2010 na Universidade estudada. A segunda coleta de dados, realizada em novembro de 2010, incluiu 32 participantes. A SDE foi avaliada utilizando a Escala de Sonolência de Epworth. O NAF foi mensurado através do IPAQ. Para análise dos dados utilizou-se o teste qui-quadrado ($p < 0,05$). A amostra investigada apresentou média de 22,5 (DP=5,3) anos de idade. A prevalência da inatividade física foi de 6,3% no *baseline* e de 3,1% na segunda avaliação. Observou-se na SDE prevalência de 50,0% e 59,4% para a primeira e segunda, respectivamente. No que se refere às mudanças no NAF, os achados não indicam diferença significativa entre o *baseline* e a segunda avaliação ($X^2=0,069$; $p=0,937$). Contudo, observou-se diferença significativa entre o *baseline* e a segunda avaliação da SDE ($X^2=6,348$; $p=0,015$). Os achados demonstraram pouca variação no NAF e aumento SDE de estudantes do curso de Educação Física da Universidade estudada. Não obstante, pesquisas futuras são encorajadas para confirmar os achados do presente estudo.

Palavras-Chave: Sonolência Diurna Excessiva; Atividade Física. Universitários.

NOTAS SOBRE A SEPARAÇÃO DE MENINOS E MENINAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO VALE DO JIQUIRIÇÁ-BA

Priscila Gomes Dornelles – UFRB – prisciladornelles@ufrb.edu.br

Fernanda Almeida Ferreira – UFRB- nandhaalfer@hotmail.com

Juliana Britto dos Santos – UFRB – juli-britto@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho discute o uso da separação de meninos e meninas como uma estratégia pedagógica nas aulas de Educação Física na região do Vale do Jiquiriçá-BA. Para isso, apresentamos e problematizamos as informações inscritas em questionários submetidos aos/às docentes da referida região, os quais nos ofereceram indicativos para compreendermos o uso desta prática pedagógica no âmbito local. A partir dos Estudos Feministas e de Gênero, nos interessa dar visibilidade a separação e suas formas de ocorrência como uma realidade da Educação Física escolar atual em detrimento dos discursos que supõem a sua superação em virtude da oficialidade da organização escolar em turmas mistas. A análise das informações provenientes dos questionários de vinte e nove docentes/as aponta que: quatro separam meninos e meninas nas suas aulas; três não responderam a esta questão; um/a professor/a declara separar de acordo com a atividade proposta; e vinte e um docentes/as afirmaram trabalhar com o regime misto nas suas aulas. A partir destas informações, há a possibilidade de discutirmos que esta prática ainda é cotidiana nas escolas e nas aulas de Educação Física. Isto sinaliza para a necessária relação que esta área deve construir com as discussões de gênero para a promoção igualitária de oportunidades de construção de conhecimento sobre os e com os diversos elementos da cultura corporal. Nossas considerações apontam como desafio, para a formação inicial e continuada de professores/as, a problematização dos discursos que tornam a separação um recurso imprescindível para as aulas de Educação Física. Para isso, propomos o desafio de pensar a escola e a Educação Física escolar a partir do atravessamento de um tom político em relação às questões sociais de gênero.

Palavras-chave: Educação Física escolar; separação de meninos e meninas; relações de gênero.



16 a 18 de Novembro de 2011

O JOGO COMO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO NA CIDADE DE ALAGOINHAS - BA

Márcio dos Santos Pereira; UESB – xigrilo-acem@hotmail.com

RESUMO: Este relato de experiência trata-se das intervenções do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência)/UNEB – Educação Física em uma escola da rede pública estadual na cidade de Alagoinhas – Bahia na tematização do conteúdo jogo nas aulas de Educação Física de duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental. O tema jogo foi desenvolvido com base no conceito de que é toda e qualquer atividade em que as regras são feitas ou criadas num ambiente restrito ou até mesmo de imediato. Para a construção das intervenções, organizei atividades diversas para que os alunos percebessem o jogo não apenas como forma de diversão, mas que através deles tivessem uma visão crítica a respeito deste conteúdo, além de estimular o desenvolvimento do sentimento de união, participação e cooperação. Trabalhando com textos, expus os alunos a um conflito sobre as diferenças entre jogo e esporte e promovendo vivências em que eles pudessem compreender essa diferença tanto com jogos competitivos quanto com jogos cooperativos. Os resultados mostraram que no início houve uma resistência, por se tratar de um conteúdo em que não era do conhecimento dos alunos nas aulas de educação física, mas, com o passar das aulas as turmas foram ficando interessadas nas atividades, eles conseguiram distinguir jogo de esporte e a diferença entre jogos competitivos e cooperativos. Concluo observando que os alunos conseguiram distinguir jogo de esporte, já que todo esporte é um jogo, mas nem todo jogo é esporte e que o conteúdo jogo apresentado na primeira unidade é um importante ferramenta de ensino-aprendizagem, com possibilidade de aplicação nas aulas de Educação Física escolar, pois desperta interesse, motivação e envolvimento do participante com a atividade

Palavras chaves: Educação Física; Escola; Jogo.

O PERFIL PSICOMOTOR DE CRIANÇAS QUE PARTICIPAM DO PROGRAMA DE ERRADICAÇÃO DO TRABALHO INFANTIL (PETI) EM JEQUIÉ-BA

Temistocles Damasceno Silva; UESB – jequiesauade@hotmail.com

Luan Gomes Conceição; UESB

Geisa Magalhães Silva; UESB

Tailane Alves Lima Maia; UESB

RESUMO: As crianças sem oportunidades financeiras e educacionais da sociedade brasileira no século XXI, a cada dia mais vêm assumindo funções que normalmente não caberiam à suas idades, como trabalhar para se auto-sustentar ou a outrem. Logo, o Governo Federal criou o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), visando erradicar todas as formas de trabalho de crianças e adolescentes menores de 16 anos, através de profissionais articulados, propiciando atividades culturais, desportivas e de lazer. Percebe-se então a necessidade de avaliar o desenvolvimento psicomotor dos participantes do programa, levando em consideração a importância de tal diagnóstico para que o profissional envolvido no programa possa planejar suas ações didático-pedagógicas através de uma visão holística sobre estes indivíduos. Avaliar o perfil psicomotor de crianças que participam do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) no município de Jequié-BA. Esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, com uma abordagem quantitativa, na qual utilizará a Bateria Psicomotora de Vitor da Fonseca (1975) para traçar o perfil psicomotor da amostra selecionada. Os indivíduos que compõe a amostra fazem parte do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) do município de Jequié-BA, mais precisamente do núcleo do bairro denominado Pau Ferro. O número de indivíduos selecionados aleatoriamente corresponderá a 30 crianças, sendo 15 do sexo masculino e 15 do sexo feminino. Para tabulação, análise e discussão dos dados será utilizado o programa estatístico SPSS 15.0. Espera-se a partir desta pesquisa colaborar para o enriquecimento dos estudos que envolvem a área bem como possibilitar aos profissionais que atuam no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) no município de Jequié-BA uma reflexão sobre o desenvolvimento psicomotor dos participantes do programa.

Palavras-chave: Criança; Trabalho Infantil; Jequié/BA.

O RIO INHAMBUPE: UM ESPAÇO DE LAZER?

Andressa Nunes Costa; PICIN/UNEB - dressa-nunes@hotmail.com

Érica Estevam de Santana; PICIN/UNEB - unebe.f@gmail.com

Ísis Santos Moreira; PICIN/UNEB - moreira_isis@hotmail.com

Maria Luiza Santos de Souza; UNEB - malu.uneb@yahoo.com.br

RESUMO: Nosso trabalho discute como a população Inhambupense utiliza o Rio Inhambupe, e o que os moradores costumam fazer em seu tempo livre. Este rio localiza-se no estado da Bahia, é intermitente que atravessa as cidades de Inhambupe e Entre Rios, até desaguar no litoral do norte do estado. Para tanto foi feita uma pesquisa qualitativa que busca entender o funcionamento do Lazer e Meio Ambiente do município de Inhambupe, cidade que está localizada no Agreste do Litoral Norte no estado da Bahia. Por isso, esta pesquisa foi realizada com alguns moradores antigos e novos da cidade, para responderem as questões levantadas, e através da entrevista, observamos a importância desta riqueza natural para os entrevistados. Pois, outrora o rio era bastante valorizado e conservado. Sendo que estas entrevistas surgiram do fato de percebermos que a população queixava-se da falta de opções de lazer da cidade, visto ao final que isso ocorre devido ao não reconhecimento dos locais existentes, entre eles, o rio como espaço de lazer devido a degradação e a poluição que se encontra. Por tanto através desta pesquisa notamos que a população além de não reconhecer o Rio Inhambupe como espaço de lazer ainda tem sua concepção de lazer atrelado ao entretenimento.

Palavras-Chave: Rio Inhambupe; Lazer; Entretenimento.



16 a 18 de Novembro de 2011

ORIENTAÇÃO À PRÁTICA DE EXERCÍCIO FÍSICO EM ILHEUS (OPEFI)

Carla Alves dos Santos; UESC - carla_uesc@hotmail.com

Hueine Oliveira Sousa do Nascimento; UESC - hu_173@hotmail.com

Regiane Cristina Duarte; UESC - duarte.regi@gmail.com

RESUMO: A atividade física no Brasil passa por mudanças de foco no decorrer dos anos. No século XIX a atividade física surge ora como alicerce médico ora como promotora da aparência física ora com princípios esportivos de competição. Finalmente na virada do século que a atividade física ganha olhares relacionado à saúde “ausência de doença” e também como promotora de qualidade de vida. Corroborando com fatores históricos o século XX e XXI destacam-se pela falta de um estilo de vida ativo, associado à inatividade física (sedentarismo), ao stress da vida moderna e a alimentação inadequada. Tudo isso isolado, somado ou intermitente tem provocado na sociedade contemporânea o surgimento das doenças crônico-degenerativas, (obesidade, hipertensão, aterosclerose, doença cardiovascular, diabetes e osteoporose), levando milhões de pessoas à incapacidade física ou muita das vezes até a morte. Partindo da necessidade de reverter tal quadro surge o projeto extensionista Orientação a Prática de Exercícios Físicos em Ilhéus – OPEFI, cujo objetivo é orientar e incentivar a prática regular e correta de exercícios. Além de propiciar aos seus praticantes (forma indireta) o combate ao sedentarismo, auxiliar na prevenção e no tratamento de doenças crônico-degenerativas não transmissíveis. Os métodos que estão sendo utilizados neste projeto são uma Anamnese, aplicação questionário Internacional Physical Activity Questionary (IPAQ) e oferecimento regular de atividades físicas três vezes por semana por 50 minutos. As atividades selecionadas são alongamento, ginástica aeróbica, ginástica de step e orientação a caminha. O tratamento estatístico das informações obedecerá ao pacote computadorizado Statistical Package for the Social Science (SPSS), versão 7.51. Como este projeto está em seu início ainda estamos em fase de adaptação, mas alguns dos resultados esperados são total aderência ao projeto e melhora da qualidade de vida da população.

Palavras-chave: Atividade Física; Saúde; Qualidade de Vida.



16 a 18 de Novembro de 2011

PROJETO DE EXTENSÃO “ATIVIDADES RECREATIVAS PARA CRIANÇAS”

Alexander Klein Tahara; UESC

Danielle Soares Freitas; UESC - danizinhasfreitas@hotmail.com

Lucimary A. M. V. Guimarães; UESC

Stheffanie Matias Cabral; UESC

RESUMO: As atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão “Atividades Recreativas para Crianças” iniciaram suas ações em 2007 que continuam até o presente momento e tem como objetivo primordial promover o divertimento e a socialização através de atividades lúdicas para crianças de ambos os sexos na faixa etária de 7 a 11 anos, todas residentes no bairro Salobrinho no município de Ilhéus – Bahia. A quantidade de crianças que participam do projeto é rotativo, variando a cada semestre. O projeto foi idealizado pelos professores Alexander Klein Tahara e Marco Aurélio Avila, ambos lotados no Departamento de Ciências da Saúde, sendo desenvolvido nestes anos por discentes voluntários do curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz, sendo que no momento há a participação de 5 discentes voluntários e de 1 discente bolsista da PROEX. Tendo em vista que na atualidade vivemos em uma sociedade onde os avanços tecnológicos e a questão da violência tem contribuído consideravelmente para uma diminuição da incidência das brincadeiras realizadas nas ruas e bairros; este projeto vem contribuir, através das inúmeras atividades recreativas ofertadas, para uma socialização e divertimento das crianças, proporcionando a chance de brincar em um ambiente seguro, com materiais adequados e monitores capacitados a atender as necessidades dessa faixa etária. As atividades são realizadas semanalmente às segundas e sextas-feiras com duas de duração no Parque Desportivo da UESC, em turno oposto à vida escolar das referidas crianças.

Palavras-Chave: Atividades Recreativas; Crianças; Socialização.

RELAÇÃO PEDAGÓGICA ENTRE PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE GRANDE PORTE DO MUNICÍPIO DE JEQUIÉ-BA

Ramon Missias Moreira; UESB – ramoefisica@hotmail.com

César Pimentel Figueredo Primo; UESB

Christiane Freitas Luna; UESB

Adrielle Lopes de Souza; UESB

Lívia Érica Barbosa Brito; UESB

Carla Elane Silva dos Santos; UESB

RESUMO: O objetivo do estudo foi analisar as relações pedagógicas entre os professores da sala de recursos multifuncionais e os de Educação Física de uma escola estadual de grande porte da cidade de Jequié – Bahia. Para alcançarmos o objetivo proposto, traçamos uma pesquisa descritiva, analítica e exploratória com abordagem qualitativa, onde utilizamos a entrevista como instrumento para a coleta de dados. O estudo foi realizado na maior escola pública estadual da cidade de Jequié-BA, por entender que esta tem sua localização centralizada, atendendo alunos de diversos bairros e se caracterizando como o maior pólo educacional do município. Os sujeitos participantes da pesquisa foram três professores especialistas da sala de recursos multifuncionais e para a análise de dados coletados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin. Os professores entrevistados apontaram as percepções quanto suas relações pedagógicas com os docentes de Educação Física, além de destacarem as dificuldades de comunicação com os demais professores do ensino regular. O professor especialista da sala de recursos multifuncionais dispõe de materiais pedagógicos voltados para a facilitação da aprendizagem no atendimento educacional especializado, objetivando acolher os alunos deficientes com transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, de modo que este espaço seja reconhecido como algo complementar à sua escolarização. A partir deste estudo pode-se concluir que não existe uma harmonia na relação pedagógica entre os professores especialistas da sala de recursos e os de Educação Física da escola, o que acaba influenciando diretamente no processo de construção do conhecimento dos alunos.

Palavras-Chave: Relações Pedagógicas; Professores de Sala de Recursos Multifuncionais; Professores de Educação Física.



16 a 18 de Novembro de 2011

RELATO DE EXPERIÊNCIA: PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Juliana Correia dos Santos; UESB/Campus II

Milena da Silva Carneiro; UESB/Campus II – milenacarneiro86@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho consiste num relato de experiência da disciplina Estágio curricular I, do Curso de Educação Física da Universidade do Estado da Bahia desenvolvido numa Escola Pública no município de Alagoinhas/BA, com as turmas da 3º e 4º série do ensino fundamental. Este relato tem como objetivo socializar algumas vivências desse processo de formação de professores e favorecer a troca de conhecimentos. Constatou-se que o entendimento dos alunos a respeito da Educação Física se resumia a brincadeiras. Além disso, ficou evidente a falta de companheirismo, união e respeito ao próximo por parte dos alunados quase que em todas as aulas e que as questões de gênero permeavam as aulas, havendo nítida separação entre meninas e meninos na maioria das atividades. Assim ao termino do estágio pode-se observar alterações ainda que pequena na concepção reducionista dos alunos quanto a Educação Física, sendo que eles passaram a ver a mesma agregada a outros fatores e não apenas vinculada a brincadeiras. É importante que os alunos olhem para essa disciplina como uma expressão corporal, que envolve também, esportes, danças, ginásticas e outros. Para isto cabe aos professores preparem aulas criativas e participativas, que meninos e meninas façam as aulas juntos sem nenhuma separação, havendo união, participação e respeito mútuo, tornando a Educação Física escolar mais significativa e relevante para ambos.

Palavras-Chave: Educação Física Escolar; Prática Pedagógica; Relato.



16 a 18 de Novembro de 2011

RELATO DO ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NO COLÉGIO ESTADUAL JORNALISTA FERNANDO BARRETO

Nailine Barbosa de Souza; UESB - naai.souza@hotmail.com

Lilian Sobral Santos Santana; UESB - lillyann_15@hotmail.com

RESUMO: O Estágio Supervisionado I é uma disciplina obrigatória presente na matriz curricular do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). O Estágio Supervisionado visa fortalecer a relação teoria e prática baseada no princípio metodológico de que o desenvolvimento de competências profissionais implica utilizar conhecimentos adquiridos, quer na vida acadêmica quer na vida profissional e pessoal. Este estudo teve como objetivo principal relatar a experiência do Estágio Supervisionado I em Educação Física no Colégio Estadual Jornalista Fernando Barreto, bem como as dificuldades e os benefícios encontrados pelos professores. A amostra constituiu-se de 01 turma de 35 alunos cursando a 7ª série do ensino fundamental em uma faixa etária de 12-16 anos. O estágio foi realizado em trio, no período de Março a Julho de 2011, perfazendo um total de 26 horas/aula divididas em três etapas: 04 horas de observação, 02 horas de co-participação e 20 horas de regência. A realidade da escola é comum a muitas escolas existentes no país, tratando-se de uma escola que engloba todo o ensino fundamental (5ª a 8ª séries). A escola não possui um espaço físico adequado para as práticas de Educação Física, desse modo os alunos eram levados a um Ginásio de Esportes que fica próximo à escola. Esse estágio foi uma etapa bastante complexa, mas ao mesmo tempo construtiva, foi encontrado diversas dificuldades, tanto em relação à estrutura física da escola, quanto ao comportamento e interesse dos alunos. Dessa forma, pode-se observar que a disciplina Educação Física ainda não é aceita totalmente pelos alunos, sendo tratada muitas das vezes sem importância. Sendo assim, é de extrema importância que aconteça o estágio na escola, que é uma maneira da aproximação com a realidade, pois defendemos que a escola é um dos maiores campos e laboratórios de pesquisa.

Palavras-Chave: Estágio Supervisionado; Teoria; Prática.



16 a 18 de Novembro de 2011

**SEMINÁRIO “LAZER E ESPORTES RADICAIS: CAMINHOS A PERCORRER
PELA EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO E FORA DA ESCOLA”:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Fábio Santana Nunes; UNEB - fabiosanunes@bol.com.br

Antonio Tínel; UNEB

Ariane Matano; UNEB

Dyego Costa; UNEB

Igor Pinho; UNEB

Luan Qéssio; UNEB

Marluce Barros; UNEB

Nathanna Salles; UNEB

RESUMO: O componente curricular “As Práticas da Educação Física no Lazer” desenvolvido na Universidade do Estado Bahia, Campus IV/Jacobina, no Curso de Educação Física, promoveu entre os meses de agosto e setembro de 2011 o IV Seminário Avançado sobre Lazer. Era parte integrante do evento e constituía atribuição dos acadêmicos responsáveis pelo seminário em cada dia: confecção de folder; estudo, planejamento e exposição teórica e vivências sobre o tema; oferecimento de lanche; e finalização com reflexões sobre as aprendizagens. No dia 20 de setembro, abordou-se a temática: “Lazer e esportes radicais: caminhos a percorrer pela educação física dentro e fora da escola.” O objetivo foi proporcionar uma manhã agradável, com várias vivências de esportes radicais e de aventura, com suas possibilidades de inserção nas aulas de educação física escolar. Constituía o evento: confecção de folder, estudo, planejamento e exposição teórica sobre o tema; oferecimento de lanche por parte do grupo organizador; vivência do lazer; e finalização com reflexões sobre as aprendizagens. Iniciou-se a explanação teórica na própria UNEB com posterior deslocamento para o CTAC – Centro de Treinamento dos Aranhas da Chapada, um sítio nas imediações da cidade de Jacobina à 10 Km de distância da UNEB. O local oferece paredão para decida de rapel, tirolesa, espaço para escalada, arborismo (ainda em construção), pista progressiva com obstáculos verticais e horizontais. Colocamos em prática, a pista progressiva, dividindo a turma em 4 grupos de 5 pessoas, um dos grupos era o dos coordenadores do seminário, um grupo, por vez, realizava o trajeto e era tomado o tempo de realização da tarefa. Vencia a equipe que obtinha a menor duração da atividade.

Palavras-Chave: Lazer; Esportes Radicais; Formação de Professores.



16 a 18 de Novembro de 2011

UM OLHAR DOS DISCENTES DA UESB SOBRE A DISCIPLINA METODOLOGIA DO BASQUETE

Adrielle Lopes de Souza; UESB - adrielle.lopes@gmail.com

Jaila Brito Silva; UESB

Carla Elane Silva dos Santos; UESB

Lívia Érica Barbosa de Brito; UESB

Ramon Missias Moreira; UESB

Temistócles Damasceno Silva; UESB

RESUMO: O ensino dos esportes no âmbito acadêmico vem passando por modificações no curso de Licenciatura em Educação Física. No caso do basquete, esse processo se evidencia no momento em que se faz necessário aprender este conteúdo visando a docência. Assim, o objetivo deste estudo é analisar a importância da disciplina Metodologia do Basquete para a formação profissional dos estudantes do curso de Licenciatura em Educação física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, de cunho descritivo. Como instrumento para a coleta de dados, aplicou-se um questionário semiestruturado, contendo 10 questões, sendo os sujeitos participantes 20 acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que passaram pela disciplina Metodologia do Basquete. A maioria dos discentes entrevistados (80%) relatou que a abordagem metodológica utilizada pelo docente da disciplina Metodologia do Basquete favoreceu o aprendizado, embora muitos (60%) ainda considerem o processo de ensino/aprendizado do basquete no âmbito escolar muito superficial e simplista. Assim, diante dos resultados apontados pode-se inferir que a disciplina Metodologia do Basquete é de suma importância para a formação profissional dos acadêmicos do curso de Educação Física, mesmo que no âmbito escolar, este conteúdo ainda seja abordado superficialmente.

Palavras-Chave: Formação Profissional; Metodologia do Basquete; Discentes de Educação Física.



16 a 18 de Novembro de 2011

VIDA ATIVA NA MELHOR IDADE

Claudionor Nunes Cavaleiro; IFMT - claudionor.cavaleiro@jna.ifmt.edu.br

Andréia Nunes de Castro; IFMT

RESUMO: Envelhecer é irreversível, porém, velhice não é sinônimo de doença. A terceira idade pode ser uma etapa bem sucedida. Procurar o equilíbrio ao envelhecer é sinônimo de sabedoria. Com o objetivo de propiciar uma forma de viver saudável e equilibrada aos idosos do município de Juína – MT, é desenvolvido um projeto de atividades físicas, com alongamento para melhorar a aptidão física, a mobilidade e a flexibilidade; atividades recreativas com intencionalidade de desenvolver aspectos sociais e lúdicos, criando o hábito da prática diária de exercícios físicos aeróbicos com o intuito de prevenção e controle da hipertensão e diabetes e diminuição do sedentarismo. O projeto é realizado na pista de caminhada do Serviço Social da Indústria com idosos da comunidade do Módulo 04, em parceria com o Posto de Saúde da Família 04 situado no Bairro módulo 04 em Juína - MT, sendo realizados 3 (três) encontros semanais com duração de 1 hora cada. A redução do número de consultas, a estabilização/regularização da pressão arterial e diminuição do uso de medicamentos, bem como a redução do índice de massa corporal, são fatos que comprovam a eficácia do projeto. Além de superar fatores genéticos, as atividades oferecidas são capazes de contornar e compensar fatores externos, como depressão e solidão, que causam medos, doenças e dificultam a convivência. Percebe-se assim, a importância de se trabalhar com o idoso de forma holística, analisando e interferindo em seus comportamentos, buscando desenvolver hábitos saudáveis que proporcionem a melhora da autoestima, sua autonomia e a crença em sua própria capacidade de realização, influenciando seus hábitos para aquisição de uma melhor qualidade de vida.

Palavras-Chave: Qualidade de Vida; Terceira Idade; Atividade Física